



Toda a gente esconde algo.  
Mas alguém está a esconder *tudo*.

# O BAILE DE MÁSCARAS

JOANNA  
TAYLOR

UM «PRETTY WOMAN»  
DA REGÊNCIA INGLESA,  
QUE AS FÃS DE  
JULIA QUINN VÃO ADORAR.

ASA

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# **Ficha Técnica** Título original: MASQUERADE

Título: O Baile de Máscaras

Autor: Tiago Rebelo

Imagem de capa: Shutterstock

ISBN: 9789892335193

Edições ASA II, S.A.

uma editora do Grupo LeYa  
R. Cidade de Córdoba, n.º 2  
2160-038 Alfragide – Portugal  
Tel.: (+351) 214 272 200  
Fax: (+351) 214 272 201  
© 2015, Catherine Quinn

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor [edicoes@asa.pt](mailto:edicoes@asa.pt)

[www.asa.leya.com](http://www.asa.leya.com)

[www.leya.pt](http://www.leya.pt)

*JOANNA TAYLOR*

*O BAILE DE MÁSCARAS*

*TRADUZIDO DO INGLÊS POR  
SALVADOR GUERRA*

## CAPÍTULO 1

**A**cordo com o som de pancadas na porta e uma sensação de desânimo.

Ainda tenho o espartilho, as meias e a combinação. Pelo menos consegui despir o vestido antes de cair num sono exausto esta manhã.

Consigo perceber pelo tom da luz do sol da tarde que dormi de mais.

*Será que Kitty já saiu?*

Olho para o chão. O dinheiro que ganhámos na noite passada desapareceu.

Sento-me na cama de casal empoeirada. Decorámo-la para ficar com o aspeto de uma cama de dossel, dispondo lençóis e sedas. Mas o colchão é barato. O enchimento de palha pica-me as pernas quando afasto as cobertas para trás.

– Abram a porta! – ordena uma voz.

Encolho-me, levando uma mão hesitante à cabeça, que lateja por causa do vinho de ontem à noite. Depois balanço as pernas para o lado da cama onde Kitty costuma dormir.

Nós só temos um quarto, por isso partilhamo-lo, embora num ataque de inteligência, eu tenha pregado uma porta falsa e uma moldura à parede oposta. Dá a impressão de que existe outra divisão. Assim, os convidados do sexo masculino podem imaginar que Kitty e eu dispomos de um aposento cada uma.

Os meus pés descalços batem contra garrafas de vinho vazias, provocando barulho e tornando as pancadas na porta ainda mais frenéticas.

– Abram a porta!

Levanto-me, alisando a minha combinação de linho branco, para que caia até aos tornozelos. Os laços do espartilho estão muito

apertados e sinto as costelas doridas, por ter dormido com o espartilho posto.

Encaminho-me para a porta, que agora reverbera perigosamente, devido ao punho que bate do outro lado.

Nenhuma mulher decente abriria a porta vestida como eu estou. Mas isso não é preocupação para uma rapariga como eu. O meu único pensamento é que ninguém devia ver de graça aquilo que tem um preço.

Dou a volta à chave e as pancadas cessam quando levanto a tranca e abro a porta.

– Sim? – O meu rosto arvora uma expressão de altivez. O homem do outro lado não se deixa enganar. O visitante é um tipo grande, musculado e com um rosto gordo. Traja à maneira simples de um cobrador de dívidas.

– Cinco guinéus – diz ele, sem preâmbulos.

Eu abano a cabeça, lembrando-me da pilha de dinheiro em falta e que deveria estar junto à cama. Graças a Kitty, não tenho nada a não ser a minha astúcia.

– Está à procura da Kitty – digo. – É ela quem tem uma dívida, não eu.

O homem faz uma carranca e tira um rolo de papel com as pontas reviradas. Desenrola-o, lambe os lábios e examina-o com um dedo gordo como uma salsicha.

– Kitty French e Elizabeth Ward – lê. – Ambas fugitivas da casa de Mrs. Wilkes, em Mayfair, Londres – acrescenta, declamando a morada como se se tratasse de algum facto jurídico de que fôssemos culpadas. – Achas que se podem esconder em Piccadilly?

– Eu paguei a minha dívida – digo num tom neutro. – Antes de sair. Eu não devia nada à casa dela.

– E deixaste Mrs. Wilkes completamente na penúria? – troçou o homem. – Vocês raparigas mordem a mão que vos alimenta. Tu

fugiste, vestindo as roupas que Mrs. Wilkes te forneceu. Essas roupas pertencem-lhe e ela será paga por elas.

Ele inclina-se perto o suficiente para que eu possa sentir o cheiro do tabaco de cachimbo.

– Sairei daqui com o dinheiro, ou um vestido para pagar as dívidas – declara.

Sinto o medo entranhar-se no meu estômago.

– Eu não roubei a roupa – digo, tentando imitar o tom ousado que Kitty adotaria. Dou um passo atrás no quarto. O homem aproxima-se de mim, como se temesse que eu pudesse fugir, embora eu esteja presa nesta pequena divisão.

– Vou mostrar-lhe – digo, recuando em direção ao grande baú onde guardamos os nossos vestidos.

Parto do princípio que hoje Kitty tenha posto o vestido de seda roubado. Caso contrário, estou prestes a entregar o seu único vestido bonito como multa a um cobrador de dívidas.

Abro o baú. Para meu alívio, não há nada lá dentro além do meu simples vestido de algodão. Tiro-o para fora.

– Eu costurei este vestido – explico. – Em segredo, todas as manhãs, durante um mês, enquanto trabalhava em casa de Mrs. Wilkes. Comprei o tecido em Cheapside e sei costurar bem o suficiente, pois fui ensinada a fazer a minha própria roupa.

O homem olha para o algodão estampado barato e, em seguida, para o meu rosto.

– Então e o resto? – pergunta ele, ao fim de um momento. – A combinação e o espartilho. – Aponta para os meus trajes menores.

– A combinação sempre foi minha, vim para Londres aos dezassete anos – respondo. – O espartilho foi pago. Pode perguntar a Mrs. Wilkes.

Engulo em seco, porque esta situação ainda se pode virar contra mim. E se Kitty já saiu para beber, não vai pensar em ir à minha



procura na prisão. Talvez durante vários dias.

– E a roupa da Kitty? – pergunta ele.

– Isso é entre você e ela – digo num tom uniforme.

Ele dá um passo em frente e agarra-me no braço.

– Vais dizer-me onde posso encontrá-la.

– Não sei onde ela está – minto. – Ela tem um cavalheiro novo, um nobre. Está sob sua proteção. Ele leva-a muitas vezes durante dias.

– Vocês partilham um quarto – insiste o cobrador. – Deves saber onde ela está.

– Não sei – digo. – Juro que não sei.

Às vezes espanta-me como me tornei competente a mentir. Nunca foi uma habilidade que procurasse aprender. Suponho que surgiu por necessidade.

Os dedos dele enterram-se no meu braço.

– És amiga dela. Vais levar-me até ela – ameaça.

Respiro fundo e preparo-me para o ludibriar.

– Senhor – digo –, se me deixar marcas no braço, provocará estragos que deverão ser pagos. Tenho um acordo com um comerciante, que me considera sua propriedade. Ele irá atrás de si e dispõe de homens fortes para tratar do caso.

No rosto do cobrador de dívidas instalou-se a incerteza. Mas a sua mão permanece firme. Os olhos percorrem o quarto, avaliando se eu possuo o suficiente para estar a dizer a verdade.

Sustenho a respiração enquanto ele avalia os modestos aposentos que Kitty e eu arrendamos. Decorámo-los o melhor que pudemos, para se parecer como um *boudoir* requintado.

Além do passe de mágica de fazer a nossa cama simples parecer uma cama de dossel, os nossos móveis são escassos. Além do mais,

o colchão emanava o cheiro da palha barata, por isso colocámos raminhos de alfazema debaixo da cama. É um truque para enganar os aristocratas, mas não funciona com este homem. O cheiro paira no ar, acusador.

Vejo o cobrador de dívidas avaliar o nosso espelho e depois o nosso baú. Kitty mendigou esta peça de mobiliário a um velho pretendente. Tem o brasão da família, por isso parece mais grandioso do que é. Por um momento, acho que isso vai balançar as coisas a meu favor.

Em seguida, os olhos do cobrador de dívidas fixam-se levemente na velha janela de batente e no chão.

Já não temos tapete para disfarçar o soalho empoeirado. O velho foi comprado barato na Ponte de Londres e tinha pulgas. Uma vez que somos duas, e os homens não gostam de dividir a cama, Kitty e eu não conseguíamos aguentar as picadas de pulgas quando tínhamos de nos deitar no tapete.

Os olhos do homem deslocam-se até à porta falsa, avaliando a ilusão de um segundo quarto.

O embuste é convincente o suficiente à luz de velas. Mas estamos no fim da tarde, e a luz do sol poente entra através da nossa pequena janela.

Espero, com a respiração suspensa.

Lentamente, a pressão dos dedos afrouxa no meu braço. Levo a mão àquele ponto por reflexo, esfregando-o.

– Podes dizer à Kitty que ela tem de pagar a dívida. Hei de encontrá-la, quer tenha um pretendente, quer não – diz ele.

– Eu digo-lhe.

O homem inclina a cabeça ligeiramente. Ainda está demasiado perto para que me sinta confortável.

– Se ela não pagar – acrescenta, varrendo o meu corpo com os seus olhos –, eu venho à tua procura, e vais trabalhar comigo para

pagares a dívida dela.

Engulo em seco, mantendo o meu rosto neutro. Ele olha-me daquela forma que os homens nos olham quando decidem que lhes podemos ser úteis.

– E acredita em mim – continua, com um olhar lascivo –, vou fazer-te trabalhar no duro.

A minha expressão deve ter-se aguentado, porque a luz no rosto dele esmorece um pouco, como se eu não tivesse reagido da maneira que esperava.

Ele vira-se e cospe.

– Meretrizes – resmunga ao ir-se embora. – Acham-se muito boas quando são jovens e bonitas. Mas, no fim, todas vocês acabam a mendigar na sarjeta.

## CAPÍTULO 2

Quando a porta se fecha, apercebo-me de que o meu coração bate violentamente. Estou furiosa com Kitty. Ela prometeu-me que não iria roubar roupas. Mas, na noite em que fugiu, chegou vestida com as melhores sedas, anunciando que ou usava aquilo, ou andava nua.

Rose, a única outra rapariga corajosa o suficiente para fugir connosco, tinha pagado o seu próprio vestido há muito tempo. Ela considerou o roubo de Kitty com terror silencioso, lamentando claramente a sua decisão de se juntar a nós na nossa fuga. Mas tudo correu muito bem para Rose, no final. Melhor, pelo menos, do que para Kitty e para mim.

Obrigando o meu corpo a acalmar, voltei para o nosso pequeno quarto. Dormi demasiado tempo e preciso de me vestir e ir trabalhar.

Cuidadosamente, retiro o meu próprio vestido fino do seu esconderijo debaixo do colchão de palha.

É de linho. Mas escolhi uma cor azul-escura e o melhor pano que pude pagar. À distância, ou no escuro, pode ser confundido com seda. Mandei-o confeccionar com os primeiros ganhos da rua, numa costureira barata que compreendeu perfeitamente porque devia ser muito decotado na parte da frente, e não fez julgamentos.

Estou diante do nosso espelho comprido – o primeiro utensílio do nosso mister que Kitty e eu comprámos, quando nos mudámos para este quarto. Antes mesmo de termos uma cama.

Componho o vestido, alisando-o, e as saias são tão amplas que se entufam sozinhas, espalhando-se como grandes asas. Como se uma rapariga fantasmagórica se estivesse a afundar no nosso soalho despido, tentando voar para a liberdade.

Meto-me no confinamento do vestido, puxando-o para cima e acomodo-me à restrição habitual que me causa.

Mrs. Wilkes deu-nos lições diárias sobre como andar

graciosamente, suportando o peso dos nossos grandes vestidos. Porém, embora eu tenha aprendido a caminhar bem o suficiente, nunca me senti à vontade com a sensação do tecido pesado a esmagar-me.

Aperto-o sozinha, com a grande destreza que as mulheres da rua adquirem ao fazê-lo sem o auxílio de criadas. Olhando-me ao espelho, aperto o corpete, puxando os meus seios para que apenas a sombra mais ínfima do mamilo fique visível. Foi um truque que aprendi com Kitty, uma vez que nenhuma de nós tem os seios fartos das senhoras mais gordas.

Nunca perdi totalmente a magreza do campo. E uma vez que Kitty e eu vivemos da mão para a boca, os meus braços e pernas tornaram-se mais finos nestes últimos meses.

A minha nota de banco especial, que trago sempre comigo, é escondida lá no fundo, longe da vista. Encostada ao meu coração. Tocando-lhe com os dedos, faço a mesma promessa que fiz desde que a ganhei. Que um dia eu vou ter a minha própria independência.

Examino as meias-luas dos meus seios, em seguida pego no pó e aplico-o para tornar o meu decote inevitavelmente atraente.

Com o meu anúncio profissional devidamente tratado, dirijo a minha atenção para o rosto, que é provavelmente o meu melhor atributo. Foi a minha cara bonita que convenceu Mrs. Wilkes a acolher-me, quando fui levada em lágrimas e desonrada à sua porta.

Não pensem que sou pretensiosa por me considerar bonita. Mrs. Wilkes só aceita meninas que são muito bonitas, e eu não era a mais vistosa do seu harém.

Rose, que fugiu comigo e com Kitty, é muito mais bonita do que eu. E Belle é por demais encantadora. No entanto, era tão boazinha que era impossível não se gostar dela. Toda a gente gostava de Belle. Ela era genuína, bela e pura.

Belle foi a única que me alertou para manter a minha nota de

banco especial segura, quando cheguei àquela casa. Apontou para as outras raparigas barulhentas e espalhafatosas, que eu receava ter de imitar, e disse-me para ter cuidado.

*Elas podem vestir-se como senhoras, sussurrara Belle, mas muitas vêm da sarjeta, e roubam tão naturalmente como respiram. Mantém as coisas que te são caras no teu espartilho.*

De todas as raparigas que vim a conhecer, foi de Belle que mais gostei. Mrs. Wilkes vendeu-a em segredo pouco antes de nós fugirmos e nunca descobrimos quem a comprou.

Além de Rose e Belle, o meu rosto era o mais bonito naquela casa. Mais bonito do que o de Kitty, que tem um ar descaradamente sedutor. Foi-me dito que o meu semblante pode ser quase refinado no contexto certo. Mas eu não perdi os meus maneirismos do campo.

Em todo o caso, tenho traços perfeitamente simétricos, com grandes olhos verde-acastanhados, um nariz pequeno e direito, e uma boca generosa. A minha avó chamava-me sempre o seu pequeno duende, por causa do meu narizinho e dos meus olhos com uma expressão marota.

O meu nariz é um pouco grande para um duende agora, mas tem a proporção exata para o meu rosto, e os meus olhos ainda brilham nas circunstâncias certas. Com a minha boca larga, imagino que continuo a ter um ar um pouco travesso. Não voluptuoso como Rose, ou perfeito como Belle. Mas atraente o suficiente para chamar a atenção.

Também tenho uma boa tez, e embora possua uma tendência para me bronzear, não contraí varíola. Por isso, tenho uma vantagem sobre muitas senhoras finas que tiveram varíola na infância. Especialmente à luz de velas.

– Reparem na Elizabeth – dizia Mrs. Wilkes enquanto aplicávamos a maquilhagem em frente às nossas cómodas. – Ela não é a mais bonita aqui. Mas os homens não se importam se uma menina é um pouco bronzada, ou não enche um corpete. Eles

gostam de uma jovem que pareça saudável e animada, e se mostre cooperante.

Mrs. Wilkes gostava de mim, porque, apesar de tudo, quando eu me adaptei àquela casa, estava sempre a rir. Ela dizia que era disso que os velhos ricos gostavam.

Também tinha outras vantagens. Além da minha cara, sou alta, o que é bom, e jovem, o que é melhor. Mas a minha figura não tem muito mais a valorizá-la. Não engordo facilmente como algumas raparigas. Ainda não posso dar-me ao luxo de me alimentar bem.

Então aproveito ao máximo o meu rosto, porque sempre tirei o melhor partido daquilo que tenho toda a minha vida. E neste estranho mundo noturno, que nunca imaginei para mim, a minha cara é o meu maior bem.

Pego na tinta para os lábios e reparo que mais uma vez está quase a acabar. Suspiro, espalhando a menor quantidade de pigmento vermelho de que sou capaz sobre os lábios. Uma das desvantagens de ter uma boca grande é usar muita tinta para os lábios.

Apanho o vestido para chegar aos sapatos, que foram feitos à mão e caros. São azul-escuros, para condizer com o vestido, e têm um salto pequeno.

Pego nas luvas de onde as tinha deixado diante do espelho. As luvas são um hábito que todas nós aprendemos em casa de Mrs. Wilkes. Ela ensinou-nos a desprezar as pobres coitadas cuja educação não foi cuidada o suficiente para perceberem que um par de luvas poderia dobrar o valor de uma rapariga.

As minhas estão quase rotas no meio de dois dedos e não tão limpas como deviam. Mas não me atrevo a lavá-las, com medo de que se desfaçam completamente. Kitty e eu ficámos sem crédito na loja de fazendas e miudezas.

Alcanço o chapéu, que é de abas largas ao estilo pastoril – um adereço em voga para afastar o sol do meu rosto. Uso o chapéu

baixo, de modo que os meus olhos possam espreitar sedutoramente, e arranjo o cabelo para que pareça cair a partir da aba. O meu cabelo tem imensos caracóis castanhos, que são abundantes o suficiente para que eu possa fazê-los passar por uma peruca cara com os enfeites de cabelo certos.

Coloco o meu pente favorito, de estanho, que é decorado com pequenas borboletas e penas – ambas azuis para combinarem com o vestido e sapatos. Depois pego na minha bolsa, que está pendurada. Uma vez que Kitty fugiu com os nossos principais ganhos, tenho apenas algumas pequenas moedas. O suficiente para comprar um pouco de queijo e pão, se ficar com muita fome.

Avaliando o meu reflexo, dou um toque final aos meus seios. Depois aplico tanto pó branco no rosto quanto é possível e uso *rouge* nas bochechas.

Os meus olhos verde-acastanhados brilham no espelho, como se me desafiassem a fazer algo maldoso.

*Esta pode ser a noite, digo a mim mesma, tal como todas as noites. Esta pode ser a noite em que encontro o homem certo, e tudo pode mudar.*



## CAPÍTULO 3

**K**itty deve estar na taberna de *gin*. Ainda não suporto vê-la lá. Por isso caminho até ao mercado de aves, a algumas ruas de distância.

Piccadilly, onde arrendámos o nosso quarto, tem passeios de um bom tamanho, o que significa que nós, mulheres da rua, podemos manter os nossos sapatos limpos sem termos de pagar por uma liteira.

A nossa zona não é tão elegante como Mayfair, onde Mrs. Wilkes tem a sua famosa casa. Mas a rua atrai um fluxo decente de aristocratas mais jovens, à procura de qualquer diversão que o dinheiro lhes possa proporcionar.

A noite cai e os vendedores aglomeram-se na rua para anunciar os seus produtos. Raparigas com cestas de fruta ou de camarão à cabeça andam por ali. Homens empurram carroças com quinquilharia para vender às gentes embriagadas da cidade.

O mercado das aves está a fechar quando eu chego, e os vendedores cobrem as gaiolas maiores com panos. As gaiolas mais pequenas para venda ainda estão penduradas num varal, ou dispostas no chão de terra. Há gaiolas de vime em forma de lágrima, criações caóticas de arame e o ocasional aviário elaboradamente trabalhado. Gaiolas ainda mais estranhas abrigam os próprios pássaros.

Ando pelos corredores estreitos e descubro o meu vendedor favorito. É um homem velho com uma roupa mal-amanhada feita de retalhos. Mas os seus olhos azuis são felizes, como se ele não se desse conta do ambiente baixo que o rodeia.

– Bom dia para ti, Queenie – cumprimenta ele, tirando um boné imaginário e sorrindo.

Queenie foi um apelido me fora dado porque alguns clientes da taberna de *gin* achavam que eu me comportava como uma rainha. É

geralmente usado como insulto. Mas não me importo que o homem dos pássaros o utilize. Acho que ele lhe dá um significado diferente.

– Vens comprar um pássaro? – pergunta.

Eu aceno com a cabeça. As suas velhas mãos já procuram uma ave na grande gaiola das aves. Vejo os seus dedos vermelhuscos moverem-se a toda a velocidade e apanharem um estorninho.

Tira o pássaro assustado pela abertura com todo o cuidado, fecha a gaiola e apresenta-mo num movimento hábil.

– Gostas deste amiguinho? – pergunta, segurando o estorninho, que pipila.

Examino a criatura que o homem dos pássaros prende com uma delicadeza notável.

Aceno com a cabeça em concordância e sorrio.

– Vai juntar-se aos outros? – pergunta o homem dos pássaros, com uma piscadela de olho.

– Sim – respondo, entregando o meu *penny*. O homem dos pássaros enfia a moeda no bolso e insere o pássaro num rolo de papel, torcendo ambas as extremidades para as fechar.

– Aqui tens.

Pego no embrulho, como sempre maravilhada com a leveza do pequeno corpo quente confinado àquele pedaço de papel. Depois atravesso a rua para St. James Park e procuro um espaço na relva onde não esteja ninguém.

Fecho os olhos e tento acalmar-me. Desenho um quadro de uma vida nova na minha mente. Uma vida livre de dores e horrores, cobradores de dívidas e falsos pretendentes. Vejo-me bem alimentada, com boas roupas, com a minha própria independência e talvez até mesmo um homem que me trate com bondade.

Lentamente abro o embrulho de papel.

– Vamos lá sair, passarinho – sussurro. Inclino o embrulho para

baixo.

As garras minúsculas da ave arranham o papel e, em seguida, ele está cá fora na relva, agitando-se a medo sob a luz.

A ave lembra-me de nós, quando fugimos de casa de Mrs. Wilkes. Pestanejando à luz do sol, com medo do grande mundo subitamente à nossa frente.

A criatura dá alguns passos saltitantes, tornando-se mais ousada agora, mal se atrevendo a acreditar na sua sorte. E então, numa fração de segundo, as suas asas abrem-se e ele acelera pelo ar, desaparecendo num grande carvalho de ramos frondosos.

Fecho os olhos e sinto o coração voar com ele. Depois ouço o canto dos pássaros. Abro os olhos e agora não sei dizer qual era o meu pássaro, de entre todos os estorninhos a cantar no carvalho. Sorrio.

A memória da minha última ligação falhada ainda dói. Mas sei que vou sobreviver. Erguer-me-ei novamente. Vou tentar com mais força.

*E um dia, prometo a mim mesma. Um dia. Vou ser tão livre como aquele pássaro.*

Esmago a prisão de papel na minha mão e fico ali, sentindo-me mais feliz.

Está na hora de ir à procura de Kitty. E começar a trabalhar.

## CAPÍTULO 4

**S**empre me senti feliz com a minha persistência. A minha alma está mais leve quando me dirijo à taberna de *gin*.

Talvez os homens da noite passada nos procurem novamente. Ou Kitty e eu encontremos forma de ir a um baile. Fizemos isso uma vez, e mal nos conseguíamos mexer por causa da quantidade de homens bêbados e ricos que acreditaram que éramos verdadeiras senhoras. Se não fosse pelo temperamento de Kitty, que atirou uma bebida à cara de um homem, teríamos feito uma fortuna.

Saio de Piccadilly para uma rua mais pequena. Um amontoado de tabuletas acima da minha cabeça anuncia que esta é uma rua onde se procede ao corte da cortiça, e o rangido das facas a trabalhar fecha-se à minha volta.

Avisto um rosto familiar, encolhido junto a uma porta, e por um momento o meu cérebro esforça-se por dar um nome àquela cara.

Em seguida, lembro-me e sinto uma onda perturbadora de reconhecimento.

*Emily-Jane.*

Conheci-a na taberna de *gin*, no ano passado. Quando ela era uma cara nova, fresca e encantadora.

Agora, estende a mão, pedindo esmola. Agora o seu rosto é macilento e chupado, e restam-lhe apenas alguns dentes na boca.

Esforço-me para recordar por que razão ela deixou Piccadilly.

*Foi atirada para a prisão dos devedores há menos de um ano. Envelheceu dez.*

A mulher não me reconhece, mas vê pelo meu rosto empoado e o vestido decotado que eu não sou uma daquelas senhoras que se pode dar ao luxo de fazer caridade. Então, desvia a atenção para outro lugar quando me encaminho na sua direção.

Aproximo-me para lhe oferecer alguma simpatia. Mas no último

minuto mudo de ideias e sigo em frente. Seria cruel parar e aumentar as suas esperanças, sem dinheiro para lhe dar. Ela precisa de mais do que palavras amáveis.

A taberna de *gin* preferida de Kitty tem uma porta de aparência inocente e uma grande tabuleta exibindo uma garrafa. Abro caminho para o interior, por entre o cheiro acre e familiar do álcool e do barulho dos bêbados.

A taberna tem um balcão robusto em frente a uma fila ordenada de barris. A proprietária, uma mulher com um rosto amargo conhecida como Gin Joan, está a encher uma garrafa de vidro do barril mais próximo. Vira-se quando eu entro e começa a reabastecer os copos de um grupo de clientes que se amontoam.

À medida que a noite avança, a taberna pode ficar apinhada. Mas estamos no início da noite e só cá estão alguns clientes. Assim, a atmosfera ainda está longe de se tornar tumultuosa.

Vejo as pessoas que bebem com Kitty. Uma mulher jovem com maus dentes ergue um copo para ser reabastecido com uma mão e segura uma criança vestida com farrapos com a outra. Tem a elegância relativa de uma prostituta e, a julgar pela expressão estoica no rosto, está a preparar-se para uma longa noite.

Uma mulher de meia-idade num vestido de lã simples tem o braço enfiado no de um homem que imagino ser o marido. Ambos gritam alegremente por cima da barulheira geral. Há mais alguns grupos pequenos de homens e mulheres que jogam cartas ou dados. Algumas personagens de aparência rude estão instaladas com um ar alheado, bebendo *gin* como se fosse um movimento reflexo.

Vejo Kitty junto ao balcão. O contraste com as outras mulheres mais simples faz com que ela pareça ainda mais impressionante. Os seus traços felinos são enaltecidos pela escuridão da taberna, que enegrece as suas sobancelhas em arcos dramáticos sobre os sensuais olhos verdes.

Kitty tem o cabelo preto, lábios cor-de-rosa escuro, maçãs do

rosto proeminentes e uma falha entre os dentes da frente, o que acrescenta um ar travesso à sua aparência sedutora. Como se ela estivesse sempre pronta a dizer algo chocante.

O olhar de Kitty cruza-se com o meu e os seus olhos iluminam-se como os de um gato. O seu prazer em ver-me é imediatamente seguido por um falso sorriso culpado. Kitty é famosa por ter um sorriso que faz com que os homens queiram ir para a cama com ela. Mas o seu fascínio chega apenas ao quarto. Os homens querem-na para amante, mas ela dá demasiado trabalho para ser uma esposa. E, de alguma forma, ela pertence mais a esta gente do que a qualquer outro lugar, apesar do seu belo vestido de seda.

– Lizzy! – Ela levanta o copo e endireita-se com esforço. Kitty é elegante, com pequenos seios arrebitados e uma cintura estreita que enfatiza a roda volumosa das saias roubadas. Não se movimenta com facilidade em roupas elegantes.

Como de costume, tem um pequeno bando de réprobos ao seu redor. Está de braço dado com Susie Sweetlove, com quem deve ter feito as pazes, porque, na semana passada, arranharam o rosto uma da outra.

Pete e Leo, dois batoteiros profissionais da casa de jogo da Ponte de Londres, rondam-na, na esperança de terem Kitty de borla, se ela beber o suficiente.

Dirijo-me ao balcão e vejo que Kitty não está tão bêbada quanto eu temia. Talvez ainda não tenha gastado todo o dinheiro que ganhámos ontem.

– Não lhe dê crédito – sussurro ferozmente ao passar por Gin Joan, que fez uma pausa para beber um gole de *gin* e molhar a sua própria garganta. Joan engole, limpa a boca e em seguida aponta sem dizer palavra para uma linha de números escrita a giz.

Distingo as iniciais rabiscadas de Kitty ao lado de uma coluna em espiral de números e o meu ânimo afunda-se.

Kitty vê-me a olhar para a sua dívida.

– Lizzy! – anuncia com alegria exagerada, estendendo um braço para me puxar para mais perto. Ao fazê-lo, larga Susie Sweetlove, que me lança um olhar severo como se eu fosse uma intrusa.

– Junta-te a nós – diz Kitty, embora saiba que eu não bebo *gin*.

Como sempre, Leo cola-se a mim no momento em que eu me aproximo de Kitty.

– Vens beber um *gin* hoje, Queenie? – pergunta ele. – Ou és mais importante do que nós outra vez?

A mão dele serpenteia, pressionando-me o fundo das costas.

Tento fazer com que o meu rosto desminta o que estou a sentir. No meu estado de espírito atual, a sedução disparatada de Leo é a última coisa de que preciso. Mas ele é vingativo quando se zanga. Irritá-lo é imprudente.

– Talvez mais tarde – minto.

Leo fica a pensar e julgo que, por um momento, fica descontente. Depois o rosto esboça um sorriso predatório.

– Uma mulher que não gosta de *gin* – diz. – Vai dar uma bela esposa, Lizzy.

Leo poderia ser bonito, se não fosse a sua expressão de doninha e uma escabrosa cicatriz de faca da orelha ao queixo. Faz-me sempre lembrar uma criatura selvagem, constantemente a farejar uma forma de arranjar uma vantagem injusta.

Faço uma careta a Kitty e, verdade seja dita, ela regista o que pretendo imediatamente.

– A Liz e eu vamos conversar lá fora – anuncia, pegando na minha mão e puxando-me para fora dos limites obscuros e fragrantos da taberna.

Sáímos para a rua e viro-me para Kitty, zangada.

– Hoje um cobrador de dívidas fez-me uma visita – digo.

– Ai sim? – Ela parece despreocupada.

– Queria falar *contigo* – digo –, por causa do vestido que roubaste a Mrs. Wilkes.

O seu olhar cai no vestido que usa. Uma enorme peça de seda, imensamente mais valiosa do que o meu. Embora Kitty tenha conseguido perder as luvas e já não se dê ao trabalho de usar chapéu.

Na verdade, Kitty parecia desprezar tantos ensinamentos de Mrs. Wilkes quanto lhe era possível, com um abandono imprudente e desenfreado, deleitando-se com a sua descida ao nível da rua. Faço um esforço enorme para me lembrar dessas lições. Mas é difícil, pois temos menos oportunidades de as pôr em prática do que tínhamos em casa de Mrs. Wilkes.

– Não precisas de ter sempre tanto medo – diz Kitty. – Ela em breve esquecerá a dívida. Passaram-se meses. Isto é a liberdade, Lizzy. Nós conseguimos. Nós escapámos.

Lança-me um enorme sorriso.

– Não me sinto livre – murmuro, olhando para os olhos toldados de alguns bêbados que se instalaram na rua em frente à taberna.

– Voltavas para lá? – pergunta Kitty. – Preferes trabalhar para Mrs. Wilkes, como uma escrava? Deitada na cama dez vezes por noite, com qualquer velho decrépito que lhe paga o preço certo?

– Não. Eu não faria isso – respondo. – Preferia que vivêssemos na esperança de que algum jovem lorde ou duque se apaixonasse por nós. E eu não gostava de ter de dar parte do nosso dinheiro a Mrs. Wilkes.

– A *maior* parte do nosso dinheiro – corrige Kitty. – A velha bruxa ficou com quase tudo.

Ela passa a mão pelo longo cabelo preto. Mrs. Wilkes também angariava homens muito ricos. Nós não ganhávamos tanto nas ruas como em sua casa. Mas perdi a vontade de discutir.

*Pelo menos somos donas do nosso próprio destino, recordo a*



mim mesma.

Então lembro-me da jovem mendiga.

– Vi a Emily-Jane na rua – revelo, de novo assaltada pelos meus medos com um detalhe escabroso. – Lembras-te dela? Da taberna de *gin* no ano passado.

Kitty coça a testa, um pouco confusa.

– Ah. Sim – recorda.

– Ela anda a mendigar na rua – digo. – Parece ter mais de quarenta anos e só pode ter vinte e cinco.

Kitty não parece preocupada.

– A Emily-Jane não tinha ninguém que a socorresse – diz. – Senão ela nunca teria passado um ano na prisão de Fleet.

O meu rosto deve ter acusado perturbação, porque Kitty faz uma careta.

– Perdeu todos os seus atributos? – pergunta.

Aceno com a cabeça, com a terrível imagem do rosto desfigurado a pairar diante de mim.

Kitty coloca o braço sobre o meu ombro e aperta-me.

– Metade das mulheres em Londres prostitui-se num momento ou noutro – diz ela. – Nem todas foram feitas para Piccadilly.

– Nem nós – insisto. – Vamos ultrapassar tudo isto e encontrar homens bons. Homens que nos vão sustentar e dar-nos uma pensão.

Kitty limita-se a encolher os ombros. Depois os seus olhos arregalam-se de repente.

– Minha Nossa Senhora! – diz. – Alguma vez viste semelhante coisa fora de Westminster?

Sigo o seu olhar e vejo um lustroso garanhão de corrida com um cavaleiro elegantemente vestido, que parece esforçar-se para o

controlar no caos ruidoso de Shaftesbury Avenue.

– Aquilo é um puro-sangue – murmuro, apreciando a forma do belo cavalo. – É um disparate andar com um animal daqueles numa cidade.

– O cavaleiro deve ser um fidalgo – decide Kitty. – Olha para as botas e para o casaco. E não pode ter mais de trinta anos.

Eu estava preocupada pelo cavalo, mas agora o meu olhar fixa-se no cavaleiro. Há algo impressionante nele, mesmo àquela distância. Tem uma postura firme que indica um corpo musculado sob as roupas elegantes, e uma determinação tranquila, mesmo a lidar com um cavalo temperamental.

Kitty dá-me uma cotovelada, com os olhos a brilhar.

– Dinheiro fácil.

Concordo com a cabeça devagar, seguindo a sua linha de pensamento.

Londres atrai jovens nobres. Eles vêm à cidade para gastar dinheiro e evitar as suas gentis mulheres. Uma rapariga que apanhe um fidalgo recém-chegado pode sair-se muito bem.

Kitty lambe os lábios, considerando o desafio.

– Deves ir tu – decide. – És mais graciosa com gente fina.

Sei que ela está a pensar nos cinco guinéus que deve. Os seus olhos deslizam ao longo do passeio, avaliando a série de caras pintadas que também viram o cavaleiro.

– Vou certificar-me de que ninguém te incomoda – acrescenta.

Estou paralisada a duvidar de mim própria, consciente do meu vestido de má qualidade e das luvas puídas.

– Lizzy, és a rapariga mais bonita de Piccadilly – tranquiliza-me Kitty, lendo a minha expressão de dúvida. – Os homens veem rostos antes de elegância.

Ela inclina-se para mim, compondo os meus caracóis castanhos

sobre os ombros. Em seguida, ajusta-me o chapéu de pastora para que a aba fique um pouco mais baixa.

– Vai – diz, empurrando-me para a rua. – Antes que outra o apanhe.

## CAPÍTULO 5

**D**o passeio, passo para a imundície da rua, escolhendo o caminho entre as poças lamacentas para poupar os meus sapatos.

O cavalo parou de andar agora. Mexe a cabeça e flete as pernas como se se preparasse para recuar. O cavaleiro parece ter desistido temporariamente de o instar a avançar, passando as mãos pela crina do animal para o acalmar.

Estou agora perto o suficiente para dar uma boa olhadela ao homem. O cabelo castanho dá-lhe pelos ombros e cai numa onda ligeira. E quando os meus olhos alcançam o seu rosto, vejo que tem belos traços, com maçãs do rosto altas e um nariz reto. Poder-se-ia pensar num rosto feminino, se não fosse o queixo amplo.

Sinto-me impressionada com os olhos. De um castanho tão escuro que são quase negros. Uma mulher poder-se-ia perder naqueles olhos. Parecem ter toda uma história para contar.

A atenção do cavaleiro centra-se no sítio onde estou, e dou conta de que estou pasmada. Instintivamente desvio os olhos. A intensidade daquele olhar é tão grande que parece atravessar-me.

O meu olhar pousa nas suas botas de montaria usadas. O couro macio e claro desvaneceu para um tom cinza, alargando-se em grandes dobras no meio da coxa. O estilo de pirata sugere que ele é novo aqui. Os fidalgos da cidade usam meias e sapatos.

*Coragem, Lizzy, admoesto-me, não és rapariga que se deixe intimidar por um aristocrata.*

Descontente com o meu olhar modesto, forço-me a erguer a cabeça. Observo a sua longa sobrecasaca preta, aberta à frente, com grandes mangas arregaçadas, e renda francesa nos punhos e no pescoço. Em desafio, os meus olhos fitam o rosto do cavaleiro e vejo a sua expressão mudar. Antes parecia avaliar-me profundamente. Agora, há algo quase desafiador ali, como se

estivesse à espera de que eu o desapontasse.

Dou um passo determinado em frente e o cavalo bufa quando me aproximo do flanco. Estendo a mão para o acariciar, sentindo-me mais confiante. Tenho jeito para cavalos. Este animal está encharcado em suor nervoso e eu acaricio-o suavemente.

Quando olho para o cavaleiro, ele tem a cabeça inclinada e as sobrancelhas escuras estão ligeiramente arqueadas. Talvez se sinta indignado por eu ter tido coragem suficiente para tocar no seu cavalo, mas estou segura.

– Anda à procura de divertimento? – faço a pergunta universal das prostitutas em toda a Londres.

Ele estuda-me com aquele olhar avaliador mais uma vez. Não sei dizer se é irritante ou lisonjeiro ser objeto de tal atenção. Desta vez, recuso-me a baixar os olhos.

– Estou à procura de um moço de estrebaria – acaba por responder, não mostrando se a minha falta de servilismo o ofende. O cavalo contorce-se debaixo dele enquanto ele fala. – Preciso de palas para conseguir levar este animal a Mayfair.

A sua voz não é alta. Mas possui uma autoridade suave que faz com que as palavras ressoem facilmente sobre o burburinho de Piccadilly.

– Como se chama o seu cavalo? – pergunto, tentando não me deixar enervar com o tom de comando da sua voz. O sotaque é de classe alta com um ligeiro toque do campo que o faz parecer mais simpático do que a maioria dos aristocratas. Há um poder tranquilo ali.

O cavaleiro franze o sobrolho, estudando-me, como se eu pudesse estar a usar de algum truque.

– *Samson* – diz, ao fim de um momento.

– Calma, *Samson* – sussurro, acariciando o flanco do cavalo. – Calma.

O animal deixa escapar um suspiro descontente. Como se aceitasse acalmar-se por um momento, mas não a longo prazo.

Olho para o cavaleiro.

– O seu cavalo está a pensar em fugir – explico. – Não vai levá-lo facilmente a um moço de estrebaria, e as palas não vão ajudar. É o barulho que o assusta, não o que ele vê.

Reflito durante um momento.

– Se quiser, eu guio-o até Mayfair, consigo montado. Fica apenas a algumas ruas daqui. Será mais fácil lidar com ele com outra pessoa ao lado.

O homem assente com a cabeça, reconhecendo a verdade nas minhas palavras.

– Ficar-lhe-ia muito grato – diz. O tom sugere que não está habituado a ficar em dívida para com outras pessoas.

Faço uma avaliação da bolsa que traz com ele.

– Deve pagar-me três xelins – acrescento.

Os olhos do homem arregalam-se e vejo-o fazer um cálculo rápido das suas opções. Estou em terreno mais seguro agora. Ambos sabemos que ele não vai chegar facilmente a Mayfair sozinho. Deve aceitar a minha oferta, ou arriscar que o cavalo se fira.

– Muito bem – aquiesce, depois de uma pausa. Por um instante julgo ver um brilho de admiração no seu rosto, que desaparece logo a seguir.

– Deveria ter vergonha da sua falta de caridade – acrescenta, com o rosto a endurecer numa expressão mais familiar aos homens da sua categoria. – Sou um visitante nesta cidade.

Seguro na brida.

– Não é o senhor que precisa de caridade – digo com à-vontade, envolvendo as rédeas na minha mão. – E a vergonha custa dinheiro.

Partimos em silêncio, num passo lento, e *Samson* acalma-se consideravelmente com alguém a guiá-lo. Diviso um caminho para evitar as lutas de galos barulhentas em Cockspur Street e manter à distância os buliçosos carregadores de liteiras em St. James.

– Como se chama? – pergunto ao cavaleiro, já que ele não faz qualquer esforço para falar.

– Edward – responde. Mas não pergunta o meu nome. Parece hipnotizado pela miséria de Piccadilly, e eu pergunto-me quantas vezes visitará a cidade.

Andamos um pouco mais.

– O *Samson* é um belo cavalo – digo, adotando a conversa de circunstância fácil que se tornou parte da minha personagem de mulher da rua.

– Como é que sabe de cavalos? – pergunta Edward depois de uma pausa. Tenho a sensação de que ele preferia não perguntar. Mas a sua curiosidade levou a melhor.

– Cresci no campo – explico. – O meu avô criava cavalos e eu aprendi um pouco. O seu é um puro-sangue árabe – acrescento a título de ilustração do meu conhecimento. – É o melhor que já vi.

– Sabe montar? – pergunta ele.

– Sim.

– À amazona?

Nego com a cabeça.

– Só escarranchada – admito, não gostando de confessar que não posso montar como as senhoras. – Nunca montei em Londres – acrescento, pensando que mais vale que fique a saber tudo. – Nem um animal tão bonito como este. O senhor deve ter muito orgulho por o ter – concludo melancolicamente.

Olho para cima e a expressão no rosto de Edward é pensativa.

Reparo novamente como é bonito. Muitos lordes apresentam

certos traços após gerações de endogamia – narizes enormes ou queixos salientes. Ou são corados como se bebessem vinho e inchados com gota. Os traços de Edward poderiam ser descritos como refinados.

– O cavalo não é meu – admite ele. – Normalmente monto melhor.

– O senhor deve ter uma boa reputação – digo –, para lhe ter sido emprestado.

– Pertence a um amigo. – O seu tom encerra o tema, e eu deixo morrer o assunto. Não me importo. Não tenho pruridos e não espero qualquer cortesia no que diz respeito a homens.

*Samson* abana a cabeça nervosamente e eu concedo-lhe alguma folga e, em seguida, enrolo as rédeas novamente.

– Os puros-sangues são temperamentais – explico. – Se o senhor se sentar um pouco mais para a frente, vai ajudá-lo a sentir-se melhor.

Não sei o que é que me fez falar com tanta franqueza. Apenas que ele não parecia tão arrogante como a maioria dos fidalgos.

Edward franze a testa em resposta, e penso que talvez tenha julgado mal a situação e falado com demasiada liberdade.

Chegamos a um cruzamento.

– Que rua em Mayfair? – pergunto.

– Clarges Street.

Consulto o meu mapa mental. Embora me tenha alojado aqui com Mrs. Wilkes, dormíamos durante o dia e trabalhávamos à noite. O único caminho de que tenho a certeza é através de uma rua movimentada.

Volto-me para pôr a cabeça de *Samson* entre as minhas mãos, e sopro-lhe delicadamente nas narinas para o acalmar.

Ele bufa em resposta, baixando a cabeça, e eu encosto a minha



testa à dele.

– Será um pouco mais barulhento aqui – explico a *Samson*, como se me desculpasse, fitando os seus olhos incertos. – Mas vou ter muito cuidado e nada de mal te acontecerá, prometo.

Liberto-lhe a cabeça quando tenho a certeza de que ele me percebeu, e volto a pegar na brida. Só então reparo que Edward está a olhar para mim com um leve sorriso nos lábios. Desvio o olhar, envergonhada, concluindo que a gente fina não fala com os seus cavalos.

Estou prestes a retomar o caminho quando Edward desliza para fora da sela num movimento ágil. Aterra diretamente ao meu lado e a sua proximidade repentina faz com que eu prenda a respiração. Edward parecia uma estátua em cima do cavalo, mas agora a sua altura é assustadora. Não estou habituada a homens bastante mais altos do que eu. O seu corpo musculado tem uma energia contida que é quase palpável. Há uma graciosidade fácil nele que me recorda um predador. Sem querer recuo um pequeno passo.

Edward toma as rédeas da minha mão e eu não protesto. O seu rosto é completamente neutro; embora ele deva saber o efeito que tem sobre as mulheres.

Olho para ele interrogativamente. Talvez a minha conversa com o cavalo tenha sido a gota de água. Deve ter decidido que eu sou uma companhia demasiado estranha para tolerar relacionar-se mais comigo.

– Vai continuar sozinho a partir daqui? – pergunto.

Ele enrola as rédeas à volta do antebraço, mas abana a cabeça.

– Acho que deveria montar – responde.

– O quê? – O meu primeiro pensamento é que está a troçar de mim.

– Gostaria que montasse – repete pacientemente. – O cavalo parece gostar de si. Acho que ele se mostraria mais dócil.

Aponto para o pelo brilhante do puro-sangue, pensando que devo ter confundido o significado das suas palavras.

– Quer que eu monte o cavalo do seu amigo?

Ele acena com paciência, como se desse uma explicação a uma criança. E ali está o sorriso desarmante novamente, muito subtil, mas inconfundível. Como se uma parte profunda dele se divertisse imenso.

– Este cavalo? – esclareço, tentando não parecer desconcertada.

– A menos que ache que eu tenho outro cavalo escondido na minha pessoa.

Demoro um momento a perceber que usou um tom jocoso. Abro um grande sorriso e, inesperadamente, ele devolve-mo com igual franqueza. Depois os seus traços readquirem a compostura rapidamente, como se a expressão também o tivesse apanhado de surpresa. Por um instante, parecia muito mais jovem do que os trinta e poucos anos que julguei que tivesse.

– Precisa de ajuda para subir? – pergunta ele, avançando para me oferecer o braço.

A pele da sua mão roça na minha e eu estremeço um pouco. O contacto inesperado arrepiava-me os pelos do pescoço.

Apercebo-me de que estou paralisada pelos seus olhos escuros novamente, e agora eles parecem interrogar-me. Como se algo em mim o confundisse.

Para ocultar a minha perplexidade, passo rapidamente por ele e coloco as mãos sobre o cavalo. Num momento, o meu pé está no estribo e eu alço-me sobre o corpo robusto de *Samson*.

– Tem um montar mais confiante do que muitos lordes – murmura Edward em aprovação. Toda a sua pose de nobre voltou agora, e pergunto-me se teria imaginado o momento que parecia ter passado entre nós.

Em cima do belo cavalo, acomodo-me e aprecio a vista, sorrindo

de deleite. O pelo negro de *Samson* brilha esplendorosamente. A crina foi meticulosamente entrançada junto ao pescoço, revelando os músculos proeminentes que se ligam ao seu dorso largo. Consigo sentir o seu poder, seguro e expectante.

Estou delirante com a oportunidade de o montar.

– Que bela criatura – murmuro, inclinando-me para passar as mãos pelo pescoço largo de *Sansom*.

Sei que devo ser um lindo espetáculo. Uma rapariga vestida de forma espalhafatosa em cima deste magnífico animal. Mas não me importo. Nem um bocadinho. Este é o melhor cavalo que alguma vez vi em Londres. E aqui estou eu a montá-lo.

Deixo os meus olhos vaguearem, apreciando a minha vista altaneira. A cidade parece muito mais majestosa desta altura, com a lama e a miséria escondidas e afastadas.

Edward lança um pequeno sorriso, mas não diz nada.

– Então vamos para Clarges Street? – pergunto, novamente insegura.

Ele acena com a cabeça, e incito *Sansom* com as pernas, instando-o suavemente para a frente e maravilhando-me com a minha boa sorte.

Afinal, está a começar a ser uma boa noite.

## CAPÍTULO 6

**E** stamos quase a chegar a Clarges Street, quando Edward fala novamente.

– Monta bem – diz. – Como é que acabou em Piccadilly?

Olho em frente, concentrando-me em manter o cavalo calmo.

– Fui sequestrada de um baile de máscaras – digo, recitando a familiar história ensaiada. – Por um homem mascarado que eu pensava ser meu irmão. Ele violentou-me. E uma vez desonrada, senti-me demasiado envergonhada para voltar à minha família. Por isso, dependo da bondade dos homens honestos.

Edward arqueia uma sobrancelha.

– Referia-me à sua história verdadeira – diz –, não a que conta a jovens aristocratas embriagados.

É mais astuto do que parece.

Hesito e depois lanço-lhe um sorriso de esguelha.

– Cresci no campo, perto de Bristol – admito. – O meu pai vendeu a nossa quinta. Por isso fugi, em vez de ir trabalhar nas cordoarias como a minha mãe. Esperava arranjar trabalho como empregada doméstica em Londres. Mas foi mais difícil de encontrar e mais mal pago do que fui levada a acreditar.

Isto parece satisfazê-lo e ele fica em silêncio novamente. Há algo cativante na sua introspeção. Como se por debaixo da sua superfície calma um mundo inteiro estivesse em movimento.

– O senhor não fala muito – observo, no meu hábito de deixar que as palavras me saiam da boca sem pensar.

Ele sorri.

– Gosto de refletir nas coisas, antes de as dizer.

– Eu não sou nada assim – admito. – Lanço palavras como arroz num casamento. Era o que a minha mãe costumava dizer. E Mrs.

Wilkes. Ela disse que eu era como um macaco tagarela.

– Esteve em casa de Mrs. Wilkes? – Ele está a olhar para mim.

– Sim. – Eu olho para ele, registando o seu interesse.

– Já ouvi falar dela.

– Todos os cavalheiros em Londres ouviram – respondo.

De repente, o seu olhar está completamente concentrado em mim e eu perco-me nele.

*Aqueles olhos.*

Uma mulher poderia perder-se no fundo dos seus olhos negros. É uma sorte que ele não pareça usá-los muitas vezes. Sinto-me desconfortável, sob o seu escrutínio.

– Wilkes House. Posso ver isso – decide, ao fim de um momento. E eu pergunto-me o que terá visto em mim que o tenha levado a essa conclusão.

Alcançámos o topo de Clarges Street agora e eu detenho *Samson*.

Desmonto, sentindo-me estranhamente desapontada com o fim do encontro. Já para não falar que terei de dizer a Kitty que só ganhei três xelins no negócio.

Ficamos de frente um para o outro.

De repente, uma voz masculina ecoa pela rua e vejo um moço de estrebaria a caminhar na nossa direção. Desviamos o olhar um do outro.

– Lord Hays – chama o moço de estrebaria, aproximando-se de Edward.

Os meus olhos arregalam-se, vendo-o a uma nova luz de tonalidade dourada.

*Lord Hays. Ele pertence a uma das famílias mais abastadas de Inglaterra.*

– O senhor é Lord Hays? – consigo dizer, olhando para Edward.

Ele acena com a cabeça. O moço de estrebaria toma as rédeas de *Samson* e dirige-se a Edward.

– Deseja que ele fique aqui, senhor? – pergunta.

– Sim. Deve ser devolvido a Berkshire amanhã – diz Edward. – Por favor, arranje um cavaleiro para o levar de volta. – Fala num tom claro de um homem habituado a dar ordens. Nada no seu tom sugere que a minha presença precisa de ser explicada, e a sua autoridade absoluta faz com que a minha chegada aqui pareça perfeitamente normal.

O moço de estrebaria acena com a cabeça.

– Sim, senhor. – Mantém os olhos firmemente em Edward, não arriscando o menor desvio na minha direção. Embora eu saiba que me deve ter avaliado como uma prostituta de rua quando se aproximou.

O moço de estrebaria leva *Samson*, e eu decido que não há nenhuma razão para questionar Edward quanto ao facto de ele ser um dos homens mais ricos de Inglaterra.

Vejo o moço de estrebaria olhar ligeiramente para trás na minha direção e ocorre-me mais uma vez como isto deve parecer uma combinação estranha. A prostituta de Piccadilly e o aristocrata.

Fico constrangida, desejando ir-me embora. Esta é uma parte muito elegante da cidade, e o meu vestido decotado e rosto pintado de forma vulgar não se enquadram aqui. Vejo os olhos de Edward demorarem-se no meu peito descoberto e no corte de tecido barato que o rodeia.

Sem saber que mais fazer, estendo a mão para ser paga. Um esboço de sorriso dança no rosto de Edward e ele leva a mão à bolsa.

– Quase me esquecia – diz, retirando as moedas.

– Eu não – respondo.

Ele detém-se, com as moedas sobre a palma da minha mão. Inclino a cabeça, tentando não demonstrar a minha impaciência. Detesto esperar por dinheiro.

– Não sei o seu nome – diz ele, como se fosse a primeira vez que lhe ocorresse perguntar.

– Lizzy Ward – digo, mexendo os dedos significativamente.

– Elizabeth – diz ele, pensativo, deixando cair as moedas na minha mão.

– Ninguém me trata assim. – Fecho a mão num punho apertado em torno das moedas e baixo o braço.

Ele olha-me cuidadosamente. Sinto-me inquieta sob o seu escrutínio.

– Quanto precisaria de pagar – começa ele –, para desfrutar mais da sua companhia?

Para minha grande surpresa, sinto o meu rosto abrir-se num sorriso largo. Tenho a vaga consciência de que a enorme casa de cinco andares fica atrás de nós. Mas a grande fachada torna-se nebulosa enquanto considero a sua pergunta. Como se estivesse debaixo de água.

*Lord Hays está a pedir para pagar pela minha companhia.*

– Cinco guinéus – digo, deixando escapar o primeiro número ridículo que me vem à cabeça. Arrependo-me imediatamente. Nenhum homem sensato pagaria esse preço. Nem mesmo um lorde da família Hays. As suas sobrancelhas erguem-se e os seus olhos pousam nas minhas luvas muito usadas.

– Cinco guinéus? – repete ele.

Eu aceno com a cabeça, decidindo, num acesso de imprudência, manter o sangue-frio. Algo me diz que ele não respeitaria um retrocesso.

– Isso parece um preço alto – diz, olhando-me com frieza.

– Cinco guinéus é o preço. – Ergo uma sobrancelha para ele e esboço a mais ínfima e irreverente vénia. – Iria pagar o dobro em casa de Mrs. Wilkes, senhor.

Um sorriso estampa-se no seu rosto. Ele roda muito ligeiramente sobre os calcanhares e por um momento acho que se quer ir embora. Mas hesita.

– Cinco guinéus? – repete lentamente. – Cinco guinéus.

Eu fico em silêncio, mal ousando respirar.

Ele chocalha a bolsa, pensativo. Em seguida, os seus olhos escuros fitam os meus.

Eu aguento-me, encontrando o seu olhar. Depois, o braço dele estende-se e prende-se no meu.

– Teria muito prazer – diz ele com uma cortesia exagerada – se se juntasse a mim esta noite.

– Claro, senhor – digo, apoiando-me um pouco contra o seu braço, como se recebesse tais solicitações todos os dias. – Por favor, mostre-me o caminho.



## CAPÍTULO 7

**S**ubimos os degraus da sua grande casa e a porta é aberta por dois criados de libré.

Entro no vestíbulo em mármore e tenho de me conter para impedir a minha boca de se abrir.

– É aqui que mora? – Estou pasmada a olhar para os imponentes tetos elaborados, com acabamentos de frescos e folha de ouro.

Nunca na vida vi tanto mármore como naquele chão, que se estende numa enorme escadaria, com um corrimão de mogno em espiral.

Um lustre grande o suficiente para iluminar um vasto salão de baile está suspenso do teto, cheio de velas que o tornam quase tão brilhante como a luz do dia. Molduras douradas que ostentam enormes pinturas a óleo são iluminadas em separado, com candelabros de ouro espalhados em mesas de ébano finamente trabalhadas.

– É a minha casa em Londres – diz ele, sorrindo à minha reação.  
– A propriedade da minha família fica no Berkshire.

– É... É tão grande. – Caminho até um dos grandes candelabros e passo a mão pelas bases das velas, observando as chamas a tremeluzir. Volto-me para ele. – Devem ter custado uma fortuna. E possuí dez.

Ele inclina a cabeça para um lado, observando-me. Ocorre-me que me estou a mostrar muito baixa, admirando todas as suas coisas dispendiosas. Vai contra os ensinamentos de Mrs. Wilkes. Mas Edward não se mostra incomodado. Na verdade, parece quase satisfeito.

Reparo que os criados me observam. Edward vira-se para seguir o meu olhar e, instantaneamente, os criados desviam o deles.

– Desculpe – diz ele, e o criado mais próximo volta-se para nós

de novo, com um olhar nervoso, furtivo.

– Sim, senhor.

– A minha convidada e eu vamos instalar-nos na sala de estar. A Sophie que nos traga um pouco de vinho e doces. Certifique-se de que não somos incomodados nem interrompidos.

O criado acena com a cabeça e agora não parece saber para onde deve olhar. Os seus olhos vão do meu decote com *rouge* para o meu rosto empoado e, em seguida, para o chão.

– Sim, senhor – diz ele, com os olhos colados ao mármore.

Edward acena com a cabeça e dá-me o braço.

– Lá em cima – diz, e é uma explicação e uma instrução.

Apoio o meu peso sobre ele quando subimos as escadas, sentindo-me confusa nesta casa enorme e interrogando-me que diabo é esperado de mim.

\*

Caminhamos ao longo de um corredor aparentemente interminável, e depois Edward tira uma chave grande e abre uma das portas.

Indica-me que devo entrar primeiro, por meio de um gesto, e deparo com uma divisão que parece ainda mais espetacular do que o vestíbulo.

Em alguns aspetos lembra-me os quartos maiores em casa de Mrs. Wilkes. Os móveis são sumptuosos, profundamente coloridos. Seda, mogno e folha de ouro dominam o ambiente. Mas é muito mais grandioso do que qualquer coisa que já tenha visto antes.

A sala é simplesmente enorme. Mal posso compreender por que razão alguém poderia necessitar de tanto espaço. Deixo o meu olhar deambular em redor.

Há um grande conjunto de janelas enormes que se elevam três metros até aos tetos imponentes e cornijas elaboradas. As cortinas

são de seda rica e têm alguns metros de tecido extra na parte inferior. O preço de um único par poderia sustentar um trabalhador para o resto da vida.

Há uma *chaise longue* comprida, uma pequena mesa ornamentada, com cadeiras, para o chá e a maior cama de dossel que alguma vez vi.

– Este é o seu quarto? – pergunto, incerta.

– É a minha sala de estar – corrige ele.

– A sua sala tem uma cama?

– É comum ter confortos deste tipo em casas maiores – explica ele.

Há uma grande estante e eu dirijo-me a ela com um suspiro emocionado.

– Vossa senhoria tem tantos livros!

Deixo o polegar passear entre os títulos. Edward tem livros sobre agricultura e ciências agrícolas, mas também títulos de ficção.

Reverentemente, tiro um exemplar encadernado a couro de *The Faerie Queene*.

– O senhor leu este? – pergunto.

Ele acena com a cabeça muito ligeiramente.

– Os cinco volumes inteiros?

Ele sorri.

– Os cinco volumes inteiros.

Desvio o olhar, percebendo que foi uma pergunta tola para fazer a um homem instruído. Ele deve ter tido preceptores que lhe ensinaram todos os grandes livros ingleses, e francês e latim também.

Deixo ficar o livro aberto nas mãos e ele franze a testa ligeiramente.

– As lombadas são delicadas – diz.

– Oh. – Fecho o tomo, contrita. – Este é o meu livro favorito – digo, à guisa de explicação. – Gosto sempre de ver como fica impresso.

– Sabe ler? – Ele parece surpreendido.

Assinto com a cabeça, de olhos postos na estante, avaliando os títulos.

– A maioria das donzelas seduzidas sabe ler – respondo com um sorriso. Afasto-me dos livros para o encarar.

Ele parece inseguro. Como se não tivesse a certeza se pode acreditar em mim.

– Frequentei uma escola no campo, por pouco tempo – explico, à pergunta não feita. – A instrução era fornecida como caridade, às crianças pobres que tinham capacidades.

– Quanto tempo estudou? – pergunta ele.

Volto a olhar para os livros.

– Não muito. A minha mãe descobriu que eu conseguia recitar Edmund Spenser, mas não cardar lã tão depressa como a filha do vizinho.

Digo isto com um pequeno riso, mantendo o olhar fixo na estante, para que ele não possa ver o meu rosto.

– O que sabe recitar? – pergunta ele.

– Muitos dos seus poemas – respondo, com os olhos nos livros. – O meu favorito era um soneto de *Amoretti*. O poema sobre o amor duradouro.

Faço uma pausa, recordando as palavras.

– *Meus versos dar-te-ão um pedestal* – começo –, *Para que teu nome no céu se escreva.*

– *Enquanto a morte vence toda a gente* – recita Edward por sua

vez –, *Nosso amor nova vida nos dará para sempre*<sup>1</sup>.

Olhamos um para o outro e por um momento algo parece passar entre nós.

– O senhor sabe esse de cor? – pergunto.

Ele acena com a cabeça.

– Não sabia que os aristocratas aprendiam poesia – murmuro, para esconder a minha surpresa. O facto de Edward ter recitado o meu verso favorito comoveu-me.

– Nem as mulheres da rua – responde Edward, de sobrelha arqueada. – Portanto, o seu poema favorito é sobre o amor imortal?

Sorrio um pouco.

– Era. Em criança eu acreditava em contos de fadas.

– E em que acredita agora?

– Agora – digo, devolvendo o livro à prateleira –, acredito numa renda estável e de confiança.

Ele ri-se.

– Então acreditamos no mesmo – diz.

Há uma pausa enquanto nos encaramos e de repente sinto que a atmosfera mudou.

A nossa conversa tinha-se tornado tão fácil que me tinha esquecido porque estava ali.

Olho para a cama com cautela. Edward percebe a minha dúvida. Dá um passo na minha direção, guiando-me para longe da estante. Estou habituada a que os homens me toquem onde quer que lhes agrade. Mas ele é o único que me pega na mão como se eu fosse uma senhora.

Quando os seus dedos encontram os meus, um medo estranho percorre o meu corpo. Apercebo-me de que me sinto intimidada pela sua atitude cavalheiresca. Estou habituada a algo completamente

diferente, e a sua cortesia apanha-me desprevenida.

A mão de Edward é fria, seca. Não há nada de estranho na maneira como ele me leva para o outro lado da sala, para a *chaise longue*. Então porque é que o meu coração bate um pouco mais depressa?

Ouve-se bater à porta e eu fico paralisada.

Ele aperta a minha mão tranquilizadamente e o coração palpita-me no peito.

– O vinho – diz Edward em voz baixa. – Entre, Sophie – acrescenta, erguendo a voz.

A porta abre-se e uma rapariga num uniforme caro de criada entra, transportando uma garrafa de vinho e um pequeno prato de doces de maçapão. Parece tão pequena e jovem para estar vestida com tal elegância que temo por ela, porque parece muito ansiosa quando se aproxima.

Sophie parece percorrer um caminho determinado em direção a Edward, esforçando-se muito para não deixar que os seus olhos vagueiem na minha direção. Mas no último momento a determinação abandona-a e ela e o seu olhar avaliam abertamente o meu vestido ousado e a pintura no rosto, como se fosse totalmente incapaz de decidir o que pensar de tudo isto.

Olho para ela e ela desvia o olhar.

Tem um rostinho bonito, com cabelos castanhos e olhos azuis. Não é boa o suficiente para Mrs. Wilkes, mas bonita à sua própria maneira.

– Obrigado, Sophie – diz Edward, pegando na garrafa.

– É tudo, senhor? – Os seus olhos pousam em mim novamente, absorvendo-me.

Edward sorri um pouco e inclina subtilmente a cabeça.

Sophie vira-se abruptamente e sai, com as saias de seda a balançar.

A porta fecha-se um pouco alto de mais.

– Posso oferecer-lhe vinho? – pergunta Edward, indicando-me que me sente com um gesto.

Aceno com a cabeça, apalpando terreno nesta situação invulgar.

– Gostaria muito – consigo dizer.

Ele dirige-se a uma mesa grande, que tem dois copos de vinho.

Vejo-o tirar um saca-rolhas da bolsa e abrir a garrafa. Os movimentos são tão suaves e precisos que me acalmam, e quando ele serve o vinho num copo, sinto-me voltar ao normal.

Edward pega no prato de doces. Eu tiro um avidamente.

– São os meus preferidos – confesso, dando uma dentada deliciada num fruto de maçapão. – Costumava comprá-los todas as semanas, quando estava a tentar engordar os meus braços.

Ele sorri à minha confissão e de repente sinto-me muito deslocada do lugar, na sala de Lord Hays, com a boca cheia de pasta de açúcar.

Engulo o doce com dificuldade.

– Porque é que o senhor tem tantos livros sobre agricultura? – pergunto, levando o copo de vinho aos lábios.

– Tenho... projetos que gostaria de entender, tanto quanto possível – explica ele. – Negócios de família.

– Não sabia que os aristocratas se preocupavam com os negócios – digo, baixando um pouco o copo. – Pensei que a sua ocupação era gastar dinheiro.

Estou sem saber o que fazer com as mãos, por isso brinco com o copo de vinho.

– Nem todos os aristocratas – diz ele. Há uma súbita amargura no seu tom que me faz parar.

Mudo para um assunto em que tenho muito mais prática.

– Devo despir o meu vestido? – pergunto, pousando o copo de vinho. – Ou prefere que levante só as saias?

Ele franze um pouco a testa, mas não responde à questão.

– Quanto tempo estive em casa de Mrs. Wilkes? – pergunta.

Volto a pegar no copo de vinho.

– Pouco menos de um ano. – Começo nervosamente a bater com os pés na *chaise longue*. Não quero falar sobre Mrs. Wilkes.

Ele olha para os meus pés. Eu sigo o seu olhar e paro.

– Gostava de lá estar? – pergunta ele.

– Muito – minto.

Ele ri-se, como se se sentisse encantado com minha mentira flagrante.

– O que o traz a Londres? – pergunto, com a minha curiosidade a levar a melhor. – Se não é gastar dinheiro?

– Além dos cinco guinéus pela sua companhia? – Ele sorri. – Porque é que acha que estou aqui? – Há algo brincalhão no seu tom.

Avalio-o com cuidado. Tenho muita prática a julgar homens.

– Acho que tem algo a ver com equitação e cavalos – digo. – O senhor não é pálido e magro, de ombros franzinos, como a maioria dos lordes. Tem ar de quem passa tempo ao ar livre.

Edward considera isto.

– Em parte, está certa – diz ele ao fim de um momento. – Mas não foi o que me trouxe a Londres. Estou aqui para comprar um barco. Faço tenção de começar a importar das colónias.

– Oh. – Não sei o que dizer. Não percebo nada dessas coisas.

Ele vem sentar-se ao meu lado e tira cuidadosamente o copo de vinho dos meus dedos submissos, pousando-o.

Os olhos escuros perscrutam o meu rosto e dou por mim a olhar



para ele, incapaz de romper este contacto. À luz das velas da sua sala de estar, os altos contornos do seu rosto destacam-se nas sombras dramáticas. Mais uma vez fico impressionada com a intensidade dos seus olhos. Há uma mistura de tristeza e doçura neles.

Pergunto-me, fantasiosamente, porque estará um homem como ele a pagar por uma mulher da rua.

A mão dele move-se para me tocar no rosto.

Os meus olhos fitam os dele e por um instante eu estou a cair nas profundezas escuras do seu olhar. Então o hábito reafirma-se e o meu corpo desliza para o ritual estabelecido de me deitar com homens por dinheiro.

As minhas mãos movem-se para deslizarem ao longo da sua coxa. Ele fecha os olhos quando o acarício mais acima. Continuo esta provocação, contando o número de carícias. Depois levanto-me.

Edward abre os olhos.

– Posso usar o biombo? – pergunto, com um sorriso sedutor dançando nos lábios. – Para me despir? – Estou em terreno familiar agora e os meus receios anteriores desaparecem.

Ele assente, e os seus olhos seguem-me quando me dirijo ao biombo e desapareço atrás dele. Agora que Edward já não me pode ver, o meu sorriso esfuma-se e as minhas mãos apressam-se a desapertar o vestido.

Tiro os sapatos e arregajo as saias, estendendo uma perna nua para agradar ao meu público do outro lado do biombo. Ponho a cabeça de fora, espreitando, passando o pé descalço sedutoramente ao longo do rebordo do biombo.

Edward observa-me, de expressão sombria.

Humedeço os lábios, mantendo um ar sensual, mas trabalho rapidamente com a mão oculta para desatar o corpete e tirar a combinação.

Certifico-me de que a minha nota está bem escondida entre as roupas. Então saio de trás do biombo.

Pestanejo para ele, deixando-o absorver a minha nudez descarada.

– É muito bonita – diz Edward. Mas não faz qualquer movimento para correr para mim, como alguns homens.

– Sou sua, para fazer o que quiser – digo, aproximando-me um pouco mais.

Edward assente, aceitando isto.

– Aprendeu os seus truques com Mrs. Wilkes? – pergunta.

Alcanço-o para ficar sobre ele e sento-me no seu colo. As mãos de Edward deslocam-se para me segurar.

– Algumas coisas aprendi em casa de Mrs. Wilkes – digo, beijando-o lentamente. – Outras aprendi sozinha.

Deslizo para fora do seu colo e ajoelho-me, por isso estou agora entre as suas pernas. Ouço-o respirar.

– Talvez possa decidir por si mesmo – digo – de qual dos meus truques gosta mais.

---

<sup>1</sup> Tradução de António Simões, in «Os Dias do Amor – um poema para cada dia do ano», org. Inês Ramos, Ministério dos Livros, Lisboa, 2009. (*N. do T.*)

## CAPÍTULO 8

**A**cordo numa cama macia e confortável. E o meu primeiro pensamento é que estou de volta à casa de Mrs. Wilkes e dormi num dos quartos de hóspedes. Depois lembro-me. Estou na sala de Lord Hays. Na sua grande cama. O pensamento provoca-me uma emoção estranha.

Sento-me, absorvendo o ambiente luxuoso, o colchão alto de crina de cavalo, os lençóis de linho e o edredão de penas de pato.

*Podia habituar-me a isto*, penso comigo mesma, com um pequeno sorriso. Mas uma vez que sua senhoria não fez nenhuma sugestão para eu ficar além de uma noite, tenho de regressar a Piccadilly.

Tenho o espartilho posto e lassamente apertado. Tendo-me certificado de que a minha nota ocupa o devido lugar, volto a atenção para outras coisas.

Deslizo para fora da cama, pensando no que fazer a seguir.

Edward foi dormir para outra divisão desta grande casa. Parece que partilhar a cama não é uma atividade aristocrática. Isso é estranho para mim, depois de a ter partilhado desde que nasci, primeiro com a minha mãe, depois com amigas ou amantes.

Descalça, atravesso o grande tapete persa e abro a porta suavemente. O corredor está vazio e em silêncio, à exceção dos ruídos distantes do pessoal alguns andares abaixo. O corredor parece não ter fim, com várias portas brancas, e ocorre-me que me poderia perder neste vasto lugar.

Então ouço a voz de Edward. Parece vir de um dos quartos. Não muito longe.

Tornando-me mais ousada, passo para o corredor e sigo o som que me leva a avançar um pouco e até a uma porta que está entreaberta.

A voz de Edward provém de lá a intervalos. Ele parece estar a dar ordens, no mesmo tom confiante e educado com que se dirigiu aos criados ontem à noite.

A minha curiosidade leva a melhor e espreito pela fresta da porta.

Edward já está vestido de forma elegante, embora ainda estejamos longe das nove horas da manhã.

Espreito mais de perto para a sala e distingo outra pessoa. Edward está a falar com um homem vestido com uma opulência espetacular. A alta peruca branca está atada com fitas de seda verde – em contraste com o cabelo castanho natural de Edward, que está atado com uma fita preta.

O resto da indumentária do visitante é uma extravagância semelhante de decadência colorida: calças azuis, colete vermelho, anéis de pedras preciosas, folhos e rendas em cada abertura.

Ocorre-me logo que esta é a pessoa que emprestou o puro-sangue a Edward. É exatamente o tipo de animal vistoso que tal homem possuiria.

Em casa de Mrs. Wilkes, chamávamos «pavões» aos homens que se vestiam como este. Apesar de todos os seus atavios, normalmente eram os menos generosos e os mais problemáticos.

– Tem a certeza de que é sensato encontrar-se com o Vanderbilt?  
– diz o homem-pavão a Edward. Não gosto da voz dele. Soa gananciosa. Indigna de confiança.

Inclino a cabeça para o ver melhor. O rosto é simétrico o suficiente para ser considerado bonito. Apesar dos olhos pequenos. E ele fica muito aquém dos traços refinados de Edward e dos seus cintilantes olhos escuros.

Deve ser da mesma idade de Edward. Trinta anos, talvez.

A cabeça de Edward está inclinada, como se ele refletisse.

– É melhor eu encontrar-me com Mr. Vanderbilt nos meus

próprios termos – diz ele – do que correr o risco de o encontrar na Bolsa. Ele ferve em pouca água. Quero comprar-lhe o barco. Não bater-me em duelo com ele.

– Mas jantar – retrai-se o homem. – Um homem do mar tão rude causaria desconforto às senhoras.

Edward sorri ao ouvir isto.

– Mr. Vanderbilt pode ser de baixa condição, mas tornou-se almirante por mérito próprio. Deve ter aprendido boas maneiras para subir na hierarquia.

Há uma pausa enquanto Edward olha para o homem.

– É algo que você deve compreender bem, Fitzroy.

O homem solta um risinho desconfortável.

– Com todo o respeito, Edward, a minha própria educação foi bastante superior...

– Sim, claro – diz Edward, mas a sua voz sugere que a comparação o diverte.

– Pode organizar facilmente um jantar, com tão pouco tempo? – pergunta Fitzroy, como se estivesse a tentar investigar todas as impossibilidades.

– Já organizei – responde Edward. – Pedi a Lady Montfort. Ela vai trazer a filha.

Fitzroy solta um riso que parece um latido.

– Então vai passar a noite a defender-se de propostas de casamento de sua senhoria.

Edward levanta as mãos ligeiramente.

– Não se preocupe com isso.

A boca de Fitzroy abre-se como a de uma criança mal-humorada. Com um esforço consciente, ele esboça o sorriso de um cortesão.

– Também gostaria de estender um convite a Lord Rivers –

continua Edward.

– Talvez não tenha ouvido – diz Fitzroy. – Correm rumores de que Lord Rivers tem uma companheira que não é a mulher.

– Eu sei – diz Edward brevemente. – É por isso que quero que ele venha. Um escândalo desses vai ajudar a manter sua senhoria ocupada.

Fitzroy acena com a cabeça.

– Muito inteligente – diz, com uma aprovação relutante. – Joga bem este jogo, Edward.

– Obrigado.

Há uma ligeira pausa.

– Já decidiu quem poderá ser a sua companhia nesse jantar? – pergunta Fitzroy.

– Ainda não – diz Edward.

– Podia pensar em pedir à minha irmã – sugere Fitzroy, num tom cauteloso. – Já que um dia se vão casar, seria uma boa maneira de a apresentar...

– A Caroline será apresentada ao meu círculo social em breve – diz Edward sem rodeios, interrompendo-o.

Fitzroy baixa a cabeça, arrependido.

– Sim, claro.

Ouçõ passos na escada, muito ao fundo do corredor, e sobressalto-me. Seria terrível ser apanhada a escutar às portas, apenas de corpete e combinação.

Viro-me de repente e precipito-me pelo corredor em direção à sala de estar. Tenho um vislumbre de uma touca de governanta no patamar quando estou a fechar a porta atrás de mim.

*Será que ela me viu?* Aguardo alguns instantes com a respiração suspensa e depois suspiro de alívio.

Há uma pancada forte na porta e eu contraio-me, alarmada.

– Quem está aí dentro? – exige saber uma voz feminina aguda.

Fico sem fala. Devo responder? Não sei como me comportar em casa de um lorde. À falta de um plano melhor, apresso-me a recuperar o meu vestido e a apresentar-me decentemente.

– Anuncie-se! – ordena a voz, cada vez mais ameaçadora. O tom sugere que a governanta suspeita que há um ladrão lá dentro.

Entro desajeitadamente no vestido, puxando-o para cima. Depois aperto os laços o suficiente para o prender, num único movimento rápido.

Tenho quase tudo apertado quando a maçaneta roda e a porta se abre.

Uma governanta bem vestida entra, segurando uma galinha viva na dobra do braço. É uma mulher mais velha – diria que na casa dos quarenta. Está enfiada num vestido de seda cinzenta, com renda francesa nos punhos e à volta da touca.

Por um longo momento, olhamo-nos fixamente – ela, eu e a galinha.

Os meus olhos avaliam o seu traje fino. Cada aspeto da aparência da governanta é extremamente cuidado, desde a sua pequena figura bem proporcionada até às fivelas de prata dos sapatos impecáveis. O cabelo foi preso tão impiedosamente sob a touca que nem um único fio escapa. E embora ela vista o avental de uma criada, este é branco como a neve, como se ela o tivesse estreado esta manhã.

A galinha, ainda firmemente presa na dobra do seu braço, cacareja alto.

Apercebo-me de que devo ter um aspeto horrível. Ainda tenho a pintura da noite passada. E o rosto branco e as faces excessivamente pintadas marcam-me tão claramente como prostituta que poderia muito bem ter a palavra escrita na testa.

O vestido meio apertado corrobora isso pois mal me tapa os seios e foi feito provavelmente do tecido mais barato que esta casa alguma vez viu. Até os criados menores, nesta casa abastada, usam sedas coloridas e modestas.

Ainda estamos uma a olhar para a outra, sem termos a certeza do que fazer a seguir.

É a galinha que se mexe em primeiro lugar. Sentindo uma oportunidade de escapar, bate as asas cacarejando pela liberdade. A governanta distraída perde o controlo e solta a ave, que aterra com um salto e corre para se esconder, num turbilhão de penas.

Instintivamente mergulho para o animal que foge e solto um cacarejo suave. A ave faz uma pausa, confusa com o barulho e eu lanço-me para a frente, prendendo-a pelas patas.

Levanto-me, pondo a galinha no meu braço, murmurando uma canção da minha infância no campo para que ela pare de se mexer e não me estrague o vestido.

– Cocorocó, cocorocó, senhora galinha – cantarolo. – Não cacarejes, não cacarejes, cocorocó, para a panela, panela, panela.

A galinha contorce-se um pouco e depois instala-se com mais calma contra o meu corpo, com um último cacarejo descontente.

Olho para cima para ver a governanta a fitar-me com espanto total e atrás dela, para minha mortificação absoluta, deparo com Edward.

– Não me disse que sabia cantar tão bem – comenta ele. O seu rosto parece debater-se com um sorriso.

Eu nunca coro. Mas sinto o rosto ficar quente. Em criança fiz todo o tipo de coisas embaraçosas e como mulher tenho muitas mais razões para estar muito envergonhada. Mas de alguma forma, nada equivale à humilhação de ter Lord Hays a testemunhar a minha canção das galinhas.

– Cresci numa quinta – digo debilmente, enquanto os seus olhos



escuros me observam a segurar na ave.

– Eu lembro-me. – A sua voz soa calmíssima, mas os olhos dizem algo diferente. Como se eu o tivesse divertido imensamente.

A governanta, que parecia estar paralisada até este ponto, de repente fala.

– Eu ia levar a galinha para a cozinha, quando ouvi passos – diz.  
– Sabia que vossa senhoria estava na sala mais ao fundo e então pensei que deveria vir verificar. No caso de um ladrão ter entrado.

Tem os olhos postos em mim agora, confusa – uma emoção que me parece ser rara nesta senhora bem vestida.

Edward assume o comando, dando um passo na minha direção.

– Pode levar a sua galinha, Mrs. Tomkinson – diz ele, tirando a ave das minhas mãos submissas. Os seus olhos pousam no meu rosto, detendo-se por um momento.

Em seguida, volta-se para Mrs. Tomkinson e entrega-lhe a galinha, como se fosse a coisa mais normal do mundo. Ela segura-a habilmente em torno das asas, as mãos experientes, o rosto mostrando que ainda está a tentar descobrir o que está a acontecer.

– Esta é a Elizabeth – diz Edward, apontando para mim com a palma da mão.

Para meu espanto, a governanta faz-me uma reverência um pouco confusa. A galinha cacareja em alarme.

– Apresentei-a à Sophie ontem à noite – diz Edward suavemente.  
– Mas talvez ela se tenha esquecido de a informar.

O rosto de Mrs. Tomkinson turva-se.

– Vou chamar a atenção dessa jovem – promete.

Edward abana a cabeça.

– A Sophie pode ter pensado que era necessária alguma privacidade – diz ele. – Ela não deve ser punida.

Mrs. Tomkinson olha de Edward para mim e vice-versa.

Estou profundamente consciente da minha pintura pesada e barata, e do vestido decotado.

– Mas em todo o caso – continua Edward, como se este tipo de situação fosse perfeitamente normal –, a Elizabeth vai tomar o pequeno-almoço comigo. Gostaria que o servissem na sala de jantar.

*Eu vou tomar o pequeno-almoço com ele?*

Olho para ele interrogativamente. Edward esboça um leve movimento para mim com as mãos, sugerindo que irá explicar as coisas na devida altura.

Na posse tanto de uma galinha como de uma ordem viável, Mrs. Tomkinson parece recompor-se. Endireita-se, vestindo competência autoritária como se fosse um manto familiar.

– Sim, senhor – diz ela, fazendo-nos uma reverência perfeita e conseguindo com que a galinha se torne uma parte deliberada da manobra.

– Vou mandar as criadas pôr outro lugar na mesa – diz ela. – Miss Elizabeth irá tomar chocolate com o seu pequeno-almoço?

Pergunto-me, de repente, se ainda não acordei e tudo isto é um sonho estranho.

Edward olha para mim.

– Deve experimentar o chocolate – sugere, deduzindo pela minha expressão em branco que eu não sei qual é a resposta correta.

– Sim, por favor – digo, adotando o meu melhor tom de voz por causa de Mrs. Tomkinson. – Chocolate com o pequeno-almoço seria um prazer.

## CAPÍTULO 9

**A**guardo que Edward me explique por que razão deseja que compareça à mesa do pequeno-almoço. Em vez disso, ele aconselha-me a fazer a minha *toilette* e deixa-me sozinha na sala. Como não sei o que isso significa, sento-me nervosamente na *chaise longue*, puxando um fio solto do meu vestido.

Encontro-me num dilema quanto aos motivos de Edward. Talvez ele me queira ver novamente, embora não tenha ilusões de que possa estar interessado num acordo a longo prazo. Uma mulher como eu dificilmente se podia tornar sua cortesã. Coisas assim não acontecem a prostitutas em vestidos baratos. Primeiro teria de me estabelecer a um nível muito mais alto do que o que ocupo agora.

Mordo o lábio, perdida em pensamentos. Pode ser que ele simplesmente tenha pena da minha pobreza. Que me ofereça uma refeição por caridade. Ou talvez seja algum truque para me enganar e não me pagar. Porque ele ainda não me pagou os cinco guinéus.

Uma batida na porta distrai-me dos meus pensamentos de ruína. Levanto-me, esperando ver Edward. Porém, em vez disso, entra uma criada. A mesma que trouxe o vinho na noite passada. Sophie, se bem me lembro.

Ela abre a porta com cautela, e mais uma vez eu tenho a sensação de ver uma menina pequena, ataviada em roupas finas de adulto.

– Olá, Sophie – digo.

Os seus olhos arregalaram-se e percebo que ela não está provavelmente habituada a que os estranhos se lembrem do seu nome. Do que me recordo da casa de Mrs. Wilkes, os aristocratas têm uma capacidade fantástica para ignorar aqueles que estão ao seu serviço.

– Sua senhoria, Lord Hays, pensou que gostaria de fazer a sua *toilette* – diz Sophie. A voz trémula esforça-se para adotar um tom

oficial.

Concordo com a cabeça vagamente.

Sei que as senhoras fazem tais coisas, mas não tenho noção do que significa.

– Claro – digo, esperando que a minha voz não traia a minha ignorância.

Ela solta um suspiro de alívio e vira-se para o corredor.

– Sua senhoria gostaria que trouxessem a bacia – anuncia ela.

Abro a boca para corrigir o título, mas volto a fechá-la, insegura.

Para meu espanto, três criadas ainda mais exuberantemente vestidas entram, transportando uma grande bacia de porcelana, um jarro, um comprido espelho dourado e várias caixas de prata laboriosamente trabalhada numa bandeja de prata a condizer.

Aproximam-se de uma pequena mesa, perto de onde eu estou sentada. Assisto, fascinada, enquanto as raparigas trabalham habilmente, colocando os artefactos como num ritual pré-estabelecido, cada um na posição correta.

Finalmente, depois de uma série interminável de pequenos movimentos hábeis, água fumegante é deitada do jarro e pétalas de rosa são espalhadas na bacia.

– Por favor, sente-se – diz Sophie, apontando para uma cadeira confortável ao lado da bacia de água. Levanto-me e sento-me, tal como solicitado, desejando saber o que me espera. Tenho lembranças nebulosas de que as senhoras são lavadas pelas suas criadas e receio falhar algum protocolo.

Sophie mergulha um pano de linho branco na bacia, torce-o e, em seguida, aproxima-o do meu rosto. Passa-o suavemente na minha testa e pelas faces. Depois, repete o movimento, removendo a minha pintura facial branca espessa e o *rouge*.

A água quente é calmante e eu fecho os olhos enquanto ela massaja o meu rosto com o pano. A água na bacia turva-se à

medida que Sophie trabalha.

Torce o pano com um movimento de satisfação final e acena para uma criada, que segura o espelho comprido.

Olho para o meu rosto no espelho, sentindo-me vulnerável sem a minha armadura de maquilhagem. Uma prostituta pode tomar liberdades com certas maneiras e regras de etiqueta social. Mas as pessoas esperam com certeza maneiras desta rapariga de rosto fresco no espelho, maneiras que eu não possuo.

– Obrigada – digo a Sophie. Ela parece surpreendida e acena com a cabeça em resposta.

Outra criada dá um passo em frente com duas pequenas caixas de prata. Abre-as e estende-as na minha direção. Lanço um olhar a Sophie, hesitante. As caixas parecem ter um tipo de gordura no interior.

– Deseja perfume de rosas ou bergamota? – pergunta Sophie, registando a minha confusão e vindo em meu auxílio.

– Rosas, por favor – digo, optando pela palavra mais familiar.

Sophie inclina-se para a frente para aplicar o perfume no meu pescoço.

– Vamos prender o cabelo? – pergunta.

Aceno, lançada novamente num ritual que não compreendo totalmente.

Uma criada avança com uma das caixas de prata. Abre a tampa para revelar uma série de fitas de seda, rendas delicadas de comprimentos diferentes e penas coloridas.

– De qual gostaria, senhora? – pergunta Sophie.

– Oh – digo, sentindo-me demasiado ridícula para continuar com esta mentira em particular. – Eu não sou uma senhora. – Sorrio para elas. – Podem chamar-me Lizzy – acrescento.

As criadas parecem ao mesmo tempo satisfeitas e

desconcertadas com isto. Sophie é a primeira a tentar.

– Como gostaria de usar o cabelo, Miss Lizzy?

– Não estou habituada a tais adornos – confesso. – Talvez possa selecionar algo para mim.

Sophie mostra-se satisfeita com esta oportunidade.

– Com certeza, Miss Lizzy.

Apanha um punhado do meu cabelo castanho e deixa-o cair por entre os dedos com admiração.

– Acho que rendas francesas – decide. – Os seus caracóis são tão bonitos que quase não precisam de ornamentos.

Não sei o que dizer a isto, portanto sorrio agradecida e fico em silêncio. Parecendo não necessitar de resposta, Sophie e as outras raparigas começam a trabalhar no meu cabelo, prendendo e torcendo.

Terminam rapidamente e o espelho é virado para mim para que eu aprobe. Os meus olhos arregalam-se ao verem a minha nova aparência.

– Não ficou muito bem – desculpa-se Sophie –, pois não temos cabeleireiro nem perucas para torná-lo adequado. Mas penso que está apresentável.

– Saiu-se muito bem – asseguro-lhe, virando a cabeça para ver tudo.

O meu rosto é enquadrado por uma nuvem alta de cabelo, ornamentada com rendas requintadas. Dois cachos espessos caem livremente sobre cada ombro. O arranjo geral faz sobressair os meus olhos castanhos e torna a minha boca larga mais proeminente.

Não é elaborado, como as senhoras muito finas arranjam o cabelo. Mas é muito melhor do que costumo ter. Pareço a filha de um comerciante, decido, ou uma debutante da província.

Solto a respiração. Percebo, com o coração apertado, que o meu

vestido barato parece destoar ainda mais dos meus caracóis penteados com habilidade.

Sophie e as criadas começam a arrumar a *toilette*, com a mesma destreza segura com que a dispuseram. Em seguida, saem da sala e deixam-me sozinha, e ainda mais ansiosa do que estava antes.

Levanto-me, roendo uma unha e passando o dedo sobre a minha nota de banco especial enfiada no meu corpete.

*Tu consegues fazer isto*, digo a mim mesma. *Podes tomar o pequeno-almoço na sala de jantar de um lorde. Lembra-te dos ensinamentos de Mrs. Wilkes.*

Antes que me possa pôr num verdadeiro estado de terror, há outra batida na porta.

– Entre – digo distraidamente, rezando para que não haja outro ritual aristocrático assustador que tenha de suportar.

A porta abre-se silenciosamente e Edward entra. Sinto-me engolir em seco, alarmada com os pensamentos repentinos que a sua presença invoca.

Ontem à noite foi... trabalho. Então porque é que o meu coração começou a bater mais depressa?

Estou abruptamente ciente de quão ridícula devo parecer. Uma prostituta disfarçada de dama.

– Assustei-a? – pergunta ele, e eu percebo que o meu rosto deve revelar toda a minha ansiedade.

– Sim – admito, com estranheza.

– Um rosto lavado assenta-lhe melhor – observa ele. – E o seu cabelo está muito bonito.

Lanço-lhe um sorriso incerto.

Os seus olhos detêm-se na parte superior do meu vestido. E percebo que ainda estou a apalpar a minha nota.

– O que tem aí? – pergunta ele.

– Nada. – Esboço um sorriso falso para disfarçar o meu desconforto e retiro rapidamente a mão do meu espartilho.

O rosto de Edward fica tenso e eu percebo que o meu gesto pareceu culpado. Como se eu estivesse a esconder algo.

– Tirou alguma coisa desta sala? – pergunta. Parece desapontado.

O horror estampa-se no meu rosto.

– Não! Eu... – Estou demasiado ofendida para conseguir falar. Edward aproxima-se de mim.

– Não sou ladra – digo com veemência, desconcertada agora pela sua proximidade. – Nunca roubei. Nem quando quase morria de fome e não tinha onde dormir.

A mão dele pousa no meu espartilho e antes de eu perceber o que está a acontecer, os dedos de Edward fecham-se sobre a minha nota.

– O que esconde aqui? – pergunta, puxando-a para fora antes que eu o possa deter. – O que é isto? – Faz uma pausa, estudando-a. – Uma nota – diz, mais para si mesmo do que para mim.

Eu tiro-lha das mãos.

– É dinheiro que eu ganhei, quando vim para Londres – digo, voltando a enfiar a nota dentro da roupa, com raiva. – Não é da sua conta.

Edward parece que está a compreender algo.

– Não gastou o primeiro dinheiro que ganhou como prostituta? – pergunta.

– Não é da sua conta – repito. – Não tem o direito de me acusar de roubo.

Para minha vergonha, os meus olhos encheram-se de lágrimas. Mas também estou furiosa. Como ousa ele pensar que sou uma ladra?



Levanto a mão, com a intenção de começar a puxar as fitas de cabelo ridículas. A mão de Edward fecha-se no meu pulso.

– Por favor – diz ele, e os seus olhos escuros estão cheios de remorso. – Desculpe-me. Lamento ter duvidado do seu carácter.

Ficamos ali, eu com a mão a meio caminho da cabeça, ele a sustê-la delicadamente com os seus dedos.

Lentamente, deixo-o afastar o meu braço do cabelo. Na verdade estou um pouco surpreendida com a sinceridade do seu pedido de desculpa.

– Por favor – repete ele. – Tome o pequeno-almoço comigo. Permita-me compensá-la. Foi errado da minha parte julgá-la. É só que... – Faz uma pausa, ainda com a mão a segurar o meu braço. – Normalmente sou bom a julgar essas coisas – conclui finalmente, com uma expressão no rosto que sugere que já viu o pior da natureza humana.

– Bem – digo, a fúria esvaindo-se um pouco –, o senhor não deve julgar tão rapidamente. Só porque uma mulher ganha a vida de uma certa maneira não significa que não tem qualquer moral.

Ele parece bastante comovido com isto.

– Não – murmura, como se pensando em algo completamente diferente –, suponho que não.

Edward liberta o meu pulso.

Os seus olhos percorrem-me o rosto e os seus lábios estão a centímetros dos meus. E quando penso que se prepara para me beijar, ele vira-se e sai da sala.

## CAPÍTULO 10

É Mrs. Tomkinson, não Sophie, quem chega para me conduzir à sala do pequeno-almoço. E percebo que ela faz um grande esforço para ser delicada comigo. Os olhos demoram-se no meu vestido barato, a boca forma uma linha severa e direita. Como se eu fosse uma afronta pessoal ao seu belo lar.

Sigo-a, mantendo o meu rosto insolentemente feliz quando ela abre a porta e me indica que entre.

Uma mesa muito comprida foi preparada com um lugar em cada extremidade. O espaço entre eles está salpicado de vários recipientes e pratos de uma luxuosa baixela em prata.

Edward ocupa a ponta mais distante da mesa. Sorri para mim.

– Que mesa tão comprida! – anuncio em voz alta e deliberadamente comum, para espicaçar Mrs. Tomkinson. – Não conseguirei ouvir uma palavra que o meu doce Edward diga.

Em vez de me sentar no lugar atribuído, encaminho-me para o fim da mesa e empoleiro-me numa parte vazia da superfície de mogno, ficando quase no colo de Edward.

O rosto de Mrs. Tomkinson revela alarme e o seu corpo fica tão tenso que ela quase treme.

Edward reprime um sorriso. Inclina a cabeça muito ligeiramente para a cadeira na outra extremidade. Um lacaio precipita-se para a frente, ergue-a e leva-a para o lugar que acabei de escolher, ao lado de sua senhoria. Outro criado põe o lugar na mesa para mim.

Mrs. Tomkinson inclina-se para a frente, carrancuda, e endireita uma chávena.

– Obrigado. Podem deixar-nos – acrescenta Edward, dirigindo-se a todos os criados.

Eu deslizo da mesa para o meu novo lugar.

Os criados retiram-se de forma silenciosa e quando a porta se

fecha, Edward ergue uma sobrancelha para mim.

– Foi mais forte do que eu, não consegui conter-me – admito.

– Talvez devesse tentar – comenta ele. Mas não há qualquer censura na sua voz.

Dou-me conta de que algo cheira deliciosamente.

– Já tomou chocolate antes? – pergunta Edward, seguindo o meu olhar e apontando para um pequeno jarro de prata, de onde sai vapor, com uma vara de arames ornamentada ao lado.

– Não. – Abano a cabeça, olhando para a boca do jarro.

Ele sorri perante o meu interesse e inclina-se para frente, pegando na vara de arames e batendo o conteúdo do jarro até ficar com espuma. Em seguida, verte um líquido escuro para uma chávena de porcelana fina. Passa-ma e eu pego nela com todo o cuidado.

O cheiro é divinal. Bebo um gole e os meus olhos fecham-se à medida que o chocolate doce se espalha na minha língua. Abro os olhos e descubro que Edward parece estar a estudar o meu rosto. Pouso a chávena, embaraçada.

– É muito bom – exclamo. – Delicioso.

Ele não diz nada, apenas olha para mim com um sorriso amável.

– Não toma chocolate? – pergunto, reparando que ele não tem comida nem chávenas diante dele.

Edward abana a cabeça.

– Levantei-me muito cedo para começar os meus afazeres de hoje – explica. – Já tomei uma grande quantidade de chocolate. É algo que tenciono começar a importar.

– Chocolate das colónias? – adivinho, reunindo o que sei acerca dele.

Edward inclina ligeiramente a cabeça.

– Então vai negociar no comércio de escravos? – pergunto.

Ele franze o sobrolho ao ouvir isto.

– Não. O meu barco vai transportar armas e ouro para África. Esse dinheiro vai comprar escravos para enviar para a América. Em seguida, a América vai enviar-me bens em troca. Café, chocolate. Bens dessa natureza.

– Mas ainda assim vai negociar em escravos – indico, interrogando-me se ele tem alguma posição moral sobre o assunto. Fala-se muito agora de tornar a escravatura ilegal.

– Não diretamente – diz ele. – O meu objetivo principal é arranjar um barco a um bom preço. Isso vai garantir-nos bons lucros.

– Mas porque se deveria preocupar com os lucros? – pergunto, tomando outro gole de chocolate. – É um lorde rico.

Não é o tipo de pergunta que uma senhora deva fazer. Mas ele não parece importar-se.

– Infelizmente – diz –, o meu pai não era o melhor guardião da riqueza da família.

– Ah – digo, compreendendo. – Então o filho tenta compensar a má gestão do pai.

– Sim. – Ele parece satisfeito com a minha avaliação despreocupada da sua situação. – Em todo o caso – acrescenta –, a minha situação financeira trouxe-me a Londres. E também pode envolvê-la a si.

Engasgo-me com o último gole de chocolate.

– A mim?

Ele entrega-me um guardanapo.

– Sim. – Os seus olhos estão postos nos meus. Limpo a boca com pancadinhas inseguras.

– O que é que deseja de mim? – pergunto, ponderando se

haverá alguma parte ilegal dos seus planos em que ele deseje envolver-me.

– Preciso de uma acompanhante – diz simplesmente.

– Uma acompanhante. – Repito as palavras lentamente, tentando dar-lhes sentido.

Ele acena com a cabeça.

– Preciso de fazer negócios em Londres. Isso envolve receber convidados para jantares, frequentar bailes. Se eu for sozinho, vou ser assediado por mulheres casamenteiras que me querem arranjar uma esposa.

– Não deseja casar? – pergunto, pensando na conversa que ouvi.

– Por enquanto, não.

– Mas uma mulher rica não lhe iria trazer mais dinheiro do que um bom barco?

– Para já não tenciono casar – diz ele.

Franzo o sobrolho, tentando perceber as coisas. Talvez o seu noivado seja um arranjo informal.

– Porque não utilizar uma cortesã? – pergunto, pensando nas belas mulheres que acompanham os homens ricos.

Ele abana a cabeça.

– São todas bem conhecidas. E as senhoras da sociedade não participarão num evento com uma cortesã.

– Então uma debutante – sugiro. – Uma jovem bonita.

Edward abana a cabeça.

– Isso é muito complicado. Uma menina da sociedade vem com a respetiva mãe. Uma mãe significa todo o tipo de problemas.

Engulo em seco.

– Gostaria que eu fosse a sua acompanhante, a troco de

dinheiro?

Ele esboça um pequeno aceno com a cabeça.

– Durante uma semana – explica. – Não mais. Ao fim desse tempo, o meu negócio em Londres estará concluído e vou voltar para a minha propriedade na província.

– Quer que eu... me mascare? – digo, procurando as palavras. – Mas de quê?

A ideia de me fazer passar por bem-nascida enche-me de medo.

– As pessoas vão ser demasiado educadas para questionar quem você é ao pormenor – diz Edward. – Vou dizer-lhes que é uma parente distante e uma herdeira da província. Contanto que as suas roupas sejam adequadas, os seus modos não terão importância.

– Quanto é que me vai pagar? – pergunto sem rodeios, decidindo que o dinheiro será o elemento persuasor.

– Trinta e cinco guinéus – responde Edward sem problemas. – Cinco guinéus por dia, durante sete dias.

Quase fico sem fôlego. É uma grande soma de dinheiro. Uma grande, grande soma de dinheiro.

– Deseja que eu participe em eventos da sociedade – digo lentamente. – Jantares, bailes. Coisas dessa natureza.

Ele acena com a cabeça.

– Então terá de me pagar mais de trinta e cinco guinéus – digo. – Não compra apenas a minha companhia. Eu terei de atuar perante outras pessoas para fazer parte da sua farsa.

– Quanto pediria então?

– Setenta – atiro, dobrando o preço.

Ele avalia-me friamente por um instante.

– Quarenta – diz. – Não mais.

Engulo em seco.

– Cinquenta é o meu número da sorte – respondo, usando as habilidades de negociação de Piccadilly.

Edward ri-se.

– Cinquenta será. – Estende a mão e eu aperto-lha, ainda a recuperar do choque.

*Cinquenta guinéus!*

Mal posso acreditar. A quantia é suficiente para deixar Piccadilly. Para alugar bons aposentos. Para comprar um vestido bonito. Se gerir o dinheiro corretamente, poderei arranjar um pretendente rico dentro de um ano. O meu sonho de um rendimento independente poderia tornar-se realidade.

– Cinquenta guinéus – murmuro, com a minha mão mole na da Edward. – Cinquenta guinéus. – Sorrio. – Minha Nossa Senhora.

Edward levanta-se.

– Volto esta noite e vamos jantar com alguns convidados.

– Jantar? – A minha ansiedade atinge um novo pico.

– Não é um jantar formal – tranquiliza-me ele.

Engulo em seco, decidindo trabalhar no duro para ganhar os meus cinquenta guinéus. Afinal, recebi algum treino nas maneiras da pequena nobreza.

Depois os meus olhos caem no meu vestido.

– Sim – diz Edward, seguindo o meu olhar. – Vai precisar de arranjar um vestido. Vou deixar uma bolsa de dinheiro para si – acrescenta como uma reflexão tardia. – Conterá os seus cinco guinéus por ontem à noite e mais para a indumentária.

Sinto um arrepio de entusiasmo. O nosso arranjo está a ficar cada vez melhor. Com um vestido para disfarçar as minhas origens humildes, posso manter a calma e passar despercebida. Porque sei que fico muito bem com as roupas certas.

– O seu desejo é uma ordem – digo, citando *As Mil e Uma*

*Noites*, pois sei que ele vai entender a referência.

– Por cinquenta guinéus, vou esperar mais de três desejos –  
responde ele.



## *CAPÍTULO 11*

**E**dward saiu e deixou-me uma bolsa de dinheiro, como prometido. Abro-a com cuidado, mal acreditando na minha sorte. No interior há mais dinheiro do que ganhei num mês em casa de Mrs. Wilkes.

O sorriso que se tornou fixo na minha cara desde que selámos o acordo, torna-se ainda maior.

Então lembro-me de Kitty. Preciso de lhe explicar as coisas. E de lhe enviar dinheiro.

Depois de pensar por alguns instantes, decido pedir ajuda a Sophie.

Vagueio pelos corredores intermináveis e depressa a encontro a arrastar um pesado saco de batatas pela porta das traseiras.

– Vá, deixe-me ajudá-la – digo, dando um passo para pegar no saco.

Ela parece aterrorizada.

– Por amor de Deus, Sophie – digo. – Olhe para o tamanho. Nunca vai conseguir levar o saco para dentro sem o abrir.

Sem esperar pela resposta, pego na outra extremidade do saco.

– Obrigada – aquiesce Sophie, com o seu pequeno rosto vermelho e suado. – Normalmente levam as batatas para baixo, mas têm um novo moço que faz as entregas e ele esqueceu-se.

Acomodo o saco de batatas facilmente na minha anca, como se faz nas quintas. Sophie vacila para a frente, debatendo-se com o fundo do saco.

– Quero enviar uma mensagem a uma amiga em Piccadilly – explico. – Aqui há serviço de recolha do correio?

– Não – responde Sophie. – Sua senhoria utiliza criados para enviar as mensagens. Eu deveria ter percebido isso. Claro que um

lorde teria um criado de libré para enviar mensagens.

– Mas eu posso pedir para enviarem uma mensagem – acrescenta Sophie.

– Pode? – peço com gratidão.

Ela acena com a cabeça, ainda a debater-se com o peso do saco.

– Preciso de enviar dinheiro – digo. – Será seguro?

Sophie parece chocada.

– Claro, Miss Lizzy – consegue dizer, atacando o último degrau da cave.

Agora que chegámos ao fundo da escada, ela indica uma pilha de sacos semelhantes. Viro-me para a pilha.

– Para onde deve ir a mensagem? – pergunta ela.

– Para Kitty French, no número setenta e três de Piccadilly.

– Vou tratar disso imediatamente – acrescenta Sophie, quando pousamos o saco no chão. – O que deseja que lhe digam?

– Apenas que é algum dinheiro da parte de Elizabeth Ward. E que estou em segurança e volto dentro de uma semana – digo.

Sophie acena com a cabeça lentamente, memorizando as palavras.

– Será feito – diz.

– Obrigada. – Sorrio para ela. Tiro a bolsa de Edward e dou-lhe três dos cinco guinéus que ganhei na noite passada. O suficiente para pagar a renda e manter o credor de Kitty longe um pouco mais de tempo. Já decidi enviar mais dinheiro, se o acordo funcionar. Assim Kitty poderá pagar o vestido e, finalmente, ver-se livre de Mrs. Wilkes.

– Pode certificar-se de que lhe é entregue diretamente? – pergunto, com medo de que um dos amigos obscuros de Kitty embolse o dinheiro.

– Tem a minha palavra, Miss Lizzy – promete Sophie. – Vou garantir que o dinheiro lhe chega às mãos.

Depois de ter resolvido o problema de Kitty, a minha mente volta aos meus próprios assuntos.

*Um vestido de seda. Sapatos novos e luvas a condizer.*

É tudo tão empolgante. Já decidi a cor e o estilo.

Mas a situação também me apresenta um problema. Vim do campo quase direta para a casa de Mrs. Wilkes. Não faço a mínima ideia de como encontrar boas costureiras na cidade.

Medito sobre o problema. Afinal de contas, estou em Mayfair, decido. Vou sair para a rua e procurar o tecido certo por mim mesma. Deve haver dezenas de lojas elegantes para senhoras nesta parte da cidade.

Saio sorrateiramente de casa, evitando Mrs. Tomkinson, que tenho a certeza de que faria alguma observação. Mas é muito mais difícil do que eu pensava encontrar um lugar para mandar fazer um vestido. Mayfair parece não ter nenhum.

Passei a maior parte da manhã à procura, mas não vejo nada que se assemelhe a uma costureira. Estou a tentar pensar para onde ir a seguir, porque só conheço costureiras baratas. Considero alargar a minha busca a Westminster, quando vejo um bedel da cidade a aproximar-se de mim. Os bedéis policiam as ruas, por isso, este deve ser capaz de me ajudar.

– Bom dia, senhor – digo, quando ele se aproxima. É um homem atarracado, com uma barba cerrada e olhos pequenos e malévolos que parecem fitar-me cheios de escárnio.

– O que estás a fazer em Mayfair, rapariga? – pergunta, olhando significativamente para o meu vestido barato. Engulo em seco, tentando manter a dignidade. Afinal, tenho uma bolsa cheia de dinheiro comigo.

– Ando à procura de um vestido para comprar – respondo.

– Este não é o lugar para o teu tipo – diz ele. – É melhor ires para Cheapside.

Abano a cabeça, com o sangue a começar a martelar-me nos ouvidos.

– Eu tenho dinheiro – gaguejo. – Estou aqui para comprar seda.

– Cheapside é o lugar para ti – repete o bedel. – Agora é melhor parares de vaguear por estas ruas, rapariga. Antes que eu te vergaste por exerceres o teu comércio sujo.

– Eu... – Abro a boca e fecho-a novamente, sem palavras. Em Piccadilly, com a minha pintura na cara, estou pronta para qualquer observação cruel. Mas o veneno do homem apanhou-me de surpresa.

Pestanejo para afastar as lágrimas de vergonha que me picam os olhos e, sem uma palavra, desvio-me do bedel e afasto-me.

Regresso à grande casa de Edward a arder de vergonha. Falhei completamente. Nem sequer fui capaz de comprar um vestido para esta noite, e fui enxotada das ruas como uma prostituta de sarjeta.

Há muito tempo que não sentia uma dor tão profunda. E custa-me que a carapaça de defesa para a qual trabalhei tão arduamente seja perfurada com tanta facilidade.

O vestíbulo está vazio quando entro e dirijo-me rapidamente para a escada, com um plano vago de regressar à sala.

– Elizabeth!

A voz aguda chama-me e, ao virar-me, deparo com Mrs. Tomkinson.

O meu ânimo afunda-se.

– O que foi? – respondo. O dia doloroso por que passei torna o meu tom áspero.

– Venha comigo – ordena Mrs. Tomkinson, deixando claro que não tem ilusões de que eu sou uma senhora.

Quando hesito, Mrs. Tomkinson pega-me no braço e conduz-me, com solicitude excessiva, até uma pequena sala de recepção. Fecha a porta e, com um gesto, indica-me que me sente.

– O que quer de mim? – exijo saber, afundando-me numa cadeira, mal-humorada.

Mrs. Tomkinson permanece de pé.

– Ouvi dizer que sua senhoria quer fazer de si uma convidada – diz.

Eu considero o rosto dela, recusando-me a responder. Tem traços morenos, uma aparência estrangeira, quando a observamos de perto. Interrogo-me vagamente se terá vindo de um lugar distante. Não há nenhum indício no seu sotaque.

Mrs. Tomkinson suspira perante o meu silêncio.

– Esta é uma boa casa, para uma boa família – começa ela. – O que sua senhoria faz só a ele diz respeito. Mas eu não gostaria de ver o bom nome manchado.

Mantenho os olhos fixos no chão.

– Sua senhoria não deixou nenhuma instrução a respeito do seu estatuto nesta casa – continua. – Tem alguma coisa para me dizer que possa impedir os criados de bisbilhotar?

Fico em silêncio, sem ter a certeza do que ela está a perguntar.

– Vou dizer aos criados que é a filha de uma família da província – continua ela, depois de um momento. – Eles nasceram todos em Londres e se usar de boas maneiras, a ilusão pode pegar.

Olho para cima, e vejo que ela me observa firmemente, como se me achasse incapaz de dominar este disfarce em particular.

– Mas o seu vestido é muito barato. Ninguém vai acreditar que é alguém se insistir em usar uma vestimenta tão vulgar.

Este último insulto dá-me novo alento.

– Então diga-me onde posso mandar fazer um vestido em

Mayfair! – grito, exasperada. – Porque não há costureiras e não há vendedores de tecido.

Mrs. Tomkinson parece atónita.

– Foi à procura de uma costureira em Mayfair?

– Sim. E tenho os pés doridos de tanto procurar.

Não lhe conto sobre o bedel.

– Edward, sua senhoria, quer que eu tenha um vestido para o jantar – acrescento, com lágrimas de desespero a surgir. – Mas eu não possuo nenhum e não há tempo para mandar fazer um.

Para minha surpresa, o rosto de Mrs. Tomkinson suaviza-se.

– Os homens não sabem nada dessas coisas – diz ela. – Existem apenas algumas costureiras em Londres que poderiam realizar tal façanha num dia. E não se poderia esperar que a *Elizabeth* as conhecesse.

Abana a cabeça, pousando os olhos na minha figura, mais uma vez a julgar a minha inadequação.

– Sophie! – chama ela.

Sobressalto-me na cadeira, pensando que me vai expulsar desta casa.

A porta abre-se quase instantaneamente. Percebo que Sophie deve ter estado a ouvir do lado de fora. Suponho que isto deve ser um acontecimento raro para os criados.

– Se quer pôr-me na rua... – começo.

Mas Mrs. Tomkinson corta-me a palavra, falando com Sophie.

– Tenho uma tarefa melhor para ti do que escutar às portas – diz ela com sarcasmo.

– Sim, minha senhora. – O rosto de Sophie tem um ar culpado.

– Vai ao quarto amarelo – ordena Mrs. Tomkinson. – Há lá alguns vestidos que foram deixados pela sobrinha de Mr. Erwing quando ela

cá esteve da última vez. Traz-me o de seda roxo.

Sophie faz uma medida e sai.

Mrs. Tomkinson olha-me novamente.

– Eu acho que lhe deve servir – decide. – A Elizabeth é alta, por isso, a saia pode ficar um pouco curta. Mas a senhora era magra e tinha boa figura. Acho que o vestido vai ficar bem.

Quando compreendo o que Mrs. Tomkinson propõe, sou acometida por um novo ataque de lágrimas.

– Eu... – Tento responder, mas há um nó perigoso na minha garganta. – Obrigada – consigo dizer. – Do fundo do coração.

Mrs. Tomkinson acena com a cabeça e eu sinto uma onda de gratidão por ela.

– Não precisa de me agradecer, menina – murmura ela. – Primeiro vamos ver se é capaz de se sair bem a usar semelhante peça de vestuário.

## CAPÍTULO 12

**A** pesar de toda a sua desaprovação e de me espetar os dedos, noto que Mrs. Tomkinson sente orgulho quando me examina com o vestido emprestado.

– Fica-lhe muito bem – admite, acenando de satisfação. E percebo que isso é um grande elogio, vindo dela.

– Não está muito decotado na frente? – pergunto, puxando nervosamente o sítio que me descobre o busto.

Ela nega com a cabeça.

– Quanto mais sumptuoso o vestuário, mais pode exibir sem se tornar vulgar. Tem muita beleza a jogar a seu favor. Nós, as mulheres, devemos apelar aos nossos pontos fortes.

– O que envolverá o jantar de hoje à noite? – pergunto.

– Imenso trabalho duro para mim – diz ela, inclinando-se para me arranjar a bainha.

Eu sorrio.

– Haverá baile?

– Sim. Dança francesa – acrescenta Mrs. Tomkinson. – Levei toda a manhã a encontrar os músicos.

O desânimo estampa-se no meu rosto.

Mrs. Tomkinson levanta o olhar do sítio onde mexe na bainha.

– Não sabe dança francesa? – adivinha.

Abano a cabeça frouxamente, sentindo-me esmagada. Mrs. Wilkes ensinou-nos danças inglesas para lordes de idade avançada.

Mrs. Tomkinson levanta-se e enche as bochechas de ar com um suspiro. Avalia-me por um longo momento.

– Conhece a dança inglesa? – pergunta.



Aceno com indiferença.

– Sabe dançar bem? – exige saber.

Encolho os ombros.

– Foi-me dito que sim. – Não vale a pena ser modesta. O meu talento não me ajuda aqui.

– Venha comigo.

Mrs. Tomkinson leva-me para o grande salão de baile da casa, onde há um cravo.

– Os músicos ainda não chegaram – diz ela. – Teremos de cantar. Isso não deve ser difícil para si – acrescenta, e eu percebo que ela se refere à minha canção da galinha.

– A senhora ensinar-me-ia as danças? – pergunto, cheia de gratidão. – Acha que eu posso aprender os passos?

– Depende se aprende depressa – diz ela. – A dança francesa é complicada. Mas se for uma boa dançarina, então pode ser capaz de aprender o suficiente para se desenvencilhar. A Sophie será a sua parceira – acrescenta. – A rapariga passa metade do tempo a assistir às danças, quando deveria estar a trabalhar. Ela sabe os passos.

Eu aceno, mordendo o lábio.

– Obrigada – digo em voz baixa.

– Tem de se livrar dessa atitude – diz Mrs. Tomkinson. – Não vai aprender nada com essa modéstia. – Franze o sobrolho. – Mantenha o rosto sério – ordena. – Ponha-se direita. Tire partido da sua boa figura e mostre-a.

Mrs. Tomkinson examina-me de forma crítica.

– A Elizabeth é muito bonita – acrescenta, sem sentimento. – As pessoas vão estar a olhar para o seu rosto e não para os seus pés. É bem capaz de as enganar.

## CAPÍTULO 13

**E**stou tão nervosa que a longa preparação para a noite termina antes de eu perceber. Sophie e um exército de criadas reúnem-se à minha volta, apertando-me o vestido e ornamentando a minha figura.

Animadas pelas instruções de Sophie, as raparigas passaram umas boas duas horas a fixar os meus caracóis no alto da minha cabeça. Tenho assim o meu primeiro vislumbre do peso que as senhoras carregam sobre a cabeça.

Sinto-me muito grata pela ajuda delas e mal sei como o expressar. Mas as criadas parecem ter um prazer tranquilo em arranjar-me para o jantar.

Quando a hora do regresso de Edward se aproxima, desço a escadaria larga e espero ansiosamente na sala. Os músculos do meu pescoço endurecem sob o peso do meu penteado alto.

Todos os criados estão agora numa azáfama, correndo para trás e para a frente entre a cozinha e a sala de jantar, cuidando de todos os preparativos.

Observo Mrs. Tomkinson a dirigir-se para a cozinha.

– Vamos servir três tipos de vinho antes do jantar – anuncia ela a um criado que passa. – Um bordéus, um borgonha e o Haut-Brion engarrafado. Decantem-nos e ponham-nos prontos.

– Bridget! – sopro quando ela passa a correr.

Mrs. Tomkinson para, reparando em mim pela primeira vez.

– Bem – diz, expirando –, parece mesmo uma senhora. – Dá um passo em frente, mexendo-me e ajustando-me um pouco o vestido.

Depois pega-me no rosto aterrorizado e dá estalidos com a língua.

– Respire devagar, ponha-se direita e sorria – aconselha.

De repente, ouço a voz de Edward.

– Temos uma convidada, Mrs. Tomkinson? – Ele parece confuso.

Viro-me e o seu rosto parece inexpressivo, antes de ser tomado pelo reconhecimento.

– Elizabeth? – A sua expressão é de um espanto deliciado.

Eu sorrio, insegura. Ele dá um passo em frente, observando-me. Então, como se caísse em si, recua um passo e faz uma vénia.

– Sou indigno de tal beleza e graça – diz, dirigindo as palavras para os meus pés.

Sorrio e ele endireita-se, oferecendo-me o braço.

– Os nossos convidados irão chegar em breve – anuncia Edward.  
– Concede-me a honra de se juntar a mim na sala de receção? Está linda – acrescenta. Há tanto calor na sua voz que dou por mim a sentir-me envergonhada.

Pouso a mão no braço dele, permitindo-lhe que me conduza.

– Senhor, teria muito gosto – respondo.

Deslizamos juntos. E só por um momento, sinto-me como uma verdadeira senhora.

## CAPÍTULO 14

**E**dward leva-me para uma sala ricamente decorada no piso térreo. Nunca antes estive ali dentro, apesar de ter tido um vislumbre a partir da rua, quando me escapuli para tentar encontrar uma costureira, e achei-a muito bonita.

A sala domina a parte da frente da casa, com enormes janelas de guilhotina. As paredes têm painéis debruados a folha de ouro até ao teto alto, com cornijas elaboradas.

Os criados trabalharam arduamente aqui e toda a sala tem um ar limpo e decorado.

A enorme lareira de mármore está adornada com faixas de seda, embora nenhum lume tenha sido aceso, uma vez que está uma noite de verão amena. O grande lustre de cristal foi enfeitado com velas cintilantes e muitas mais ardem dos lados da sala.

Um tapete persa colorido foi batido e escurpulosamente limpo e os móveis de madeira artisticamente talhada foram encerados até à exaustão.

– Explique-me a razão deste jantar – peço, esperando que algo me distraia do meu nervosismo crescente.

– Em parte é negócio – admite Edward lentamente. – Gostaria de comprar um barco. O proprietário prefere não vender.

– Porquê?

– Ele quer fazer uma viagem de exploração com o barco. Mas uma tempestade afundou o resto da sua frota.

– Então ele está endividado e o seu último barco é agora propriedade de credores? – deduzo.

– Como é que sabe?

– Cresci perto de uma cidade portuária – digo. – Poucos marinheiros aportam sem dever dinheiro.

– Tem razão – diz Edward, parecendo impressionado. – Organizei este jantar para evitar uma cena. Porque ele é suficientemente impetuoso para se bater em duelo.

Medito nisto.

– Que tipo de homem é? – pergunto.

– Mr. Vanderbilt é um corsário. Uma espécie de pirata cavalheiro.

Sorrio perante tais palavras.

– Conhece tais homens? – pergunta Edward.

– Às vezes, vemo-los nas docas de Bristol – digo. – Sempre os achei criaturas fascinantes. Cheios de despojos exóticos e endurecidos pelas viagens mais longínquas.

Edward sorri um pouco com a minha descrição.

Estou prestes a pedir mais detalhes quando uma enorme carruagem desliza em frente à janela.

– Os nossos primeiros convidados – diz ele, embora não pareça especialmente satisfeito. – Lady Montfort e a sua filha Charlotte.

– Vieram para caçar um marido? – pergunto, brincando para disfarçar os nervos. – Devo ficar perto e mantê-lo seguro?

Edward olha-me com um ar divertido.

– Deve, sim – indica. – Poderá ter de lutar por mim.

– Por cinquenta guinéus, de bom grado vazaria um olho a alguém – prometo.

Ele ri baixinho e depois aperta-me a mão como sinal para permanecer em silêncio. Ouvimos a porta da frente a abrir-se.

Há vozes femininas agudas no vestíbulo e, em seguida, uma pancada. A porta é aberta por um lacaio e duas mulheres entram.

Mãe e filha têm rostos quase idênticos, com narizes aduncos compridos, olhos pequenos e bocas minúsculas. Mas enquanto a Montfort mais nova é elegante, magra e jovem, a mais velha é

encorpada, pesada e imponente.

Esboço uma reverência desajeitada, esperando que seja esse o gesto obrigatório.

– Lady Montfort – apresenta Edward, inclinando-se. – E Miss Montfort. – Dá um passo em frente e beija-lhe a mão. A Montfort mais nova faz um estranho sorriso afetado, que se transforma num risinho estridente.

– Charlotte! – sibila a mãe, e o risinho cessa de imediato.

– Apresento-lhes Miss Elizabeth Ward – diz Edward, apontando para mim. – Miss Ward é uma herdeira da província. É parente da família da minha mãe.

Lady Montfort franze os lábios finos, que parecem desaparecer completamente, e olha-me com indisfarçável desaprovação.

– Ouvi dizer, Lord Hays – começa ela –, que o senhor tinha uma convidada. Uma grande surpresa para *nós*, como deve calcular.

Olha para Charlotte significativamente ao dizer isto, mas Charlotte está de olhos arregalados para mim, como se não conseguisse decidir que parte de mim quer ver melhor.

– Londres está cheia de surpresas – responde Edward levemente.

Tenho a impressão de que há alguma tensão por detrás das palavras educadas. Penso nelas, lembrando-me da conversa anterior que ouvira entre Edward e Fitzroy. A minha conclusão é que Lady Montfort estava à espera de casar Charlotte com Edward.

Um sino toca e ouvimos vozes no corredor. Alguém bate à porta e todos nos viramos, expectantes.

– Senhor – anuncia o criado, abrindo a porta –, Mr. Vanderbilt.

Uma figura alta aparece na moldura da porta. A luz das velas recai sobre as rugas do seu rosto profundamente bronzeado e os olhos azuis brilham na nossa direção.

Edward avança para saudar o seu convidado, enquanto nós

absorvemos a sua aparência extravagante. Mr. Vanderbilt é um exemplo rude e caótico de um homem. Uma mistura de pirata e almirante, numa casaca vermelha maltratada e salpicada de ouro. Tem um lenço colorido em torno do pescoço, anéis de ouro decoram-lhe os dedos, e o grande chapéu tem uma enorme pena azul de um pássaro exótico.

Ele parece prestes a rebentar em gargalhadas. E pisca-me o olho quando me vê a observá-lo. Pergunto-me se deveria ter cuidado com ele, pois Edward diz que é impetuoso. Mas dou por mim a gostar de Mr. Vanderbilt, apesar da sua aparência intimidante.

– Mr. Vanderbilt – anuncia Edward, inclinando-se levemente. Mr. Vanderbilt retribui a cortesia, tirando o grande chapéu com penas numa vénia exagerada, e que me parece trocista.

– Senhor – diz ele, num tom rouco que me faz lembrar canções de bordo encharcadas de rum. – Minhas senhoras.

Inclina-se para nós.

– Elizabeth Ward, Lady Montfort e a sua filha Charlotte – apresenta Edward, com um *à-vontade* cortês.

Faço uma vénia profunda. Lady Montfort esboça a mais ínfima das reverências gélidas e eu percebo que estou provavelmente a salvo do seu escrutínio agora. Este homem colorido é muito mais transgressor do que eu.

Ela olha para Edward, como se questionasse silenciosamente por que razão convidou ele um homem destes para jantar. Edward ignora o olhar, guardando a sua atenção para o convidado recém-chegado.

Mr. Vanderbilt e Edward observam-se um ao outro, como inimigos respeitosos.

– Não trouxe a sua mulher? – pergunta Edward, ao fim de um momento.

Mr. Vanderbilt abana a cabeça.

– Ela não se encontra bem adaptada à sociedade inglesa – diz ele. – Não a compreende bem.

– A sua mulher não é de Inglaterra? – pergunta Lady Montfort, encontrando a voz.

Mr. Vanderbilt vira toda a sua atenção para ela.

– A minha mulher é uma pele-vermelha. Era uma escrava quando a encontrei – explica.

Lady Montfort empalidece visivelmente.

O silêncio instala-se, então Edward quebra-o.

– Que interessante – diz. – Trouxe um convidado em seu lugar?

Algo no seu tom sugere que o jogo teve início. Olho para Mr. Vanderbilt. Os seus olhos estreitam-se um pouco, como se ele tivesse sido ultrapassado.

– Trouxe sim – diz. – O meu sócio, Percy. Ele está à espera na carruagem.

– Por favor – diz Edward, com um sorriso inexpressivo. – Ele é muito bem-vindo. – Levanta a mão para um laçao. – Por favor, peça ao convidado de Mr. Vanderbilt que se junte a nós – ordena.

O laçao desaparece, enquanto eu tento descobrir o que está a acontecer. Parece que Mr. Vanderbilt trouxe um ajudante. Outro homem, em vez da mulher como Edward esperava. Sinto o medo agitar-se na boca do estômago, interrogando-me como irá isso afetar a noite. Terá Mr. Vanderbilt trazido outro homem para se bater em duelo?

Percy é introduzido na sala e todos o estudamos enquanto as apresentações são feitas. É um homem novo, mas age como se fosse mais velho. As roupas parecem ter sido escolhidas à pressa e assentam-lhe mal, mas ele transporta uma espada à cintura com uma facilidade que sugere que a sabe usar.

– Percy é um oficial da Marinha – explica Mr. Vanderbilt. – Nunca conheci um mais corajoso. O nosso barco ter-se-ia perdido para as



profundezas, se não fosse a sua habilidade como marinheiro. E ele salvou a minha vida duas vezes, dos piratas espanhóis.

Isso explica a indumentária de Percy. Provavelmente teve de procurar à pressa roupas de civil para usar na cidade.

– O almirante Vanderbilt salvou a minha vida três vezes – responde Percy com um sorriso. – Não deixe que este velho lobo o engane. Ele ainda sabe brandir uma espada.

Edward acena com a cabeça educadamente e convida-os a tomar vinho. Há um ar de tensão reprimida enquanto as bebidas são servidas. Como se as palavras estivessem a borbulhar sob a superfície.

Reparo que os olhos de Charlotte estão colados em Percy e escondo um sorriso. Com cabelo loiro e olhos castanho-claros, percebo muito bem que ela o ache bonito. Lady Montfort reparou e parece furiosa. Os olhos pequeninos e argutos observam-me de novo, como se procurasse um alvo para o seu veneno.

– É da província, Miss Ward? – pergunta, olhando para o corte moderno do meu vestido. – Não ouvi falar de si. Está bem vestida para alguém que acabou de chegar à cidade.

Há um silêncio repentino e todos os olhos estão postos em mim.

– Oh, este foi-me emprestado – admito –, por uma parente de Edward. Não fui capaz de encontrar uma costureira em lado nenhum em Mayfair, embora tenha andado toda a manhã.

Há uma pausa e de repente todos, exceto Lady Montfort, desatam a rir. Acham que estou a brincar, percebo. Que eu desarme a farpa de sua senhoria com uma melhor da minha própria autoria. Edward vira-se para mim com orgulho.

– Lord Rivers e o seu convidado não devem demorar muito – diz. – Talvez possa pedir a Lady Montfort que nos conduza à sala de jantar?

– Com certeza – digo timidamente, tentando desesperadamente

recordar o protocolo quando há uma viúva mais velha presente.

– Lady Montfort – digo na minha melhor voz –, temos muitas coisas deliciosas para comer. E ótimos vinhos para beber também. Os criados estiveram todo o dia a trabalhar. Porque não nos conduz para vermos as maravilhas que eles fizeram?

Isto também parece encantar os convidados.

– Vamos ter uma noite animada, com uma anfitriã tão alegre – diz Percy com um sorriso, enquanto Lady Montfort nos leva até à sala de jantar.

A mesa foi posta com uma enorme confeitaria de açúcar, em forma de casa. Ao lado do trabalho em açúcar estão pratos de alimentos frios, elaboradamente decorados e com um aspeto demasiado bonito para comer.

Os criados entregam-nos copos de vinho.

Mal apreciámos a mesa, quando alguém bate à porta e os últimos convidados são anunciados.

– Senhor – diz o lacaio –, Lord Rivers e a sua acompanhante.

Estou agora a sentir-me um pouco mais calma naquela companhia. Bebo um gole de vinho e viro-me com um sorriso para cumprimentar os convidados.

Um homem enorme entra e eu observo-o pouco à vontade. Depois fico boquiaberta. Porque a sua acompanhante é-me sobejamente familiar.

A mulher que acompanha Lord Rivers é Belle.

A rapariga que foi vendida.

## CAPÍTULO 15

**B**elle e eu ficamos a olhar uma para a outra com espanto total. Depois, ela faz a mais ínfima inclinação com a cabeça.

*Não me denúncias.*

Aceno com a cabeça em resposta. Memórias inundam-me espontaneamente o cérebro.

*Estávamos em casa de Mrs. Wilkes. Os homens foram chegando. Belle foi levada sozinha.*

Ao nosso redor dão-se as apresentações. Ouço o nome de Belle ser mencionado e faço-lhe uma reverência.

*Mrs. Wilkes disse-nos que Belle tinha ido voluntariamente. Mas nós sabíamos que ela nunca teria partido sem se despedir.*

– Uma dama de companhia de Lord Rivers – estava Lady Montfort a dizer. – Esse termo é usado para todo o tipo de coisas hoje em dia. Às vezes pergunto-me o que significa.

Belle corou ligeiramente e percebo que Lady Montfort está a insinuar que ela é uma cortesã. O rosto de Lord Rivers turva-se de fúria e eu intervenho rapidamente para evitar uma cena.

– Ouvi dizer que Mr. Johnson escreveu um livro que tem o significado das palavras e dos termos – digo, deixando escapar a primeira coisa que me vem à cabeça. – Talvez isso a ajude a defini-lo.

Isto provoca mais gargalhadas e um olhar agradecido de Belle. E eu percebo que calei involuntariamente Lady Montfort mais uma vez. Ela parece furiosa. Edward, no entanto, parece estar imensamente divertido.

Quando nos sentamos para jantar, Belle é colocada na outra extremidade da mesa em relação a mim.

Tento desesperadamente descobrir em que circunstâncias se encontra. Lord Rivers é um homem com uma presença ameaçadora.

Grande e sombrio. Eu ficaria aterrorizada por ter sido vendida para a sua casa. A minha mente analisa todas as possibilidades. Como foi a venda arranjada? Com se sentiu ela quando o conheceu pela primeira vez?

*Ele é dono dela? Ela é sua cortesã? Sua amante?*

Os meus pensamentos mantêm-me quase sempre em silêncio, enquanto são servidos os pratos quentes, e sinto que Edward me olha com preocupação. Sorrio-lhe debilmente.

Só consigo pensar em Belle. Enquanto comemos, ela não diz quase nada. E está demasiado longe para que eu lhe consiga falar em particular.

Lady Montfort domina as atenções e Charlotte ganhou confiança suficiente para participar na conversa. Embora aja mais como uma menina de doze anos do que de vinte. Eu suporto as observações desastradas de Charlotte com um ligeiro enfado, desejando que o jantar acabe para poder falar com Belle.

Uma jovem como Charlotte conduzir-me-ia à loucura com a sua tagarelice trivial. Dou por mim a concordar com a decisão de Edward de não se casar. Presumo que a tolice de Charlotte é o resultado da educação das jovens da sociedade em casa, protegidas do resto do mundo. Não é de admirar que Edward prefira a companhia de alguém como eu.

O jantar está a chegar ao fim, quando os meus pensamentos são distraídos pela conversa dos cavalheiros.

– Conceda-me dois meses – diz Mr. Vanderbilt a Edward. – Espero um desembarque daqui a dois meses, o que me permitirá pagar aos meus credores.

– Eu não posso esperar dois meses – diz Edward. – Preciso de um barco.

Mr. Vanderbilt olha-o com um ar ameaçador.

– Os meus credores vendem o meu barco demasiado barato.

Edward encolhe os ombros.

– O barco é deles, podem vendê-lo.

– O senhor tenciona usar o meu barco no comércio de escravos – acusa Mr. Vanderbilt.

Edward nega com a cabeça.

– A embarcação não vai transportar escravos. Vai levar ouro e armas.

– Que depois serão vendidos em troca de escravos – diz Mr. Vanderbilt. Bate na mesa e todos nós nos sobressaltamos um pouco. Em seguida, parece avaliar a sua companhia e acalma-se. Percebo que Edward tinha razão em convidá-lo para um jantar, em vez de um encontro pessoal. Consigo imaginar espadas a serem desembainhadas, ou um desafio para um duelo.

– Vocês, homens finos, nas vossas belas casas – declara Mr. Vanderbilt sombriamente –, vocês não veem nada dos horrores. A escravatura é um negócio sujo, Lord Hays. A sua alma estaria melhor longe dele.

Olho para os homens nervosamente, perguntando-me se este é o ponto em que a tensão se vai transformar em duelo. Mas o rosto de Edward está completamente calmo. Como se Mr. Vanderbilt tivesse simplesmente dito algo razoável.

– Em que negócio devo estar? – pergunta Edward diplomaticamente.

– Na exploração – diz Mr. Vanderbilt. – O Percy e eu queremos trazer coisas maravilhosas. – Os seus olhos brilham. – Metade do mundo ainda está por descobrir.

Percy acena com a cabeça em concordância.

– Se não fosse a tempestade – diz –, teríamos carregado em Bristol e zarpado numa viagem de descoberta.

– Mas *houve* uma tempestade – contrapõe Edward. – Navegar por águas desconhecidas é um risco alto. O comércio de ouro e

armas é de baixo risco. Baseia-se em rotas de navegação conhecidas. Foi por isso que eu o escolhi. – A sua voz soa mais tranquila do que o habitual.

Há um silêncio longo e desconfortável.

– Eu ainda tenho as minhas maneiras de frustrar a sua compra – diz Mr. Vanderbilt finalmente. – Posso ser um velho lobo-do-mar, mas compreendo este negócio melhor do que pensa.

Edward dobra o guardanapo cuidadosamente no colo.

– Presumo que se está a referir à sua conversa com Mr. Grieves, na Bolsa? – diz. – Receio que ele não irá oferecer-lhe crédito. Assegurei que assim fosse.

Desta vez é Percy quem explode de indignação.

– Como é que sabe dos nossos credores? – exige saber. – Joga um jogo baixo, de facto!

Edward olha para ele, avaliando-o friamente. Percy está a tremer de raiva. Os meus dedos apertam o copo de vinho.

Percy fita-nos, como um animal encurralado; a educada sala de jantar é a sua gaiola.

Vejo a mão de Edward mover-se quase impercetivelmente para a sua espada. E tenho uma certeza súbita de que ele não tem medo, nenhum alarme com a perspectiva de uma luta. Se as coisas chegassem a um duelo, ele sairia vitorioso. Mas sinto que não teria prazer na vitória.

Pergunto-me se vai dizer algo para acalmar a fúria de Percy, mas o brilho duro no seu olhar sugere que é mais orgulhoso do que isso. E na terrível pausa que se segue, é Mr. Vanderbilt que coloca uma mão tranquilizadora no braço de Percy.

– Lord Hays joga bem este jogo – diz Mr. Vanderbilt. – Não devemos invejar-lhe a sua habilidade. Estamos a lidar com um homem, não com um menino.

Edward acena respeitosamente a Mr. Vanderbilt.

– São negócios – diz Edward levemente. – Não deve pensar que muda o grande respeito que tenho pelo seu almirantado.

– A maioria do meu almirantado está nas profundezas do Pacífico – resmunga Mr. Vanderbilt, recostando-se na cadeira. – Mas agradeço-lhe a consideração.

Olho para Percy, que ainda ferve de raiva.

– Vai haver baile? – pergunto, ansiosa por quebrar o impasse e ter a oportunidade de falar com Belle. – Aprendi passos de propósito.

Edward vira-se para mim com surpresa e o seu rosto muda, como se aliviado.

– Sim, claro. Temos de a ver dançar – declara.

## CAPÍTULO 16

**A**s portas entre o salão de baile e a sala de jantar estão abertas de par em par, e os criados apressam-se a remover todos os vestígios da nossa refeição. Em poucos minutos, os músicos tomam os seus lugares.

Apesar da discussão anterior, os dois homens parecem respeitar-se calmamente um ao outro. Reparo que Edward insiste que seja servido o melhor vinho a Mr. Vanderbilt. Embora, como já tinha observado durante o jantar, ele próprio esteja a beber pouco. A mudança para o salão de baile parece ter quebrado a tensão anterior e todos adotam uma postura de decoro.

– As senhoras e os jovens devem dançar – diz Edward, colocando-se na orla do salão. – Vou esperar com Lady Montfort.

Lanço-lhe um olhar interrogativo, mas ele acena com a cabeça indicando que eu devo dançar sem ele. Pergunto-me se quer falar mais sobre negócios com Mr. Vanderbilt. Mas o velho almirante move-se para o meio do salão com Percy e Lord Rivers.

– O Edward nunca dança – confia Charlotte num sussurro, quando tomamos os nossos lugares. – Em menino, estudou principalmente agricultura. Foi um grande escândalo. O latim dele é terrível para um homem da sua posição.

Ela diz a última frase com um ar de horror.

Estou a tentar descobrir que posição me aproximará mais de Belle na complicada dança francesa, mas algo na observação de Charlotte me obriga a responder.

– O Edward é um homem instruído – digo na defensiva, lembrando-me da sua récita de Spenser. – Lê muito. Um homem que herdará uma propriedade rural é sensato em aprender agricultura – acrescento.

Não sei bem porque me sinto obrigada a defender Edward. Afinal de contas, a reputação dele não é problema meu.



Charlotte franze o sobrolho.

– Que jovem desejará casar com um lorde que se preocupa com a *agricultura*?

– Uma jovem que deseja que a sua propriedade seja bem gerida – respondo com sarcasmo.

Estou aborrecida comigo mesma por me distrair com Charlotte. Belle encontra-se agora na outra extremidade da linha, com Lord Rivers à sua frente. Pergunto-me se ela pode estar deliberadamente a tentar evitar falar comigo.

Tenho Mr. Vanderbilt à minha frente e Charlotte dança com Percy. O rosto dela ilumina-se quando percebe que ele será o seu parceiro principal e quase parece bonita.

A música começa a tocar e iniciamos uma espécie de dança saltitante, dando o braço aos nossos parceiros e, em seguida, percorrendo a fila.

Mr. Vanderbilt parece conhecer bem a dança e orienta-me habilmente no caminho certo quando dou um passo errado. Sorrio para ele, agradecida.

– A dança francesa é mais difícil do que a inglesa – diz ele, piscando-me o olho. – Foi preciso muito tempo para um velho como eu a aprender.

Sorrio-lhe enquanto me conduz facilmente pelos passos. À mesa de jantar, Mr. Vanderbilt tinha um ar ameaçador, mas ao rodopiar comigo na dança, tem um ar gentil.

Trocamos de parceiro e olho ansiosamente para o fundo da fila.

O estilo da dança significa que terei um breve momento para virar primeiro com Charlotte e, finalmente, com Belle.

– A sua estadia com Mr. Rivers é confortável? – sussurro, procurando o seu rosto, sem me atrever a perguntar-lhe sem rodeios.

Belle parece insegura.

– É tão boa quanto poderia esperar – diz ela, ao fim de um momento. – Ele é um bom homem. À sua maneira.

Afastamo-nos uma da outra por algumas voltas e então voltamos a juntar-nos.

– E Lord Hays? – pergunta Belle, continuando no nosso código improvisado. – É um bom anfitrião?

– A minha estadia será muito breve – digo com cuidado. – Mas ele é muito cortês.

– Não tira os olhos de si – observa Belle.

Surpreendida, viro-me para onde Edward está sentado. Esperava que estivesse embrenhado numa conversa com Lady Montfort. Mas apesar de estar certa ao prever que ela conversa animadamente ao lado dele, verifico que Belle tem razão. Edward está a olhar para mim. Os seus olhos têm uma suavidade que eu atribuiria ao vinho se não soubesse como bebeu pouco. Quando me vê a olhar, acena ligeiramente com a cabeça e sorri. Não lhe retribuo o sorriso. Em vez disso, desvio rapidamente o olhar, confusa com o carinho na sua expressão. Enquanto contemplo o que a sua atenção poderia significar, a dança leva-me para longe de Belle e conduz-me a Charlotte.

O desânimo invade-me ao ver a minha velha amiga afastar-se, desesperada para obter mais detalhes, mas quando a dança termina passamos para outra diferente e nunca fico sozinha com Belle.

As carruagens são chamadas demasiado cedo e fico com uma sensação de mal-estar por a noite não ter terminado como eu desejava. Pergunto-me se voltarei a ver Belle. Abraçamo-nos com força antes de ela se ir embora.

– Tem cuidado – sussurro, com as lágrimas a subirem-me aos olhos. – Sempre foste a melhor, Belle.

– Tem tu cuidado, Lizzy – sussurra ela por sua vez. – Lord Hays é um bom homem. Ele gosta de ti. Eu vejo isso.

Os convidados partem e percebo que Edward dá a Mr. Vanderbilt um aperto de mão sincero antes de o velho homem sair.

Assisto à partida da janela enquanto a carruagem de Belle a leva a ela e ao seu guardião para longe.

– Mr. Vanderbilt encantou-o com todo o seu entusiasmo pela aventura? – pergunto a Edward, quando ficamos sozinhos.

Edward esboça um meio sorriso.

– Não faria diferença se tivesse encantado – responde. – Tenho de comprar o barco dele, de qualquer maneira.

Concordo com a cabeça. Sei muito bem que os negócios não devem envolver o coração.

– Conhece aquela jovem? – pergunta Edward. – A companheira de Lord Rivers? Percebi que falaram durante a dança.

– Ela trabalhou comigo em casa de Mrs. Wilkes. – A minha voz sai inexpressiva e vazia. – Cinco de nós éramos amigas. Belle, Harriet, Rose, Kitty e eu.

– O que aconteceu às outras?

– A Belle foi vendida – digo. – Uma vez que ela está com Lord Rivers, presumo que foi ele quem a comprou.

Edward parece perturbado com isto.

– Aconteceu muito depressa – acrescento. – Nenhuma de nós esperava que Belle se fosse embora. Quando percebemos o que Mrs. Wilkes podia fazer, algumas de nós decidiram fugir.

– E foi assim que veio para Piccadilly? – adivinha ele. – Fugiu da casa dela?

Eu aceno com a cabeça.

– Quantas jovens fugiram? – pergunta ele, franzindo a testa, como se fosse difícil de imaginar.

– No fim, apenas três. A Harriet não quis fugir – digo. – Ela

estava a sair-se muito bem. Ouvei dizer que é uma bela cortesã agora.

– Será que eu a conheço? – pergunta Edward.

– O mais provável é que conheça lordes que a conhecem. Ela é famosa – digo. – Eu fugi com as outras duas raparigas. A Rose e a Kitty. Esperávamos abrir uma casa, as três. Mas a Rose foi arrebatada por um bom pretendente, na mesma noite em que saímos. Ele planeava levá-la para o estrangeiro – acrescento.

– E a Elizabeth e a Kitty?

– Trabalhámos nas ruas – respondo. – Era um trabalho muito mau. Mas pelo menos éramos livres. Passámos fome para pagar metade da renda dos nossos primeiros quartos em Piccadilly. Perto de onde eu o conheci. As coisas estavam a ficar melhores. Mas então a Kitty começou a beber *gin*.

Detive-me, percebendo que não devia estar a contar-lhe tanto.

– Mrs. Wilkes não tentou recuperá-las? – pergunta Edward.

– Sim, tentou. Mas nós arranjámos sempre maneira de fugir dela.

Edward considera isto.

– Gostaria de voltar a ver Belle? – acaba por perguntar.

– Isso não seria benéfico para qualquer uma de nós – respondo.

– Ela pertence a Lord Rivers agora.

Edward parece pensativo.

– Não sucumbiu aos planos de Lady Montfort para o comprometer num noivado? – digo, para mudar de assunto.

Ele abana a cabeça com um risinho.

– Senhor? – diz uma voz calma. Ambos olhamos para cima e vemos Sophie, que aguarda.

A expressão no rosto dela sugere que interrompeu um encontro de amantes.

– Estávamos a pensar se poderíamos limpar a sala? – pergunta ela timidamente. – Assim, tê-la-íamos pronta para o pequeno-almoço, amanhã.

– Sim, claro – diz Edward, pegando-me no braço. – Vamos retirar-nos para os meus aposentos. – Franze o sobrolho por um momento, refletindo. – Vou levantar-me de madrugada – acrescenta para a criada. – Por favor, preparem o pequeno-almoço para essa altura.

Sophie acena com a cabeça, e Edward conduz-me pela porta até à grande escadaria.

## CAPÍTULO 17

– **S**aiu-se muito bem esta noite – observa Edward, fechando a porta da sala de estar.

De repente, estamos completamente sozinhos. Eu sinto a mudança na atmosfera. O meu coração começa a bater com mais força no peito.

– Saí?

Ele aproxima-se, de olhos fixos nos meus.

– Saiu.

Edward estuda o meu rosto e penso que está prestes a beijar-me. Algo na minha expressão deve tê-lo feito pensar melhor, pois vira-se e começa a desapertar-me o vestido.

Suspiro. Se ele me tivesse beijado, eu não saberia o que pensar.

O vestido desce-me uns centímetros e as mãos de Edward vagueiam sobre a minha combinação e saíotes, sentindo a forma do meu corpo.

Começa a beijar-me o pescoço suavemente. Por um momento, sou apanhada de surpresa e os meus olhos fecham-se.

Abro-os rapidamente, pousando as minhas mãos nas dele e voltando-me. Ele olha-me como se eu o tivesse confundido.

Lanço-lhe um sorriso coquete e continuo a despir-me. Deixo os saíotes cair e, em seguida, levanto as mãos para soltar o cabelo.

Edward passa-me uma mão pelo cabelo quando este me cai sobre os ombros. Ele afasta-se, o rosto ainda quase a tocar no meu. Olho para ele, hesitante, perguntando-me que expectativas terá.

Ele beija-me. Há algo na maneira como o faz. Como se quisesse que eu sentisse alguma coisa.

*Espero que ele não seja um daqueles homens que querem que eu goste mais disto mais do que gosto.*

São esses os homens que acho mais difíceis. Porque é difícil fingir que estamos apaixonados. Embora algumas raparigas, como Harriet, o façam parecer fácil.

As mãos de Edward descem-me pela cintura e eu detenho-as com suavidade. Ele olha para mim interrogativamente.

Beijo-o com ardor, pressionando o meu corpo contra o dele, movendo as mãos entre as suas pernas. Os meus olhos transmitem uma mensagem implícita.

*Eu estou aqui para o satisfazer. Não o contrário.*

Por um momento, penso que ele pode resistir à minha sedução. E então parece aceitar o que vê no meu rosto e descontraí-se.

Solto um pequeno suspiro de alívio e continuo o meu trabalho ardiloso no seu corpo. E, pouco depois, ele é todo meu.

## CAPÍTULO 18

**A** cordo e vejo os olhos escuros de Edward postos em mim.  
– Dormiu bem? – pergunta ele.

Sento-me, pestanejando e avaliando a situação. Edward foi para os seus próprios aposentos ontem à noite, deixando-me a dormir sozinha.

Pela luz do sol que entra para sala, é de manhã cedo.

– Mmmm. Já está vestido – digo, reparando na sua indumentária impecável.

– Eu levanto-me cedo – diz ele. – Há muito que fazer.

Coço a testa, tentando acordar.

– Tomei disposições para que venham costureiras para si, Elizabeth – diz ele. – Depois de ter tomado o pequeno-almoço.

Fala comigo com à-vontade e percebo que entrámos numa espécie de familiaridade um com o outro. Já não é tão estranho acordar na sua bela casa.

– Obrigada – respondo. – É muito amável. Não come comigo? – pergunto, não gostando da ideia de enfrentar a grande sala de jantar sozinha.

– Muitas vezes não como antes do meio-dia, se estiver a tratar de negócios – diz ele. – Agora tenho de ir à Bolsa de Comércio para obter a aprovação dos documentos navais.

– Não tem tempo para o lazer? – pergunto. – Todos os lordes que conheci passam os seus dias a beber e a dormir.

– Prefiro empregar o meu tempo de forma produtiva – comenta ele.

– Posso tomar o pequeno-almoço nesta sala? – peço. – Não há necessidade de pôr uma mesa. É mais trabalho para a Bridget.



Ele franze a testa.

– Quem é a Bridget?

– A sua governanta – explico. – Mrs. Tomkinson.

Ele ergue as sobrancelhas ligeiramente.

– Posso pedir-lhe que lhe traga alguns pãozinhos quentes – diz. – Se tiver a certeza de que é isso que quer.

Eu aceno com a cabeça.

– Não gostaria de incomodar os criados desnecessariamente.

Ele inclina-se para a frente, hesita e beija-me na testa de forma desajeitada. Depois, faz uma pausa.

– É amável a forma como trata os criados – diz ele.

Sorrio um pouco, não muito segura do significado das suas palavras. Certamente que uma verdadeira senhora não se refere à sua governanta pelo primeiro nome.

– Espero que os seus negócios corram bem – digo. – E que consiga comprar o barco.

– É um jogo delicado – diz ele. – Só restam formalidades e documentos. Mas nestes últimos dias devem ser tomadas todas as precauções para garantir que o barco é meu.

Há uma expressão estranha no seu rosto.

– Sente respeito por Mr. Vanderbilt – digo.

– Penso que Mr. Vanderbilt era um bom almirante – responde Edward. – Mas a minha admiração por ele não tem qualquer peso neste assunto.

Aceno com a cabeça em compreensão plena. A sua abordagem é muito semelhante à forma como as mulheres da rua fazem negócios.

– Então vai jogar o jogo e ganhar? – pergunto.

– Mr. Vanderbilt está a tentar bloquear a nossa compra – explica

Edward. – E ele procura homens que lhe concedam mais crédito. Uma das minhas tarefas é certificar-me de que tal não acontece.

Edward olha para mim intensamente. Como se à espera de uma resposta particular.

– Suponho que é uma coisa boa – digo, hesitante. Embora tenha gostado de Mr. Vanderbilt. A sua ideia de partir para as Américas e mais além agrada-me.

– Sim – diz Edward. Mas o seu rosto parece triste.

Depois de Edward sair, e eu ter tomado o pequeno-almoço, há uma verdadeira inundação de costureiras. Seis mulheres zumbem à minha volta, acenando com tecidos e fitas métricas. A meio da tarde já vi tantas amostras e bandejas de sapatos, que me sinto tonta. Cada parte do meu corpo foi apertada e medida. Cada forma e corte concebíveis foram debatidos.

Por fim, o grupo de mulheres vai-se embora com instruções para confeccionar mais de dez vestidos elegantes, para o dia e a noite também.

Mal posso acreditar. Apenas um dia antes, eu era uma mulher da rua de Piccadilly, num vestido caseiro barato. Agora estou prestes a ter um guarda-roupa inteiro, que as costureiras dizem que estará pronto amanhã.

Até então, porém, ficarei presa em casa de Lord Hays. Depois do bedel, não me atrevo a sair enfiada no meu vestido barato. Em vez disso, fico na sala a ler.

Edward chega a casa quando começa a escurecer. Ouço-o perguntar a Sophie onde estou e, em seguida, ele sobe a escada, em direção à sala de estar.

Já planeei como vou saudá-lo depois do seu longo dia. Mas sinto um entusiasmo muito maior do que o esperado com a ideia de ver Edward. Afasto esse sentimento, dizendo a mim mesma que é simplesmente porque estive sozinha durante toda a tarde.

Dispo rapidamente a roupa, deixando um rasto de meias, o vestido e os saíotes ao longo da sala. Por fim, coloco o vestido em cima do biombo, dispondo-o de modo que o tecido barato não se destaque tanto. Então escondo-me, nua por trás do biombo, e aguardo a sua chegada.

A maçaneta da porta roda e eu espreito por uma fresta para o ver entrar. Edward veste um longo colete cinzento, fechado por uma fileira de pequenos botões de prata, uma camisa de linho branco e calções pretos sob botas de montaria.

Parece exausto. Sinto pena dele.

Em seguida, o seu belo rosto enruga-se, confuso, quando vê a sala vazia. Eu sorrio. Os seus olhos escuros dirigem-se para o chão, fitando as minhas meias abandonadas. Ele olha para cima, percorrendo a sala com um sorriso. Então baixa-se e apanha as meias, uma de cada vez.

Sinto o coração bater mais rápido, animado com a expressão no seu rosto.

Edward apanha a combinação e caminha em direção ao biombo. Sustenho a respiração quando ele puxa o vestido para baixo e o dobra com cuidado sobre o braço.

Lentamente, saio de trás do biombo. Ouço a sua respiração ficar tensa. O cansaço desapareceu-lhe do rosto.

– Pensei que gostaria de ver algo diferente, depois de passar o dia com homens velhos e cansados – explico, de pé para que ele me possa ver facilmente.

Os seus olhos escuros percorrem-me o corpo.

– Gosto muito. – A voz sai-lhe grave com desejo.

Dou um passo na direção dele e ponho-lhe um dedo no peito.

– Então deve deixar-me mostrar-lhe algo mais – digo, avançando e obrigando-o a recuar um passo para a *chaise longue*.

Começo a desapertar os muitos botões do seu colete, sempre a

fazê-lo andar para trás, lentamente. O seu rosto nunca se desvia do meu.

Abro o colete e empurro-o para baixo suavemente, até ele se sentar na *chaise longue*. Depois tiro-lhe a camisa pela cabeça e abro-lhe os calções.

Enquanto as minhas mãos fazem o trabalho familiar, algo totalmente inesperado percorre-me o corpo. Como uma faísca de desejo.

É tão perturbador que eu faço uma pausa por um breve momento.

Abano a cabeça para afastar o pensamento e concentro-me na parte seguinte do meu ato. Quero dedicar-lhe um pequeno espetáculo. Isto foi algo que fizemos muitas vezes em casa de Mrs. Wilkes.

Os lábios de Edward entreabrem-se e a sua respiração acelera. Eu sei o que ele está a pensar sem precisar de o dizer. Ele entendeu o que acabou de acontecer. Que uma parte de mim sente algo por ele.

Inclino a cabeça sedutoramente, mostrando-lhe que não deve pensar nessas coisas. É assim que eu ganho o meu dinheiro, é tudo. Mas ele limita-se a sorrir como se tivesse descoberto um segredo.

Ergo as mãos e passo-as sobre os seios, com um olhar sedutor. Então passo um dedo sobre os lábios e faço-o deslizar suavemente pelo meu corpo, pela barriga, descendo cada vez mais.

Ele geme, um suspiro estrangulado na garganta. Tenho muita prática nisto. Uma grande parte do entretenimento de Mrs. Wilkes consistia em fazermos espetáculos nuas.

A arte reside nos movimentos lentos. A provocação deliberada.

Deixo que os meus dedos deslizem entre as minhas pernas. Edward está rígido. A sua respiração suspensa.

– Gostaria de ver mais? – sussurro, aproximando-me mais de

onde ele está sentado.

Ele acena com a cabeça. Os seus olhos passam rapidamente do meu rosto para onde a minha mão parou.

Inclino-me para a frente e acaricio-o levemente com os dedos.

– Então irá ver – prometo, empurrando-o para baixo pelo peito. – Vou mostrar-lhe tudo o que deseja.

Depois, Edward toma-me nos braços e deita-se a olhar para o teto.

Ficamos assim muito tempo, aproveitando o calor do corpo um do outro. E eu tenho uma sensação perturbadora de que uma fronteira invisível se está a esbater.

– Devemos preparar-nos para sair – diz ele, finalmente, libertando-se suavemente do meu corpo nu. – Estou na cidade apenas por uma semana e devo ser visto em todos os lugares de diversão.

– Não está cansado? – pergunto, recordando a sua expressão quando voltou para casa.

– Talvez um pouco – admite ele. – Mas tenho obrigações.

– Pensava que os lordes faziam o que queriam.

– Nem todos os lordes. – O rosto de Edward parece apanhado a meio caminho entre o estoicismo e o humor.

– Se quero garantir que Mr. Vanderbilt não recebe o seu crédito – acrescenta –, devo ser visto por aqueles que possuem meios para o fazer.

– Portanto, esta noite deve exhibir a sua riqueza para recordar a todos a sua importância?

Ele lança um sorriso à simplicidade da minha explicação.

– De certa maneira – confirma. – Alguns membros da aristocracia trabalham mais do que pode imaginar, para manter a delicada teia social alinhada.

– Então onde vamos esta noite?

– Ao teatro – diz ele. – Já alguma vez foi?

Abano a cabeça.

– Sempre quis ir – admito. – Desde que li Shakespeare quando era pequena. Em casa de Mrs. Wilkes, a Harriet era a única com um pretendente rico o suficiente para a levar.

Edward parece interessado nisto.

– E a Harriet gostou do teatro? – pergunta.

– Oh, não. Ela disse que era muito aborrecido. Tentámos que nos contasse mais detalhes, mas ela parecia não ter prestado atenção à peça.

Edward sorri novamente.

– Ela não é diferente de muitos lordes e damas nisso. E talvez a Harriet não tenha lido Shakespeare como a Elizabeth?

Suspiro divertida com a ideia.

– A Harriet só lê cartas de amor. E mal. Qual é a peça? – pergunto.

Edward franze o sobrolho.

– Não sei.

– Então como pode decidir se a quer ver? – Rio-me.

– Isto não é lazer, Elizabeth, são negócios – adverte ele. – Vamos para que os outros nos possam ver.

Adoto uma expressão um pouco mais séria. Afinal, está a pagar-me para isto. Para ser a sua acompanhante.

– O vestido de ontem à noite serve? – pergunto. – Ainda não chegaram os outros.

Edward olha para mim como se tivesse ouvido apenas metade do que lhe disse. E eu deduzo que ele já está a pensar numa qualquer

obrigação social que se espera que cumpra no teatro.

– Serve muito bem – diz.

## CAPÍTULO 19

**S**ophie veste-me, segundo instruções de Mrs. Tomkinson que ditam que o teatro requer saias largas e cabelos muito armados. Por isso é convocado um cabeleireiro para elaborar uma grande coluna sobre a minha cabeça, feita a partir de pedaços de cauda de cavalo e cinco potes de gordura de urso.

Enquanto a torre de cabelo é enfeitada com fitas e laços, Sophie consegue encontrar uma coleção de armações de vime e saiotos largos para dar volume às minhas saias emprestadas.

Quando o figurino está concluído, mal me consigo mexer. Os músculos do meu pescoço já sofrem com o peso do cabelo e tenho de me virar para sair da sala. As saias são tão amplas que mal consigo alcançar as extremidades com os dedos.

Quando chego ao salão principal, Edward parece muito contente com a minha aparência elegante, mas eu sinto-me como se estivesse numa jaula ambulante.

No entanto, quando vejo a carruagem que Edward mandou preparar para nós, esqueço o meu desconforto e fico boquiaberta.

O veículo é uma caixa azul-brilhante profusamente decorada e suspensa bem acima da lama de Londres sobre quatro enormes rodas. Seis cavalos emplumados foram aparelhados para a puxar e um cocheiro com um belo casaco e chapéu ocupa o assento do condutor.

– Vamos nisto? – pergunto, dando um passo em frente e passando as mãos sobre o brasão brilhante da porta.

– É a primeira jovem que acaricia o meu brasão – observa Edward, abrindo a porta e oferecendo-me o braço para me ajudar a subir.

– É a coisa menos interessante que acariciei em si – respondo, tomando a sua mão.



Olho para a porta baixa da carruagem, perguntando-me como poderei entrar.

– Como é que as senhoras entram com o cabelo tão alto? – reclamo, tentando manobrar o pesado penteado e as enormes saias para o interior da carruagem. – Mal me consigo mexer.

– O interior é grande, para a acomodar – diz Edward. – Vai sentir-se confortável quando estiver lá dentro.

Entro, torcendo o corpo, e consigo puxar as saias para cima e por trás de mim. Lá dentro, observo o luxuoso interior com admiração.

– É tudo veludo aqui! – digo a Edward, que dá instruções ao cocheiro. Ele salta facilmente para dentro da carruagem e instala-se no assento ao meu lado.

– Pois é – diz ele, sorrindo ao ver-me afagar os assentos macios, espantada.

– Veludo verdadeiro – insisto.

Edward põe a mão sobre a minha e bate no teto da carruagem. O cocheiro faz estalar o chicote e começamos a andar com um solavanco.

– Oh! – exclamo, ao ser sacudida para a frente. Os braços de Edward amparam-me automaticamente. E quando o movimento da carruagem estabiliza, ele solta-me lentamente, como se preferisse manter-me nos seus braços.

Quando a carruagem chega a Drury Lane, fico impressionada com a multidão que ali se encontra. Tinha ouvido dizer que o teatro pode ser perigoso e agora entendo porquê. Ricos e pobres raramente estão tão próximos em Londres. E a corrente de insatisfação que caracteriza a classe baixa da cidade está sempre à beira de transbordar quando se forma uma multidão.

Observo o ambiente com incerteza. Os entusiásticos grupos de plebeus, de traje simples, e os coloridos aristocratas. As senhoras parecem grandes borboletas, com as suas amplas saias de seda.

Há rapazinhos a vender avelãs, apanhadas em Hyde Park, e meninas que vendem frutas de cestas equilibradas na cabeça. As ruas de terra em redor do teatro foram transformadas em lama seca e mendigos esfarrapados enchem os passeios – homens e mulheres magros e mal vestidos com restos imundos de tecido.

Edward mete a mão na bolsa e distribui algumas moedas da janela da carruagem. Uma mulher com enormes úlceras nas pernas coxeia para as receber. E quando Edward lhe entrega o dinheiro, de repente sinto-me envergonhada pela riqueza do meu vestido.

Quando saí de casa de Edward, temia que a minha aparência fosse muito singela, porque usava um vestido emprestado e não possuía joias para enfeitar o cabelo. Agora, entre estas pessoas mais pobres, gostaria de estar vestida de uma forma mais simples.

Não quero entrar nesta confusão de gente adornada com tal elegância. Parece-me errado. Perigoso. Quero voltar a vestir o meu vestido velho e barato. Para me mexer facilmente entre a multidão. Para brincar e rir e beber cerveja barata.

Edward deve ter percebido a minha incerteza, porque a sua mão fecha-se sobre a minha.

– Temos um camarote – explica ele –, por isso não seremos incomodados pela multidão.

Engulo em seco e aceno com a cabeça.

O laçao de Edward fora incumbido de ir comprar garrafas de vinho e regressa à porta da carruagem, deslocando-se por entre a multidão com um ar severo e determinado.

Abre a porta e Edward salta para o chão; as botas altas de couro aterram com facilidade na rua enlameada. Depois estende-me a mão para me ajudar a descer.

Saio com esforço, apoiando-me na mão dele. Em seguida estou cá fora, a olhar para a fachada elaborada do Royal Theatre. É enorme e branco, com colunas em estilo grego a suportar a entrada, como um templo exótico.

Sinto-me exposta, por estar cá fora sem o rosto pintado como é habitual nem o chapéu de pastora de abas largas para me ocultar. Era parte da minha armadura. Em contraste, o meu cabelo alto é difícil de controlar e proeminente.

– Venha – diz Edward, levando-me firmemente pela mão –, devemos entrar.

Puxa-me com uma habilidade experiente por entre a multidão em movimento. Transpomos as portas, atravessamos o átrio e chegamos ao interior do sumptuoso teatro.

Inspiro, deixando o meu olhar vaguear de baixo para cima.

– É como estar dentro de um enorme bolo de noiva – digo, absorvendo a grandeza colorida do interior. Decorações a folha de ouro ornamentam a sucessão de camarotes e conjuntos de assentos, subindo a alturas impossíveis.

– Suponho que sim – concorda Edward, olhando para a vastidão do teatro.

Um criado chega para nos conduzir ao camarote.

– Não deveríamos ter bilhetes? – sussurro a Edward, quando ele me pega no braço.

Ele nega com a cabeça.

– Eu tenho o meu próprio camarote aqui. Eles vão pôr na minha conta.

– Oh. – Fico sempre maravilhada com a forma como os aristocratas conseguem crédito apenas com os seus rostos.

Somos levados até meio do teatro e a um camarote incrivelmente espaçoso.

Passo de lado com as minhas saias enormes e admiro o interior de veludo.

– O seu camarote deve ser o melhor da casa – digo, maravilhada com o espaço que nos foi concedido. – É um quarto do tamanho da

área da plateia.

Edward sorri.

– É um dos melhores – diz. – Há outro camarote deste tamanho.

Debruço-me sobre o parapeito, admirando a quantidade estonteante de assentos e níveis abaixo de nós.

– Estou a vê-lo – digo, apontando para um camarote do lado mais distante que foi sumptuosamente decorado com querubins pintados à mão em folha de ouro. – De quem é aquele?

– Aquele camarote pertence a sua majestade – diz Edward.

Volto-me para ele, de olhos arregalados com o choque.

– Não! Deveras? – Olho para o outro lado, espreitando, mas o camarote está vazio. – Tem o mesmo tipo de camarote que o próprio rei?

– Uma das poucas vantagens da prodigalidade do meu pai – diz Edward – foi ele ter garantido o melhor de tudo à nossa família.

Afasto-me do parapeito.

– Mas o seu desafio é mantê-lo? – adivinho. – Então o nome da família não caiu em desgraça?

Edward assente com a cabeça, depois sorri descontraído.

– Não parece muito mau quando temos alguém com quem o partilhar – diz ele.

Eu sorrio-lhe antes de voltar à minha avaliação do teatro. Além do camarote real, há outros em volta. Estão cheios de mulheres com os vestidos mais ricos que alguma vez vi em Londres. À semelhança do meu, os cabelos delas têm meio metro de altura e os vestidos de seda são vastos. Mas têm ornamentos muito mais elaborados e dispendiosos do que eu e as sedas são visivelmente mais sumptuosas.

Os meus olhos deambulam até à plateia, onde os plebeus se empurram, bebem e riem. E depois volto a olhar para os ricos.

Nenhum deles sorri, percebo. As mulheres ricas parecem-me de repente criaturas em cativeiro. Apertadas no seu mundo social e na sua roupa pesada.

Essa opressão faz-me sentir ainda mais limitada pelo meu próprio cabelo pesado e saias largas. Estou ansiosa por me libertar. Para me juntar à mistura descontraída de gente comum.

A minha atenção é captada por uma cortesã, facilmente identificável aos meus olhos experientes. Ocupa um camarote de homens ricos. Alguém que presumo ser seu pretendente está sentado ao seu lado, rindo-se com ela. Os seus olhos oscilam entre o rosto e os seios dela.

Ele está claramente encantado e ela exhibe o sorriso de uma mulher apaixonada. Mas mesmo daqui, deteto que o seu sorriso não lhe alcança os olhos.

Pergunto-me quantas promessas quebradas ela teve de suportar para atingir o sucesso atual. Quanta mágoa e quanta astúcia foram necessárias.

E pergunto-me se por tudo o que sem dúvida passou, pensará agora que a sua recompensa valeu a pena.

A cortina atrás de nós mexe-se e um criado aparece. Carrega uma bandeja de prata, uma pequena mesa e seis copos de vinho.

Edward afasta-se um pouco para o lado, enquanto o criado põe a mesa, dispõe o vinho tinto e uma garrafa estranha com uma gaiola de metal sobre ela e, finalmente, recua um passo com uma vénia.

– Deseja que abra o vinho, senhor? – pergunta o homem, com a cabeça ainda baixa.

– Sim, por favor – indica Edward. – Vamos começar com o champanhe. E talvez algumas avelãs e doces, se conseguir encontrá-los.

– Champanhe? – pergunto, incerta. – O que é isso?

– É uma nova bebida de França – explica Edward. – Acho que vai

gostar.

O criado assente e dá um passo em frente para desenvolver a garrafa estranhamente selada. Esta abre com um estouro e vejo várias cabeças voltarem-se para olhar para nós.

– Este é o propósito desta nova bebida? – pergunto, acenando para o líquido efervescente. – Fazer com que as pessoas a ouçam a ser aberta?

– É exatamente isso – diz Edward. – Esse é o propósito de tudo para um aristocrata. Também temos este camarote para que as pessoas possam olhar para nós. Assim, podem saber como somos absurdamente ricos.

Parece cansado ao dizer isto, como se jogar aos ricos fosse desgastante.

– Será que o vinho se estragou? – pergunto, nervosa, ao ver o líquido espumante proveniente da garrafa.

Ele nega com a cabeça, servindo-me um copo.

– Prove.

Bebo um gole a medo.

– É... faz bolhinhas – digo, franzindo a testa. Tomo outro gole. O sabor é bom, mas o crepitar das bolhas na minha língua é audível e estranho.

– Gosta? – pergunta Edward.

– Não sei – digo, tomando mais um gole. – Talvez me possa habituar ao sabor.

Ele sorri e bebe um gole do seu próprio champanhe.

– Para que são os outros copos? – pergunto, quando o criado se retira.

– Quando temos um camarote grande, devemos esperar visitantes – explica Edward.

– Oh – digo, surpreendida ao dar por mim um pouco decepcionada.

Esta deve ser uma excelente oportunidade para conhecer homens mais ricos. Mas a verdade é que, num canto recôndito do meu ser, gostaria de ter Edward só para mim.

– Eles não vão ficar para ver a peça toda – acrescenta.

– Que peça vamos ver? – pergunto. Ocorre-me que com todo o entusiasmo me tinha esquecido de perguntar.

– *António e Cleópatra* – diz ele. – Estava escrito na placa lá fora.

Eu penso nisso.

– Gosto desta peça – digo. – Li-a quando era pequena.

– Já viu alguma peça antes?

– Não em Londres – digo. – Às vezes tínhamos atores itinerantes perto de Bristol. Gostei muito deles.

– Então acho que vai gostar do espetáculo – diz ele.

A plateia em baixo já está cheia e jovens ricamente vestidos são conduzidos ao palco.

– Aqueles são os atores? – pergunto, olhando com mais atenção.

– Não – diz Edward. – São jovens que estão particularmente preocupados em ser vistos. São em geral o mesmo grupo que frequenta o clube de jogo e os cafés.

Observo enquanto os jovens chegam ao palco. Bebericam vinho de garrafas de aparência cara e vários estão de braço dado, falando alto, acenando com as mãos.

– Parecem embriagados – sentencio.

– Oh, sim – diz Edward. – Provavelmente estão a beber desde a noite passada.

Um dos homens agarra uma vendedora de laranjas pela cintura e ela grita de indignação.

– Eles gostam de se mostrar como sedutores – diz Edward.

– E a vida que levam nunca lhe pareceu apelativa? – pergunto, pensando que ele não é muito mais velho do que aqueles jovens. – Nunca pensou em beber e frequentar prostitutas para se divertir?

Ele sorri um pouco.

– Ultrapassei essas coisas. Dentro de dois anos, eles terão sífilis, nenhum escapará. As suas casas estarão um caos e as suas mulheres vão andar a dormir com os amigos. Provavelmente nunca saberão com certeza se os seus herdeiros serão verdadeiramente seus.

– Mas não frequenta tabernas? – insisto, pensando na diversão favorita dos lordes –, ou clubes de jogos de azar?

Edward nega com a cabeça.

– Como sabe, aprecio muito as mulheres – diz, dirigindo-me um sorriso perigoso.

Eu tenho uma memória repentina das suas mãos no meu corpo e espero que isso não transpareça no meu rosto.

– Mas não as tabernas – conclui Edward. – E nunca jogo.

– Nunca? – pergunto.

– Não. Não gosto de correr riscos quando está em causa dinheiro.

– Nem mesmo por diversão?

– Especialmente por diversão.

Ouvimos tossir atrás de nós e ambos nos viramos.

– Edward? – diz uma voz familiar.

Um homem de traje elaborado está atrás de um criado de libré. Reconheço-o imediatamente. É Fitzroy. O homem que ouvi a falar com Edward na minha primeira manhã em sua casa. O homem cuja irmã Edward desposará um dia.



## CAPÍTULO 20

**S**into-me encolher quando Fitzroy entra no camarote, num passo decidido e insolente.

Mais uma vez veste-se de forma extravagante, com uma peruca branca e emproada, quase tão alta quanto a de uma mulher, elaboradas fitas cor-de-rosa a atar as meias brancas, calção de seda e um casaco de um verde carregado que fere a vista, com alamares de ouro da gola até à coxa.

– Fitzroy – cumprimenta-o Edward calorosamente, movendo-se para a frente para lhe apertar a mão. – Como vão os negócios?

Os olhos de Fitzroy pousam em mim por um breve momento. Ele tem um ar feroz e parece pequeno naquelas roupas finas. Como se usasse as cores mais brilhantes e os panos mais ricos para marcar a sua presença.

– Os negócios vão muito bem – responde, olhando para Edward. – Muitos credores da Bolsa estão aqui. Muitos lordes que gostariam de aumentar as suas fortunas na navegação.

Lança um sorriso de aprovação a Edward, mostrando os pequenos dentes brancos.

– Parece muito bem que esteja no seu belo camarote, Edward – elogia. – Devemos anular facilmente as objeções do Vanderbilt com algumas conversas esta noite.

Os olhos estreitos de Fitzroy regressam a mim.

– Não tive o prazer – murmura, examinando o meu rosto.

– Esta é Miss Elizabeth Ward – diz Edward, avançando um pouco. – Ela é uma parente do lado da minha mãe.

– Ai sim? – diz Fitzroy, aproximando-se um pouco. – Posso? – Pega-me na mão e os seus lábios roçam-me os dedos. Há algo tão desagradável no gesto que reprimo um arrepio.

– Já nos conhecemos antes? – pergunta. – Parece-me familiar.

– Miss Ward acaba de chegar a Londres esta semana – responde Edward rapidamente.

– Diga-me – pede Fitzroy, dirigindo-se a mim, embora os seus olhos se movam rapidamente entre nós –, o que traz uma senhora tão bonita à companhia do Edward?

– Eu...

– A Elizabeth é uma excelente amazona – interrompe Edward, o seu olhar encontrando o meu. – Ela ficou muito impressionada com o seu puro-sangue.

– Fiquei, sim – concordo rapidamente. – Um animal magnífico.

– O *Samson*? – diz Fitzroy, sorrindo ao elogio. – É um belo animal. Aquele cavalo custou duzentas libras – acrescenta, observando o meu rosto, à espera de uma reação.

– Oh – sorrio, hesitante –, que cavalo tão caro.

Isto parece agradar-lhe.

– Tenciona entrar no negócio da navegação com o Edward? – acrescento educadamente.

– O Edward e eu queremos comprar um navio mercante – concorda Fitzroy, na voz alta que alguns homens adotam quando se fala em assuntos de negócios com uma mulher. – Queremos transportar mercadorias para África.

– O Edward contou-me – digo. – Mas o senhor não deseja explorar, ou encontrar novas maravilhas?

Fitzroy solta uma gargalhada estridente.

– A exploração é para tolos fantasiosos – diz. – O Edward e eu tencionamos ganhar dinheiro.

– Então não vão correr riscos – observo, a beber o meu vinho. – Mas também não fazem descobertas.

– Exatamente – diz Fitzroy. – Nós não vamos correr riscos.

Faz uma pausa e sinto que está à espera de algo. Que lhe sirvam um copo de vinho, ou talvez de ser convidado a juntar-se a nós.

Soa um gongo barulhento lá em baixo, e no fosso da orquestra, os músicos preparam-se. Embora ninguém ali pareça prestar a menor atenção.

– Bem – acaba por dizer Fitzroy –, é melhor regressar para junto dos meus companheiros.

Lança um olhar a mim e a Edward.

– Causou uma sensação considerável com a sua acompanhante – diz a Edward, com uma falsa naturalidade na voz. – As pessoas já se interrogam.

– Então deixe-as interrogar-se – diz Edward bruscamente. – Estou aqui para fazer negócios. Não para arranjar uma noiva.

– Claro – diz Fitzroy rapidamente, num tom apaziguador. Os olhos desviam-se para mim.

– Tenha cuidado, minha querida – diz, com um sorriso afetado. – Tenho esperança de que sua senhoria se case com a minha irmã no próximo ano. Não o deixe brincar consigo.

Eu retribuo-lhe o sorriso.

– É muito difícil brincar com o meu coração – respondo.

Fitzroy parece desconcertado.

– Em todo o caso – diz para Edward, caminhando até à cortina à medida que a música soa mais alto –, a Caroline está aqui esta noite. Digo-lhe para o vir cumprimentar?

O rosto de Edward permanece completamente impassível.

– Teremos todo o prazer em recebê-la – responde.

Fitzroy faz uma vénia profunda e desliza para fora da cortina, deixando-nos sozinhos.

Edward bebe um gole de vinho, pensativo.

Aproximo-me do parapeito do camarote e olho para a multidão vertiginosa.

Fitzroy parece ter deixado uma estranha escuridão no seu rasto.

– O seu camarote é um entretenimento por si só, não é? – pergunto. – Observar as pessoas.

– Nunca tinha pensado nisso dessa forma – diz Edward. – Preocupo-me acima de tudo em saber quem está aqui e quem não está.

Ele parece tão farto disto tudo. Como se realmente odiasse esta parte de ser rico. Olha para outro camarote e eu sigo-lhe o olhar. Um homem acena.

– Um potencial credor de Mr. Vanderbilt? – adivinho.

– Algo dessa natureza. Pode ver que o meu trabalho nunca está acabado – diz Edward.

– Venha – digo alegremente. – Vamos usar este seu camarote para máximo proveito. Vamos encontrar-lhe uma jovem na multidão.

O lampejo de um sorriso regressa ao seu rosto.

– Uma jovem?

– Claro – digo, pegando-lhe na mão e levando-o para o parapeito. – Vou estar consigo apenas uma semana. Deve precisar de algum entretenimento, se voltar à cidade, não deve?

Olho para ele maliciosamente.

– Talvez possa até arranjar uma noiva que lhe convenha melhor do que a irmã do Fitzroy.

Ele ri-se abertamente e sinto-me satisfeita.

– Vamos lá ver – tento persuadi-lo, olhando com cuidado e apontando. – Onde estará ela?

– Não é bonito apontar – diz Edward, seguindo o meu olhar. – Ah. Refere-se à donzela bonita com a mãe ao seu lado?

– Sim – respondo, recolhendo a mão para dentro do camarote.

– Aquela já é casada – diz Edward. – Não quero bater-me em duelo com o marido.

– Casada tão jovem? – exclamo. – Muito bem. Quem mais poderia ser?

Deixo o meu olhar vaguar. Toda a nobreza tem um ar muito azedo. Seria de pensar que os aristocratas vieram a um funeral. Especialmente quando comparados com os animados plebeus na plateia.

– E aquela jovem? – sugere Edward, juntando-se ao jogo. – Em frente, com o vestido verde?

– Oh, Edward – repreendo-o. – Não se vai divertir com ela. Vê como o vestido está tão apertado? Iria passar toda a noite a despi-la. Ou teria de lhe levantar as saias acima da cabeça e tapar-lhe o rosto.

Ele ri-se em voz alta.

– E veja como ela franze a testa – acrescento. – Estamos aqui para lhe arranjar diversão. Não para lhe dar as preocupações de ter uma mulher antes de estar realmente casado.

– Suponho que têm um ar muito sério naquele camarote – reconhece ele. – Então é aquela? – pergunta, olhando para longe. – Certamente deve corresponder aos seus padrões?

– A quem se refere? – Sigo o seu olhar em vão.

– Aquela senhora com diamantes no cabelo – indica Edward. – Pode servir para esposa, o que acha? O dinheiro dela pode sustentar uma grande propriedade, como a minha.

Os meus olhos pousam na mulher que ele aponta e o meu coração para, pois reconheço-a. É Harriet. Mas está demasiado imersa nos seus jogos de sedução para reparar na nossa presença.

– É uma cortesã – revelo.

– Aquela senhora? – pergunta Edward. – Como pode ter tanta certeza?

– Conheço-a – digo, agora a espiar mais de perto o cabelo negro, a ampla boca sorridente. – Aquela é a Harriet. Da casa de Mrs. Wilkes.

Edward olha.

– Aquela é a Harriet? A cortesã?

– Sim. Repare como ela colocou todas as joias para ficarem na frente – acrescento. – Quando inclina a cabeça, pode ver que não há nada na parte de trás. É propositado para o teatro. As senhoras não dispõem as suas joias daquela forma.

– Ela faz de senhora muito bem – observa Edward, notando os vinhos caros e os doces que o camarote de Harriet contém.

– É verdade. E parece ser mais alegre do que a maioria das senhoras aqui. Harriet foi abençoada com muitos atributos.

Suspiro para mim mesma, recordando como Mrs. Wilkes elogiava constantemente a figura impecável de Harriet, os grandes olhos verdes e o charme evidente.

Ambos observamos o camarote enquanto Harriet rodopia e seduz, batendo com o leque em dedos atrevidos.

– Não com todos os atributos – diz Edward calmamente e com um leve sorriso nos lábios.

## CAPÍTULO 21

**N**o alvoroço geral, ninguém parece estar a prestar atenção ao palco. Embora eu tenha a impressão de que a iluminação dos grandes lustres esteja a ser reduzida.

– A peça vai começar? – pergunto, querendo saber por que razão as pessoas se preocupam em ir ao teatro, se não desejam assistir ao espetáculo.

Edward olha para a multidão, fazendo presumivelmente as suas próprias observações sociais. Acena à minha pergunta, voltando a atenção para mim.

– Os atores têm vozes altas – assegura. – E a construção do teatro transporta o som. Deveremos ouvir bastante bem, assim que começar.

Aproximo-me um pouco mais do parapeito do camarote. Dois assentos foram dispostos de modo que nos sentemos ao lado um do outro.

A cortina sobe e eu sinto o meu ânimo elevar-se também. De um lado ao outro do fundo do palco há uma enorme tela, pintada a óleo para representar uma terra estrangeira.

Deleitada, dirijo-me a Edward.

– Aquilo é o Egito? – pergunto, voltando-me para a cena em tons de amarelo e com formas de pirâmide e animais bizarros. No palco estão enormes pilares que parecem ser feitos de pedra, ao estilo neoclássico, mas julgo que devem ter sido elaborados a partir de um material mais leve.

– A cenografia tornou-se uma arte – responde Edward. – Fazem o Egito muito bem.

Estou extasiada agora, debruçando-me o mais possível sobre o parapeito do camarote. Mal tenho tempo de apreciar toda a cenografia quando dois rapazes bonitos entram em cena, vestidos

com togas como romanos.

Com o ruído lá em baixo, esforço-me para apanhar todas as palavras, enquanto eles discutem Marco António e o seu amor por Cleópatra.

Os meus olhos pousam em Edward e vejo que ele está a olhar para o meu rosto, com o fantasma de um sorriso a brincar-lhe nos lábios.

– Veja a peça. – Rio-me, apanhada de surpresa pela atenção.

– Prefiro vê-la a si, enquanto a vê – diz ele.

Tenho a sensação, após a conversa dele com Fitzroy, de que Edward está a gostar da atmosfera mais leve entre nós.

– Bem, preferia que não me observasse – respondo. – Por isso, volte a sua atenção para os atores.

Ele sorri, mais para si mesmo do que para mim, e volta-se para o palco.

Depois de me assegurar de que ele está a prestar atenção, deixo-me envolver no cativante mundo da peça.

Então, ao fim de alguns minutos, sinto a mão quente de Edward procurar e fechar-se sobre a minha. Deixo que os meus dedos se apertem nos dele. E com a peça a captar a minha atenção, não me permito pensar muito sobre o significado deste gesto.



## CAPÍTULO 22

A meio do espetáculo, a cortina atrás de nós ondula novamente e o mesmo criado reaparece com uma bandeja de doces de maçapão e vários embrulhos de papel contendo avelãs. Edward agradece e deixa cair algumas moedas na mão do homem.

– Lembrou-se de que eu gostei dos doces de maçapão! – digo, encantada.

Edward parece satisfeito.

– Claro. É o mínimo que um cavalheiro pode fazer pela sua dama.

– Não sou uma dama – respondo, devolvendo o sorriso e olhando para os doces com prazer.

– Não anda muito longe de o ser – diz ele, parecendo sensibilizado com a minha reação.

O criado aguarda antes de se retirar e Edward vira-se para ele interrogativamente.

– Miss Caroline Taylor pediu-me para entregar um cartão – diz o homem, em resposta à pergunta muda. Faz uma vénia e apresenta um quadrado perfeitamente branco de cartão, com o nome de Mr. Percival Brathwaite nele.

Edward pega no cartão e avalia-o. O seu rosto está completamente neutro.

– Por favor, mande-a entrar – diz ele.

Olho para o cartão e depois para Edward.

– Ela enviou o cartão do cunhado – explica ele, vendo a minha confusão com o nome diferente. – As senhoras da sociedade fazem-se anunciar por meio dos seus acompanhantes do sexo masculino. As maneiras da Caroline são sempre perfeitas – acrescenta Edward, de sobrancelhas arqueadas.

– Esta Caroline... – começo.

– Supostamente será minha mulher, um dia – termina ele. Está a olhar para o cartão. Depois ergue os olhos para os meus.

– Ela quer ver o futuro marido? – digo, à falta de outra resposta. Edward abana a cabeça.

– Penso – diz ele lentamente – que ela quer é vê-la a si.

– Porque haveria ela de me querer ver? – Por alguma razão, o pensamento de ser procurada põe-me em pânico.

– Deve tê-la visto no meu camarote. É essa a sua função, afinal. Mostrar a toda a gente em Londres que Lord Hays está na cidade. E exibir qualquer companhia que se digne a ter com ele. – Edward sorri ironicamente ao pronunciar esta última parte e lança-me um olhar contrito.

– Ela sabe alguma coisa a meu respeito? – pergunto. O rosto amargurado de Fitzroy lampeja diante de mim.

– Só o que o resto da cidade sabe – diz Edward. – Que eu tenho uma linda convidada da província. Portanto, seria falta de tato tentar obrigar-me a casar.

– A Caroline não quer ver a peça? – digo, frustrada. Estava hipnotizada pelo espetáculo e sinto-me irritada com a interrupção.

– A maioria das pessoas vem ao teatro para conviver – diz ele com pesar.

A cortina é puxada para trás antes que eu possa fazer mais perguntas, e uma mulher alta e ruiva entra no camarote. É tão diferente de Fitzroy que me pergunto como podem os dois ser da mesma família. Embora ela, tal como ele, seja atraente. Caroline tem olhos azul-claros, uma boquinha rosa-pálida e o tipo de bochechas arredondadas que se veem nos querubins.

Aperto os lábios. Entendo bem porque Edward a haveria de querer como noiva. Ela possui todas as características de uma «dama da sociedade» casadoira. O vestido verde-claro está na

moda, mas ostenta um decote modesto na frente, com luvas compridas a condizer. Usa o cabelo ruivo num penteado alto, com grandes penas de avestruz e enormes safiras como ornamentos.

No seu pescoço, joias maiores emitem um brilho luxuoso à luz das velas e ela não parece sentir qualquer desconforto com o peso do cabelo, nem com a largura do vestido.

Mrs. Wilkes teria destacado uma mulher assim como uma ameaça. Uma combinação de decoro e beleza.

De repente, estou muito ciente da minha própria falta de joias. Em comparação com Caroline, as minhas fitas e rendas devem parecer muito pobres. E o meu vestido não possui o corte nem a cor da última moda como o dela.

Quando se aproxima, sinto Edward chegar-se um pouco para mim. Como se me quisesse proteger de alguma coisa.

– Edward. – Caroline esboça um largo sorriso brilhante, revelando pequenos dentes brancos como os do irmão. – Esteve a esconder-se de mim!

Ela permanece muito direita, mas ergue o braço e toca-lhe com a ponta dos dedos enluvados. Em seguida, retira a mão como se se sentisse insegura quanto à forma como este gesto coquete possa ser encarado.

– Miss Taylor – diz Edward com uma vénia –, que encantador vê-la. Esta é a minha acompanhante, Miss Elizabeth Ward.

Os olhos de Caroline varrem a minha figura e rosto como se estivesse a tentar gravar o máximo na memória antes de o decoro lhe indicar que desvie o olhar.

Tenho a nítida sensação de que Fitzroy a instruiu para descobrir mais a meu respeito.

– Miss Ward – diz ela depois de um momento, fazendo-me uma reverência.

Ficamos a olhar uma para a outra.

Sob o seu escrutínio, o peso do meu cabelo parece queimar-me o pescoço e a armação sob o meu vestido crava-se nas minhas ancas.

– Não toma uma bebida? – sugiro, ansiosa para quebrar o silêncio. – Temos vinho tinto. Ou o novo que faz espuma. Champanhe.

Caroline olha para Edward hesitante e percebo que devo ter cometido alguma gafe. Talvez uma senhora não deva oferecer bebidas.

– Por favor, tome um pouco de vinho – diz ele rapidamente, aproximando-se da nossa pequena mesa de prata. – Tome um copo connosco.

Ele serve-lhe um copo de vinho tinto. Ela aceita-o um pouco desajeitada.

Reparo que parece haver algo totalmente desconfortável na interação entre ambos. É difícil imaginar que um dia serão marido e mulher e terão de se deitar um com o outro.

Olho para Caroline sub-repticiamente quando ela leva o copo aos lábios. Pergunto-me se faz alguma ideia do que é esperado das mulheres quando se casam. Os rumores dizem que algumas jovens da sociedade não sabem de nada até chegar o momento.

Caroline bebe um pequeno gole de vinho e a sua testa delicada franze-se.

– Nunca me consegui habituar ao vinho tinto – admite, baixando o copo.

– Temos vinho branco – sugiro. Mas ela acena com a mão, declinando educadamente.

– Por favor – diz com doçura –, não quero ser um incómodo.

Eu sorrio para ela, incerta.

– Miss Ward, é nova em Londres? – pergunta Caroline.

Aceno com a cabeça, optando por uma meia-verdade.

– A sociedade de Londres é completamente nova para mim – digo. – Confesso que achei algumas partes da vida na cidade bastante surpreendentes.

– Deveras? – Caroline olha-me com toda a atenção e agora finalmente vejo uma sombra da semelhança com o irmão. Há algo traiçoeiro no seu olhar. Como se ela me estivesse a voltar de um lado e do outro, tentando desvendar-me.

– É da província? – pergunta com cautela.

Eu aceno.

– De perto de Bristol.

Imploro silenciosamente que ela não peça mais detalhes sobre o meu passado.

Caroline considera a minha resposta, deslocando o seu peso para um pé.

– Está a gostar do teatro? – pergunta, surpreendendo-me com a brusca mudança de assunto.

– Estou a gostar muito – respondo, aliviada por dizer a verdade.

– Conhece a peça? – continua ela. Os seus olhos percorrem-me novamente, avaliando-me.

– Um pouco. Li-a em criança.

– Eu mal consigo acompanhá-la – diz Caroline levianamente. – É difícil saber o que está a acontecer. Além disso, é claro, Cleópatra é uma mulher sem honra.

Os olhos de Caroline estreitam-se, varrendo o teatro mais além. Iluminam-se ao passarem pela cortesã que avistei antes, no seu camarote.

– Como muitas mulheres em Londres – acrescenta ela, com o seu olhar a pousar de novo em mim.

– Mas Cleópatra tem honra – digo.

Percebendo que devo justificar o meu desabafo, continuo a falar.

– Quero dizer – começo –, não é isso o que Shakespeare nos diz? António e Cleópatra têm ambos honra, mas de tipos diferentes.

Caroline parece confusa.

– Como pode haver diferentes tipos de honra? – diz ela. – Existe apenas um tipo.

Mordo o lábio. Mais vale continuar agora.

– António tem honra no seu dever. Para com a sociedade – digo. – Mas Cleópatra tem honra para consigo mesma. A dela é imutável. A dele deve ir para onde quer que Roma vá.

Caroline encolhe os ombros.

– Parece-me que Cleópatra é uma mulher má – diz, incerta. – Mas suponho que é a arte de Shakespeare. Fazer-nos questionar.

Os seus olhos brilham para Edward ao dizer isto, como que partilhando uma piada. Mas ele está a olhar pensativamente para o palco.

O mais ínfimo brilho de aborrecimento cintila nas feições de Caroline e desaparece antes que eu possa ter a certeza de que estava ali.

Ela vira-se para mim com um sorriso educado e pergunto-me como pode ser tão indiferente. Estas mulheres da sociedade são mesmo frias. Se uma rapariga plebeia fosse encontrar-se com a amante óbvia do seu noivo, haveria uma briga. Mas esta mulher aceita a infidelidade do futuro marido sem a mais pequena agitação. Talvez sejam assim esses casamentos arrançados. Mas parece-me um tipo de vida vazio. Não admira que os homens da sociedade olhem para as cortesãs.

Caroline boceja, tapando a boca com delicadeza.

– Aquela horrível Harriet está num dos camarotes – diz. – Apresenta-se como uma verdadeira senhora desde que conseguiu prostituir-se a um duque.

Brinca com o pesado colar enquanto eu observo o teatro. Mas não consigo ver Harriet. Desapareceu entre os seus inúmeros homens.

– É claro que em breve ele se cansará dela – diz Caroline. – O duque deve estar farto de estar fora da sociedade. Nenhuma senhora recebe uma prostituta na sua sala de estar. Então esta criatura deve providenciar todo o seu entretenimento.

Caroline abana a cabeça tristemente.

– Talvez o duque se lisonjeie pensando que ela o ama – suspira.  
– Mas nenhuma mulher que realmente ame um homem iria condená-lo a uma vida assim. Tal casamento nunca poderia fazer parte da sociedade. O homem deve abandonar toda a companhia educada.

Arrisco um olhar para Edward enquanto ela fala.

Vejo algo perpassar o seu rosto e desejo não o ter visto. Porque de repente é muito claro para mim como somos diferentes.

Os olhinhos inteligentes de Caroline andam para a frente e para trás agora. Como se estivesse a engendrar algo.

Ela dá um suspiro exagerado.

– Que tonta sou – anuncia. – Deixei o meu leque com o seu criado, Edward.

Há uma pausa de uma fração de segundo, antes que Edward perceba o que se espera dele.

– Por favor, permita-me que lho vá buscar – diz ele, com uma vénia.

– Vai? – Ela lança-lhe um sorriso encantador. – É muito amável. Tem a certeza de que não é um abuso? – acrescenta, quando ele me lança um olhar contrito.

As naturais boas maneiras de Edward são mais fortes do que ele.

– Para si, nada é um abuso – assegura-lhe ele galantemente. E

antes de eu perceber o que está a acontecer, Edward inclina-se para nós e passa para trás da cortina, deixando-me sozinha com Caroline.

Os seus frios olhos azuis estão agora fixos em mim. A simpatia desapareceu completamente, como se fosse uma encenação que ela levasse a cabo com algum esforço por causa de Edward. O seu rosto parece quase cruel.

Percebo que faz este jogo de costumes sociais com mestria. Pedir o leque foi uma artimanha deliberada para me apanhar sozinha.

– Então, Miss Ward – diz ela maliciosamente –, espera apanhar o Edward como marido. Mas a sua presunção é muito grande.

A acusação é tão absurda que quase desato às gargalhadas.

– Posso assegurar-lhe – digo, esforçando-me para não me rir – que não tenho qualquer desejo de me casar com o Edward.

– Mas é claro que tem – diz Caroline com desdém. – Não a censuro, claro. Uma jovem simples do campo como você deve pensar que está à beira de conseguir arrecadar um belo prémio.

Ela inclina a cabeça, como um pássaro considerando a sua presa. Há uma longa pausa enquanto espera que as suas palavras caem fundo. Parece que não têm o efeito que esperava, pois ela continua a falar.

– Não pode pensar sinceramente que conseguiria passar por mulher do Edward na sociedade educada? – diz ela. – Não possui refinamento.

Os seus olhos estão no meu vestido e no cabelo agora.

– Pode ter um rosto bonito – acrescenta –, mas não tem sentido de moda. Não possui boas maneiras. O charme do campo não lhe servirá de nada aqui.

Num surto de incredulidade, ocorre-me que Caroline me vê como uma ameaça real. É demasiado ridículo. Se ela soubesse.

– Talvez a vulgaridade seja mais valorizada por certos homens do que se poderia pensar – respondo, incapaz de resistir a provocá-la



um pouco.

– Os homens divertem-se com a vulgaridade – diz ela num tom leve que não esconde a sua irritação. – Mas casam-se com as boas maneiras.

A hipocrisia de Caroline começa a irritar-me. Fala como se o seu casamento arranjado e desprovido de amor fosse uma coisa nobre.

– A minha vulgaridade pode ser óbvia para si – digo –, mas a senhora deve saber como é claro que não ama o Edward.

Caroline franze a testa.

– Porque deveria eu amá-lo? Se nos vamos aliar, será por causa de assuntos de família.

Abano a cabeça, com pena dela.

– A vida que deseja não tem encantos para mim – digo.

Caroline faz um ruído feio.

– O casamento com Lord Hays não tem encantos para si? – pergunta ela, de sobrancelhas arqueadas. – Que espécie de existência, se é que posso saber, imagina que é uma vida melhor?

– Uma vida em que não seja exilada para uma propriedade remota. Enquanto o meu marido se diverte em Londres.

– Oh, não me diga que é uma daquelas românticas? – diz Caroline, com uma gargalhada. – Lê muitos romances.

– Talvez leia – respondo. – Mas a única liberdade que o seu casamento lhe irá permitir é a escolha dos seus vestidos. Será fechada numa gaiola dourada, procurando apenas decorar a sua prisão.

Caroline pestaneja incrédula e eu percebo com espanto que ela não entende a referência.

*Com que então a futura mulher de Edward não é tão inteligente com a leitura como é com maquinações sociais.*

– É Mary Wollstonecraft – acrescento, solícita. – Com certeza que, como mulher, leu os seus escritos?

– Eu... – Caroline parece absolutamente furiosa. – Eu não me incomodo com semelhantes disparates – consegue dizer.

Os seus olhos lampejam perigosamente e percebo que a posso ter subestimado. Talvez tenha mais fogo do que eu pensava. Com certeza que a minha pequena lição sobre escritos políticos a irritou muito.

– Está a esconder alguma coisa – sussurra ela. – Não sei o que é, nem como se insinuou na companhia do Edward. Mas quero dizer-lhe que vou descobrir. E quando o fizer, vai-se arrepender.

Antes que eu possa responder, a cortina mexe-se e Edward entra no camarote.

Tem um grande sorriso nos lábios e apresenta o leque. Depois olha para o meu rosto e os seus olhos saltam entre mim e Caroline.

– Está tudo bem? – pergunta.

Ambas acenamos com a cabeça e fingimos sorrir.

– Muito bem – responde Caroline alegremente, com a sua simpatia falsa a regressar. – A Elizabeth e eu estávamos a conhecer-nos melhor.

Dou por mim a olhar para ela, embasbacada. A transformação é incrível. De repente, ela é doce, afável. Faz-me pensar que jovens monstruosas a sociedade gera.

Edward põe-se a meu lado, fitando-me o rosto. Entrega o leque a Caroline, quase como se por acaso.

Ela pega nele com uma reverência. Os seus olhos precipitam-se para Edward, sentindo que está a perder a sua atenção.

– Tenho de regressar para junto dos meus acompanhantes – diz.  
– Embora Deus saiba que eu poderia ter escolhido melhor.

Edward reorienta a sua atenção para ela nesta última parte.

– O Fitzroy não se preocupa com a minha segurança – explica Caroline, com uma nota de mágoa a transparecer-lhe na voz. – A sua única preocupação é que eu seja vista no teatro. Esta noite tenho apenas o Percival e umas jovens tontas para me fazerem companhia. E o Edward bem sabe que ele não me oferece qualquer proteção se a multidão se tornar agitada.

Franze a testa e as sobrancelhas de Edward arqueiam-se um pouco.

– Não precisa de ter medo – diz ele suavemente. – Se houvesse algum perigo, pode ter a certeza de que eu a protegeria.

Os olhos de Caroline caem na espada ao seu lado e ela esboça um sorriso triunfante.

– É muito amável, senhor – diz, com uma pequena reverência. – Espero vê-lo novamente, enquanto estiver na cidade.

Lança-me um pequeno olhar de vitória e, em seguida, retira-se do camarote, fazendo uma reverência. Edward inclina-se ligeiramente, mas a sua mente parece estar noutras coisas.

– Apreciei as suas ideias sobre a peça – diz ele, assim que a espessa cortina se fecha sobre a entrada do nosso camarote. – Diferentes tipos de honra. Nunca tinha pensado nisso assim.

– Não me parece que a sua futura mulher tenha gostado das minhas ideias.

– Não se preocupe com a Caroline – diz ele. – Ela está apenas com ciúmes.

– Não tem razões para isso.

Os olhos escuros de Edward fitam os meus.

– As mulheres como a Caroline não têm a certeza sobre o lugar delas na sociedade – diz ele. – Não deve importar-se com isso.

– Que razões tem ela para não ter a certeza? – pergunto, surpreendida.

– A família não nasceu com títulos. Fizeram uma grande fortuna nas colónias indianas. A Caroline deve casar-se com a aristocracia antes de ser verdadeiramente aceite como parte da sociedade.

– Porque é que ela não desfruta simplesmente do dinheiro? – sugiro. – Se eu tivesse uma grande fortuna, não me acorrentaria a um marido.

Para minha surpresa, Edward ri-se.

– Não conheço muitas mulheres que partilhem da sua visão – diz ele ao fim de um momento.

– Tenciona casar-se com ela? – pergunto, de frente para os atores para esconder a minha expressão.

Edward olha para mim.

– Nós não estamos formalmente comprometidos. Mas foi decidido – responde ele. – Estou em dívida para com o Fitzroy pela sua ajuda na recuperação do património da minha família.

– Ama a irmã dele?

– Ainda não. Mas ela traz uma fortuna suficientemente grande para formarmos um belo lar. Ouso dizer que seremos felizes. Assim que as crianças vierem.

Bebo um cauteloso gole de champanhe.

– Parece uma cortesã a falar – digo. Talvez seja o vinho a produzir efeito. Ou talvez Caroline me tenha irritado. Mas de súbito não me importo se o insulto.

Ele vira-se para mim com surpresa.

– É nisso que todas as jovens em casa de Mrs. Wilkes acreditam – acrescento. – Que o amor pode ser comprado pela quantia certa.

Tomo outro gole de champanhe. Não sei porque estou a falar desta forma. É como se tivesse um demónio dentro de mim, mas não consigo parar.

– Então, com todo o vosso dinheiro, vocês aristocratas não têm

mais liberdade do que nós, as mulheres da rua. Porque não podem amar quem escolhem – concluo.

Edward está calado. Sinto o estômago começar a apertar.

De repente, tenho a certeza de que isto porá fim ao nosso acordo. As prostitutas não ficam ricas a ser inconvenientes.

– É essa a sua opinião? – pergunta ele em voz baixa. – Que o amor não pode ser comprado?

Eu esboço um sorriso trémulo.

– A minha opinião não tem importância.

– Para mim tem.

Olho para ele. Os seus olhos escuros são sinceros.

– Então o que vende uma mulher, quando entretém um homem?  
– pergunta suavemente.

– Vende a sua companhia – respondo. – Não vende a sua alma.

Viro-me para olhar para a frente, preferindo não dizer mais nada.

Ao fim de um momento, olho para Edward, pelo canto dos olhos, e vejo que ele está a olhar para o meu peito.

Percebo que os meus dedos se moveram automaticamente para sentir a forma da minha nota. Apresso-me a baixá-los.

Lentamente, ele aproxima-se.

O meu coração começa a bater mais depressa. Fecho os olhos.

– E então eu e a Elizabeth? – sussurra.

– Temos um acordo de negócios – digo, esforçando-me para combater o nó na garganta. – Isso não é lugar para o coração.

Abro os olhos e vejo que Edward tem um pequeno sorriso tenso nos lábios.

Sinto as lágrimas picarem e desvio o olhar.

– Somos semelhantes, a Elizabeth e eu – diz ele, olhando para a

multidão. – Tornámo-nos tão duros que ninguém nos pode magoar.

Fico a olhar para o palco, à espera de um momento em que as minhas emoções não me traiam.

Eu sei que o que Edward afirma é verdade. Se ele acha que isso é bom ou mau, é impossível dizer.

Em seguida, ele suspira como se as mulheres fossem um mistério difícil.

– Vamos apenas desfrutar da companhia um do outro durante o tempo que passarmos juntos – conclui.

Olho para ele por um longo momento. Em seguida, ambos nos voltamos para os atores.

Edward permanece tranquilo durante o resto da noite. Os seus olhos estão distantes. E embora nós falemos da peça, ele não parece o mesmo.

Quando regressamos a sua casa, de carruagem, ele não me acompanha até à sala. Adormeço sozinha, amaldiçoando-me por ter falado tão livremente. Esta será provavelmente a minha última noite nesta casa.

## CAPÍTULO 23

**N**a manhã seguinte, acordo sozinha e Sophie entra na sala para fazer a minha *toilette*.

– Sua senhoria pediu que se juntasse a ele para o pequeno-almoço – explica ela, enquanto permito que me vistam camadas de saias.

Considero estas palavras. Então Edward não quer pôr termo ao nosso acordo, como eu temia. Pergunto-me se me perdoou, ou simplesmente decidiu não pensar muito na minha franqueza.

Alguém bate à porta e mais duas criadas entram, uma transportando os apetrechos familiares da *toilette* matinal, a outra a empurrar um grande baú.

– As suas roupas chegaram – diz Sophie, parecendo satisfeita. – Pedi às criadas para trazerem as mais adequadas para hoje. Deseja que lhas mostremos?

– Oh, sim! – exclamo, traindo a minha emoção. – Por favor mostrem-mas.

– As costureiras acham que são de muito bom gosto – confia Sophie, abrindo a tampa. – Disseram-nos que Miss Lizzy tinha bom olho para a moda e as cores.

– Eu não tenho muita experiência – admito. – Além de observar senhoras. Esperemos que a minha figura se adeque à arte das costureiras.

Tenho esperança de que a minha silhueta magra tenha adquirido um pouco de volume. A vida na casa de Edward, onde sou bem alimentada, significa que como três boas refeições por dia. Congratulo-me por os meus braços e pernas começarem a parecer mais cheios.

Sophie e as outras criadas desempacotam cuidadosamente os três vestidos de cima, desdobrando-os com reverência.

– São lindos – suspira Sophie, passando a mão pela peça que segura –, um de seda azul-clara, bordado com minúsculas peónias brancas.

Fico a olhar para o vestido, sem fala. Então atravesso a sala e toco no tecido, passando a mão ao longo da costura perfeita.

– Não gosta da cor, Miss Lizzy? – pergunta Sophie, incerta. – O azul é muito claro?

– Oh, não! – suspiro, recuperando a minha voz. – Não. É só... Eu simplesmente não posso acreditar como são tão bonitos.

Olho para ela e ambas sorrimos.

– Estão muito bem feitos, não estão? – comenta ela. – Acho que todos lhe vão ficar muito bem.

Os meus dedos tocam delicadamente a parte superior do vestido.

– Os pontos nem sequer se veem – digo com admiração. – Eu nunca usei tais confeções.

Sophie sorri tão orgulhosamente como se ela própria tivesse costurado os vestidos.

– Veja como as saias são feitas – sugere, pegando nelas. – Não estão lindíssimas?

As saias largas abrem-se, abaixo do espartilho solidamente elaborado, numa extensão ondulante de dobras impecáveis.

– Qual deles deseja vestir? – pergunta ela, enquanto eu admiro as saias.

Os meus olhos pousam nos outros dois vestidos. Além do azul, há um de seda verde-clara, como o orvalho da manhã sobre a relva. É adornado com fitas roxas e guarnecido a fio dourado.

O terceiro vestido é de uma seda macia rosa-escura, ornamentado com nuvens de renda francesa no busto.

– Talvez o das peónias azuis – digo, ao fim de um momento, recordando a carruagem azul de Edward. – O que me diz, Sophie?



– Eu acho que o azul é o mais bonito para hoje – concorda ela, pendurando-o sobre o braço. – Deve estar bom tempo e Miss Lizzy fará o céu corar de vergonha.

Eu rio-me.

– Podemos vestir-lho, Miss Lizzy? – pergunta ela.

– Sim, por favor. – Endireito-me, quase sem respirar no meu entusiasmo, enquanto elas andam à minha volta, despindo-me e ajudando-me a colocar o vestido.

Sophie mantém-se afastada enquanto as outras duas criadas me apertam o espartilho a alta velocidade, amarrando, alisando e puxando com dedos ágeis.

Em seguida, ela aproxima-se, empunhando um grande espelho.

– É a beleza em pessoa – diz com admiração.

Quando estou finalmente pronta para o pequeno-almoço, lembro-me de repente do silêncio de Edward na noite anterior. Agora que sei que hoje vou ficar, percebo quão dececionada me sentiria se tivesse de partir. Mas pergunto-me se ele me vai repreender pela minha opinião forte.

Os criados anunciam-me e eu entro para o pequeno-almoço, mantendo a minha postura direita como Mrs. Tomkinson me aconselhou.

Edward já está sentado, mas levanta-se quando me vê entrar.

– Elizabeth – diz. E eu sinto-me como se ele tivesse dito tudo numa palavra. Observa o vestido por um longo momento.

– Parece estar mais bonita de dia para dia – conclui ele, finalmente.

Não há qualquer vestígio de falsa bajulação no seu tom e eu sinto-me corar.

– Obrigada – digo, com uma pequena reverência.

– A costureira fez-lhe jus – acrescenta Edward. – E a Elizabeth

mostrou-se refinada na sua escolha.

Sophie aproxima-se para bater o meu chocolate quente e eu espero que ela termine.

Edward acena para que os criados nos deixem a sós e observa-me enquanto me aproximo da mesa.

– Parece perturbada – diz ele, quando me sento perto dele.

– Eu... eu pensei que talvez o tivesse ofendido – admito. – Na noite passada. Com as minhas observações sobre os seus planos de casamento.

Ele olha-me atentamente.

– Acha que não tem direito a ter a sua opinião? – pergunta. – Por eu pagar a sua companhia.

Sorrio debilmente à forma acertada como resumiu as coisas.

– Algo parecido com isso – admito.

– Bem, deve ficar descansada – diz ele. – Uma das coisas por que pago é a sua natureza animada. A última coisa que desejaria seria que ela fosse atenuada, como aquelas jovens da sociedade entediantes.

Faz uma pausa, como se se apercebesse de que falou de mais e depois sorri amplamente.

Retribuo o sorriso e sirvo-me de um pão.

– Que ocupações tem hoje? – pergunto, imaginando que estará ausente durante o dia, como antes.

Edward recosta-se na cadeira e olha-me atentamente.

– Ainda bem que pergunta – diz –, porque eu gostaria que me acompanhasse.

Ergo as sobrancelhas, a meio de engolir um pouco de pão.

– Num assunto de negócios?

Ele sorri, dobrando o guardanapo.

– Não exatamente. Mr. Vanderbilt provocou um atraso inteligente – explica. – Tenho de viajar para a minha propriedade no campo hoje para assinar presencialmente alguns documentos. Gostaria de saber se me pode acompanhar.

– À sua propriedade rural? – Estou surpreendida.

– A minha propriedade fica a vinte e cinco quilómetros de Londres – diz ele. – É aborrecido, pois a viagem demora quatro horas em cada sentido. Normalmente poderia levar um laçao como companhia – acrescenta –, porque é uma longa jornada para fazer sozinho. Mas não posso dispensar nenhum homem hoje.

– E quer que eu viaje na carruagem? Como companhia?

Estou aliviada que seja esta a função para que me quer. Sentia-me um pouco assustada com a possibilidade de ele desejar que o acompanhasse num propósito maior.

Ele sorri para mim.

– Esperava que tivesse a amabilidade de me acompanhar, sim.

Tomo um gole de chocolate.

– Não precisa de me pedir – realço. – Está a pagar pela minha companhia.

– Mas a jornada é longa e o terreno acidentado – responde Edward. – Vai ser dura. Não iria obrigá-la, se a Elizabeth não quisesse. – Abana a cabeça e, em seguida, esclarece: – Também vai servir de testemunha quando eu assinar os documentos. Mas isso não seria sequer uma tarefa. Basta estar presente.

– Nesse caso, terei todo o gosto em acompanhá-lo – respondo.

Inesperadamente, Edward esboça um grande sorriso.

– Fico contente – diz. – A viagem seria uma maçada sem a Elizabeth. – Franze um pouco o sobrolho e reordena as palavras. – Sem companhia, quero dizer.

Eu sorrio para mim mesma e tomo outro gole de chocolate.

– Este atraso impedirá a compra do barco? – pergunto.

– Não, não – assegura Edward. – É um atraso, nada mais.

– Então vai assinar hoje? E tudo ficará resolvido?

– Sim – diz ele. – O Vanderbilt tem feito tudo para me incomodar. Mas para além de estar fora de Londres durante todo o dia, nada mais é do que uma finta. A parte do negócio terminará em breve – acrescenta. – Vou concluir o resto em Londres como planeado.

Sorrio para ele.

– Se eu lhe fizer companhia – digo, decidida a provocá-lo –, também terá de me entreter.

– Já tratei disso – promete ele. – Mandei abastecer a carruagem com vinho e um baralho de cartas. Tomaremos uma pequena refeição durante a viagem, e haverá pãozinhos e um pouco de carne. Por isso, estaremos bem alimentados e satisfeitos.

– Já estava a presumir que eu faria a viagem – acuso.

– Eu sei como é bondosa – diz ele com um sorriso maroto –, no que me diz respeito. Além disso, não dispomos de muito tempo juntos. Preciso de tirar o melhor proveito do meu dinheiro. Simplesmente tomei medidas para me assegurar de que o nosso tempo juntos não é entediante.

– Passaremos um bom bocado – prometo.

Sorrimos um para o outro.

– E suponho que pode comprar um pouco de presunção por cinquenta guinéus – acrescento, para disfarçar a súbita tristeza que me acomete por a semana parecer estar a passar rapidamente.

## CAPÍTULO 24

**E**nquanto Edward se ocupa dos preparativos relativos aos negócios, fico no grande corredor, observando os criados correrem para a frente e para trás.

Mrs. Tomkinson aparece, armada com uma cesta de vime coberta. Detém-se quando me vê, reparando no meu aspeto com algo que se assemelha a orgulho. Percebo que fiz bem em escolher a indumentária certa e ter pedido a Sophie que me colocasse uma bonita touca na cabeça.

– Miss Elizabeth. – Ela faz uma reverência.

– Olá, Bridget. – Sorrio. – Espero que tenha compota de morango na cesta. É a minha preferida.

Ela olha confusa para a cesta e depois para mim.

– Vai viajar para o campo com sua senhoria? – deduz.

Eu aceno com a cabeça.

– O Edward precisa de conversar com alguém, senão vai passar oito horas maçadoras na estrada.

– Mas está com o seu vestido bom – protesta Mrs. Tomkinson. – Vai precisar de algo diferente para o campo.

– O que devo vestir? – pergunto, insegura acerca do protocolo do campo.

– Algo nos pés que aguente bem a lama – diz ela, olhando para os meus sapatos azuis feitos à mão. – E acho que tenho uma capa de lã para cobrir o seu vestido. Se for à propriedade de sua senhoria terá de percorrer uma parte a pé e a carruagem poderá sujá-la.

Dá estalidos com a língua, aborrecida com esta nova tarefa.

– Já estou atrasada para falar com o açougueiro – reclama. – Não consegui encontrar sua senhoria para lhe perguntar se deseja um fricassé de frango ou carne assada.

– Eu acho que ele deve preferir carne assada – digo, recordando que Edward escolhera carne para o jantar com Mr. Vanderbilt.

Mrs. Tomkinson acena com gratidão.

– Vou voltar com a sua capa e uns tamancos – promete ela. Então, como se não se conseguisse controlar, ergue a mão e compõe-me a touca.

– Parece mesmo uma senhora – diz, acenando com a cabeça de um modo satisfeito. Em seguida, apressa-se a sair com a cesta.

Mrs. Tomkinson regressa, como prometido, com uma capa de lã grossa e uns tamancos.

E assim que estou agasalhada para a viagem, ela permite que Edward me conduza lá para fora, onde vejo uma carruagem muito maior do que a que utilizámos antes.

– Precisamos de um veículo tão grande? – pergunto, intimidada pelo tamanho do mesmo. – Somos apenas dois.

– As estradas são muito irregulares – explica ele. – As rodas maiores serão mais confortáveis. Verá.

– Parece uma bela viagem na qual levar uma senhora – provoco.

– Mrs. Tomkinson já protestou – diz Edward, com um sorriso indulgente. – Eu disse-lhe que o seu coração bondoso não permitiria que eu viajasse sozinho.

Ele faz-me entrar no luxuoso interior, instalando-se a seguir. Lá dentro estão três cestas, que Edward destapa para revelar um piquenique bem arrumado. Há pão fresco e pratos de manteiga, geleias e compotas.

– Outro pequeno-almoço?

– Pensei que a viagem lhe poderia dar fome. E gosto de a ver comer.

– Não está cansado de ver mulheres a comer – brinco –, com todos os seus jantares finos?

– As senhoras da sociedade não têm prazer em comer, como a Elizabeth.

Olho para ele para ver se há troça naquilo. Mas o rosto de Edward é sincero.

Tira dois pratos cobertos de servir, de porcelana, e remove as tampas.

– Empadas de vitela, salmão e carne com rábano – explica, mostrando-me o conteúdo. – Há papa de aveia com natas doces – acrescenta –, e tenho uma garrafa de sidra fresca. Ou conhaque francês para nos aquecer.

– Não conseguiremos caminhar, quando tivermos chegado – brinco, olhando para toda aquela comida.

– Estou determinado a alimentá-la. – Pega num prato e serve-me uma fatia de pão, generosamente barrada de compota. – Estará gordinha quando se for embora – promete.

– Está a cumprir a tarefa prodigiosamente – asseguro-lhe, pensando que o meu espartilho já parece um pouco apertado na frente.

Edward bate no teto da carruagem e o veículo põe-se em marcha com um solavanco.

– Tinha razão – admito, sentindo as rodas debaixo de nós. – É uma viagem muito suave. Mal se dá conta de que estamos numa carruagem.

– Espere até sairmos da cidade e chegarmos às estradas esburacadas – diz Edward. – Então verá.

– Nesse caso, é melhor comer depressa.

Depois de termos tomado o pequeno-almoço, adaptamo-nos ao balanço da carruagem e caímos numa conversa fácil.

Edward explica as vistas de Londres, quando deixamos a cidade, e eu falo sobre a minha infância na quinta quando entramos na estrada enlameada da província.

– Desistir da quinta quebrou o espírito do meu pai – explico. – Mas o lorde que era dono da propriedade era ganancioso. Teríamos morrido à fome para pagar a renda.

– É assim que os tolos gerem as suas propriedades – sentencia Edward. – Espremer os camponeses para compensar a sua própria preguiça.

A carruagem continua a avançar.

– Gostava da vida na quinta? – pergunta ele.

Penso nisso.

– Às vezes era uma vida dura, mas eu gostava – digo.

Volto atrás no tempo, à procura de memórias.

– Passava muito tempo com a minha avó. Ela cresceu numa quinta e ensinou-me tudo. Como comer mel, usar ervas, emplastos e coisas desse género. Esses conhecimentos perder-se-ão – acrescento.

Permanecemos em silêncio, a refletir, enquanto os verdes campos ingleses correm lá fora.

– Não pensou em ficar em Bristol e casar-se com um rapaz do campo? – pergunta Edward. O tom é informal, mas sinto algo por detrás das palavras.

– Eu não era muito popular entre os rapazes do campo – admito.

– Acho difícil acreditar – diz ele, olhando para o meu rosto.

– Os maridos camponeses procuram noivas simples. Eu era inteligente de mais para o meu próprio bem.

Estamos novamente em silêncio na carruagem que avança com algum ruído.

– Vamos jogar às cartas? – sugiro, lembrando-me de que ele trouxe um baralho.

– A que gosta de jogar? – pergunta ele, tirando o baralho de



uma cesta.

– Ao vinte e um? – Aprendi este jogo em casa de Mrs. Wilkes e era boa o suficiente para bater toda a gente com quem joguei.

– Muito bem. – Ele baralha as cartas com destreza.

– Baralha bem para um homem que não joga – observo.

– Não joga a dinheiro.

– Então não vamos fazer nenhuma aposta?

– Isso parece-me justo – diz ele. – Não sou tolo o suficiente para apostar com uma das meninas de Mrs. Wilkes num jogo de cartas.

Eu sorrio e Edward dá as cartas. E apesar de toda a sua humildade, ele joga uma mão hábil. Fico a olhar para as suas cartas vencedoras. É a primeira vez que sou derrotada neste jogo.

– O Edward é bom – observo, pegando nas cartas e baralhando-as.

– Sorte de principiante – responde ele. – Outra partida?

Eu acedo.

– Tenho de recuperar um pouco da minha dignidade – digo. – Em casa de Mrs. Wilkes, nunca ninguém me superou neste jogo.

Dou as cartas e desta vez comprometo-me a prestar mais atenção.

Pegando nelas, examino-as cuidadosamente. São um bom começo.

– Porque é que ainda não se casou? – pergunto, sentindo-me subitamente capaz de colocar a questão que me vem incomodando há dias. Edward é velho para ser solteiro e parece não ter pressa em consolidar o seu noivado informal. – A sociedade não considera isso estranho? – acrescento.

– Eu fui casado – diz ele, olhando para as suas cartas. – A minha mulher morreu.

– Lamento muito. – Isto muda a minha ideia sobre ele. De alguma forma, eu não posso imaginar Edward como um viúvo trágico.

– Não há necessidade de lamentar – diz ele com à-vontade, pegando numa carta. – Ela tinha sessenta quando nos casámos. Foi um casamento arranjado. Só a vi uma vez.

Os meus olhos arregalam-se.

– Mas o Edward era... Não havia nenhuma expectativa de que se deitasse com a sua mulher?

Ele abana a cabeça.

– O casamento foi celebrado quando eu tinha catorze anos. A noiva era uma viúva com uma grande fortuna. O meu pai esperava pagar as suas dívidas com a venda do filho.

Pego numa carta num silêncio espantado. Mesmo entre os aristocratas, isso é frio, não?

– Ficou zangado com o seu pai? – pergunto, contando a minha nova mão.

Ele acena com a cabeça.

– Ah, sim. Não só pelo casamento. Pela sua má gestão da fortuna da família. Ele quase nos arruinou.

Edward levanta os olhos para mim.

– O meu pai era famoso pelos seus hábitos de jogador – diz. – E em Londres, deve imaginar que isso fez dele um péssimo apostador.

– Imagino que sim – murmuro.

Edward assente com a cabeça e, em seguida, joga.

– Vinte e um. – Sorri.

Percebo que ele me enganou. Joga muito melhor do que deixou transparecer.

– Não me disse a verdade! – acuso. – Isso não é sorte de

principiante. O Edward joga excepcionalmente.

Ele sorri com malícia.

– Era assim que eu costumava ganhar a minha passagem e hospedagem – admite. – Quando fui viajar pela Europa.

– Deve ter jogado mesmo muito bem. Para financiar a sua viagem.

– Há com certeza muitos em França e Itália que juraram nunca mais jogar comigo – diz ele. – Mas tenho a certeza de que existem muitos jogadores de cartas melhores do que eu.

– É muito modesto. Porque não joga a dinheiro agora? – pergunto, perplexa. – É muitíssimo bom. Poderia ganhar uma fortuna nos clubes de Londres.

– Eu não gosto dos clubes de Londres. – Edward vira-se para olhar pela janela.

No silêncio que se segue, sinto que falar de jogos de azar e do pai despertou nele memórias infelizes.

– Onde está o seu pai agora? – pergunto suavemente.

– Morreu há alguns anos – diz Edward. – Eu dei-lhe uma mesada. E ele viveu o resto dos seus dias com uma amante. O meu pai era... não era um homem bom – conclui. – Não o vi nos anos que antecederam a sua morte.

Pego na mão de Edward e ele olha-me com gratidão. Em seguida, volta a olhar pela janela.

## CAPÍTULO 25

**E**sperava que a propriedade de Edward fosse grande. Mas não estou preparada para tamanha vastidão. Leva-nos meia hora a percorrer o trajeto desde o início do portão até à enorme mansão. E segundo Edward, a terra estende-se por muitos quilómetros em todas as direções.

– Ali temos uma cultura onde não havia nada – diz ele com orgulho, quando passamos por um campo de trigo ondulante. – E lá à frente, vou mostrar-lhe o novo padrão de lavra que dá aos agricultores o dobro da produção.

Quando fala da gestão da propriedade há uma nova energia em Edward que é contagiante.

– Nunca conheci um homem com tal paixão pela agricultura – digo, quando ele me descreve os seus planos para fazer a rotação de culturas, com o propósito de tirar mais alimento da terra.

– Acho que é um milagre – diz. – Ver coisas novas crescer a partir de nada mais além da terra. Não me canso disso.

A carruagem detém-se e Edward olha lá para fora.

– O terreno é demasiado acidentado para continuar – diz ele. – Temos de prosseguir a pé. Importa-se?

– Esquece-se de que eu não sou uma senhora. – Sorrio para ele, tirando os sapatos. – Fui criada de pés descalços, com ovelhas e vacas.

– Não vai usar os tamancos que Mrs. Tomkinson lhe deu?

– Prefiro não usar, a menos que se importe muito.

– Eu não me importo mesmo nada – diz ele, abrindo a porta e ajudando-me a descer. Sorri aos ver os meus pés descalços e eu levanto as saias, apreciando a vasta extensão de campos que se estende à nossa frente.

– Estamos a experimentar este campo para o gado – explica

Edward, apontando para as impressões de cascos na lama que marcaram o caminho. – Apesar de não termos tido muito sucesso até agora – admite.

Pega-me na mão e leva-me para a parte do campo com mais erva. Olho para as vacas, à distância.

– É ali que o gado se abriga? – pergunto, apontando para um velho celeiro de feno.

Edward acena com a cabeça.

– Então é por isso que o gado não se dá tão bem – digo.

Ele olha-me com interesse.

– Um celeiro como aquele é muito húmido para as vacas – explico. – Deve ter um abrigo com três lados, para deixar entrar o ar.

Olho para a erva exuberante sob os nossos pés.

– O seu pasto é bom – observo. – Arranje o celeiro e a manada deve dar-se muito bem.

Edward olha-me de forma estranha.

– O que foi? – De repente, sinto-me constrangida.

– Nada de importante – diz ele, com um sorriso enigmático. – Só que a Elizabeth é a jovem mais interessante que alguma vez tive na minha terra.

– Preferia ser a mais bonita – digo. – Mas suponho que interessante terá de servir.

Edward fecha a minha mão na dele e conduz-me em direção ao celeiro.

– Tomei providências para assinar os papéis aqui – explica. – O Vanderbilt descobriu uma qualquer lei obscura que me obriga a assinar *in situ*. – Fala com admiração e não amargura.

Aproximamo-nos do celeiro e reconheço instantaneamente o som de uma vaca em trabalho de parto.

– Está prestes a adicionar outro elemento à manada – digo, satisfeita. Sempre gostei da chegada de um bezerro.

Edward acena com a cabeça e franze o sobrolho. Porque outro barulho ecoa. Como se o animal estivesse em perigo.

Caminhamos em silêncio para o grande celeiro de madeira. Sinto o cheiro do feno fresco, quando entramos.

Há um palheiro de um dos lados e por baixo encontra-se uma vaca castanha, de olhos arregalados e barriga grande. Ao seu lado ajoelha-se um camponês, em camisa de algodão branco e calções de lã simples, com polainas para impedir que os ratos lhe subam pelas pernas acima. Tem os músculos grossos de quem exerce um duro trabalho físico e cabelo castanho parcialmente alourado pelo sol.

Do outro lado do celeiro há uma mesa incongruente e bonita. Suponho que terá sido laboriosamente trazida da casa principal de propósito para a ocasião de hoje.

Junto à mesa está outro homem, tão diferente do camponês quanto possível. Julgo tratar-se de um advogado, ou escrivão, ou algum outro funcionário relacionado com os negócios de Edward, pois é um homem de idade e usa o estilo de indumentária provincial escolhido por funcionários e advogados formais, que eu tinha esquecido que existiam fora de Londres.

Um colete pardo estica-se sobre a sua barriga proeminente e os calções correspondentes cobrem-lhe as pernas magras, com sapatos de fivela de prata nos pés. Acima do rosto corado, usa uma peruca empoeirada que começa a desfazer-se de um lado.

Este homem faz-nos uma reverência quando entramos. O camponês, ocupado com a vaca em trabalho de parto, nem sequer dá pela nossa chegada.

– Senhor – diz o homem-advogado, na voz sóbria de alguém habituado a dar más notícias. – Minha senhora.

Edward sorri educadamente, mas não o corrige.

– Elizabeth, este é o meu advogado, Mr. Beckwith – diz.

O advogado endireita-se da vénia que me fez e franze o sobrolho.

– Senhor, eu tinha pedido que o animal fosse removido – diz ele, abanando a cabeça em aborrecimento. – Mas o seu rendeiro mostrou-se teimoso sobre esse ponto. – Franze a testa. – Se eu soubesse que haveria uma senhora presente, teria sido mais insistente.

Mr. Beckwith vira-se para incluir o rendeiro nessa crítica, mas o homem só tem olhos para a vaca.

Viro-me para Edward, sem saber como ele vai reagir àquilo. Está a olhar para o rendeiro, que acaba de reparar em nós e agora se prepara para se levantar.

– Por favor, Robert – diz Edward, indicando que ele deve ficar em baixo –, não há necessidade. A vaca precisa de si mais do que nós.

Robert acena, aliviado.

– Desculpe, senhor – diz ele. – Esta está a ter um parto difícil e nós não conseguimos levá-la para o campo.

Olha com um ar contrito para o homem de peruca, que fita aquele cenário com uma expressão de repugnância óbvia.

– Eu solicitei com veemência que o animal fosse conduzido lá para fora – repete Beckwith em voz baixa a Edward. – Mas o seu rendeiro estava com medo de perder o bezerro.

Edward acena com a mão para dizer que não tem importância e Robert volta a sua atenção para a vaca.

– Vamos tratar dos documentos, Mr. Beckwith? – sugere Edward. – Assinamos esses papéis e eu posso regressar a Londres.

Mr. Beckwith faz outra reverência e apresenta um grande rolo de papel.

– Se me permite, senhor, devo chamar a atenção para estas

cláusulas – diz ele.

Por um momento, acho que Edward pode mudar de ideias. Que pode ter decidido que a compra do barco de Vanderbilt é um mau negócio e vai dizer ao seu advogado que não vai assinar.

Em seguida, os dois homens começam a falar na linguagem de troca de títulos de propriedade. Viro-me para a vaca.

Não estou numa quinta há dez anos. Mas reconheço os sinais. Pela posição do animal e os seus ruídos baixos, o vitelo provavelmente não deu a volta para a posição correta.

Vendo que Edward e o advogado não me prestam atenção, aproximo-me para examinar a situação mais de perto.

O reideiro está de cócoras ao lado dela, aparentemente sem saber o que fazer a seguir. A vaca geme de repente, com as narinas dilatadas.

Agacho-me e fico ao nível do reideiro. Os meus pés apoiam-se facilmente na terra fofa do chão do celeiro.

– Há quanto tempo começou? – pergunto.

O reideiro olha para mim, de rosto suado. Por um instante, acho que a minha aparência fina pode fazer com que não me responda. Em seguida, ele parece decidir que sou de confiança.

– Ela esteve assim toda a noite – diz –, e eu tenho medo de perder os dois.

Verificando que Edward e o advogado estão absortos nos papéis, passo a mão suavemente sobre a barriga da vaca.

– Eu acho que o bezerro não deu a volta – explico, mantendo a voz baixa.

O reideiro parece inseguro.

– Este é o primeiro ano que experimentamos criar gado – diz ele.

Faço uma pausa, para ter a certeza de que estou certa. Passou muito tempo desde que estive numa quinta. Mas as lições não nos



deixam, quando somos criados para isso.

– Vou mostrar-lhe – digo, estendendo a mão debaixo da barriga da vaca. – Vê aqui? – pergunto, indicando que ele deve colocar a mão no mesmo lugar.

– A parte mais difícil é a cabeça – explico. – As pernas estarão aqui.

Ele acena com apreensão.

– Deve meter a mão lá dentro e agarrar mais acima – acrescento.

A vaca emite outro gemido alto, escoiceando com as patas.

– Eu agarro-a – digo, reconhecendo a necessidade de agir com rapidez. – Você mete a mão no interior. Para cima, como eu disse.

Rapidamente, passo para a frente da vaca e inclino-me sobre o ombro dela, mantendo-a estável. Estou muito satisfeita por Mrs. Tomkinson ter insistido que eu vestisse uma capa de lã grossa por cima do meu vestido fino.

Robert introduz um antebraço musculado na outra extremidade.

– Acho que o tenho – suspira ele, ao fim de um momento.

– Sente os cascos duros? Tem a certeza?

Ele acena com a cabeça, gemendo com o esforço.

– Agora, puxe – exorto, usando toda a minha força para impedir a vaca de cair.

Por um momento acho que não vai resultar. Então há uma espécie de som húmido e vejo um bezerro ensanguentado pendurado do braço de Robert.

A vaca mexe-se debaixo de mim e levanto-me para lhe conceder algum espaço.

Robert coloca o bezerro sobre a palha, onde o animalzinho jaz flácido.

Ele olha para mim e abana a cabeça tristemente. O pequeno corpo está azul e imóvel.

– Esfregue-lhe o flanco – digo, mexendo-me rapidamente para lhe mostrar. – Aqui. Assim.

Esfrego o bezerro vigorosamente, da cabeça à cauda e vice-versa. E passado um momento, ele dá um coice com os pequenos cascos. Sinto um impulso de prazer há muito esquecido. Há uma alegria simples na agricultura que eu sempre adorei.

– Cá está. – Pego no bezerro com orgulho e coloco-o junto à cabeça da mãe. Ela começa a lambê-lo com entusiasmo. A pequena criatura emite uma espécie de vagido.

Robert e eu sorrimos um para o outro, unidos pelo momento partilhado.

Ainda a sorrir, volto-me para ver se Edward terminou com os seus papéis.

Em vez disso, dou com ele a olhar para mim, incrédulo. O advogado ao seu lado está literalmente boquiaberto.

Eu olho para ambos, sem saber como me explicar. A minha capa está listada com sangue do parto e as minhas mãos estão cobertas de sangue do bezerro. Até eu sei que as senhoras não ajudam no nascimento do gado. É Robert quem finalmente rompe o silêncio.

– Penso que é um belo par para vossa senhoria – diz ele, acenando com a cabeça na minha direção. – O marido trata dos campos e a mulher do gado. – Pisca-me o olho com apreço.

Edward olha para as minhas mãos ensanguentadas.

– Outro talento escondido? – pergunta suavemente.

Estou dividida entre o orgulho e o embaraço.

– É algo que é natural, quando somos criados para isto – digo, limpando as mãos à capa. Aproximo-me de uma selha de água no canto do celeiro e começo a enxaguar o sangue com gestos entusiásticos.

– E não gostaria que o bezerro e a mãe morressem – digo por cima do ombro, ainda a sentir necessidade de me explicar. Os resíduos do parto saem com facilidade, fazendo-me sentir menos constrangida.

Uma vez limpa, olho para trás e vejo Edward a sorrir como se estivesse orgulhoso de mim.

– Venha – diz ele ao fim de um momento –, vamos voltar para a carruagem. Há alguém que eu gostaria que conhecesse.

## CAPÍTULO 26

A carruagem aproxima-se de uma grande casa, do tipo Tudor. É feita de imponentes tijolos vermelhos, elevando-se vários andares, com enormes janelas de gelosias no piso térreo. Há duas grandes alas de cada lado do edifício principal, e um pequeno fosso que se estende até desaparecer de vista.

É sem dúvida uma grande casa ancestral, mas acho que deve ser um lugar frio para realmente viver.

Só depois de a carruagem atravessar a ponte sobre o fosso, percebo que Edward tem realmente a intenção de me levar lá para dentro.

– Vamos entrar na sua casa? – O pânico faz com que as minhas palavras soem estranhamente estridentes.

– Vamos para dentro da mansão, sim. – Ele sorri perante os meus nervos óbvios. Pega-me na mão. – Não se preocupe – diz gentilmente. – Não há nada a temer.

– Mas quem deseja que eu conheça?

– A minha mãe – diz Edward. – Acho que ela ficaria encantada com a Elizabeth. E ela não recebe visitas suficientes.

– A sua mãe? – Agora estou realmente com medo.

– Ela vai gostar de si – diz ele, apertando-me a mão. – Tal como eu gosto.

– Tem a certeza disso? – pergunto, quando me ajuda a sair da carruagem.

Edward para à minha frente e endireita-me a touca.

– Absoluta – diz. – Tire a capa, para que ela possa ver o seu vestido. A minha mãe gosta de coisas bonitas.

Faço o que me pede, ainda dominada pela ansiedade.

Edward lança-me um olhar avaliador.

– Adorável – decide. Em seguida, franze o sobrolho, aproxima-se e passa um dedo suavemente pela minha testa enrugada. – Assim está melhor – diz com aprovação.

– Não sei se é sensato apresentar-me à sua mãe – digo quando ele me pega na mão e me puxa contra a minha vontade para a casa. – Não sei se ela vai sucumbir ao meu charme.

– Se a minha mãe gostar de si metade do que eu gosto – diz Edward, em resposta, conduzindo-me em direção à porta principal –, ela vai gostar bastante de si.

Mal consigo apreciar o enorme vestíbulo e escadaria quando entramos na mansão. O interior é sumptuoso, mas ao contrário da casa de Edward em Londres, não é do estilo contemporâneo, mais leve. No geral, é maior, com muitos painéis de madeira escura.

Sigo com insegurança atrás dele, ficando cada vez mais nervosa, à medida que me leva pela casa.

– Não deveríamos ser anunciados por um lacaio? – pergunto, pensando que é estranho entrarmos assim para cumprimentar a mãe dele sem um criado para nos levar.

Edward abana a cabeça.

– Eu sei onde a minha mãe está – diz. – Não há necessidade dessas formalidades.

No entanto, encontramos uma criada bem vestida ao percorrermos a casa. Mas em vez de parecer surpreendida, ou perturbada com a chegada inesperada do seu amo, sorri-nos encantada.

– Lord Hays! – exclama. – Não sabíamos que vossa senhoria regressaria tão cedo.

– Ainda não regressei de vez, Tabitha – responde Edward em tom contrito. – Tinha alguns documentos que precisavam de ser assinados na propriedade. Esta é a minha acompanhante, Elizabeth – acrescenta.

A criada faz-me uma reverência, com um pequeno sorriso. As rugas ao redor dos olhos sugerem que é de meia-idade, mas o seu temperamento alegre fá-la parecer mais jovem.

– Devo preparar uma refeição? – pergunta ela. – Há muito coelho, porque o coiteiro está sempre a abastecer-nos.

Edward vira-se para mim e depois para a criada.

– Nós vamos voltar a Londres muito rapidamente – explica ele. – Mas talvez nos possa preparar algo bom para levar na viagem.

A criada faz uma reverência novamente.

– Assim farei. Vossa senhoria tenciona voltar antes do final da semana?

Edward assente com a cabeça e a criada sorri alegremente mais uma vez.

– Prepararemos algo muito bom – promete ela. – A mãe de vossa senhoria está junto à lareira, como de costume – acrescenta a criada, e pela primeira vez o seu rosto parece triste. – Dormiu muito esta manhã, mas acredito que acordou nesta última hora.

– Obrigado – diz Edward, com um sorriso igualmente triste. – Vamos ter com ela agora.

– A sua mãe está doente? – pergunto. A minha incerteza aumenta, quando a criada se retira.

– Não – responde Edward. – Mas ela toma láudano para os nervos. Provoca-lhe sono.

Permaneço em silêncio, mas começo a entender porque é que Edward não tem medo de me apresentar à mãe. Se ela é uma daquelas pessoas que faz uso diário do ópio, provavelmente lembra-se de pouca coisa, de uma hora para outra.

– Está muito à vontade com os seus criados aqui – observo, achando-o muito mais natural do que em Londres.

– São como uma família para mim – responde ele. – Cresci com

muitos deles. Ou são parentes de criados com quem eu cresci. Tenho-lhes muita estima, porque o lar de uma família é composto por todos os seus habitantes.

Edward conduz-me através de uma grande porta para o interior de uma imensa sala com painéis de madeira. Um fogo enorme arde numa lareira medieval. O fumo dos toros grossos sobe por uma grande chaminé.

A única mobília da sala é um sofá de aspeto duro, uma grande poltrona e um tapete, todos dispostos perto da lareira. Como se alguém estivesse a tentar fazer uma pequena divisão junto à lareira dentro de um enorme salão com painéis de madeira.

À medida que nos aproximamos do fogo, percebo que a grande poltrona está ocupada. Uma mulher pequena senta-se nela, escondida pelo tamanho das costas da poltrona. Mas é evidente agora que a contornámos.

Usa um traje formal, embora seja de um estilo antiquado, com uma estrutura menos rígida do que o meu. Mesmo assim, deve ser desconfortável para ela vestir-se tão corretamente. O seu cabelo branco como a neve está penteado em cachos cuidados, e o desvelo que neles foi posto contrasta com a pele seca e frágil do rosto e a sonolência dos olhos azuis.

Vejo a semelhança com Edward no rosto dela, nas maçãs do rosto cinzeladas e no arco alto das sobrancelhas. Mas enquanto ele tem um tipo robusto de beleza, os traços da mãe são mais delicados. Posso imaginá-la como uma jovem beldade, de aspeto quase etéreo.

Quando nos vê, o seu sorriso é tão bondoso que me esqueço de ter medo.

– Edward! – diz ela, com a voz fina enferrujada pela idade. – É uma bondade vir visitar a sua mãe.

Ele inclina-se para se ajoelhar junto à poltrona da mãe, pegando-lhe na mão e beijando-lha.

– Está bem? – pergunta ele. – Não sente dores?

Ela abana a cabeça.

– Não – assegura. – A tintura trata disso.

Os seus olhos pousam em mim.

– Quem é a sua bonita acompanhante?

– Esta é a Elizabeth – diz Edward, de pé. – Pensei que gostaria de ver algo brilhante.

– Tem razão – diz a mãe. – Como é encantador ver tal beleza jovem. Aproxime-se, menina, para que eu possa admirá-la melhor.

Dou um passo em frente e ela aperta-me a mão. O seu toque é surpreendentemente quente e firme.

– Tão bonita – diz ela, acenando com a cabeça. – E posso ver nos seus olhos que é cheia de vida e de boa índole.

Olha para Edward com aprovação.

– Que ótima companheira para si – decide, virando-se para mim e piscando-me o olho. – O Edward é muitas vezes aborrecido e sério.

Eu rio-me.

– Não tanto nos últimos dias – asseguro-lhe.

A mãe de Edward acena com a cabeça para mim, pensativa.

– Fico contente por ouvir isso – diz.

Eu olho para Edward, que parece um pouco envergonhado. Então os seus olhos vagueiam para os braços de passarinho da mãe.

– Já comeu hoje? – pergunta ele.

– Oh, sim – assegura ela. – A Tabitha cuida muito bem de mim.

– No entanto, parece fraca – adverte ele. – Come aquele caldo bom que eu pedi que lhe dessem? Indicado pelo médico?

A mãe acena com o braço vagamente.



– É difícil lembrar-me.

Edward franze a testa.

– Elizabeth, importar-se-ia de fazer companhia à minha mãe, enquanto eu vou buscar um prato de caldo de carne à cozinha?

– Seria um prazer – prometo. – Vou descobrir todos os seus segredos enquanto estiver ausente.

Ele revira os olhos, toca-me no ombro e deixa-nos.

– Eu fui abençoada com o Edward – diz a mãe, observando-o a sair da sala. – Ele era um menino muito inteligente, até para uma criança muito pequena. Deus concedeu-me uma benção ao dar-me um filho que não era nada como o pai.

– A senhora tem de me contar mais sobre o Edward – incentivo-a. – Como era ele em criança?

A mãe mexe-se um pouco para se endireitar e, em seguida, estremece como se as roupas a tivessem ferido.

Aproximo-me para a ajudar, mas ela levanta a mão.

– Está tudo bem – murmura. – Nós, mulheres, estamos habituadas às nossas restrições, não é verdade?

– Sim, de facto, estamos – concordo, pensando no meu próprio espartilho apertado. – Mas não pode uma senhora venerável vestir-se como quiser?

A mãe de Edward ri-se.

– Talvez, menina – admite –, mas quando se é tão velha quanto eu, ganham-se hábitos. O pai do Edward era um tirano com a indumentária e eu aprendi sob a sua autoridade.

Os dedos nodosos acariciam as saias, pensativos.

– O Edward era um menino muito carinhoso – diz ela. – Muitas vezes pergunto-me se a sua situação o tornou assim.

Ela inclina-se para a frente, com os olhos a brilhar.

– Ele teve de assumir muitas responsabilidades que deveriam ter recaído sobre o pai. – Abana a cabeça. – Enfrentou o desafio lindamente. Mas temo que o tenha tornado preocupado com a propriedade. Embora sempre tenha tido um bom olho para raparigas bonitas – acrescenta, observando-me com um brilho no olhar.

– Faço o meu melhor para o distrair dos negócios – asseguro, sorrindo.

Ela pega-me na mão suavemente, mas com firmeza.

– Eu sempre rezei – continua ela – para que ele encontrasse uma mulher que cuidasse dele. Porque ao Edward foram negadas as frivolidades próprias da infância. E a sua disposição tornou-se mais grave do que se deveria ter tornado. Ele merece amor e alegria mais do que a maioria.

O seu aperto sobre a minha mão aumenta. Eu aceno, não sabendo qual o papel que ela imagina que tenho ao lado do filho.

– Estou certa de que o Edward vai fazer um bom casamento e trazer um grande orgulho à sua família – digo com cuidado.

– Uma mulher para o fazer feliz – responde ela, piscando-me o olho, e eu sorrio-lhe, agradecida.

– Eu posso certamente fazer isso.

– Certifique-se de que faz. – Dá-me uma palmadinha de aprovação na mão.

Há o som de uma porta a abrir-se e, ao virar-me, vejo Edward regressar, trazendo um prato de caldo.

– Pois não há nada pior do que um homem aborrecido – conclui a mãe, erguendo a voz para ele ouvir.

Edward sorri um pouco.

A mãe solta a minha mão.

– Estava a dizer à sua adorável companheira que deve animá-lo – explica ela.

Ele aproxima-se de nós e ajoelha-se para colocar o caldo na mesinha ao lado da mãe.

– Ela tem-se saído bem nesse assunto – diz ele.

– Ótimo – responde a mãe. – Está na hora de o Edward encontrar uma rapariga animada, em vez daquelas criaturas atoleimadas da sociedade.

As suas pálpebras fecham-se um pouco, como se estivesse cansada.

– Hoje, o meu filho parece tão bem como nunca – murmura ela, satisfeita. – Tem um brilho nos olhos, o que me causa imensa alegria, Edward.

– A mãe pode tomar um pouco de caldo? – insiste ele. – Gostaria de a ver comer algumas colheres antes de partir.

– Na minha idade não é muito fácil engolir esses alimentos – responde ela. – Porque eles fazem o caldo muito substancial.

Edward baixa-se ao lado dela.

– No entanto, a mãe deve tomar alimentos substanciais para o seu sustento – diz ele suavemente, acariciando-lhe o braço fino. – Prometa-me que vai experimentar o caldo de carne, se não for agora, então mais tarde ainda hoje.

Ela assente com a cabeça, mas os olhos estão a fechar-se. E quando os seus lábios se entreabrem para dar uma resposta, ela adormece. Edward levanta-se, vendo-a dormir, e vira-se para mim.

– Ela dorme a maior parte do tempo – explica. – Foi uma sorte termos conversado tanto com ela. Acho que gostou muito de si.

Estuda a mãe de novo. Ela respira suavemente.

– Eu tento fazê-la comer – diz ele. – Mas ela esquece-se e o láudano diminui-lhe o apetite. Não acho que tenha comido hoje, embora a Tabitha se tenha esforçado.

– Ela toma láudano há muito tempo? – pergunto.

Edward acena com a cabeça.

– Desde que eu era menino. Acho que foi a sua maneira de escapar às brutalidades do meu pai.

Há algo comovente no rosto dele. Automaticamente, pego-lhe na mão. Ele sorri.

– Venha – diz ele. – Os nossos afazeres estão terminados. E já animou muito a minha mãe. Acho que temos de voltar para a cidade.

Mas hesita, como se preferisse não voltar.

## CAPÍTULO 27

**T**enho pena de deixar a bela propriedade de Edward para trás. Embora me agrada estar de volta à carruagem.

Edward e eu temos o nosso próprio pequeno mundo acolhedor aqui. Estamos envoltos em cobertores para nos proteger contra o leve frio da noite, e partilhamos a abundância de comida e vinho.

Como prometido, Tabitha preparou-nos mais uma cesta com coelho estufado, pão fresco e uma garrafa de vinho.

– Gostei de conhecer a sua mãe – digo, quando Edward me serve um copo.

– Não esperava gostar? – pergunta ele, reparando no meu tom.

– Não – admito. – Estava aterrorizada com a perspectiva. Sinto-me nervosa perto de gente fina. E a sua mãe é muito fina.

– Não há necessidade de ficar nervosa – diz ele. – As suas maneiras fazem-lhe jus.

– Obrigada. – Hesito, antes de continuar. – A sua mãe tinha muito medo do seu pai? A sombra dele ainda parece atormentá-la.

Edward acena com a cabeça lentamente. O seu rosto ostenta uma expressão dolorosa e por um momento acho que ele não vai responder. Quase me arrependo de lho ter perguntado. Depois, ele fala.

– O meu pai era um terror – diz calmamente. – Um jogador, um mulherengo e um animal.

Pego-lhe na mão.

– Vivíamos com medo dele – continua. – A minha mãe em particular. Eu sempre pensei... ainda acho que... Se pudesse tê-la-ia protegido melhor.

Mantenho a minha mão firme sobre a dele.

– Era apenas um menino – digo em voz baixa.

Ele abana a cabeça, com um sorriso estranho.

– Revejo-o na minha mente muitas vezes – diz ele. – O que eu poderia ter feito. O que eu deveria ter feito. Quando comecei a gerir a propriedade da família, isso deu-me algo para libertar a minha mente de tudo aquilo. Algo com que ocupar os meus pensamentos.

Aceno em compreensão. As mulheres da rua sabem bem o que é afastar os maus pensamentos. É como sobrevivemos.

– Quando tinha idade suficiente, fui para Londres – continua Edward. – Conheci o Fitzroy. E entre os dois, encontrámos uma forma na lei de desacreditar o meu pai e declarar-me herdeiro antes da sua morte.

Acaricio-lhe os dedos, pensando como o pai dele deve ter sido terrível para compelir o filho a tal ato.

– O meu pai nunca me perdoou – acrescenta Edward. – E eu nunca lhe perdoei a ele.

– Falou com ele antes de morrer?

Ele abana a cabeça.

– Talvez o devesse ter feito. Ouvi dizer depois que ele perguntou por mim. Talvez quisesse pedir-me perdão. Mas eu não sei se o teria perdoado.

Ficamos em silêncio por um momento, com o movimento constante da carruagem a embalar-nos.

– É uma bela propriedade – digo finalmente. – Compreendo porque é tão importante para si que prospere.

– Fico feliz que assim pense.

– E tenciona fazer um bom casamento e fazê-la crescer ainda mais – digo.

– Não concorda com essa ideia? – pergunta Edward num tom determinado, servindo-me mais vinho.

– Eu não disse isso.

– Não precisa. Pude ouvi-lo na sua voz. – Tapa a garrafa e toca com o copo cheio no meu.

Eu rio-me.

– Tinha-me esquecido que vocês, os aristocratas, são muito bem treinados em *nuances* sociais.

A carruagem inclina-se num sulco do caminho e Edward aperta-me contra o seu corpo.

– Porque é tão importante fazer crescer a propriedade? – pergunto, quando a carruagem se endireita. – O Edward tornou-a rentável. Porque não deixar as coisas como estão?

– Se eu fizer crescer a propriedade, posso assegurá-la para as gerações vindouras.

– Mas e o Edward? Certamente não tenciona dedicar toda a sua vida a isso? Ser um canal para o legado da sua família?

Os olhos de Edward fixam-se nos meus de repente, indagando.

– E o que propõe? – pergunta ele. – Como sugere que eu viva a minha vida?

As suas palavras têm o tom de uma repreensão, mas a expressão no seu rosto está longe disso.

Eu olho para ele por um momento e depois desvio o olhar.

– Só quis dizer... – continuo, com hesitação – que deve ter direito a um casamento feliz. Pelo menos, com uma mulher de quem goste.

– Ah. – Ele sorri, inclinando-se para trás. – Está a falar da Caroline. Sabe, nós não nos amamos.

Edward acaricia o queixo, meditando.

– Se nos casássemos, seria uma união de conveniência – admite. – Mas talvez lhe esteja a escapar quão conveniente seria. A família da Caroline traz laços comerciais. Na navegação. Eu poderia estabelecer um negócio lucrativo com grande facilidade.

Eu franzo o sobrolho.

– Não pode encontrar uma boa jovem da sociedade? – sugiro. – Uma criatura jovem e bonita. Retirar-se para cá com ela e constituir uma família feliz? A sua mãe acha que merece essa felicidade, sem dúvida.

Edward sorri a estas palavras.

– Alguns aristocratas enveredaram por esse caminho – diz ele. – Pelo que tenho visto, os seus casamentos não são felizes a longo prazo. Ao fim de alguns anos, eles passam os seus dias em Londres, evitando as mulheres, com todos os outros lordes. A única diferença é que não obtêm qualquer vantagem financeira do acordo.

– Não há aristocratas felizes no casamento? – quero saber, estranhamente desanimada com o pensamento.

– Talvez haja alguns – admite Edward. – Os casamentos plebeus são sempre felizes?

– Não – admito. – Mas há muitos casamentos felizes. Em que o marido e a mulher são um conforto e um companheiro para o outro.

Estou a pensar na minha aldeia perto de Bristol. Os casais de idade sentados a assistir às danças, de mãos dadas. Ou trabalhando nas suas pequenas e humildes propriedades com respeito e admiração mútuos.

– Então, talvez todos nós devêssemos ter nascido plebeus – diz Edward. – Assim, poderíamos ser mais felizes.

Eu sorrio.

– Não creio que seja talhado para a pobreza.

– Nem a Elizabeth – observa ele.

Aproximo-me um pouco dele. É tão fácil estar com Edward.

– É tão bom tê-lo só para mim na carruagem. Não consigo pensar em melhor maneira de viajar – digo.

O movimento do seu corpo contra o meu sugere que o



surpreendi.

Ele hesita. Em seguida, beija-me o cabelo. Como um amante poderia ter beijado.

– E o que dizer do nosso curto casamento? – murmura ele. A sua voz é grave e escura. – Somos uma união de conveniência?

Eu sorrio um pouco contra o calor do seu corpo.

– Se somos – respondo, com os meus olhos a fechar-se –, então somos o arranjo mais conveniente de todos os tempos.

## CAPÍTULO 28

**A**cordo com o movimento do balanço da carruagem.  
Edward sorri para mim.

– Quanto tempo dormi? – pergunto.

– Algumas horas.

Sacudo-me para acordar.

– Desculpe, porque eu deveria ser o seu entretenimento – digo.

– Foi divertida o suficiente no seu sono – assegura ele. – É encantador vê-la dormir profundamente.

Londres já está à vista. Pestanejo, perguntando-me se não terei talvez confundido a cidade.

– Já estamos de volta? – digo.

Edward assente com a cabeça.

– O que vamos fazer esta noite? – pergunto, com as bancas e lanternas de Kings Cross a brilhar à luz do crepúsculo.

– Podemos ser vistos em muitas diversões diferentes – diz Edward.

– Não está cansado? – digo, pensando que ele não dormiu, enquanto eu sim.

– Um pouco.

– Mas ainda assim é obrigado a ir?

Edward volta a assentir com a cabeça.

– E a Elizabeth? – pergunta ele. – Não está cansada? Foi uma longa jornada hoje.

Abano a cabeça.

– Eu dormi. E além disso, nunca estou cansada quando estou consigo.

Apercebo-me de que disse mais do que pretendia. Mas o rosto de Edward não mostra que ele o compreendeu.

– Bem, nesse caso – diz, endireitando-se um pouco –, está a fazer-se tarde mas a carruagem pode deixar-nos diretamente numa diversão. O que vamos fazer?

Volto-me para ele, surpreendida. Não estava à espera de ser consultada.

– Certamente que conhece as maravilhas da cidade – insiste ele.  
– Podemos ir onde quiser.

Eu sorrio para ele, incerta.

– A verdade é que não sei quase nada sobre Londres – admito. – Fiquei em casa de Mrs. Wilkes a maior parte do tempo. E em Piccadilly fico nas ruas onde há mais probabilidades de fazer negócio.

As sobranceiras de Edward arqueiam-se.

– Não conhece nada de Londres? Mas há muito para ver. Há todos os tipos de diversões. – Ele toma as minhas mãos nas suas. – Vamos ver os animais exóticos na Strand? Ou a uma casa de jogo?

Parece mais animado agora e ocorre-me que eu lhe permito uma maior liberdade social do que uma verdadeira senhora.

– As mulheres são permitidas em casas de jogo?

Ele acena com a mão, com desdém.

– O dinheiro dita as regras. A Elizabeth verá.

Sorrio com a ideia de visitar uma casa de jogo fina com Edward. Como todas as mulheres da rua, ouvi rumores mágicos sobre as grandes casas. Que as paredes são revestidas com iguarias e bons vinhos correm livremente.

Então lembro-me. O meu vestido é adequado para o dia.

– Este vestido não é adequado para a noite – digo.

– Isso preocupa-a?

– Não – respondo lentamente –, mas os outros não vão gostar. Se eu for a lugares finos neste vestido, serei expulsa como prostituta no momento em que o Edward se afastar de mim. As pessoas vão pensar que eu não sei como me vestir à noite. Vão pensar que eu roubei o vestido.

– Não sabia isso – diz ele em voz baixa.

Encolho os ombros.

– É como as coisas são. Eu não me importo.

Edward franze a testa. Então o seu rosto abre-se num sorriso.

– Pensei num belo entretenimento – diz.

Eu olho para ele sorrindo, perplexa. Gosto dele neste estado de espírito. Parece ter uma energia juvenil que não vi antes.

– Um lugar onde não importa o que qualquer um de nós vista – acrescenta.

Continuo à espera de um esclarecimento.

– Vamos a um baile de máscaras – anuncia.

## CAPÍTULO 29

– **S**empre desejei ir a um baile de máscaras – confesso, depois de Edward ter dado as suas instruções ao cocheiro.  
– É tão extravagante como dizem?

– É um entretenimento muito popular – responde ele. – E muitos aristocratas são bastante ousados com as suas fantasias.

– As máscaras que usam oferecem uma verdadeira dissimulação?

– Sim.

– Então é por isso que as pessoas se podem vestir da forma que quiserem? – deduzo, imaginando que o anonimato deve ser um luxo raro entre o pequeno mundo da nobreza de Londres.

– Assim é – diz Edward. – Usam o disfarce que desejarem. A Elizabeth verá leiteiras, salteadores, reis e rainhas. É uma visão bastante espetacular.

Medito nisto.

– Então entendo porque é tão popular – decido.

– Ai sim? – Ele olha para mim interrogativamente.

– Os aristocratas têm tantas regras formais – explico, recordando como achei estranhos todos os disfarces que encontrei em casa de Mrs. Wilkes. – Disfarçarmo-nos deve ser como uma libertação.

Edward ri-se baixinho. O seu olhar é pensativo.

– Sim – diz –, suponho que é. Embora – acrescenta – as senhoras da sociedade arranjam maneira de levar a sua formalidade onde quer que vão. – Encara-me com admiração ao dizer isto.

Aperto-lhe a mão e olho para fora da carruagem.

Estamos numa parte rica da cidade. Sinto-me preocupada mais uma vez e a minha mão desliza e acaricia a saia azul.

– O baile é em Oxford Street? – acrescento, repetindo o que já

ele me disse. – Tem a certeza de que não serei punida por causa do meu vestido de dia?

Edward para o movimento suavemente.

– Num baile de máscaras, uma mulher com o seu aspeto pode usar um saco de serapilheira e ser aplaudida – promete ele. – Toda a gente estará mascarada. Ninguém se vai importar. A Elizabeth verá.

Eu sorrio, incerta.

– E as máscaras? – pergunto, com a minha voz a subir num leve pânico. – Não temos máscaras para pôr.

– Olhe pela janela. O que vê ali?

Tenho estado tão perdida na companhia de Edward que não tenho prestado atenção à viagem acidentada da carruagem sobre a lama e o empedrado de Londres.

Reconheço Regent Street porque a vi pela primeira vez quando cheguei à cidade. Mas ao contrário da vasta extensão que recebe carruagens públicas durante o dia, o percurso noturno é decorado por lanternas vermelhas anunciando bailes de máscaras.

Olho mais de perto. As ruas estão cheias de gente que vende máscaras e disfarces de má qualidade.

– Vendem máscaras aqui? – digo, virando-me para Edward em delírio e, em seguida, encostando de novo o nariz à janela da carruagem. – Trajes também!

Agora estou animada. Enquanto tivermos fantasias e máscaras, ninguém me vai tomar por prostituta. Posso ser quem eu quiser.

Sorrio para Edward.

Ele retribui o sorriso, depois bate no teto da carruagem. O veículo abrandando e para. Quase imediatamente, um enxame de vendedores rodeia a portinhola.

Edward abre-a e salta para o chão, mas eu deixo-me ficar para trás, intimidada pela onda de gente. Isto é o que acontece à

nobreza frequentemente, percebo. Quando as suas carruagens finas são reconhecidas pela grande riqueza que transportam.

Edward ajuda-me a descer para o meio de vozes que gritam e agarro-me a ele.

– Uma máscara, senhor! – grita uma voz grave. – Eu vendo o melhor. E pelo melhor preço!

– Venha comigo, senhor! – insiste outro vendedor, aproximando-se bastante. Um deles puxa-me o vestido e eu grito assustada, agarrando-me a Edward. Ele olha para baixo e a sua mão pousa na espada que traz à cintura.

Imediatamente a multidão de vendedores afasta-se, embora não o suficiente para desistir de uma possível venda.

Os olhos de Edward fitam-me e eu aceno para mostrar que não estou com medo. Ele pega-me no braço com firmeza e conduz-me diretamente para uma loja pequena, enfiada entre as fileiras de bancas de rua.

– Vamos comprar máscaras e fantasias aqui – diz ele.

Os vendedores vão-se embora desapontados, percebendo que Edward já tem um lugar onde comprar.

Eu observo o edifício. É uma casa baixa com o madeiramento à vista. O tipo de casa do qual Londres está repleta. A tabuleta da loja balança e mostra uma imagem de uma fantasia e de uma máscara. Edward bate à porta, depois abre-a e faz-me transpô-la.

Entro num paraíso bafiento de estranhos fatos, máscaras e véus.

– É como a loja de um mágico – digo, com Edward atrás de mim.

– Isso é! – anuncia uma voz velha e frágil. – A loja de um prestidigitador, minha querida! Para criaturas encantadoras como a menina lançarem os seus feitiços.

– Olá, Peters – diz Edward, dando um passo em frente para cumprimentar o homem calorosamente.

– Senhor – diz o homem, curvando-se.

– Trate-me por Edward – diz ele, apertando a mão do velho firmemente na sua.

– Edward, então – concorda o homem. – Conheço-o desde menino – acrescenta, dirigindo-me a observação. – A menina nunca vai encontrar um temperamento mais suave ou um amo mais amável.

– O Peters costumava trabalhar como nosso alfaiate – diz Edward. – E para outras famílias nas proximidades.

– Fui sempre o alfaiate dos Hays – declara Peters, espetando o lábio teimosamente. – Nunca trabalhei tão bem como quando estava ao serviço dos Hays.

– E agora faz disfarces? – pergunto, observando a loja. Gosto do velho.

– É verdade, menina – responde ele, examinando-me. – Onde encontrou esta linda jovem? – pergunta a Edward. – Eu conheço todas as senhoras da sociedade e ela nada tem dessa gente maldosa.

Edward ri-se.

– Pode arranjar-lhe um traje que faça justiça à sua beleza?

O velho olha-me, pensativo.

– Não – decide. – O melhor é vesti-la de freira. Senão vai passar a noite a enxotar os outros homens.

Eu rio-me da sua bajulação.

– Pois é – diz Edward. – Então vamos vesti-la de freira. – Ele está a tentar não sorrir.

Abano a cabeça.

– Não me divertirei nada.

– Bem, então – diz Peters –, se é diversão que procura, talvez



uma ninfa, ou um anjo. – Pega num traje de um material muito frágil que dificilmente se assemelha a um vestido.

– Quer matar-me? – diz Edward, dando um passo em frente e substituindo a peça. – Vou passar a noite a bater-me em duelo, se ela usar isso.

– Uma rainha então – decide Peters. – Ela tem uma natureza real, não concorda?

– Uma rainha dos tempos antigos? – sugere Edward. – Isso significaria roupas modestas – acrescenta com aprovação.

Mas eu não estou a prestar muita atenção. Vislumbrei um disfarce metido entre uma fila de vestidos de seda. Aproximo-me e tiro-o para fora.

– Então e isto?

– Uma pastora? – pergunta Edward.

Concordo com a cabeça, segurando o vestido, deliciada. Sei que me vai ficar muito bem. Não é tão frágil como um anjo ou uma ninfa, mas sei que me vai favorecer.

– Iria lembrar-me as minhas origens rurais – digo.

– Muito bem. Que traje devo escolher?

Franzo a testa, pensativa.

– Algo de condição muito humilde – digo. – Essa é a piada, não é? Lord Hays vestido como um moço de estrebaria, ou um lacaio. Vai descobrir como as pessoas pobres são tratadas.

– Isso seria muito aborrecido – protesta Edward.

– Então deve ser um pastor – decido. – Para ser o meu par.

Ele sorri a isto.

– Muito bem. Seremos um casal do campo.

– Deve ser muito diferente da sua indumentária elegante do costume – brinco. – O que fará sem as suas botas e botões?

– O mesmo que qualquer pastor do campo – diz ele. – Brando o meu cajado.

Peters já está a vasculhar nas roupas e mostra outro traje. Um pastor e uma pastora. Roupas simples para a vida do campo.

O traje de Edward consiste nuns calções castanhos de tecido áspero, um colete a condizer e uma túnica azul solta para vestir por cima. Há um par de polainas de lã cinzenta e um garboso chapéu castanho.

– Vai ficar muito bonito – digo, olhando para as roupas em aprovação.

Peters dá-me o traje de pastora – corpete azul solto que se divide em quatro painéis na cintura, uma saia simples a condizer e uma blusa branca com mangas soltas e compridas.

– Pode vestir-se por trás da cortina nas traseiras – diz ele, apontando por cima do meu ombro. – O jovem senhor não se vai importar de se vestir à minha frente.

Sorrio para ambos e dirijo-me a uma espessa cortina pendurada ao fundo da pequena loja. Baixo-me para passar por ela, e vejo um banquinho e um arranjo de flores secas – obviamente a maneira de Peters tornar a sua área de vestir apropriada para damas e cavalheiros.

Rapidamente, tiro as minhas roupas e visto a blusa mais solta, o corpete macio e a saia. Ato as fitas no fundo, pensando em como me sinto muito mais confortável sem os ossos do meu espartilho rígido a manter-me direita.

Saio de trás da cortina para ver Edward e bato palmas, deliciada.

– Está tão... bonito! – exclamo, reparando na camisa aberta, e nas pernas nuas.

Aproximo-me, pondo-lhe as mãos nos ombros e virando-o para um lado e para o outro.

– Que belo pastor me saiu – digo, maravilhada com a

transformação.

Os braços e o peito musculado de Edward são proeminentes. E sem os sapatos e as meias habituais, parece muito mais jovem. Em traje de camponês, os seus traços fortes parecem ainda mais cativantes. O amplo arco das sobrancelhas escuras e as maçãs do rosto altas e cinzeladas apanham a luz das velas.

– Faz-me lembrar um quadro pastoril – digo. – Os amáveis pintores pretendem mostrar a vida idílica do campo. Com homens incrivelmente bonitos. Pronto – acrescento, puxando-lhe a fita do cabelo castanho. Este cai numa espessa cortina em torno do seu maxilar e eu prendo-lho atrás das orelhas. – Agora é verdadeiramente um pastor – concluo.

Há um brilho malicioso nos olhos de Edward e eu percebo que Peters está a olhar para nós com um sorriso sentimental.

Recuo rapidamente e aliso o meu vestido.

– Também gosto muito de a ver como pastora – diz Edward, pousando a mão sobre o meu corpete justo. – Embora tenha de se manter ao meu lado. Não quero que nenhum homem ciumento a rapte.

Eu rio-me, recordando o momento em que nos conhecemos. Como ele não acreditou na minha história de ter sido seduzida num baile de máscaras.

– Não serei enganada uma segunda vez, senhor – prometo. – Posso assegurar-lhe que sou muito cuidadosa com homens mascarados.

Peters está a trazer um grande espelho e ambos nos voltamos para ver.

Por um breve momento, acho que estou a olhar para uma pintura. Um idílio campestre com marido e mulher felizes nas suas roupas simples.

Inesperadamente, isso causa-me uma pontada de dor. Outrora

foi um dos meus sonhos. Muito antes de Mrs. Wilkes. Antes de Kitty, Rose, Belle e Harriet. É como se alguém troçasse de mim. Expondo a minha fantasia de menina agora que sou uma prostituta.

– Acho que talvez desista da propriedade e me torne pastor de ovelhas – anuncia Edward. – Se for este o aspeto da minha mulher, não seria uma vida assim tão má, não é, Peters?

Edward tenta incluir-me na brincadeira. Mas ao encontrar o meu olhar o seu sorriso vacila.

Percebo que não tive o cuidado de esconder os meus sentimentos. Com dificuldade consigo esboçar um sorriso hábil.

– Só nos falta o nosso rebanho de ovelhas – digo, rindo levemente.

Edward fica confuso por um momento e depois olha novamente para o espelho.

Volto a apreciar o meu reflexo, desenredando os meus pensamentos das recordações e regressando ao presente.

Sem espartilho rígido e saiotas, a verdadeira forma do meu corpo fica inevitavelmente exposta. Nunca me senti tão nua. As minhas roupas de prostituta são feitas para mostrar o máximo dos meus seios. Mas escondem outros aspetos da minha figura.

Em contraste, a saia de pastora termina a meio da barriga da perna, revelando uma grande parte desta, e os meus pés estão descalços, o que contribui para o efeito de estar parcialmente vestida. Gosto bastante, decido, apesar de toda a indecência. O traje tem uma beleza simples. De um tempo antes de as mulheres usarem perucas, luvas e sete saiotas para dar volume às saias.

– Deve usar um chapéu – decide Edward, seleccionando um de uma caixa de madeira no chão. É um velho chapéu de estilo pastoril, muito mais pequeno do que aquele que costumo usar e atado com uma bonita fita azul.

Edward coloca-o na minha cabeça e ata delicadamente a fita

num grande laço debaixo do meu queixo.

– Já está – diz, dando um passo atrás para me admirar. – Agora podemos ver o seu lindo rosto, com todos esses caracóis à volta.

Eu sorrio, olhando-me ao espelho, insegura.

– Preciso de uma máscara – digo.

– Tinha-me esquecido – diz Edward. – Que lástima cobri-la. Pode arranjar-nos duas máscaras? – pede a Peters. – E véus também. O nosso disfarce deve ser absoluto – acrescenta para mim. – Vai ver como é divertido.

Peters traz duas máscaras pretas lisas, com véus pendentes, e nós fixamo-las nos rostos. Agora a cena pastoril no espelho turvou-se. Os pastores têm um ar diabólico.

– Vê como ninguém vai saber quem é? – diz Edward.

Eu aceno, atenta ao meu reflexo.

– Veja como os olhos castanhos da menina brilham por trás da máscara – observa Peters, parecendo satisfeito. – É uma pastora muito bonita que tem ao seu lado, Lord Hays.

Normalmente eu teria corado com tal elogio. E de repente percebo porque é que os bailes de máscaras são uma atividade tão popular. Estar tão completamente disfarçado é libertador.

– Está pronta? – pergunta Edward, avaliando o meu traje com prazer. – Vou mostrar-lhe de que é feita a diversão em Londres.

Aceno com a cabeça, com uma emoção lenta a percorrer-me. Esta noite, posso ser quem eu quiser.

## CAPÍTULO 30

**E**m Oxford Street, duas solitárias tochas gigantes brilham como faróis. O Panteão ergue-se na sua brancura contra a luz dançante. As muitas e grandes janelas retangulares têm espessas cortinas de damasco que escondem a intriga do interior.

Só vi o edifício uma vez durante o dia, quando uma carruagem me levou para Londres. Desde o Grande Incêndio, surgiram por toda a cidade edifícios de tijolo e de pedra. Em contraste com as construções de madeira do lugar onde nasci. E embora admire a elegância de toda uma rua de tijolo e pedra, o enorme Panteão parece um pouco intimidante com as suas colunas inflexíveis e paredes de linhas direitas.

– Foi construído para se parecer com um templo romano – explica Edward, que reparou que estou espedada a olhar. – Vi muitos como este quando era mais novo.

– Esteve em Roma? – Estou impressionada.

– Muitos jovens lordes fazem um *tour* pela Europa – diz ele. – Assim, podem cometer os excessos próprios da juventude.

– Não consigo imaginá-lo como um libertino.

Edward sorri levemente.

– Tive os meus momentos – diz. – Em França e em Itália também aprendi mais sobre métodos de cultivo. Quando voltei, apliquei o que tinha aprendido e a nossa propriedade teve lucro pela primeira vez em muitos anos.

Aceno com a cabeça. Pelo que conheço de Edward, é típico dele.

– Gostava de voltar a viajar por lá? – pergunto.

Ele pensa nisto.

– Talvez um dia. Gostei muito de viajar. Mas agora estou mais velho e menos inclinado a aventurar-me no estrangeiro.

– Porquê?

Edward franze a testa.

– Viajar pode ser imprevisível – diz. – Gerir uma propriedade de família transformou-me num homem de negócios. Eu aprendi o que o meu pai não aprendeu. Que o risco desnecessário é para ser evitado.

– Tinha-me esquecido de que é avesso ao risco – respondo.

– Sim – diz ele. – Mas apenas nos negócios.

– Parece que ganhar dinheiro se tornou um hábito que precede tudo o resto.

– Talvez – diz ele suavemente, olhando para a entrada. Uma massa de pessoas forma uma fila desordenada de foliões mascarados. Está muito escuro para distinguir facilmente as suas roupas. Mas um conjunto de paus, cajados, ganchos e tridentes ondula acima da multidão.

– Parece que teremos de nos preparar para abrir caminho – suspiro, sabendo muito bem que sempre que os londrinos se reúnem em grande número podem transformar-se numa turba descontrolada.

Mas Edward pega-me na mão e leva-me para a frente da fila. Quando chega junto dos dois porteiros elegantemente vestidos, tira a máscara.

O efeito é imediato. Os homens fazem uma vénia e a multidão abre alas.

– Estou a ver – digo, virando-me para Edward surpreendida. – Com que então um título traz outros benefícios para além de uma propriedade rural.

– Alguns são mais úteis do que outros – responde ele com um sorriso, conduzindo-me para diante.

O baile de máscaras tem mais duas entradas, cada uma com critérios de admissão progressivamente mais rigorosos. Seguro a

mão de Edward com hesitação. Mas no momento em que os criados lhe veem o rosto, somos levados como convidados de honra.

Edward compra dois bilhetes ilustrados à mão por cinco guinéus cada e entrega-me um.

– Cinco guinéus? – digo, pegando no bilhete.

– Ajuda a manter os indesejáveis fora – diz ele com um pequeno sorriso. – Embora eles não possam ser responsáveis por tudo, claro. Isso faz parte da diversão.

Eu sorrio para ele.

– Este deve ser o único lugar em Londres onde as pessoas são julgadas exclusivamente com base em quanto dinheiro têm nos bolsos – observo, desejando que assim fosse noutra lugar.

– Suponho que é. – Edward coloca a máscara. – Está pronta para o baile?

– Com o Edward, sempre – respondo, percebendo apenas ao proferir estas palavras como são verdadeiras. Vou ficar triste por deixar a vida de fantasia que estou a viver com Edward.

Uma cortina é afastada para nós e então encontramos-nos no enorme salão abobadado do Panteão.

A minha boca abre-se de estupefação. Milhares de velas brilham em cima de incontáveis e enormes lustres, e cada mesa e superfície no salão está decorada com candelabros resplandecentes. Chamas ondulantes cintilam até onde os olhos podem alcançar, enquanto os lados da grande sala ostentam doces, pães, queijos e enormes taças de fruta. Na parte de trás, vislumbro uma área de vinhos a abarrotar de gente.

– Parece de dia! – sussurro sob o brilho da iluminação. – E o *barulho!* – acrescento, tonta com o prazer da experiência. Uma onda de sons agudos e rangentes varre-nos: o som dos mascarados num diálogo frenético em vozes disfarçadas.

– Edward, veja! – Mal posso conter a emoção.



Os mascarados são uma massa rodopiante de rostos negros sem feições sobre os figurinos mais elaborados e incríveis. Os penteados elevam-se vários centímetros no ar; os seus ornamentos bizarros e joias fazem a sua própria dança ondulante acima da multidão.

Os meus olhos pousam em algumas das convidadas mascaradas da forma mais extravagante.

– Quem é *aquela*? – pergunto, apontando para um disfarce quase transparente.

Uma jovem mulher curvilínea está envolta em materiais diáfanos que mal ocultam a sua nudez. E ela não se deu ao trabalho de colocar uma máscara.

– Aquela é Ifigénia – diz Edward. – Uma vítima sacrificial do mito grego, despida e pronta para o sacrifício.

– Não me refiro ao seu traje – sussurro. – Sabe quem ela é?

– Elizabeth Chudleigh. É uma senhora casada. Mas vai ser um escândalo se as colunas sociais a denunciarem.

Fico a olhar para a mulher, hipnotizada.

– O marido não se importa? – consigo dizer.

Edward abana a cabeça.

– Ela deu-lhe um herdeiro. O marido não quer saber da sua companhia. Por isso, ela é livre de arranjar um amante se o desejar.

Deixo os meus olhos vaguearem pelo resto do salão. À exceção de Elizabeth Chudleigh, a maioria dos presentes usa máscara. E está disfarçada do hemisfério social mais baixo.

Com as máscaras a constituírem um disfarce sólido para o rosto e um véu preto a esconder a boca, a camuflagem física é impressionante. Particularmente porque muitos dos participantes também ostentam capuzes pesados, perucas ou os chapéus das suas diversas profissões.

Leiteiras e jardineiros, lacaios e vendedoras de flores, moços de

estrebria e ninfas pastorais passeiam-se pelas tábuas grossas do soalho.

Mas a pontilhar esta multidão estão alguns convidados cobertos de joias espetaculares.

– Aqueles convidados fazem batota – protesto, apontando para uma senhora coberta de diamantes da cabeça aos pés. – Ela mostra que não pode ser nada além de uma duquesa.

– Sim – concorda Edward, com a sua boca perto do meu ouvido, para partilhar os seus pensamentos apenas comigo. – Alguns não podem suportar a ideia de serem pobres, nem sequer por diversão. É um pouco triste, não é?

Concordo com a cabeça lentamente.

– Vamos beber um pouco de vinho? – sugere ele. – Posso mandar que nos sirvam.

Mas sobre o barulho do baile de máscaras, distingo os primeiros acordes de um violino.

– Música! – grito de alegria. – Edward, temos de dançar antes de beber. – Pego-lhe na mão e arrasto-o para uma corrente de convidados que se organiza num círculo.

Ele abana a cabeça e resiste, mas eu continuo a andar para a frente, não aceitando um não como resposta.

– Ninguém vai saber que é o Edward – protesto, fazendo-o avançar em direção à música. – E até mesmo o Edward deve conhecer esta canção. É uma dança campestre.

Ele está a rir e a permitir que eu o convença agora.

– Muito bem – diz. – Tem a certeza de que veio disfarçada de pastora? E não como condutora de gado?

Eu lanço-lhe um sorriso radiante.

– Serei o que quiser, desde que dance comigo – respondo, quando ocupamos os nossos lugares entre os outros convidados.

Estou quase a dar pulinhos de entusiasmo e Edward olha para mim, divertido.

– Adoro dançar – digo. – Esta é uma das minhas preferidas.

É uma animada melodia campestre. Completamente diferente dos passos complexos da elegante dança francesa.

Observo os outros dançarinos. Mantêm uma pose rígida. À maneira de aristocratas que aprenderam a não fazer figuras tristes. Consigo imaginar como vão dançar. Como fantoches a marchar.

Franzo o sobrolho, jurando divertir-me de qualquer forma. As senhoras emproadas podem ir às malvas, decido. Estou mascarada. Ninguém me conhece. Vou dançar com tanto entusiasmo como se estivesse numa feira rural em Bristol.

O primeiro acorde da dança soa. Como previsto, os outros dançarinos iniciam um passo preciso, medido. Acompanhando apenas o ritmo animado.

Abro um grande sorriso, deixando que a música me inunde e o meu corpo acompanhe. Percebo que estar mascarada é verdadeiramente libertador, quando mergulho completamente na dança.

Ao início, Edward está um pouco fora de tempo. Mas quando chega a parte de darmos os braços, eu faço-o voltar ao ritmo.

– Está a ver! – grito, enquanto rodopiamos ao som da música. – Esta é fácil. Dá um passo apenas no terceiro tempo e, em seguida, gira.

Puxo-o para o mesmo passo rápido, entregando-me de todo o coração à dança, deixando que as minhas saias rodopiem.

Edward tem algo que se assemelha a um sorriso agora e quando entramos no segundo verso, ele já dominou o ritmo.

Quando entramos no terceiro verso, já ambos rimos em voz alta enquanto saltamos e rodopiamos. Edward parece mais feliz do que alguma vez o vi. Como se não tivesse uma preocupação no mundo.

Juntamo-nos e depois afastamo-nos, dando voltas e deslizando enquanto a música ecoa nos nossos ouvidos. O nosso hedonismo contagiou até os outros dançarinos. Reparo que alguns dançam a um ritmo mais animado. Outros sorriem em aprovação enquanto Edward e eu rodopiamos como loucos.

– Não está contente por eu o ter feito dançar? – pergunto com um sorriso, ao girarmos ao redor um do outro. – Está a gostar imenso, posso vê-lo.

– Gostaria mais se todos estes homens não se tivessem juntado – observa Edward ironicamente.

No calor da dança, esquecera-me do traje folgado de pastora. Olho rapidamente ao redor, e vejo que a pista de dança atraiu um pequeno círculo de espectadores do sexo masculino. Muitos dos quais parecem ter os olhos colados no meu corpete, que mal disfarça o movimento dos meus seios enquanto danço.

– Terá de usar o seu cajado com eles – decido, sem fôlego, quando a música chega ao fim. – Isso é o que um bom pastor faria.

– Talvez devesse usá-lo em si – diz ele. – Para a impedir de dançar.

Eu lanço-lhe o meu maior e mais beatífico sorriso.

– Jamais, senhor – digo. – Agora que sabemos como gosta de dançar, deve ser sempre o meu parceiro.

## CAPÍTULO 31

**A**fastamo-nos do baile, ofegantes e felizes. Edward conduz-nos para a área de serviço de bebidas, onde pede uma garrafa de vinho.

– Gosta do baile de máscaras? – pergunta ele, servindo-me um copo.

– Muito – decido, tomando um longo gole. – Adoro.

Ele parece satisfeito.

– Estava à espera de que gostasse.

– Cada lugar onde me leva é melhor do que o anterior – admito.

Sorrimos um para o outro, alheios ao mundo.

– O Edward é tão diferente dos lordes que conheci em casa de Mrs. Wilkes – digo, num ataque de honestidade.

Edward medita nisto.

– Como é que acabou em casa de Mrs. Wilkes? – pergunta.

– Fui desonrada – digo simplesmente. De repente sinto que posso dizer tudo a Edward. – A história é um *cliché*. O meu sedutor levou-me a Mrs. Wilkes. E uma vez que os meus planos tinham sido destruídos, eu deixei que Mrs. Wilkes me conduzisse a uma vida de pecado, quase sem protestar.

– O seu sedutor era o homem que lhe deu a nota? – adivinha Edward.

A sua percepção é inesperada. Eu assinto com a cabeça e franzo a testa, não querendo revelar mais nada. A minha admissão fácil tornou-se complicada perante a realidade de lembranças dolorosas.

Edward permanece em silêncio.

– E o Edward? – pergunto, para quebrar o ambiente pesado que de súbito se instalou. – Quem foi a sua primeira?

Ele ri-se.

– Uma criada. Como todos os jovens lordes.

– Oh, Edward – brinco –, é terrivelmente banal. Seduzir uma pobre criada.

– Ela é que me seduziu a mim – responde ele. – A minha amante era uma viúva de trinta anos, que polia as pratas. Eu tinha dezasseis anos e andava tonto com luxúria. Ela usou-me impiedosamente para seu proveito. – O seu tom é divertido, como se ele respeitasse tal comportamento.

– Devo depreender que gostou de ser seduzido?

– Cada momento – diz ele. – Embora o meu pai não tenha gostado da quantidade de dinheiro que lhe dei. Ele despediu-a no final. Mas eu acho que por essa altura ela tinha o suficiente para viver muito bem por conta própria.

Eu sorrio.

Alguém tosse atrás de nós.

– Edward? – diz uma voz familiar.

Ambos nos viramos, em alarme, e vemos um homem vestido como o rei Henrique VIII. Usa apenas metade de uma máscara e eu reconheço a parte inferior do seu rosto imediatamente. É Fitzroy.

Sinto que me aproximo de Edward. Como se o meu coração se apertasse. Espero que Caroline não esteja aqui.

Na animação do baile de máscaras, esqueci-me de que Edward pertence à alta nobreza e tem um casamento arranjado.

– Fitzroy – diz Edward, mas não parece satisfeito.

– Reconheci a sua voz – responde Fitzroy. – Consigo distinguir sempre o timbre da verdadeira nobreza.

– Que traje magnífico – comenta Edward educadamente.

– Mandei costurar diamantes extra – diz Fitzroy, acariciando o

peito forrado a pele. – Todo o tipo de gente baixa e comum imiscui-se neste baile de máscaras. É para que saibam quem são os seus superiores.

Ele parece considerar-nos, a mim e a Edward, completamente, pela primeira vez.

– Não sabia que ia participar no baile – diz incisivamente. – Se me tivesse informado...

Edward levanta a mão, interrompendo-o.

– Não há nada com que se preocupar, Fitzroy – diz. – O assunto da propriedade foi resolvido hoje. O Vanderbilt não pode levantar mais objeções. Vamos assinar na Bolsa de Comércio na sexta-feira, como combinado.

O rosto de Fitzroy dá a entender que ele está à procura de alguma objeção.

– Eu podia ter ido consigo – diz ele finalmente. – Para testemunhar a assinatura. Para que pudéssemos ter a certeza de que o Vanderbilt não arranja outro recurso.

– A Elizabeth testemunhou a assinatura – diz Edward.

As sobrancelhas de Fitzroy erguem-se. Os seus olhos voltam-se rapidamente para os meus e eu deteto um lampejo de ciúme neles.

– Uma pastora, esta noite – murmura ele, olhando para o meu corpete solto.

Sinto a minha mão elevar-se até à minha máscara, assegurando-me da sua presença reconfortante.

– Você é realmente privilegiada – continua ele –, por passar tanto tempo com o Edward.

Eu olho para Edward, incerta de como responder.

– E o seu traje é certamente sedutor – acrescenta Fitzroy, apreciando abertamente a minha figura agora. – Um rei pode admirar tal pureza campestre.

Sorrio rigidamente e faço uma reverência.

– Sinto-me grata pela sua graça real – respondo.

– Vi-vos dançar – diz Fitzroy. – Falaram imenso de si, Menina Pastora. Eu acho que vai ser assediada por admiradores se sair do lado do Edward por um instante.

Olha para mim por um longo momento, como se suspeitasse de algo. Em seguida, volta a atenção para Edward.

– Pensei que não dançasse – diz, deixando a observação pairar no ar como uma acusação.

– Esta senhora despertou o dançarino que há em mim. – Edward olha para mim calorosamente.

Fitzroy franze o sobrolho.

– Tenha cuidado, Edward – diz ele, com um olhar significativo para o meu vestido solto – para não perder de vista o seu propósito na cidade.

– Está a esquecer-se do seu lugar, Fitzroy – diz Edward, com a voz fria de repente –, se acha que pode dizer a um lorde como se deve comportar.

Fitzroy pestaneja como se tivesse levado uma bofetada. Faz uma reverência.

– Claro, senhor – murmura.

Endireita-se, fitando um ponto sobre o ombro de Edward, e faz-nos uma pequena vénia.

– Por favor, deem-me licença – diz. – Acredito que estou a ver Lord Grey com a sua amante. Ele tenciona debater a escravatura na próxima semana e devo ouvir o seu ponto de vista.

Olha para Edward, parecendo ter recuperado a sua autoconfiança anterior.

– Isso vai influenciar o nosso negócio – acrescenta. – O seu comércio poderia ser assegurado por mais dois anos, pelo menos. –



Fitzroy faz uma pausa e olha-nos. – Vou pedir a Lady Stafford que venha falar consigo – acrescenta. – Ela vai influenciar Lord Grey da forma errada, se nos ouvir falar. Você pode distraí-la. – Ele boceja afetadamente. – Lady Stafford gosta de se ocupar com questões de caridade. A escravatura é a sua causa mais recente.

Fitzroy retira-se e eu levo o copo de vinho aos lábios, olhando para a multidão.

Não posso esquecer a expressão no seu rosto quando Edward o repreendeu. Algo me diz que Fitzroy é o tipo de homem que me faria pagar por isso, se pudesse.

– Quem é Lady Stafford? – pergunto quando Fitzroy se afastou.

– É a amante de Lord Grey – diz Edward.

– Oh. – Bebo um gole de vinho. – Há algum aristocrata que seja fiel?

Edward ri-se com facilidade.

– Não há muitos. Mas eu tenciono sê-lo – diz. – Quando tiver uma mulher.

Está a olhar para a multidão, na direção de Fitzroy. E de repente sinto-me muito grata por Caroline aparentemente não ter comparecido ao baile.

## CAPÍTULO 32

Lady Stafford vem cumprimentar-nos vestida como uma vendedora de laranjas. Completou o singelo traje com um impressionante colar de diamantes e um par de luvas de seda. E, apesar do seu cabelo alto, é quase impossível não olhar para o enorme peito que se derrama do vestido muito decotado. Mas, de alguma forma, Edward consegue.

– Esta é a Elizabeth – diz ele, curvando-se à guisa de apresentação.

– É um prazer conhecê-la – digo, fazendo educadamente uma reverência. Desde Lady Montfort, receio um pouco as mulheres mais velhas. Mas Lady Stafford lança-me um sorriso caloroso.

– Que prazer conhecê-la – diz ela com sinceridade. – Edward, que menina tão bonita. Que sorriso encantador ela tem! Que belos caracóis! É como um pequeno elfo, com esses olhos brilhantes.

Aproxima-se um pouco.

– Deve tomar cuidado com ele, minha querida. Lord Hays trava amizade facilmente, mas é impossível desposá-lo. Muitas jovens sofreram deceções.

– Oh, não tenho qualquer desejo de me casar – digo, retribuindo o sorrindo. – Além disso, o Edward passa todo o seu tempo a ganhar dinheiro. Ser sua mulher seria uma coisa muito solitária.

Lady Stafford solta uma gargalhada satisfeita.

– É para isso que Londres serve – diz, tocando-me no braço. – Para que nós, pobres mulheres, possamos evitar os nossos maridos maçadores.

Até Edward ri ao ouvir isto.

Uma senhora enfeitada de diamantes passa por nós e ao segui-la com o meu olhar, Lady Stafford baixa a voz em desaprovação.

– Aquela é Nancy Fisher – diz. – É a mulher mais celebrada no

*demi-monde*. Até à próxima favorita tomar o lugar dela.

Não consigo parar de olhar. Ouvi histórias sobre Nancy Fisher, a famosa cortesã. Ela move-se com tanta facilidade e graça que percebo porque é famosa.

– O que é o *demi-monde*? – pergunto, observando quando uma nuvem de homens se agita à volta de Nancy, servindo-lhe bebidas e adulando-a.

As sobrancelhas de Lady Stafford arqueiam-se.

– Oh, Edward, você trouxe um ratinho do campo ao baile de máscaras. – Ela baixa a voz de forma dramática. – O *demi-monde* é o outro mundo, o mundo da gente de reputação duvidosa. Onde as mulheres de um certo tipo estão condenadas a viver, não na sociedade, mas não completamente fora dela. Quando uma mulher entra nesse mundo, não voltará a ser respeitada. – Abana-se com o leque de forma teatral para assinalar a natureza escandalosa da informação.

O *demi-monde*. Revolvo a expressão na minha mente. O mundo das mulheres mundanas. Julgo que é onde Harriet e Belle devem estar agora. Amantes bem-sucedidas, mas jamais mulheres respeitadas.

– É nova em Londres? – pergunta Lady Stafford.

Olho para Edward, sem saber o que responder.

– A Elizabeth é do campo – diz ele.

Lady Stafford aperta-me a mão nas suas mãos enluvadas.

– Deve juntar-se à minha causa parlamentar – declara.

– A Elizabeth estará na cidade apenas por alguns dias – começa Edward.

– Que disparate! – exclama Lady Stafford. – O Edward só deseja influenciar a jovem porque é contra os seus interesses comerciais.

Dá uma pancadinha desaprovadora com o leque no braço de

Edward.

– Não pense que não ouvi dizer, Edward, que o seu próximo negócio envolve navios mercantes. Nada me passa ao lado.

Ele esboça um pequeno sorriso.

– Não duvido, senhora.

– A escravatura é um negócio horrível – continua ela. – O Edward pode iludir-se pensando que negocia apenas em bens comerciais. Mas é responsável por aquilo que são usados para comprar.

Ela lança um olhar severo a Edward por um momento. Depois vira-se para mim.

– Diga-me, minha querida, o que pensa sobre o comércio de escravos?

Há uma longa pausa e de repente sinto que Edward está ansioso por ouvir a minha resposta.

– Eu sou do campo – começo lentamente. – De perto de Bristol. Que, como vossa senhoria sabe, é um grande porto.

Lady Stafford acena com a cabeça encorajadoramente.

– Por isso, às vezes via escravos – continuo. – Não muitos, sabe, uma vez que não os empregam em grande número em Inglaterra.

– E o que achou ao vê-los? – pergunta Lady Stafford.

– Eu pensei... – hesito antes de continuar. – Pensei que os seus rostos eram tão resignados que os defensores da escravatura devem ter razão. Os negros não são realmente seres humanos.

Lady Stafford parece dececionada. Eu respiro fundo.

– Eles pareciam aceitar o seu destino tão silenciosamente, com tão pouca emoção... Pareceu-me que os negros devem ser mais como gado – explico, recordando os meus pensamentos na altura.

Lady Stafford abre a boca para responder, mas eu engulo em seco e continuo.

– Depois vim para Londres, e eu... eu vi as mulheres. As mulheres que haviam sido vendidas aos bordéis.

Olho rapidamente para Edward.

– Essas mulheres tinham a mesma expressão – continuo. – Aquela expressão muda, assustada. E então percebi – os meus olhos estão agora postos em Edward – que a expressão não é a de alguém que está abaixo de um ser humano. É a de uma pessoa a quem bateram tanto que ela não se atreve a levantar a cabeça, com medo de onde o próximo golpe virá. É uma expressão que um rosto nunca deve ostentar.

Bebo um gole de vinho, pouco à vontade, e olho para baixo, percebendo que falei de mais.

– Por isso, não acho que seja um bom negócio – murmuro. – Esta coisa da escravatura.

– Oh, minha querida – Lady Stafford está a enxugar os olhos –, fala tão maravilhosamente sobre este assunto.

Ela vira-se para Edward.

– Eu recuso-me a deixar o Edward ficar com esta linda menina só para si – diz. – Onde é que a tem escondido?

– Ela só está na cidade há alguns dias – diz ele, com um sorriso. – E já conheceu Lady Montfort e Charlotte Montfort, e frequentou o teatro.

– Bem, então, está explicado – decide Lady Stafford. – O Edward tem-na levado para a pior companhia de Londres. Ela deve pensar que nós, mulheres da cidade, somos criaturas sem alegria.

Lady Stafford sorri calorosamente para mim.

– Não somos todas demónios frios como Lady Montfort e essas harpias do teatro, sabe. Algumas sabem apreciar a diversão da vida. – Pisca-me o olho. – Tem de vir a uma das nossas reuniões.

Lanço-lhe um pequeno sorriso.

– Receio que esteja em Londres apenas por mais alguns dias – admito, recompondo-me.

Lady Stafford olha primeiro para mim e em seguida para Edward. Então, muda diplomaticamente de assunto.

## CAPÍTULO 33

**E**dward e eu dançamos mais duas músicas antes de ele sugerir que regressemos a casa na carruagem.

– Ainda é cedo – sublinho. – Pouco passa da meia-noite. O Edward não gostaria de ser visto aqui um pouco mais?

– Deveria – diz ele. – Mas também gostaria de aproveitar ao máximo o meu tempo consigo.

A maneira como o diz torna claro o significado das suas palavras. E inesperadamente, sou varrida por uma onda de antecipação e prazer. A verdade é que estou ansiosa por estar a sós com ele.

Não me debruço muito sobre o que isso pode significar, mas deixo que ele me conduza até à carruagem que nos espera em frente ao Panteão.

A mão de Edward aperta a minha e sinto aquela pequena vibração novamente. A realidade é inevitável. Nutro sentimentos por ele. Porém, a seguir à emoção inebriante do baile de máscaras, isso não me assusta tanto quanto deveria.

Ele ajuda-me a subir para a carruagem e quando a portinhola se fecha, somos apenas os dois no interior das paredes forradas a veludo. Há uma sensação de proximidade, intimidade, e o ambiente está tenso.

Edward bate no teto da carruagem e os cavalos arrancam. Sem tirar os olhos de mim, estende um braço e cerra as cortinas, por isso estamos completamente escondidos ali dentro.

Em seguida, inclina-se para a frente e pousa as mãos levemente na minha cintura. O calor do contacto irradia através do meu vestido fino.

– Foi uma tortura vê-la dançar nesse vestido – murmura ele.

– Quer que eu o dispa? – respondo, numa espécie de estado etéreo.

Ele fica em silêncio. Em seguida, as suas mãos começam a desatar os laços do meu traje. A metade superior cai e eu tremo quando sinto o ar fresco da noite na minha pele nua.

Os dedos de Edward deslizam suavemente por mim, causando-me arrepios. Então, ele puxa-me lentamente para a frente, contra o seu corpo.

Até agora, havia algo contido nos seus movimentos. Mas quando os nossos lábios se tocam é como se uma erupção se desse entre nós.

Retribuo o seu beijo ansiosamente, passando os braços em torno das suas costas largas, puxando-o para mais perto.

As mãos dele percorrem-me o corpo e eu inclino a cabeça para trás enquanto a boca de Edward procura a pele sensível no meu pescoço. Sou empurrada contra o assento da carruagem. Edward deita-se sobre mim, puxando-me as saias para cima. As minhas mãos afastam-lhe a roupa. É poderoso, este súbito desejo que sinto por ele. Mal consigo pensar, só sei que o quero.

Abro os olhos e vejo o seu olhar escuro fixo no meu rosto e, de repente, não tenho a certeza do que está a acontecer entre nós. Para esconder a minha confusão, envolvo-o noutra beijo ardente, pondo as minhas pernas em volta dele, puxando-o mais para mim.

Eu tinha a intenção de recuperar o controlo. Que o ato a que estou tão habituada reordenasse os meus pensamentos estranhamente desordenados. Mas desta vez é diferente entre nós.

Quando ele se move dentro de mim, o meu corpo arqueia-se por vontade própria e um suspiro de prazer sai dos meus lábios. Edward move-se suavemente, sem tirar os olhos dos meus, e embora eu esteja envergonhada por isso, o desejo que sinto por ele corre o risco de me dominar.

Estou presa no seu olhar. Como se ele me visse por completo.

– Elizabeth – sussurra Edward, e é só então que o verdadeiro terror da minha vulnerabilidade me atinge.



É como se tivesse acordado abruptamente de um sonho e pressionou o meu corpo contra o dele, arranhando-lhe as costas com os dedos. Consigo ver no seu rosto que ele sabe. Estou a usar todos os truques para readquirir o controlo e mudar a dinâmica entre nós.

Baixo as mãos, deixando-o afundar-se. Forçando-o a render-se.

Edward suspira e, em seguida, abraça-me com força e cai para a frente.

Enterra a cabeça no meu pescoço. Eu olho para o teto que salta com os solavancos da carruagem.

O alívio inunda-me como uma grande onda dourada.

Por um momento, presa nos braços de Edward, tive uma sensação terrível. Estava a cair profunda e inexoravelmente. A mergulhar num lugar sem retorno.

## CAPÍTULO 34

— O ra aí está – anuncia Sophie, segurando no espelho. – Nunca vi uma senhora tão fina. Nunca em toda a minha vida. – Di-lo com um sentido de posse. Como se eu fosse a sua ama.

Olho para o meu reflexo com espanto. Hoje Edward e eu vamos visitar Vauxhall Gardens. Escolhi o vestido de seda rosa-escuro para a ocasião, com nuvens macias de renda no pescoço.

— Está mais bonita até do que a duquesa do Devonshire como debutante – acrescenta Sophie. – E ela foi a maior beldade que Londres alguma vez viu.

Aprecio o meu reflexo, dificilmente reconhecendo a senhora fina que me devolve o olhar. O vestido é uma obra de arte, ajustado a cada curva do meu corpo na parte superior e enfatizando a minha cintura estreita com a largura das saias.

As mangas de seda dobram-se nos cotovelos numa espuma delicada de renda francesa, embelezando os meus braços. Até os meus dedos compridos parecem elegantes.

Algo na seda rosa faz com que a minha pele pareça ainda mais perfeita do que o habitual. O deste quadrado revela um peito roliço e convidativo – talvez uma combinação da confeção impecável e das refeições extra dos últimos dias.

— Vamos fazer a sua *toilette* à altura – diz Sophie.

Estou cada vez mais habituada a ser vestida e penteada agora, e sento-me facilmente quando ela começa a lavar o meu rosto.

— Gosta muito do vestido? – observa Sophie, já que tenho os olhos colados no meu reflexo.

— Não consigo parar de olhar para mim mesma – admito. – Mal posso acreditar que sou eu.

Pergunto-me se Kitty me iria reconhecer. Ela poderia confundir-me com uma verdadeira dama e assobiar.

Sophie ri-se e começa a empilhar os meus caracóis castanhos no topo da cabeça. Mostra-me uma variedade de enfeites de cabelo e eu escolho fitas cor-de-rosa e penas para combinar com o vestido.

– Vai parecer-se com um dia de verão – anuncia ela alegremente, enquanto as três criadas me arranjam o cabelo.

Observo-me enquanto me penteiam os caracóis bem alto. Os meus olhos castanhos estão vivos com prazer e o meu olhar travesso é ainda mais evidente do que o habitual. O tamanho do meu sorriso quase me parte o rosto ao meio.

– Também tem uma corzinha – observa Sophie. – Uma felicidade própria esta manhã.

– Que mulher não cora ao usar um vestido destes? – respondo levemente, desviando o olhar do espelho. – Sabe, Sophie, os vestidos trazem mais felicidade às mulheres do que os homens alguma vez poderiam. – Mas, mesmo aos meus ouvidos, esta indiferença parece fingida.

Quando terminam de me arranjar o cabelo, as criadas regressam com um par de sapatos a condizer e eu dou uma vista final no espelho.

– Acho que preciso de uma flor – digo, recordando algumas das modas mais finas que já vi. – Eu vi umas rosas cor-de-rosa adoráveis no jardim. Posso levar uma dessas?

Sophie acena com admiração.

– Acho que seria uma boa escolha, Miss Lizzy. Vou buscar-lhe já uma.

Entro na sala de pequeno-almoço e os olhos de Edward arregalam-se.

– Está deslumbrante – diz, quando tomo o meu lugar.

Sorrio ao elogio. Pego num pãozinho e parto um pedaço.

– Não tenho enfeites com joias para o cabelo, como as senhoras finas – digo em tom contrito. – Mas a Sophie fez o seu melhor com

fitas e penas, como pode ver.

– Acho que a Sophie se saiu muito bem. E eu terei muito orgulho em tê-la ao meu lado – acrescenta ele. – Acho que não haverá senhora mais adorável em Vauxhall.

Engulo o pão.

– Eu... Obrigada – digo. – É muito amável.

Procuro algo para mudar de assunto.

– Os seus negócios estão quase concluídos?

– É verdade – diz Edward. – Em breve tudo estará concluído – acrescenta, pegando num pãozinho e dando-lhe uma dentada. Ocorre-me que é a primeira vez que o vejo tomar o pequeno-almoço.

– Está com fome hoje? – pergunto, bebendo um gole de chocolate quente.

– Acho que estou com um apetite maior do que o habitual. Nestes últimos dias.

Ele olha para mim, com um brilho nos seus olhos.

– Sabe, não é sensato usar um vestido tão bonito – acrescenta.

Eu tomo outro gole de chocolate.

– Porquê, senhor?

– Porque eu imagino que vai levar algum tempo a voltar a apertá-lo – responde ele em voz baixa. – Antes de sairmos para Vauxhall.

## CAPÍTULO 35

Vauxhall Gardens fica nos arredores da cidade, a sul. E a estrada de terra está cheia de diligências, carruagens, cavalos e cavaleiros quando chegamos.

– Porque é que estão tantas pessoas aqui? – pergunto, confusa, olhando pela janela da carruagem.

Ouvi falar dos jardins de recreio, é claro. E Edward explicou-me o que era Vauxhall durante a viagem. Mas ainda não compreendo a atração.

– Se é apenas um jardim – pergunto, inclinando o corpo para fora para ver para lá das multidões –, o que há para fazer?

Edward puxa-me suavemente para dentro da carruagem.

– Tenha cuidado – diz ele. – Os cavalos podem passar bastante depressa aqui.

Sorrio perante a sua preocupação.

– Vamos apenas passear? – insisto, sentando-me ao lado dele.

– Isso é parte da ideia.

– Os aristocratas devem andar muito entediados para acharem isto divertido. Andar a pé na natureza é algo que nós, pessoas comuns, tentamos evitar a todo o custo.

Isto provoca uma gargalhada em Edward. A carruagem para bruscamente e com um solavanco.

– Vamos lá – diz ele, abrindo a porta para me deixar sair. – A Elizabeth verá.

– Há alguma coisa lá dentro? – pergunto, aterrando ao seu lado.  
– Além de árvores e erva?

– Muitas diversões – diz ele, oferecendo-me o braço. – Talvez possamos ver um balão de ar quente. E vêm cantores e músicos famosos.

Isto soa melhor. Aceno com a cabeça em aprovação.

– E para aquele lado ficam os Spring Gardens – diz Edward. – São zonas fechadas. Notoriamente românticas.

– Mas não estamos aqui pelo romance?

– Não.

– Então, porque estamos aqui?

– Viemos em negócios – diz ele. – Alguns dos credores de Mr. Vanderbilt vão estar aqui hoje. É bom encontrar-me com eles. Lembrar-lhes que sou de uma boa família e posso ajudá-los nas suas atividades comerciais.

Juntamo-nos à multidão que se reúne para pagar a entrada, e eu tenho o meu primeiro vislumbre de vários edifícios grandes de pedra branca – como templos de pilares altos a abarrotar de gente.

– O que são? – pergunto, atentando nas estruturas semelhantes a belvederes e na sua invulgar forma hexagonal.

– São as rotundas – explica Edward, falando com os lábios perto do meu ouvido. – Servem chá e doces.

– Gosto delas – decido, enquanto ele entrega os nossos xelins para pagar a entrada. – Porque são abertas daquela maneira?

Edward sorri.

– Para que as senhoras da aristocracia possam mostrar os seus bonitos vestidos. E os cavalheiros, os seus casacos elegantes.

– Eu devia ter adivinhado. – Tanta coisa na vida da nobreza parece ter a ver com as aparências.

À medida que avançamos pelo meio da multidão, olho para cima e vejo um magnífico arco feito a partir das copas das árvores, moldado para formar um corredor verde fechado acima das nossas cabeças.

– Olhe para isto! – grito, apontando. – É tão bonito.

– É lindo, não é? – concorda Edward.

Eu aceno com a cabeça.

– Vai precisar de me segurar no cabelo – brinco –, por causa de tanto olhar para cima.

Ele sorri.

– O Edward não me disse a verdade – admoesto. – Isto não é realmente um jardim.

O meu olhar estende-se à nossa volta, atentando nas grandes alamedas arborizadas e nos canteiros impecavelmente tratados que nos rodeiam.

Ele ri-se.

– É um pouco maior do que um jardim vulgar.

Enquanto avançamos em direção às rotundas, passamos por acrobatas que andam na corda bamba e cospem fogo em trocas de moedas.

– Podemos pagar um *penny*? – peço a Edward, quando passamos por um falcoeiro. – Adoraria ver o pássaro.

– Muito bem – concorda ele, com um sorriso. – Alguma vez pegou num?

– Não – respondo, quando nos aproximamos.

– Vou mostrar-lhe – diz Edward, colocando-me ao lado do falcoeiro.

– A senhora gostaria de segurar no pássaro – diz ele, entregando uma moeda ao homem. O falcoeiro aceita-a com um sorriso surpreendido e tira um pedaço de carne de uma bolsa de couro.

Edward puxa-me para ele quando o falcoeiro oscila a carne perto da minha mão. E eu solto um gritinho de prazer quando o pássaro saltita para o meu pulso.

– Chiu – aconselha Edward, segurando-me com mais força, com

o rosto próximo do meu. – Não o assuste.

– É mais pesado do que pensei – sussurro, absorvendo todas as partes das penas brilhantes da ave e o bico curvo. – Não é magnífica?

– Sem dúvida que é – diz Edward, mas os seus olhos estão fixos no meu rosto, em vez de no pássaro.

Olho para longe e depois para a ave. Ela permanece tão serenamente no meu pulso. Recordo o mercado de aves e as criaturas nas gaiolas. Este falcão pode voar para onde quiser. Mas regressa a um amo. Medito nesta ideia, ao vê-lo debicar a carne. Não tinha pensado que seria possível tal criatura não preferir voar sempre em liberdade.

Devolvemos o falcão ao falcoeiro e continuamos o passeio pela movimentada avenida de Vauxhall.

– Gosta de aves? – pergunta Edward.

– Oh, sim – digo. – Embora não gostasse de manter uma aprisionada numa gaiola. Quando estou triste, gosto de comprar um pássaro no mercado e libertá-lo.

Ele olha-me com interesse.

– Está triste? Não consigo imaginar isso.

– O Edward não consegue imaginar que uma mulher da rua possa sentir-se triste? – respondo. – Pensei que era um homem do mundo.

Ele para de andar e detém-me, com as mãos na minha cintura.

– Não gostaria de pensar na Elizabeth a sentir-se triste – diz. Olho para o seu belo rosto, mergulhando naqueles olhos escuros.

*Ele é tão bonito.*

– Eu... – Não tenho a certeza de como responder. Na minha experiência, os homens acham fácil dizer coisas desta natureza, mas as suas ações raramente correspondem às suas palavras.



– Não deve preocupar-se com isso – digo suavemente. – Esta é a vida que eu escolhi. São os meus erros. Não os seus.

Ele inclina-se sobre mim e deposita o mais suave dos beijos na minha boca.

Sinto-me a inspirar o seu cheiro, a cair nele. É uma agitação inebriante e por algum motivo não posso corrigir a confusão que ele está a criar em mim. Fecho os olhos, submissa, deixando que os meus lábios se mexam apaixonadamente contra os de Edward.

Então, com o coração aos saltos, pressiono as mãos contra o peito dele e paro o beijo.

Os seus olhos estão fixos nos meus, interrogadores.

*Ele pagou por mim. Então porque é que isto parece algo mais?*

Talvez Edward tenha encontrado a resposta no meu rosto. Pois, sem dizer uma palavra, pega-me na mão e conduz-me para a frente.

Sigo-o, demasiado atordoada para perguntar onde vamos.

Temo que talvez esteja zangado. Mas a sua expressão não parece indicá-lo. Ele está a espreitar na direção de uma das maiores rotundas. Os pilares de pedra estão enfeitados com bandeiras de tecido colorido, e abriga homens e mulheres em trajes incrivelmente ricos.

– Vejo o Fitzroy – diz Edward; a sua voz não dá qualquer indício de que algo acabou de se passar entre nós. – Está com alguns dos credores do Vanderbilt.

Só de ouvir o nome de Fitzroy, o meu estômago revolve-se.

– Ainda não vamos ter com eles – decide Edward. Primeiro, vamos dar um pequeno passeio por Spring Gardens.

– Os jardins românticos? – pergunto, em tom de provocação. – Certamente não precisa de tais artes para me seduzir. – Estou a pensar no beijo que acabamos de dar e o meu humor é uma tentativa de recuperar uma aparência de controlo.

Ele sorri.

– Estou apenas a contribuir para a sua educação – diz. – Até uma rapariga de Piccadilly pode ficar chocada com a ousadia de alguns aristocratas em Vauxhall.

Arqueio uma sobrancelha.

– Acho difícil de acreditar.

– Veremos.

Edward guia-me para um labirinto de sebes fechadas e caminhos secretos e recatados. Ao virarmos uma esquina, parece que estamos completamente sozinhos. Mas de vez em quando apanho um suspiro ou um murmúrio de outra secção fechada, lembrando-nos que *amours* clandestinos estão por toda parte.

Edward não estava a exagerar. É realmente muito chocante. Algumas pessoas entregam-se a carícias relativamente inocentes. Mas outras estão em pleno cio como animais do bosque, com as roupas finas soltas, ou descartadas na relva.

– Está a ver? – diz ele, quando vislumbramos um casal. – Há algo nos jardins que torna as pessoas muito descaradas.

– Não é muito diferente de Piccadilly à meia-noite – comento, pensando nos becos e nas ruelas. – Embora as pessoas aqui estejam mais bem vestidas, claro.

Edward conduz-me para diante.

– Vou mostrar-lhe a minha parte favorita – diz ele.

Sinto o coração acelerar um pouco.

Leva-me até uma passagem longa e há uma ardência nele quando chegamos ao fim. Pergunto-me se deseja retomar o nosso beijo. E se eu deveria sentir os mesmos impulsos ambíguos. Entregar-me a ele ou afastar-me.

Encontramo-nos num espaço fechado, escondido por sebes, de frente um para o outro. E Edward toma-me nos braços e beija-me.

Desta vez, é ainda mais difícil resistir-lhe. O meu corpo trai-me.

Ele desliza os dedos pela minha cintura abaixo e sinto-me tremer de antecipação.

– Elizabeth – sussurra ele, movendo a mão sob a bainha da saia –, já teve algum prazer? Em estar com um homem?

A pergunta apanha-me de surpresa e sou incapaz de arvorar a minha expressão experimentada com rapidez suficiente.

– Claro – digo, com um risinho coquete, puxando-o para perto. – Tenho mais prazer com os homens do que a maioria das mulheres.

– Não tem de me mentir – diz ele. Os seus dedos movem-se agora suavemente pelas minhas coxas acima. – Quero que... Dar-me-ia mais prazer. Se eu soubesse que gostou do tempo que passou comigo.

– E gosto. – Sinto-me confusa com as sensações que ele desperta em mim.

Edward ainda parece perturbado.

– Quando se deita com um homem, nunca...? – pergunta, deixando a questão pairar entre nós.

Sinto o rosto começar a corar.

De todas as coisas que os homens me pediram para fazer. Nunca pensei que me sentiria envergonhada de novo. Mas aqui estou eu, corando como uma virgem.

– Não – admito. Porque ele parece ser capaz de saber quando eu estou a mentir.

– Foi o que eu pensei – diz ele.

Faz uma pausa e, em seguida, as suas mãos começam outra vez a vaguear suavemente por baixo das minhas saias. Agora estou com medo. Porque não tenho qualquer intenção de deixar que *aquilo* aconteça. Com ninguém. E os beijos dele parecem ter ganhado algum poder inesperado sobre mim.

– Não o desejo – digo, com o pânico a aumentar. – Não sinto vontade. Estou aqui para lhe dar prazer a si.

Edward sorri.

– Eu não vou tentar, se não quiser – diz ele. O meu rosto deve revelar o alívio que me invadiu, pois Edward parece triste.

– Mas eu gostaria de outra coisa – diz ele.

– O quê? – Estou ansiosa novamente.

– Deixe-me levá-la à minha vontade – diz ele. – Não use as suas seduções.

– Eu... eu não tenho a certeza...

– Por favor – pede ele.

Dou por mim a acenar com a cabeça nervosamente. A mergulhar nos seus olhos escuros.

Ele desaperta o topo do meu vestido, afrouxando-o, acariciando-me. Então as mãos acariciam-me os seios por baixo da roupa e a boca de Edward avança para me beijar o pescoço. Deixo a cabeça cair para trás, com a minha pele a formigar de prazer.

A boca dele desce mais, para os meus seios, depositando-lhes beijos suaves. É delicioso. Sinto a respiração ficar tensa e o meu corpo cada vez mais quente.

Edward levanta-me as saias e os seus dedos deslizam suavemente até às minhas pernas. E, em seguida, a mão sobe, movendo-se delicadamente. É tão bom que deixo escapar um suspiro.

– É assim que a quero – sussurra ele. – Assim como está agora.

Mal consigo falar.

– Assim mesmo – murmura ele. Os dedos dançam levemente sobre mim. – Quero que tenha o mesmo prazer que eu – murmura, movendo a mão com toda a suavidade. Sinto o meu corpo erguer-se, como se a minha alma se levantasse ao encontro dos seus

dedos.

– Por favor – suspiro. – Por favor, pare.

Ele faz uma pausa e sinto que gostaria de continuar as suas carícias atormentadoras. Mas vendo a súplica no meu rosto, Edward baixa a mão, pousando-a entre as minhas coxas.

O meu corpo regressa lentamente a uma realidade reconfortante.

Ele beija-me na boca.

– Gostei de a ter assim – sussurra.

– Eu também gostei – admito, ainda tonta com os sentimentos tumultuosos que me percorrem o corpo. – Mas não posso... – Esforço-me para encontrar palavras e fico em silêncio.

Olho-o nos olhos, incerta. Quero-o, percebo com o abalo de um choque. Há muito, muito tempo que não me sinto assim. Depois, ouvimos o movimento de saias e uma voz feminina ecoando ao longo do caminho.

Abro os olhos, encontro o olhar de Edward e sinto uma pontada de dor. Porque gostaria que ele olhasse assim para mim para sempre.

Mas há um alívio também. Porque ambos sabemos o que ele quase conseguiu fazer-me sentir.

Ainda estamos com os nossos rostos a centímetros de distância, nenhum a querer ser o primeiro a afastar-se. Em seguida, a voz soa novamente, chegando de mais perto agora. E eu desvio o olhar do dele e recuo um passo, apertando os laços do meu vestido.

Quando volto a olhar, vejo a mágoa no rosto de Edward. Deve ter compreendido que eu não serei seduzida assim tão facilmente outra vez.

Afasto o olhar com culpa, fingindo considerar a origem do som que nos perturbou.

A caminhar na nossa direção está um casal ricamente vestido.

Um lorde idoso e uma mulher que é inegavelmente uma cortesã.

Ela agarra-se ao braço do homem, inclinando o rosto coquete para o rosto dele, num gesto que as esposas não dirigem aos maridos de uma certa idade.

O corpete do vestido é semelhante ao meu, com saias amplas. Apesar do dela ser verde-escuro e ter uma capa presa na parte de trás, ao estilo francês. Ela usa uma gargantilha de pérolas perfeitas e uma pulseira a condizer. Presentes caros, e não joias de família herdadas. E o seu cabelo preto e encaracolado está penteado no alto com um barquinho colorido empoleirado no topo.

Há algo estranhamente familiar no seu andar e observo com mais atenção à medida que se aproximam. Ela ri-se num trinado agudo e falso e nem sequer presta atenção ao caminho à frente.

Então reconheço-a.

*Harriet.*

Ela vê-nos, no nosso *encontro* interrompido. O reconhecimento e a surpresa estampam-se no seu rosto.

– Lizzy?

Mal posso acreditar. Os olhos verdes. O punhado de sardas de menina sobre o narizinho perfeito. A pele pálida e imaculada. Quase todas as manhãs, na casa de Mrs. Wilkes, acordava e via o seu rosto em forma de coração adormecido ao meu lado.

– Harriet! – exclamo, esmagada pela emoção de a ver.

Aproveito a desculpa para me obrigar a afastar de Edward.

Corro para Harriet e abraço-a com força, sabendo que ela não se vai importar que não tenhamos feito a saudação adequada. Harriet nunca se importou com a etiqueta aristocrática.

Ela retribui o abraço e fico maravilhada com o seu cheiro familiar e perfumado, apertando-a no vestido rígido e desconfortável.

Afastamo-nos, olhando uma para a outra.

– Que maravilha é *ver-te*, Lizzy – diz ela, reparando no meu vestido e cabelo com um olho treinado. – Surpreende-me encontrar-te tão bem vestida – acrescenta, com a sua franqueza habitual. – Ouvi dizer que estavas em Piccadilly.

– Estava – admito, olhando para Edward, que permanece um pouco atrás. – Tenho um... arranjo curto. Este é Lord Hays – acrescento incerta, voltando-me para Edward. Ele dá um passo, colocando-se a meu lado, e faz uma vénia a Harriet. A sua expressão é ilegível.

– Lord Hays – diz ela alegremente, acenando para mim como se apreciasse um jogo bem jogado.

Faz uma reverência a Edward que é tão frouxa que roça a desfaçatez. Mas nunca desvia os olhos dos dele, considerando os atos indecentes de que os dois podem desfrutar juntos.

Tinha-me esquecido disto sobre Harriet. Ela é uma mestra em fazer os homens perderem a cabeça.

Franzo-lhe o sobrolho e ela encolhe os ombros descontraidamente.

*Não me podes censurar por tentar a minha sorte*, parece dizer.

De repente, lamento a presença de Harriet. Ela não é bonita da forma convencional, mas irradia carisma, seduzindo qualquer pessoa no seu caminho. Os grandes olhos verdes eram muito comentados pelos homens que frequentavam a casa de Mrs. Wilkes. Assim como a sua cabeleira de caracóis negros brilhantes, na qual ela encorajava os homens a mergulhar os dedos.

Receio que ela peça a Edward que lhe caricie o cabelo.

– Tenho ouvido falar da sua fama – responde Edward educadamente, movendo-se um pouco mais para o meu lado. Nesse momento, sinto a minha afeição por ele aumentar. Se se tivesse rendido aos encantos de Harriet logo depois do que acabou de se passar entre nós... não sei como me teria sentido.

Harriet emite um minúsculo risinho feminino, que ecoa para fora das sebes fechadas.

– Claro que tem – diz, encantada. – Eu sou  *muito* famosa. Ouvia isso, Teddy? – acrescenta, dirigindo a observação ao seu acompanhante. – Tem muita sorte em ter conseguido apanhar a minha companhia esta tarde. Eu espero que me recompense devidamente.

O homem ao seu lado acena com a cabeça, inseguro. É um homem baixo, com cabelo escuro a ficar grisalho. Deve ter cerca de sessenta anos, mas daquela forma vigorosa como os aristocratas envelhecem.

Harriet abraça-me de novo, depois liberta-me mas segura-me no braço, como se não quisesse quebrar o contacto físico.

Os seus olhos pousam vagamente no homem ao seu lado.

– Este é o duque de Buckingham – diz ela, pegando-lhe na mão e acariciando-a, enquanto ainda segura a minha. – Ele é o meu queridinho para hoje.

Vira-se para olhar para o duque em cheio no rosto e ele parece derreter-se sob o olhar dela. Harriet sempre teve este efeito nos homens. Conseguia fazer qualquer um desejá-la.

– Teddy, esta é a Lizzy, a minha antiga companheira de cama – anuncia. – Nós partilhámos uma pequena enxerga, se é que consegue imaginar uma coisa dessas. E ver-me agora, na minha grande cama com lençóis.

– A Lizzy contou-lhe sobre mim? – pergunta Harriet, voltando a sua atenção para Edward. – Ela e eu éramos muito próximas. *Muito* próximas – acrescenta, deslizando a mão sugestivamente pelo meu braço.

Abano discretamente a cabeça para ela.

Este é um dos truques de Harriet. Fingir que toma raparigas como amantes.



O rosto de Edward está perfeitamente neutro, por isso não posso dizer o que pensa sobre o comportamento dela. Harriet deixa cair a mão como se não quisesse dizer nada com o gesto.

Dá uma palmadinha no braço do seu duque novamente, chegando a uma conclusão.

– Tens de ver o Denny – diz-me. – Eu contratei-o como meu laçao.

– O Denny? – pergunto, incrédula. – De Mrs. Wilkes? Não posso acreditar que ela o tenha deixado ir. O Denny era o seu melhor criado.

Harriet exhibe um sorriso felino.

– A Wilkes dá-me tudo o que desejo. Ainda envio alguns homens para a casa dela, para que não se atreva a recusar-me nada – diz.

Isto é típico de Harriet. Enquanto nós nos esforçávamos para evitar a ira de Mrs. Wilkes, ela sabia como manipular e controlar a velha mulher.

– Vem – diz ela. – Tens de ver o Denny. – Vira-se para o seu companheiro novamente. – O Teddy e eu estávamos a divertir-nos nos jardins. Mas ele não se importa de esperar um pouco, pois não, Teddy? – Ela aperta-lhe o braço. – Vou fazer com que se divirta muito mais, mais tarde.

O duque parece inclinar-se para ela, de lábios entreabertos. Como se ofegasse por Harriet.

Segura da submissão do homem, ela vira-se para mim.

– Vem – diz. – O Denny está junto à rotunda.

Volto-me para Edward, na dúvida.

– Tenho alguns negócios na rotunda – diz ele tranquilamente. – Posso tratar disso enquanto a Elizabeth vai ver o seu velho amigo. Não fique muito tempo – acrescenta, olhando para Harriet.

– Não – aquiesço, tentando dar-lhe a entender com um olhar que

não quero que ele me deixe por muito tempo. Harriet arranja sempre forma de nos obrigar a fazer coisas de que nos arrependemos.

Saímos de Spring Gardens juntos e eu tenho a sensação desagradável de que Edward está infeliz. Ele deixa-nos com uma vénia educada e eu observo-o enquanto caminha em direção a Fitzroy, cuja peruca vistosa pode ser facilmente detetada no meio da multidão.

– Então conta-me, Lizzy – diz Harriet dramaticamente, enquanto os meus olhos seguem Edward. – Foste tola e apaixonaste-te?

– Eu... – Arrasto o olhar para ela, distraidamente. – Não – respondo, sem realmente pensar. Depois a pergunta dela adquire mais peso. – Não, é claro que não – acrescento.

O rosto de Harriet arvora um sorriso significativo.

– Ele é muito bonito – diz. – Deves ter cuidado, Lizzy. Uma jovem poderia facilmente acabar a amar um homem assim. E essa não é a maneira de o manter.

Vira-se com um sorriso indulgente para o duque.

– É assim que se mantêm os homens generosos, não é? – ronrona, passando a mão no peito dele. – Fazemos um jogo em que vocês têm de conquistar os nossos corações.

O duque está paralisado de luxúria enquanto a mão de Harriet vagueia para baixo. Depois, pouco antes de os seus dedos contornarem o topo das calças, ela tira-os rapidamente e vira-se para mim.

– Ali está o Denny – anuncia, apontando. – Denny!

Um rosto familiar vira-se e anima-se ao ver o meu.

– Denny! – chamo, igualmente deliciada.

Denny era o meu criado favorito em casa de Mrs. Wilkes. Estava sempre pronto para expulsar clientes que se mostravam brutos e nunca nos julgava.

– Traz o vinho – diz Harriet a Denny. – Vamos todos tomar uma bebida.

Denny aproxima-se com uma cesta. Está ricamente vestido como um lacaio. E os olhos azuis e os caracóis loiros da sua juventude transformaram-se numa beleza decidida.

– Olha para ti! – anuncio, abraçando-o com força. – Quando fui embora eras um menino. Agora és um belo homem!

Ele cora e fica contente.

– Está muito bonita, Lizzy – sorri ele.

– Não está? – concorda Harriet com uma vozinha estranha. – Um vestido tão fino. E um lorde galante, imagine-se. Quem teria pensado que ela se sairia tão bem?

Os seus olhos verdes brilham neste último comentário e mais uma vez eu lamento ter encontrado Harriet. Sempre foi propensa ao ciúme.

– Serve a garrafa, Denny – ordena ela. – Vamos ajudar a Lizzy a esquecer as suas belas roupas e a lembrar-se de que ainda podemos divertir-nos.

Denny tira a rolha a uma garrafa de vinho tinto e enche quatro copos, entregando-nos um e ficando com um para ele.

– Um brinde – anuncia Harriet alto. – Aos homens ricos!

O volume da sua voz faz com que algumas pessoas virem a cabeça. Um casal nas proximidades sobressalta-se, e a mulher censura-a dando estalidos com a língua e olhando para Harriet.

– Certifique-se de que agrada ao seu marido – arrulha Harriet, com um sorriso maldoso. – Ou eu irei tomá-lo. E assim que mostrar os meus encantos, ele não quererá nada consigo.

A senhora desvia o olhar com uma expressão assustada, puxando o marido, que parece incapaz de tirar os olhos de Harriet.

Ela solta uma gargalhada triunfante, erguendo o copo bem alto.

– Às mulheres – brinda –, por serem tão aborrecidas, devemos-lhes todos os nossos ganhos!

Choca o copo contra o do duque e o de Denny. Sinto os meus olhos vaguearem para longe, para a rotunda onde Edward se encontra. Sobressalto-me um pouco ao vê-lo fitar-me. Os olhos dele encontram os meus e, em seguida, Edward desvia-os. Bebo um grande gole de vinho. É forte.

– Bebe tudo, Lizzy – diz Harriet. – Vamos tomar um pouco mais.

Ela vira-se para o duque.

– Estou cheia de sede – queixa-se, mordendo o lábio. – Vamos tomar um borgonha? O que acha? O vinho branco é muito bom para saciar a sede.

O duque acena com indulgência.

– Terá o melhor – promete ele.

– Vou mandar o Denny – diz Harriet. – Ele assegura-se de que nos dão o melhor. Pedimos o *prestige vintage*? – acrescenta, com um sorriso afetado para o duque.

Ele parece prestes a contradizê-la, mas ela continua a falar.

– Como irei recompensá-lo? – pondera Harriet, intercetando a sua recusa. – Penso que já sei. – Dá uma gargalhada afetada e, em seguida, pega-me no braço mais uma vez, puxando-me para perto. – É tão bom voltar a *ver-te*, Lizzy – diz ela. E então move-se para a frente, segurando-me nos braços, e une os lábios aos meus, num beijo profundo.

Estive longe de Harriet tanto tempo que me esqueci de me precaver contra coisas deste tipo. Ela não tem pruridos em usar as amigas para aumentar os seus proventos. Apanhada de surpresa, e com o vinho forte, demoro um momento a recompor-me e a afastar-me.

Harriet inclina-se para o duque, tocando-lhe no nariz com o dedo.

– Espero que não esteja a pensar coisas maldosas – repreende-o ela, aproximando o rosto do dele. – Porque eu ainda tenho um chicote.

O rosto do duque toldou-se com uma expressão ilegível e Harriet sorri vitoriosamente.

– Talvez um dia a Lizzy possa visitar a minha casa enquanto você lá está – acrescenta alegremente.

Eu sei que ela não tem a intenção de organizar isso. Faz tudo parte do jogo do gato e do rato. Posso imaginar como ela vai jogá-lo.

*Se ao menos estivesse aqui antes. Poderia ter-me encontrado a mim e a Lizzy numa situação muito feliz. Talvez um dia...*

Em todo o caso, Harriet conseguiu o efeito desejado. Denny volta com uma garrafa de borgonha de trinta libras e o duque mal pode esperar para nos encher os copos.

– Isto é muito melhor – diz Harriet, esvaziando o copo. – É tão difícil pensar quando estou com sede.

Bate as pestanas e vira a garrafa para que tantas pessoas quanto possível vejam o motivo caro gravado no vidro.

Um grupo de jovens lordes está a passar e eu observo cada um deles a virar a cabeça, atentando no embrulho luxuoso que é Harriet.

Ela sorri-lhes e bebe numa pose sedutora.

Volto a olhar para Edward agora, pensando quando virá ele resgatar-me. Se Harriet beber muito mais vinho, pode fazer qualquer coisa.

Para minha surpresa, vejo Fitzroy olhar para nós. Ele e Edward falam por um momento. Então Fitzroy começa a afastar-se da rotunda, na minha direção. Tomo um gole de vinho, nervosa, quando ele se aproxima.

Harriet segue o meu olhar e observa com interesse.

- Ele vem por tua causa? – sussurra ela.
- É um amigo do Edward – respondo, ignorando a insinuação.

*Porque não vem o próprio Edward buscar-te?*

Tento convencer-me a não me sentir ofendida. Afinal, estou a ser bem paga para ser a acompanhante de Edward. Não há necessidade de ele comparecer pessoalmente, como se eu fosse uma dama da sociedade. Mas algo na situação parece errado. Depois do que acabou de se passar entre nós no jardim, eu esperava...

*Estás a ser uma tola, Lizzy. Dá graças pelo que tens.*

Fitzroy aproxima-se e Harriet repara nas suas roupas caras e cumprimenta-o com um sorriso largo. Ele devolve-lhe o sorriso com um olhar lascivo.

– Harriet. – Fitzroy faz-lhe uma reverência. – Lord Hays solicita que eu lhe entregue o seu cartão.

As palavras atingem-me como um raio.

*Edward está a dar o seu cartão a Harriet?*

Sinto isto como uma dor física real.

*Como é que ele pode?*

Harriet toma-o nos seus pequenos dedos brancos e eu sinto algo endurecer dentro de mim.

– Ai sim? – diz Harriet numa voz muito satisfeita. – Que encantador. – Lança-me um olhar vitorioso. – Eu pensava que ele só tinha olhos para a Lizzy.

– Oh, não – digo, numa voz pesada. – Não há nada desse tipo entre Lord Hays e eu.

Fitzroy observa tudo, deleitando-se com a minha humilhação. Irá sem dúvida levar esta informação a Caroline.

– Devo visitar Lord Hays – diz Harriet, arrastando as palavras com prazer. – Depois de se terem separado, claro, Lizzy.

Não posso olhar para ela. Os pensamentos giram na minha mente como fogo. Sei que não tenho o direito de esperar lealdade de Edward. Nos jardins, deixei-lhe claro que não queria a intimidade de um amante. Então, porque me sinto tão magoada?

A atenção de Fitzroy regressa a mim agora. Faço os possíveis para adotar uma expressão neutra.

– O Edward pediu que eu a levasse para a rotunda – diz ele, observando-me com curiosidade.

– Pediu? – digo, devolvendo o meu copo a Denny. – Então irei. Adorei ver-te – digo a Harriet. – Deveríamos encontrar-nos novamente.

O meu sorriso falso é quase perfeito, embora, sem dúvida, Harriet o veja vacilar.

Abraçamo-nos.

– Toma cuidado, Lizzy – sussurra ela, mais bondosa agora.

Aceno com a cabeça apoiada no seu ombro.

– E tu também, Harriet – digo com sinceridade. Não estou zangada com ela. Os homens são um jogo para Harriet, nada mais. Foi Edward quem se mostrou insensível.

Harriet fita-me por um momento, como se me quisesse avisar. Ela acena ligeiramente com a cabeça. Sei o que me está a dizer.

*Não te apaixonas.*

Depois voltamos aos nossos disfarces. O dela como sedutora, o meu como senhora.

## CAPÍTULO 36

Fitzroy acompanha-me sem pressa pela relva, em direção à rotunda. Sinto-me devastada com a humilhação. Ainda não posso acreditar que Edward tenha cortejado Harriet tão abertamente.

– Estou contente com a oportunidade de falar consigo em particular – está a dizer Fitzroy.

– Oh. – Não me ocorre outra forma de responder. Não me parece o tipo de observação que um homem possa fazer a uma senhora. Mas não sei o suficiente para ter a certeza.

– A Caroline e eu interrogávamo-nos sobre a Elizabeth – diz ele. – Era um grande mistério para nós.

Não respondo, mas mantenho o olhar na rotunda. Parece distante.

– A Caroline tinha a certeza de que a Elizabeth estava prestes a roubar o Edward – continua Fitzroy, não dissuadido pelo meu silêncio. – Mas eu tranquilizei-a, pois conheço bem o Edward.

– Talvez tivesse esperanças de que ele pudesse casar-se consigo – acrescenta ele com simpatia. – Pobre menina. Quem me dera tê-la avisado.

Inesperadamente, Fitzroy coloca-me a mão no braço, solícito.

Viro-me para ele com indignação. Mas ele não faz nenhum movimento para retirar o braço e eu não quero fazer uma cena para que o remova.

Ondas de traição inundam-me.

*Porque é que Edward entregou o seu cartão a Harriet nos jardins? Ele poderia facilmente ter esperado por um momento em que eu não fosse humilhada publicamente.*

– Só espero que não tenha permitido ao Edward seduzi-la – sussurra Fitzroy.



Se não fosse pela dor no meu coração, rir-me-ia disto. Mas tudo o que sinto é mágoa.

– O Edward vai casar-se com a minha irmã em breve – continua Fitzroy. – Ele disse-lhe isso?

Aceno com a cabeça em silêncio.

Ele espera que eu diga qualquer coisa. Mal consigo acompanhar as palavras que me dirige.

– Não posso imaginar que o Edward planeie vê-la novamente, assim que os seus negócios em Londres estiveram concluídos – observa Fitzroy.

Mantenho os olhos fixos em frente, mas a rotunda esbateu-se.

– O Edward é solteiro – digo com facilidade. – Pode ir para onde quiser.

Sinto uma dor no estômago.

Estamos nos degraus da rotunda agora e avisto Edward na parte da frente da multidão. Sinto uma explosão de raiva sufocada quando ele se vira para nos cumprimentar. Abafando um impulso inesperado de chorar, faço uso do meu sorriso experiente.

Não pela primeira vez, sinto-me grata pelas lições em casa de Mrs. Wilkes, que me ensinou a esconder as dores mais profundas. Mas nunca pensei que iria usar essa habilidade especial com Edward. A dor que me causa é inesperadamente forte.

Permito que Fitzroy me conduza através da multidão numa mortificação total. Nestas roupas finas, a minha bravata de prostituta desapareceu. Sinto-me tão mal como se fosse uma verdadeira senhora cuja honra foi violada.

Um único pensamento invade-me a mente.

Edward. Edward traiu-me.

A ideia perfura-me o coração. Foi ele que me trouxe aqui. Fez-me vestir desta maneira. E transformou-me em motivo de chacota entre

os seus amigos.

Por um momento, odeio Edward. Depois avisto o seu rosto, iluminado com um prazer tão genuíno por me ver, que a minha fúria vacila.

Ele abre caminho pelo meio da multidão e põe-me as mãos nos ombros – tão próximo quanto os aristocratas solteiros se atrevem a abraçar em público. Então, como se fosse incapaz de se conter, beija-me rapidamente nos lábios.

Permaneço rígida, ainda presa na minha raiva. Edward afasta-se, confuso. Os seus olhos contêm uma interrogação.

– Está a sentir-se bem? – pergunta, cheio de preocupação.

– Não, eu... – Levo a mão à cabeça. – Eu acho que o sol... Acho que tenho uma dor de cabeça.

Os olhos de Edward alternam entre mim e Fitzroy. Ele está prestes a fazer uma pergunta quando Fitzroy fala.

– A Elizabeth apresentou-me a Harriet, como eu esperava – diz ele. – Uma jovem encantadora e bastante famosa.

– Sim – diz Edward, olhando para a pose sedutora de Harriet na multidão de Vauxhall. – Nós conhecemo-nos.

– A Elizabeth e eu estamos a tornar-nos muito bons amigos, não estamos? – acrescenta Fitzroy, com um sorriso.

– Sim – digo, forçando a palavra. – Bons amigos.

– Bem, Edward – diz ele. – Tenho muitas pessoas com quem devo conversar. Os credores estão todos a nosso favor. Você será o dono do barco. Assim que as autoridades navais assinarem.

Edward sorri ligeiramente, mas os seus olhos depressa regressam ao meu rosto, preocupados.

– Então, você e eu vamos fazer negócios juntos – acrescenta Fitzroy, estendendo a mão e tocando no braço de Edward. Quando Edward não responde, Fitzroy lança-nos um sorriso rápido e, em

seguida, dirige-se para a multidão.

Quando ele desaparece, Edward olha para mim. Eu desvio o olhar.

## CAPÍTULO 37

**P**ermaneço em silêncio na carruagem enquanto esta regressa a casa de Edward. Apesar de todos os ensinamentos de Mrs. Wilkes, não consigo encarnar a jovem coquete cuja companhia os homens pagam. E quando chegamos, saio sem esperar que me deem a mão e vou direta à sala de estar.

Quando lá chego, dirijo-me ao meu vestido de linho barato, que está bem dobrado atrás do biombo.

Inclino-me, deixando a minha mão passar sobre o tecido, e as lágrimas caem no material azul.

*As coisas eram muito mais simples quando eu usava este vestido. Nunca deveria ter almejado mais.*

Enxugando as lágrimas, ergo-me e vejo Edward à porta.

– Elizabeth, o que se passa? – diz ele em voz baixa.

– Não se passa nada – respondo, virando o rosto. – Uma mulher da rua como eu não se sente como uma senhora. Deveria saber disso.

Edward põe-se imediatamente ao meu lado.

– Está zangada?

Abro e fecho a boca novamente. A afronta invade-me numa onda perigosa de raiva. Como pode ele não saber? Começo a desapertar a seda rosa que tenho vestida.

– O Edward sobrestima o que o seu dinheiro compra – digo, afastando-me e tentando desembaraçar-me do vestido. Sinto um nó apertar-se na minha garganta.

– Elizabeth – começa Edward.

– Lizzy, o meu nome é Lizzy! – digo com veemência.

– Está zangada por causa do que aconteceu nos jardins – diz ele, embora pareça confuso, e não arrependido. Os seus olhos fixam os

meus.

– Lamento que se sinta ofendida – acrescenta num tom estranhamente formal. – Eu não acho que os habituais... protocolos se apliquem a si.

– O Edward humilhou-me – acuso –, à frente da Harriet, à frente do *Fitzroy*. – Recordar a presunção de Fitzroy faz disparar um novo acesso de raiva em mim.

– Achei que não se importaria – diz Edward sem rodeios. – Dado o seu passado.

*Como se atreve!*

Viro-lhe as costas e continuo a desapertar as fitas do vestido.

– Elizabeth – Edward para, como se se apercebesse de algo pela primeira vez. – Porque está a pegar no seu vestido velho?

– Vou voltar para Piccadilly – digo, espantada que ele possa pensar que poderia haver outro final para esta conversa.

Por um momento julgo que vai tentar convencer-me a ficar. Então o seu rosto parece resignado.

– Se se for embora, então pode usar o vestido que traz – diz finalmente.

A minha boca abre-se de espanto.

– Acha que eu quero voltar a Piccadilly com o *seu* vestido?

– É muito mais valioso do que a indumentária com que veio – diz ele, parecendo confuso.

– Eu não quero *nada* seu. – As minhas palavras saem como um silvo irritado.

Ele levanta o braço para deter os meus movimentos frenéticos.

– Fique com o vestido – diz. – Não tenho qualquer uso para ele. Não seja tão orgulhosa.

Afasto-lhe a mão.

– O meu orgulho é tudo o que tenho – disparo. – Não me pode tirar isso. Nem por todos os vestidos de seda de Inglaterra.

– Elizabeth. Lizzy. – Ele parece exasperado. – Não entendo porque está a agir dessa maneira.

A parte superior do vestido está aberta agora e não posso removê-lo sem que Edward me veja em trajas menores.

– Afaste o olhar – exijo.

Ele prepara-se para falar, depois para e vira-se lentamente.

– Não tem de se ir embora – diz, de pé e de costas para mim.

Ignoro-o, libertando-me das saias e afrouxando os saíotes.

Então enfio o meu velho vestido de linho barato. É uma sensação estranha ser essa mulher novamente. Aperto bem as fitas, forçando-me a ficar mais direita.

– Vou enviar o seu dinheiro para Piccadilly – diz Edward, ainda de costas.

– Não há necessidade – respondo. – Não cumpro a minha parte do nosso trato. Não estou à espera de que cumpra a sua.

Sei que o meu orgulho me vai prejudicar a longo prazo. Mas neste preciso momento, tempera a minha angústia com uma satisfação teimosa.

Apesar de todo o peso no meu coração, vou sair daqui com a cabeça erguida.

*Sabe, Lord Hays, dinheiro algum pode comprar a minha vontade própria.*

Este pensamento é um bálsamo para a dor profunda no meu coração.

Ao passar por Edward, ele vira-se, barrando-me o caminho. Há algo diferente no seu rosto agora. Como se a sua anterior altivez fosse uma farsa que se desintegrou.

– Por favor – diz ele. – Por favor, fique.

Coloca o braço no meu ombro. Olho para ele de cima a baixo e depois para os seus olhos. Há neles uma seriedade que me confunde.

Edward põe as duas mãos nos meus ombros.

– Lamento *muito* – desculpa-se ele. – Não deveria ter mandado o Fitzroy buscá-la.

*O quê?*

Pestanejo.

– Acha que é por isso que me vou embora? – consigo articular, ainda que esteja estupefacta.

Edward parece confuso.

– Não é essa a razão? Porquê então?

– O Edward apresentou o seu cartão à Harriet! – acuso. – À frente de *todos*. Tinha de mostrar com tanta clareza que não significo nada para si?

Na minha fúria, as palavras saem-me sem que as possa controlar. Mas estou tão magoada que não consigo evitar.

Edward olha para mim, incrédulo. Então, para minha surpresa, desata a rir.

Empurro as mãos dele para fora dos meus ombros com raiva e saio da sala. Ele alcança-me com facilidade e eu debato-me.

– Espere. Elizabeth. *Espere!*

Algo na força da sua voz me detém.

– Eu não apresentei o meu cartão à Harriet – diz Edward.

Fico a olhar para ele. Será que pensa que eu sou tonta?

– Eu vi o Fitzroy a dar-lho – respondo.

Ele abana a cabeça.

– Elizabeth. Pense. O Fitzroy quer que eu me case com a irmã dele. Ele está a manipulá-la. Eu não dei o meu cartão à Harriet.

Demoro alguns segundos a assimilar estas palavras.

– Não fez isso? – consigo dizer. Uma parte traiçoeira de mim canta de alívio.

– Não. – Edward tenta esconder um sorriso. – Nunca mais me quero encontrar com Harriet.

O gelo no meu coração derrete-se. Mas uma parte teimosa de mim ainda está irritada por ter parecido tão tola.

– Poderia ter-me avisado – declaro com altivez. – Para ter cuidado com as mentiras do Fitzroy.

– Não fazia ideia de que ele poderia ser tão tortuoso. – Edward parece pensativo. – Imagino que o Fitzroy estivesse a contar com a sua boa educação e não me confrontasse.

– Não teve essa sorte – respondo com veemência.

Edward ri-se de novo e eu bato-lhe no peito, aborrecida.

– Lamento – diz ele, recuperando a compostura. – Eu só... Estava com ciúmes? Da Harriet?

– Não... – hesito. – Nem pensar.

Percebo que não acredita numa palavra. Edward está a avaliar-me agora, como se visse algo novo pela primeira vez.

– Não me apercebi – diz ele em voz baixa. – Nunca teria enviado o Fitzroy para a ir buscar. Eu próprio teria ido.

– Porque mandou o Fitzroy? – pergunto, de repente curiosa. Tinha pensado que algo estava errado.

Agora é a vez de Edward parecer desconfortável.

– Eu... eu não gostei que estivesse com a Harriet – admite ele, baixando os olhos. – Eu vi-a beijá-la.

Os meus olhos arregalam-se.



– Nós tornámo-nos tão íntimos – continua ele. – Em Vauxhall. Depois a Elizabeth afastou-se de mim. E eu não sabia o motivo. Quando a vi com a Harriet, pensei que talvez fosse sua amante.

– Pensou que a Harriet... e eu? – Quase deixo escapar uma gargalhada. – Acha que eu prefiro a companhia das mulheres à dos homens?

Edward parece envergonhado.

– São as artimanhas da Harriet – explico. – É apenas um número. Para homens insensatos – acrescento, num tom que sugere que ele está nesta categoria. – As meretrizes fazem-se passar por amantes por desporto. Todas nós o fazemos. Devia saber – concluo, pensando que ele não pode ser tão ingénuo.

– Sim, sabia – admite. – Mas pensei ter visto algo diferente na forma como a Elizabeth olhou para ela.

– *Estava* com ciúmes? – pergunto, mal conseguindo acreditar.

Ele sorri ligeiramente.

– Não mais do que a Elizabeth.

– Não há nada entre mim e a Harriet – digo com brevidade. – Foi um idiota em pensar nisso.

– Eu realmente lamento muito – diz Edward. A sua voz é suave e desta vez acredito no seu pedido de desculpa. – Devia tê-la protegido melhor contra as maquinações do Fitzroy.

Fecho os olhos, tentando escolher um único pensamento em toda a confusão. A sua necessidade de que eu fique trouxe outra dimensão à nossa ligação. O que não consigo decidir é por que razão isso me assusta.

Abro os olhos, fixando-os nos de Edward.

– O que significa o Edward ter tido ciúmes? – pergunto. A minha voz treme, embora eu não o deseje.

– O mesmo que significa para si – responde ele, de olhos postos

nos meus.

Suspiro, estremeçando.

Edward estende-me o vestido de seda dobrado sobre o braço.

Lentamente, os meus dedos fecham-se sobre ele.

## CAPÍTULO 38

**N**a manhã seguinte, Edward tem planos para tratar de mais assuntos na Bolsa. Eu estava à espera de ficar em casa, aguardando o seu regresso. Porém, em vez disso, ele manda Sophie vestir-me para o acompanhar.

Convenci Edward de que só necessito de uma criada para me vestir, por isso agora Sophie vem sozinha para me arranjar, numa atmosfera de companheirismo.

Sem outras criadas para ouvir, sinto-me mais à vontade com ela. E ela, por sua vez, parece mais contente em revelar-me as suas verdadeiras opiniões.

– Sua senhoria está com um humor estranho – confessa Sophie, passando o pano quente pela última vez no meu rosto. – Num momento está bem-humorado e no momento seguinte está pensativo.

Absorvo esta informação, interrogando-me se eu terei alguma coisa a ver com aquilo. Edward passou a noite de ontem comigo, na sala de estar. Mas estávamos num estado de espírito sóbrio. Como se alguma coisa entre nós tivesse mudado de alguma forma. Quando ele me tomou nos braços, foi mais intenso. Como se parte da nossa farsa se tivesse tornado real.

– Imagino que aguarde o desfecho dos seus negócios – respondo, pensando naquilo que sei. – Ele vai à Bolsa assinar os contratos finais, pois tudo será concluído amanhã.

Sophie acena com a cabeça e desloca-se até aos baús.

– Alguma vez foi à Bolsa, Miss Lizzy? – pergunta.

Nego com a cabeça.

– Nunca lá entrei – admito. – Embora já lá tenha passado. Parece muito grande e majestoso – acrescento, pensando no enorme edifício de pedra. – Como o melhor mercado do mundo, mas para

negócios e comércio, em vez de legumes e carne.

Sophie sorri ao ouvir esta descrição.

– Deve usar um vestido mais sóbrio? – pergunta. – Lá dentro estarão principalmente homens, não é?

– Sim. Talvez o vestido verde e dourado. Parece-me apropriado para os negócios, não é?

– Julgo que é uma boa escolha, Miss Lizzy. Mas deve ser cuidadosa – acrescenta ela. – Não acho que seja sensato as mulheres serem vistas lá.

Sophie começou a dar-me estes pequenos conselhos. E suspeito que Mrs. Tomkinson esteja na sua origem. Ambas conspiram para me ajudar a agir como uma dama e eu sinto-me grata.

– As senhoras não são vistas onde os homens fazem negócios? – tento esclarecer, avaliando as informações na minha mente e perguntando-me que danos poderia eu infligir à minha «reputação».

– Que eu saiba, não – diz Sophie. – Mas é tão bonita, Miss Lizzy – acrescenta lealmente –, que não posso imaginar nenhum homem a reclamar.

Depois de estar arranjada, desço as escadas para ir ao encontro de Edward. Ele dá ordens aos criados no corredor e detém-se para me ver descer a escadaria.

– Muito bonita – diz, aprovando. – Um vestido perfeito para a Bolsa.

Sorrio e levo uma mão ao cabelo, que foi penteado num estilo semiformal com fitas e penas cinzentas e verdes.

– Pode verificar que enfeitei o cabelo com esmeraldas e prata falsas – respondo. – Para dar a aparência de que tenho algum valor.

Edward sorri. Em seguida, dá-se conta de que os criados estão a olhar para mim e lança-lhes um olhar de admoestação. O pessoal regressa imediatamente aos seus afazeres e acabo de descer as escadas apenas para Edward.

– Parece um quadro – murmura ele ao meu ouvido, quando o alcanço. – Vai ser difícil para mim fazer negócios, sabendo que está à minha espera ali por perto.

– Não vou entrar na Bolsa? – pergunto.

Ele abana a cabeça, sorrindo.

– Não na parte onde se trata de negócios – diz. – Aquilo não é lugar para senhoras. Correm rumores sobre motins, com os recentes protestos contra a escravatura.

Ironicamente, sinto-me um pouco ofendida. Apesar deste cuidado aparente para que eu seja tratada como uma aristocrata. Eu teria gostado de ver o interior da Bolsa. E, afinal, não receio pela minha reputação.

– Então, onde ficarei? – Quero saber onde pode uma mulher bem vestida esperar sozinha em Londres.

– Vai já ver – diz ele, com um sorriso misterioso. – Mas acho que irá gostar.

– O Fitzroy estará na Bolsa? – pergunto, pensando que não gostaria de o ver.

– O Fitzroy vai lá estar e a Caroline também. Mas não será necessário encontrar-se com nenhum deles.

– Porque é que a Caroline vai lá estar, se não permitem a presença de mulheres? – protesto.

– Ela não vai estar no edifício da Bolsa – responde ele. – A Caroline deseja comprar algumas sedas importadas pelos comerciantes da Bolsa. São mantidas num lugar diferente, para as senhoras as comprarem.

– Mas esse não será o lugar onde eu estarei? – Estou confusa agora.

Edward sorri.

– Não – responde, beijando-me na testa. – A Elizabeth vai ficar

num lugar especial. Porque é especial.

Quando chegamos, a Bolsa de Londres parece ainda maior do que me lembro.

É um edifício enorme, com pilares neoclássicos e uma fachada inspirada num templo clássico. No interior há um grande pátio, rodeado por belas lojas que vendem os despojos das colónias. Além do pátio, há uma passagem selada com salas mais pequenas, onde se fazem os negócios.

Quando entramos no pátio da Bolsa, vemos homens finamente vestidos que andam para lá e para cá, ao lado de almirantes, capitães e corsários em trajas mais rudes.

– Que negócios fazem eles? – pergunto, observando dois rapazes a carregarem um baú de dinheiro para os confins das salas de negócios.

– Comércio marítimo – diz Edward. – Os homens vêm para comprar e vender mercadorias dos barcos, ou para financiar missões de navegação, na esperança de ganharem o seu dinheiro e muito mais. Os marinheiros vêm pedir fundos para viagens e apresentar empreendimentos comerciais.

– Parece empolgante – digo, atentando no ambiente de aventura que parece rodear a Bolsa.

– É um lugar incrível – concorda Edward. – Fiquei sem fôlego quando o visitei pela primeira vez. Fazem-se e desfazem-se fortunas dentro destas paredes.

– E o Edward vai ter o seu barco para o comércio – murmuro.

– Sim – concorda ele. – Assim que o barco estiver assegurado, o Fitzroy tem contactos comerciais. Ele vai estabelecer-se em rotas conhecidas e vamos trocar bens.

Ambos vemos um capitão e um homem vestido como um lorde saírem de braço dado. Parecem ter selado um belo acordo e a alegria é evidente nos rostos de ambos.

Abrimos caminho por entre um grupo de pessoas a pedirem caridade e fundos. E um homem vestido como um funcionário do governo aparece de repente ao nosso lado.

– Deseja contribuir para o erário do distrito, senhora? – pergunta-me ele, curvando-se profundamente.

Volto-me, surpreendida. Reconheço o homem. É o bedel que me expulsou de Mayfair tratando-me como uma prostituta, quando eu andava à procura de costureiras.

Os meus olhos arregalam-se.

– Eu conheço-o – digo.

O bedel acentua a vénia, tirando o chapéu quase até o chão.

– Talvez do baile Montfort? – sugere. – Sua senhoria foi bondosa o suficiente para doar fundos para o trabalho de rua de Mayfair.

– O seu trabalho livrou as ruas de prostitutas? – pergunto. – Pois eu fui uma daquelas que o senhor ameaçou com um chicote.

O homem faz uma carranca e quando vê que não estou a brincar, uma expressão de reconhecimento horrorizado estampa-se no seu rosto

– Eu... – gagueja ele.

– Eu não contribuiria para uma atividade tão pouco caridosa – digo, interrompendo-o. – Deve concentrar os seus esforços em ajudar as mulheres perdidas, não maltratá-las.

O bedel fica com má cara. Os seus olhos relanceiam de Edward para mim.

– Se a ofendi, lamento muito... – começa ele.

– Não estou ofendida – respondo. – Mas deve procurar ser mais amável no futuro.

– Com certeza, minha senhora – O bedel inclina-se novamente, pelos vistos a sua pose habitual perante a aristocracia, e apressa-se a ir embora.

Edward ergue uma sobrancelha para mim.

– Alguém da sua vida passada?

– Não é tão passada como possa imaginar – respondo. Os meus olhos varrem o resto da Bolsa e voltam a Edward.

Ele está a observar um carregamento de mercadorias coloridas. Frutas com formas estranhas e panos garridos. Descobertas do Novo Mundo, deduzo, apreciando o interesse que a sua chegada desperta.

Edward observa a descarga da miscelânea de bens com uma expressão melancólica no rosto.

– Sempre achei os barcos que exploram muito emocionantes – digo, seguindo o seu olhar.

– Sim – diz ele, ainda extasiado com a mercadoria. – É um tipo inebriante de negócio.

– Então, onde me vai fazer esperar? – pergunto, ao fim de um momento. – Se não na sua companhia?

Ele desperta do devaneio e o seu rosto ilumina-se.

– Ah – diz, de uma forma satisfeita. – Esqueci-me. Escolhi um bom lugar para si. Venha comigo.

E leva-me pela mão tão facilmente como se eu fosse a sua verdadeira mulher.

Edward conduz-me e contornamos o outro lado da Bolsa, passando pelas altas colunas de pedra.

– O outro lado é o mercado de bens – explica ele. – Para os contratos e promessas. Este é que é o mercado. Onde se pode comprar muitas coisas belas.

Os meus olhos arregalam-se de espanto quando Edward me leva para o interior.

– Não sabia que isto existia – digo, vendo as bancas cheias de especiarias e joias.



– É um ótimo lugar, não é? – Edward sorri perante o meu espanto. – Toda a riqueza das colónias está aqui.

Estou tão maravilhada com tudo que não paro para pensar com que finalidade ele me pode ter trazido aqui.

Passamos por uma banca que vende pratos de creme coalhado por um *penny* e depois estamos na parte de trás, com algumas lojas fechadas. Têm um ar abastado, com pequenas montras de vidro e pinturas a folha de ouro verdadeira a explicar a sua finalidade. Leio a montra.

– SR Oaks. Joalheria fina.

Dirijo-me a Edward em confusão.

– Um joalheiro?

Ele acena com a cabeça, parecendo satisfeito com a minha reação.

– Vamos entrar?

Aperto a mão dele com força enquanto ele empurra a porta da loja, fazendo soar um sino de ferro. Olho para ele, alarmada. Edward aperta-me a mão de forma reconfortante.

Uma mulher alta, em sedas sumptuosas, sobe de uma cave escondida para nos saudar.

– Lord Hays! – Parece ao mesmo tempo chocada e encantada.

Edward faz uma vénia.

– Tenho alguns negócios na Bolsa – explica ele. – Vou demorar cerca de uma hora. Será que pode atender esta bela jovem? Ela é parente da minha mãe.

A mulher aproxima-se como se para me reclamar.

– Com certeza, senhor – diz.

– Ela gostaria de um ornamento para o cabelo – indica Edward. – Penso que algo com safiras. Mas ela deve escolher o que gostar.

– Safiras? – Eu não posso acreditar que Edward seja tão generoso.

Uma parte de mim está encantada. Mas outra parte sente que isto é errado. Como um gesto de sedução desajeitado. Uma semana antes, eu ficaria emocionada se me comprassem joias finas. Mas depois do que se passou entre mim e Edward... Algo parece um pouco deslocado. Ele está a tratar-me como uma cortesã e apercebo-me disso com um choque de que não gosto.

– Talvez – diz ele em voz baixa –, a Elizabeth possa usá-las para mim, depois de a nossa semana ter terminado. Porque eu posso voltar a Londres após o meu negócio estar concluído.

Obrigo-me a esboçar um sorriso. Porque não consigo responder. É a primeira vez no nosso trato que ele procura oferecer-me presentes. Uma semana antes, seria isto o que eu queria. Então, porque é que o gesto me faz ficar fria?

Penso em Caroline, à espera algures nas proximidades. Tento imaginar ser a amante e ela, a mulher, e descubro que é impossível.

A mulher da joalheria move os lábios em silêncio, gravando o pedido na memória e passando um braço solícito em volta da minha cintura.

– Porque não se senta? – indica ela. Assinto com a cabeça, em silêncio, olhando para Edward, que tem uma expressão encorajadora.

Nunca estive dentro de uma vistosa loja de tijolo e vidro, e pergunto-me se existe uma maneira certa de me comportar. Os meus escassos acessórios foram comprados nas bancas abertas da Ponte de Londres – uma medida de Mrs. Wilkes para cortar nas despesas.

– Deseja tomar um prato de creme coalhado? – pergunta a mulher quando me sento numa cadeira confortável de um dos lados da pequena loja.

Olho para Edward, insegura.

Ele acena com a cabeça.

– Sim. Por favor – acedo.

A mulher caminha rapidamente para a porta, abre-a e, em seguida, berra para a Bolsa.

– Emily! Traz um prato de creme!

Fecha a porta e o seu rosto retoma a expressão de calma solicitude.

– Enfeites de cabelo – diz, mais para si mesma. Então desaparece na parte de trás da loja.

– A Elizabeth referiu que muitas vezes lhe falta o ornamento certo para o cabelo – explica Edward.

– Sim – respondo, numa voz estranhamente formal. – É encantador que tenha pensado nisso.

A mulher regressa, vacilando sob o peso de uma enorme pilha de bandejas. Pousa-as cuidadosamente e seleciona a primeira, exibindo-a com um floreio.

– Oh! – Apesar de tudo estou encantada e volto-me para Edward, para o incluir no meu deleite.

A bandeja está repleta dos enfeites de cabelo mais requintados, delicadamente executados em prata e ouro, com pedras preciosas artisticamente engastadas.

Estendo a mão para lhes tocar, hipnotizada.

– São lindos – digo.

Os ornamentos têm formas diversas. Pássaros e borboletas, flores e folhas, e todos os tipos de arranjos de pedras preciosas.

Escolho um pente de prata adornado com pérolas.

– Não posso acreditar como são maravilhosos – digo.

– A melhor prata, com a marca do ourives, como vê – diz a mulher da loja, que adota um palavreado de vendas de tom

satisfeito. – E as pedras preciosas são compradas aqui, diretamente aos barcos. Por isso, pode ter certeza de que temos as melhores cores e ao melhor preço.

Ela fala mais para Edward do que para mim.

– O que acha? – pergunto-lhe a ele, olhando para as joias.

Ele observa a seleção. Em seguida, escolhe uma bela ave-do-paraíso, de asas abertas, com detalhes de safiras e rubis nas penas.

– Esta deve ficar-lhe muito bem – diz. – Um pássaro a voar livremente. É assim que penso na Elizabeth. Uma criatura selvagem que deve sempre ter a sua liberdade.

Olho para ele, comovida. Não sabia que ele pensava em mim dessa maneira. Talvez tenha julgado mal as suas intenções. Cuidadosamente, tomo a joia em forma de pássaro das suas mãos, com os meus olhos fixos nos dele.

– Sim – digo em voz baixa. – Acho que esta está muito bem.

Edward desvia o olhar primeiro, fixando-o na caixa.

– E que tal umas borboletas também? – sugere, escolhendo duas peças mais pequenas, com asas ornamentadas com pedras preciosas. – Ficariam muito bonitas, nos seus caracóis.

São lindas, as borboletas. Também estou consciente de que são muito mais caras do que qualquer coisa que alguma vez possuí.

A porta bate e uma rapariga entra, segurando um prato de creme que me mostra.

– Obrigada – digo, pegando no prato de porcelana. Há uma pequena colher de prata e eu levo um bocado à boca, educadamente.

– Mmmmm! – anuncio, mais alto do que pretendo. – É delicioso.

Edward sorri para mim.

– Prove um bocadinho – sugiro, segurando a colher.

Ele hesita e, em seguida, faz-me a vontade.

– É bom – reconhece, parecendo quase surpreso. – Muito bom.

– Emily – diz a mulher da loja, voltando-se para a rapariga –, vai buscar o melhor vinho lá a baixo. – Ela vira-se para mim. – Deseja Chablis ou bordéus?

– Chablis, por favor – respondo, percebendo que há menos de uma semana me confundiria com os dois termos. O tempo que passei com Edward ensinou-me mais do que me dei conta.

– Deseja tomar um copo, senhor? – pergunta a joalheira.

Ele levanta a mão.

– Não, obrigado. Tenho negócios a tratar.

Ele olha pela janela para um grande relógio na Bolsa.

– Devo ir tratar dos meus assuntos – diz para a mulher.

– Sim, senhor. – A mulher faz uma vénia e os seus olhos pousam em mim. – Gostaria de definir um valor para as joias?

– Ponha tudo na minha conta – diz Edward. – Deixe-a gastar o que ela quiser.

Ele pisca-me o olho.

– Não há nenhum limite. Desde que ela esteja a sorrir quando eu voltar.

– *Com certeza*, senhor – assente a mulher.

Edward vira-se para mim.

– Estarei ausente apenas uma hora – diz em tom de contrição.

– Vou aborrecer-me imenso a gastar o seu dinheiro – provoco.

Ele hesita e, em seguida, pega-me na mão, falando baixo.

– Fique dentro da loja. Ouviu-se falar em tumultos nos últimos dias.

Os seus olhos mudam para a mulher, claramente não querendo

preocupá-la. – Não passeie pela Bolsa – conclui.

– Não tenho nenhuma razão para o fazer – sublinho.

Ele sorri e beija-me a mão. Então faz-nos uma reverência profunda, demorando-se em mim, antes de virar as costas e sair da joalheria.

A mulher vira-se para a ajudante, que acabou de chegar com uma bandeja de prata e vinho.

– Lord Hays é o mais bonito de todos eles, não é? – pergunta ela, pegando num copo e enchendo-o até cima com vinho branco. Está a estudar-me, interrogando-se claramente sobre o nosso verdadeiro relacionamento.

– Não sou sua parente – admito. – Nós temos um... um pequeno arranjo.

Ela entrega-me o vinho com um gesto de aprovação pela minha sinceridade.

– Bem, minha querida – murmura –, não há dúvida de que se saiu muito bem. Muito bem – acrescenta, parecendo satisfeita. – Pelo que ouvi, todas as jovens de Londres tinham esperanças de o conquistar – continua, seguindo com os olhos a figura de Edward, que se afasta, do outro lado da montra da loja. – E aqui está ele, só tem olhos para si.

Enche o seu próprio copo com uma quantidade modesta de vinho e bebe um gole.

– Talvez ele lhe arranje um lugar na cidade? – sugere.

– Ele tem sido bom – digo. – Mas eu não sei se gostaria de ser sua amante.

Uma semana antes, ser cortesã de Edward teria sido o meu maior desejo. Mas o tempo que passámos juntos parece ter acordado algo em mim. Algo que se recusa a ser banalizado.

A joalheira esboça um grande sorriso e aperta-me a mão.

– Muito bem, muito bem, minha querida – concorda ela. – Porque há muito pouca liberdade para nós mulheres, não é verdade? Deve viver a sua vida enquanto é jovem e bonita. Entregue a sua liberdade a um homem quando estiver velha de mais para fazer outra coisa.

Ela endireita-se.

– Vamos ver alguns ganchos de cabelo? – sugere. – Temos belas pedras preciosas. Podemos selecionar as mais brilhantes e mandar engastá-las como quiser.

Aceno, bebendo um grande gole de vinho. Parece que isto vai ser divertido.

– Vamos certificar-nos de que segue a última moda – acrescenta ela. – Nenhuma outra senhora a terá. E ninguém vai perguntar porque é que você tem Lord Hays e elas não. Culparão os seus joalheiros.

Rio-me e a mulher começa a fazer triagem nas várias bandejas de joias.

– São tão lindas – digo, olhando para a prata elaboradamente trabalhada.

– Talvez deseje tomar mais do que o creme? – pergunta a mulher ao dispor as joias. – Podemos mandar a rapariga comprar carne de vaca. Há uma boa taberna aqui perto.

– Estou com um pouco de fome – digo cautelosamente. – Mas há dias que como alimentos caros. Gostava muito de comer uma simples salsicha quente.

– Igual às que se vendem nas bancas de rua?

Aceno com a cabeça, perguntando-me se terei cometido algum crime terrível, mas a mulher sorri amplamente e dá-me uma palmadinha no braço.

– Eu própria gostava de comer uma salsicha – diz ela, sorrindo. – A Emily vai buscar-nos umas. Há muitos vendedores na Ponte de

Londres. Ela deve estar de volta em dez minutos. – A mulher pensa por um momento. – Vou mandá-la trazer uma boa cerveja. Porque vai melhor com a salsicha do que o vinho.

– Eu sei qual é a melhor banca na Ponte de Londres – digo. – Saio e encaminho a sua rapariga na direção certa.

Saio para a Bolsa para mostrar a Emily como pode encontrar a banca a que me refiro. E ela apressa-se na direção da Ponte de Londres.

Paro um momento para olhar para a massa rodopiante da Bolsa, com todas as suas personagens coloridas. E de repente vislumbro um chapéu de plumas familiar no meio da multidão de comerciantes.

*Mr. Vanderbilt.*

Os meus olhos seguem-no enquanto ele caminha pela Bolsa, com a espada a balançar-lhe no quadril. O seu traje de corsário turbulento parece mais adequado nesta parte da cidade. Estou tão contente por vê-lo, que grito o seu nome, correndo na direção dele sem pensar se é apropriado.

Ele vira-se, franzindo a testa, e então a sua face curtida enruga-se profundamente de prazer. Abro caminho pelo meio da multidão até estar perto o suficiente para apertar a sua mão calorosamente.

– Que bom vê-lo – digo. – Vem concluir o seu negócio?

– Miss Elizabeth – diz ele, sorrindo para mim. – Sim, eu estou aqui para tratar de alguns assuntos. Ora, está cada vez mais bonita de cada vez que a vejo.

Eu sorrio.

– Obrigada.

– Dourado e verde – acrescenta Mr. Vanderbilt, olhando para o tecido da minha saia com admiração. – Só o seu vestido deve ser suficiente para comprar um belo barco. Está aqui com Lord Hays? – acrescenta, um pouco confuso.

– Sim e não – admito. – Ele está aqui para tratar de negócios. Eu



estou na joalheria.

– Certifique-se de que sua senhoria lhe compra safiras – diz ele.  
– Não encontrará melhores do que na Bolsa.

– Assim farei... – Faço uma pausa e tomo fôlego antes de continuar. – Será que lhe poderia pedir um favor?

As suas sobrancelhas hirsutas erguem-se.

– Qualquer coisa que esteja ao meu alcance.

Mordo o lábio, tentando pensar na melhor frase para a minha confissão.

– Eu não vou estar na companhia de Lord Hays para além desta semana – admito, deixando a insinuação surtir efeito. – O nosso... arranjo vai chegar a um fim.

Os sábios olhos azuis de Mr. Vanderbilt parecem compreender o que quero dizer.

– Deveras? – diz ele lentamente. – Bem, deu uma bela senhora, minha querida.

Esboço um meio sorriso.

– O senhor é amável – digo. – Na minha... na minha outra vida, eu tinha uma amiga. Uma jovem que trabalhava em casa de Mrs. Wilkes. Chama-se Rose.

Mr. Vanderbilt acena com a cabeça pacientemente, absorvendo as informações.

– Ela foi levada por um pretendente – continuo. – Os planos dele eram ir para o estrangeiro. Há alguma maneira de descobrir para onde eles foram? Eu adoraria conseguir fazer-lhe chegar uma carta.

Mr. Vanderbilt balança-se nos calcanhares, avaliando a situação.

– Tem um nome? – pergunta finalmente. – Nome completo? Dele ou dela?

Eu aceno com a cabeça.

– Rose Savoir. E o apelido dele era Stewart. Ele intitulava-se capitão.

Mr. Vanderbilt aspira o ar por entre os dentes.

– Se ele lhe revelou o seu nome verdadeiro, então pode haver uma forma – diz. – Quem viaja, regista o nome na alfândega. Eu poderia dar uma olhadela aos registos por si – acrescenta.

Aperto-lhe a mão em sinal de gratidão.

– Obrigada – digo. – Só gostaria de saber para onde ela foi. Para poder imaginar como estará.

Ele acena com a cabeça tristemente ao ouvir isto e eu pergunto-me quantos amigos terá ele perdido em lugares distantes.

– Então não se vai casar com Lord Hays? – pergunta depois de uma pausa.

Eu nego com a cabeça.

– Não se fala de outra coisa na Bolsa, sabe. A sociedade de Londres é pequena. E já muito se disse sobre a bonita amiga nova de Lord Hays. Foram vistos juntos e julgo que pensam que lhe roubou o coração.

– Não – digo com determinação. – O Edward não deve querer desistir do mundo por uma mulher como eu. E eu não desejaria viver com as restrições da sua sociedade. Estamos apenas juntos por mais alguns dias.

Mr. Vanderbilt parece pensativo.

– Então ele é um tolo – diz sem rodeios, dando uma palmadinha no meu ombro. – Em passar tão pouco tempo consigo. Porque Miss Elizabeth é uma bela rapariga e vale dez dessas jovens desdenhosas da sociedade.

Ele pensa por um momento.

– Tem planos para quando se separarem?

– Vou encontrar um lugar melhor para arrendar – digo. – Moro

em Piccadilly por enquanto. Gostaria de tentar a minha sorte em Mayfair.

– Hmmm – Mr. Vanderbilt considera isto com a sua voz roufenha.  
– Então vai ter algum capital?

– Sim – concordo. – Lord Hays é muito generoso.

Mr. Vanderbilt faz uma pausa.

– As minhas viagens levaram-me até à América – diz ele lentamente. – E parece-me um ótimo lugar para uma mulher começar de novo.

Os seus velhos olhos encontram os meus.

– É um país jovem – acrescenta. – Um bom país, talvez, para uma viúva que viaja com uma pequena herança. A América é um lugar onde a velha sociedade de Inglaterra não possui qualquer influência.

Mr. Vanderbilt pisca-me o olho e eu entendo o significado das suas palavras. Que eu poderia começar de novo na América. Ninguém saberia que fui prostituta. Poderia ser respeitável novamente. A ideia encanta-me mais do que imaginaria ser possível.

– Teria prazer em encontrar-lhe um bom barco para fazer a viagem – acrescenta ele. – Deve precisar de quarenta guinéus para a passagem.

A realidade da sua sugestão zumba à minha volta. Terei cinquenta guinéus depois de me separar de Edward.

*América.*

– Isso parece muito interessante – digo, pensando quanto tempo me durarão dez guinéus depois de pagar a minha passagem. – Obrigada.

– Pense nisso – continua Mr. Vanderbilt. – Pode sempre vir procurar-me a mim ou ao Percy se vier à Bolsa. Se optar por embarcar, assegurar-nos-emos de que lhe fazem o melhor preço e cuidam de si a bordo.

– Fico-lhe muito grata pela sugestão – agradeço. – Embora tenha de confessar que a ideia de um país novo é assustadora para uma mulher sozinha.

Mr. Vanderbilt toma as minhas mãos nas suas e aperta-as.

– E, no entanto – diz ele –, parece-me que uma mulher como Miss Elizabeth deve ter sido muito corajosa no seu passado. Muito corajosa mesmo.

Por alguma razão sinto as lágrimas subir. Mr. Vanderbilt dá às minhas mãos um aperto final e paternal e, em seguida, liberta-as.

– Tenha um bom dia, Miss Elizabeth – diz ele, fazendo-me uma reverência.

– Tenha um bom dia, Mr. Vanderbilt – digo, retribuindo a reverência. – Lamento muito pelo seu barco – acrescento, não sabendo que mais dizer.

Ele pestaneja para mim.

– Não precisa de se preocupar com um velho lobo-do-mar como eu – diz. – A vida é sempre uma aventura.

E, com isto, desaparece no pátio principal.

## CAPÍTULO 39

**C**ontinuo a olhar por algum tempo, depois de Mr. Vanderbilt ter partido. Até que me ocorre que a joalheira pode estar a interrogar-se sobre o meu paradeiro. Dou meia-volta e regresso por entre a multidão compacta. Nos últimos minutos, o número de pessoas aumentou de repente. E só então me apercebo de que há gritos vindos da Bolsa principal. São gritos ásperos, que me fazem lembrar de quando a multidão se amotina em Piccadilly.

O meu coração começa a bater mais depressa e viro-me em sobressalto. A multidão à minha volta parece inchar e carregar sobre mim, varrendo-me em direção ao som dos gritos feios dos homens. Com as minhas roupas elegantes é difícil mexer-me com desenvoltura.

Somos empurrados, como se uma onda de pessoas atingisse a multidão, e eu fico presa entre os corpos. Há alguns momentos as pessoas estavam tranquilas. Agora são uma corrente densa.

Volto-me desesperadamente, procurando a joalheria, mas desapareceu no meio de tanta gente.

Ouve-se um baque alto, como uma janela a partir-se e, em seguida, é o caos. Objetos são atirados sobre a multidão. Pedras atingem as montras das lojas.

Não posso acreditar quão depressa tudo mudou. A origem da discórdia não é facilmente detetável, mas estou verdadeiramente aterrorizada agora. Porque não tenho dúvida nenhuma de que é um motim. Ofegando com o esforço, consigo desenvencilhar-me para fora da turba e em direção às lojas elegantes.

Se eu não puder voltar, Edward não me vai encontrar. Ele conta que eu aguarde na joalheria. E, além disso, Caroline encontra-se nas proximidades. Primeiro, ele deve ir certificar-se da segurança da sua futura mulher. Vir ter comigo primeiro seria insultá-la inconcebivelmente.

Olho para as outras lojas. Talvez uma me abrigue até que a turba passe. Porque, afinal de contas, estou bem vestida.

Mas, enquanto olho, apercebo-me de que várias lojas estão a ser saqueadas. Não muito longe, um bando de homens, vestidos de forma tosca, parte o vidro da montra de uma loja de marfim. O proprietário pegou num pedaço de madeira e brande-o aos saqueadores, mas é derrubado por um murro na cara.

Com o proprietário fora de combate, o grupo torna-se uma torrente. Homens esfarrapados precipitam-se para saquear através da montra partida.

Outros comerciantes reúnem os seus produtos e correm para dentro de portas, baixando as persianas de madeira. Com o olhar, procuro desesperadamente uma loja aberta. Talvez ainda haja uma que me possa oferecer segurança.

Vejo uma, uma pequena loja de costura, com um punhado de raparigas que correm como galinhas em pânico para proteger os seus pintos. Dirijo-me com gratidão para elas, pensando que acorrerão em meu auxílio. Mas é muito tarde. Dois homens chegam antes de mim. Agarram-nas indiscriminadamente, atirando-as ao chão. Vislumbro apenas um lampejo de saias e gritos, e as minhas mãos voam para a minha boca em horror.

Kitty advertiu-me sobre os tumultos. Do que os homens são capazes de fazer. Mas custa-me a acreditar que tenham atacado tão rapidamente.

Um terror cego faz-me correr noutra direção. Descarto a esperança de encontrar a joalharia. Depois de ter visto as outras lojas, não estarei mais segura lá do que no meio da multidão. Vejo um beco pequeno, que penso ser uma saída, e corro nessa direção.

O beco fica entre duas lojas e felizmente está deserto. Desato a correr pelo beco fora. Mas em vez de me levar para fora da Bolsa, divide-se num labirinto de caminhos de terra, que o pessoal das lojas usa para se aliviar e despejar o lixo.

Sou confrontada com duas direções possíveis, por isso escolho o beco que cheira menos mal. Mas ao correr para o fim percebo que fiz a escolha errada. A barrar-me o caminho está um grupo de homens com mau aspeto, e eu paro.

– Ora, ora – diz alguém, aproximando-se –, o que temos aqui? Uma senhora fina para nos divertirmos um pouco.

O homem olha para os companheiros.

– Como nos vamos divertir.

Os outros perfilam-se ao seu lado, como uma alcateia de lobos que avança. Recuo, desejando ter uma arma.

– Não sou uma senhora fina, e tu não poderias pagar o que queres de mim – respondo.

– Parece-me que nós não precisamos de pagar por ti – diz o líder.

Levanta o braço de repente, agarrando-me pelo pulso.

– Larga-me! – grito, puxando o braço. Mas os dedos dele fecham-se com mais força. Consigo ver o seu rosto de perto agora. Ele cheira a conhaque e o seu nariz é uma rede de veias quebradas. Os olhos possuem o movimento aquoso de um bêbado.

– Ponham-na no chão – ordena aos seus companheiros. – Eu levanto-lhe as saias.

Ele olha ao redor para se assegurar de que não há testemunhas. E nesse momento dou-lhe um pontapé que lhe acerta em cheio entre as pernas.

Uma vez que isto é inesperado de uma senhora, o meu gesto apanha-o completamente de surpresa.

Ele dobra-se a gemer e eu empurro-o contra os outros. Estão mais bêbados do que eu pensava e o impacto desequilibra-os.

Os meus olhos caem na abertura entre eles e precipito-me para ela, correndo ao longo do caminho encharcado de urina. Quando chego ao fim, percebo que estou no mesmo sítio. À minha frente

está o motim em ebulição da Bolsa.

Olho para trás e vejo que os homens me perseguem à velocidade dos bêbados. E assim mergulho de novo na multidão.

Sou recebida por um caos de ruído e de objetos que voam. O tumulto atingiu o seu auge e a turba é uma mistura fervilhante de compradores aos berros e desordeiros aos gritos. Quase imediatamente, a turba muda de direção e eu sou arrastada para o centro, como um barco apanhado numa corrente forte.

A força das pessoas em ambos os lados espreme todo o ar do meu corpo e eu grito de dor. Depois, há uma onda de gente que cai e sou arrastada para baixo de uma multidão.

O meu rosto bate no chão e sinto o peso de vinte pessoas em cima de mim. No emaranhado de membros que se debatem é impossível alguém erguer-se e eu estou paralisada debaixo de uma massa de corpos.

Tento tomar fôlego, mas o meu peito está comprimido. Os meus olhos vagueiam e círculos pretos redemoinham na minha visão. Tenho a vaga consciência de que o meu vestido está a ser pisado quando a minha consciência se turva.

Então sinto o puxão de uns braços fortes. E sou arrancada lenta mas seguramente para fora da massa de corpos caídos, como a rolha de uma garrafa. Arquejo quando os meus pulmões se libertam, e tento fixar os meus pés em solo firme.

– Elizabeth! – grita uma voz.

Ao ouvir o meu nome olho para cima e vejo o rosto de Edward. De repente, percebo que os seus braços fortes agarram firmemente os meus.

– Edward! – A alegria inunda-me de tal forma ao vê-lo que mal posso falar.

– Está ferida? – pergunta ele, gritando acima da multidão.

Abano a cabeça.



– Eu não conseguia respirar – gemo, com a mão no peito, sentindo vontade de chorar.

Com um movimento seguro, ele levanta-me e carrega-me nos braços. Depois leva-me por entre a multidão, abrindo caminho com confiança.

Encosto o meu rosto ao seu peito forte e começo a soluçar. Suspiros profundos e entrecortados abalam todo o meu corpo. Aperto-o como uma criança e os seus braços seguram-me com mais força.

Saímos para a rua e, momentos depois, Edward leva-me para o interior da carruagem. Abro os olhos.

Tem o cabelo solto e um rasto de sangue no rosto.

– Está ferido – digo, passando os dedos pela sua face.

Ele abana a cabeça.

– Eu disse-lhe para ficar na loja – diz ele. Mas o seu tom não é zangado.

– Eu saí por um momento e fui arrastada pela multidão – admito.  
– Estava com medo de voltar para a joalheria. Havia homens a pilhar as lojas.

Ele abana a cabeça.

– Eu paguei a alguns homens para ficarem de guarda à joalheria. Não me demorei muito. Devia ter confiado que eu voltaria para a ir buscar.

– Pagou a homens para vigiar a loja?

Ele acena com a cabeça.

– Eu não quis assustá-la, dizendo-lhe que havia guardas. Mas a Elizabeth estaria sempre segura. Desde que ficasse lá dentro.

– Pensei que não me iria encontrar no meio da multidão.

Os dedos dele traçam uma linha no meu queixo.

– Eu nunca a teria deixado.

Aceno com a cabeça, sentindo as lágrimas a subir de novo.

– Encontrou a Caroline? – pergunto, recordando que ele devia ter ido ter com ela primeiro.

Edward abana a cabeça, como se se lembrasse da sua futura mulher pela primeira vez.

– Vou voltar agora, para ter a certeza de que ela está em segurança.

Faz uma pequena pausa e depois inclina-se para a frente, beijando-me nos lábios.

– Estou contente por se encontrar em segurança – diz ele, quebrando o beijo. E surge-lhe no rosto uma expressão de medo e alívio ao mesmo tempo. – Pensei que a poderia ter perdido.

Depois sai da carruagem e ouço-o ordenar aos homens que a protejam a qualquer custo.

Enquanto homens armados com espadas se aproximam e postam do lado de fora das duas portinholas, pergunto a mim mesma:

*Porque é que Edward não salvou Caroline primeiro?*

## CAPÍTULO 40

**N**o regresso a casa, perco a cabeça. Agarro-me a Edward, não me importando por não ter o direito de esperar o seu conforto. Ponho os meus braços em torno dele como se nunca mais o fosse largar. Ele acaricia-me o cabelo e aperta-me contra si.

É apenas quando a carruagem se afasta das ruas mais agitadas, em direção à segurança de Mayfair, que eu o solto um pouco.

O dia já se transformou em tarde e ocorre-me que provavelmente haverá algum último evento social a ser suportado esta noite. Esta será a nossa última noite juntos. Preciso de me recompor, pois devo a Edward um serão feliz.

A carruagem para em frente às grandes portas da mansão. Edward abre a porta e sai, mas para minha surpresa, não me estende a mão. Em vez disso, pega em mim e leva-me para dentro da casa, como uma noiva.

Mrs. Tomkinson, que nos abriu a porta, tem um estremecimento atípico quando nos vê, alvoroçando-se à minha volta como uma galinha.

– O que aconteceu a Miss Lizzy? – pergunta, vendo o meu vestido rasgado e sujo. – Está ferida?

– A Elizabeth foi apanhada num motim na Bolsa – diz Edward, passando por Mrs. Tomkinson comigo nos braços. – Ela estava muito assustada e precisa de descansar. Vou levá-la para a sala agora.

– Vou mandar servir um copo de vinho – promete Mrs. Tomkinson, examinando o meu rosto ansiosamente.

– Não está ferida? Aqueles brutos não a magoaram? – pergunta.

Eu abano a cabeça, oprimida pela sua bondade. Não me lembro da última vez que as pessoas foram tão solícitas com os meus sentimentos. Estão a tratar-me como se eu tivesse a sensibilidade de uma senhora e não a natureza endurecida de uma mulher da rua.

Edward leva-me com todo o cuidado até à sala e pousa-me na cama.

Toca-me no rosto, olhando-me nos olhos.

– Sente dores em algum sítio? No seu corpo?

Abano a cabeça, com um nó a formar-se na minha garganta. Não me lembro de me sentir tão abalada por uma multidão antes. É como se algo em mim tivesse mudado.

Com muito cuidado, Edward desata os laços do meu vestido. Estremeço enquanto se abrem.

– Está ferida – diz ele, passando as mãos ao longo das minhas costelas, por dentro do espartilho.

– Talvez um pouco – admito. – Não sentia porque o espartilho estava muito apertado.

– A Elizabeth não se queixa – diz ele, mais para si mesmo do que para mim. – A maioria das senhoras desmaia à menor nódoa negra.

Ele toma o meu rosto nas mãos.

– Deve queixar-se mais – adverte. – De outra forma, como vou saber que está ferida?

Esboço um pequeno sorriso.

– Eu estava mais assustada do que ferida. E as raparigas do campo não são criadas para se queixarem e chorarem por causa de uma pequena nódoa negra.

Edward sorri tristemente em resposta.

– Bem, devia – decide. – Agora é muito mais do que uma rapariga do campo.

Por alguma razão os meus olhos enchem-se de lágrimas. Porque estou tão emotiva? É como se os meus sentimentos tivessem sido pintados do lado de fora do meu corpo.

– Quer que eu mande chamar um médico? – pergunta ele.

Abano a cabeça.

– São só umas nódoas negras – digo. – O meu orgulho está ferido principalmente porque teve de me ir salvar.

Para meu alívio, Edward ri-se da piada.

– Eu salvá-la-ia mil vezes – promete. – Não precisa de ser tão orgulhosa.

Alguém bate à porta e Edward dá distraidamente permissão para entrar.

Eu estava à espera de Sophie, mas é Mrs. Tomkinson em pessoa que entra, trazendo uma bandeja com uma garrafa de vinho tinto.

– Queria certificar-me de que traziam o vinho certo – diz ela afetadamente para Edward, como se o desafiasse a questionar porque está a fazer o trabalho das criadas.

– Claro, fez bem em vir pessoalmente – responde ele.

Mrs. Tomkinson faz uma reverência e apressa-se a entregar a bandeja. Coloca-a na mão de Edward e serve o vinho num copo.

– Falei com a cozinheira e pensamos que o vinho italiano é melhor para acalmar os nervos – diz ela, erguendo o copo e colocando-o nas minhas mãos. – Beba tudo – insiste. – Vai fazer-lhe bem.

Bebo um gole de vinho com gratidão e quando vejo que Mrs. Tomkinson tenciona estar em cima de mim até que o copo esteja vazio, inclino-o e termino-o em poucos goles. O vinho aquece-me o estômago.

– Muito bem – diz ela com aprovação. – Num instante irá sentir os benefícios.

Permanece na mesma posição, alisando as saias, como se de repente se sentisse envergonhada pelo seu interesse na minha saúde.

– Bem – diz –, tenho de supervisionar o polimento das pratas.

Vou assegurar-me de que a Sophie está à disposição para lhe trazer tudo o que precisar.

Faz-nos uma reverência e retira-se. Edward sorri para mim.

– A minha governanta parece preocupada com o seu bem-estar – observa.

Eu retribuo-lhe o sorriso. O vinho começa a fazer efeito e sinto-me voltar ao normal.

– Sinto-me melhor agora – digo, um pouco envergonhada por ser mimada por causa de algumas nódoas negras.

– Sim – diz ele. – A cor voltou ao seu rosto.

Edward inclina-se para mim e pega numa madeixa solta do meu cabelo.

– Amanhã os meus negócios em Londres estarão concluídos – diz, olhando para o cabelo e não para mim. – Será o nosso último dia juntos.

– Pois será. – O mesmo pensamento acabara de me ocorrer.

Há uma longa pausa.

– Elizabeth – sussurra ele –, sinto algo por si.

É uma confissão estranha e incompleta. Mas, de alguma forma, eu sei exatamente o que ele quer dizer. Sinto o mesmo.

Edward parece estar à espera de uma resposta e tenho de reunir todas as minhas forças para não lhe responder. Porque a verdade é que eu não sei se lhe posso dar o que ele quer.

Mas, nesse momento, enquanto Edward me olha nos olhos, sou dominada por uma onda de desejo por ele.

Edward deve ver algo no meu rosto, porque se aproxima, até que os nossos lábios quase se tocam. E, de repente, sou eu quem o beija apaixonadamente. Não sei o que me afetou. Se o perigo da multidão, ou a doçura dos cuidados de Edward. Tudo o que sei é que, neste momento, o quero com todas as facetas do meu ser. É

como se houvesse uma fome no meu coração que tem de ser alimentada.

Os seus braços apertam-se em volta da minha cintura e ele responde ao meu beijo. A minha armadura cai completamente, na torrente de desejo. Quando ele se afasta, estou tonta.

Edward pega em mim, levantando-me em direção a ele, na cama. Fecho os olhos e aspiro o seu odor. Há algo neste beijo. Parece levar a minha alma com ele. Abro os olhos, e dou com Edward a olhar para mim.

Ele não fala, mas posso ver no seu rosto que sabe. Não tenho segredos para ele.

– Elizabeth – murmura. A mão move-se para me acariciar o ombro e a parte superior do meu espartilho aberto.

Fecho os olhos, sabendo o que ele está a pedir.

Edward quer que eu me entregue completamente, que lhe dê tudo de mim. Não apenas o que pode ser comprado.

A sua boca está no meu pescoço, causando-me arrepios na pele. Pressiono-me contra ele, ardendo de desejo. Os seus lábios regressam aos meus e sinto-me como se estivesse a cair.

Quando as suas mãos descem, afastando o espartilho, não encontram qualquer resistência da minha parte.

Mexo-me para deixar cair as saias e dispo-lhe a camisa.

Hesitamos, sem fôlego, meio vestidos, ambos sabendo que chegámos ao ponto de não retorno. E com os olhos nos meus, Edward tira delicadamente a minha última peça de roupa.

Então está feito. Os meus limites desapareceram. Eu sou sua, de corpo e alma. À medida que nos movemos juntos, tudo muda.

Sinto-me ir ao seu encontro, respirando com ele, mergulhando nos seus olhos. Não distingo onde eu acabo e ele começa. O meu corpo vibra numa tensão aguda, sabendo que isto é diferente de antes. Esperando pelo momento em que tudo vai mudar. E quando

esse momento chega, é uma onda branca e quente, que paira sobre mim, atirando a minha cabeça para trás, fazendo-me gemer em voz alta.

Suspiro, puxando-o para mais perto de mim enquanto a minha respiração volta a ficar mais lenta. Os braços de Edward envolvem-me com segurança e, em seguida, flutuamos, envolvidos um no outro, suspirando e deixando-nos cair sobre os lençóis.

\*

Mais tarde, quando nos sentamos na cama a beber vinho, algo mudou entre nós. Isto deixa-me triste. O melhor que posso esperar de Edward é ser sua amante. Mas a ideia é fria como chumbo no meu coração.

– Suponho – está ele a dizer – que devemos preparar-nos para uma última noite juntos. Podemos participar num jantar social ou apanhar um *ferry-boat* para as diversões em South Bank.

– Tem de ser visto esta noite? – pergunto.

Ele olha para mim, um pouco intrigado.

– Quero dizer, não pode estar ausente? Afinal, os seus negócios estão quase concluídos – esclareço.

Edward faz uma careta. Como se essa possibilidade nunca lhe tivesse ocorrido.

– Suponho que o assunto está tratado – diz ele lentamente. – A ausência por uma noite não faria mal. Embora o Fitzroy espere que eu seja visto. Nunca perco uma noite quando estou em Londres.

– Não precisa de ser visto todas as noites – exorto. – Precisa de descansar e de se divertir um pouco sozinho. De outra maneira, para que serve todo o dinheiro?

Ele sorri a isto.

– O que faríamos nós então? – pergunta.

Eu retribuo o sorriso, gostando do «nós».



– Podíamos fazer um jantar simples aqui na sua sala de estar – sugiro. – E eu leio para si. Ou podíamos jogar às cartas.

Há um sorriso de menino no rosto de Edward. Como se a perspectiva de faltar aos seus compromissos sociais fosse uma emoção inebriante.

– Adoraria – diz ele.

– Ótimo – respondo. – Pode esperar aqui e descansar. Vou pedir um jantar simples a Mrs. Tomkinson.

Comemos frango assado, com fatias grossas de pão. E depois, leio a Edward alguns escritos de Edward Alexander Pope. E ao fim de algumas partidas de cartas, Edward compromete-se a ensinar-me a jogar xadrez. Sou uma má pupila, mas ele é paciente.

– Como a vida seria fácil – suspira Edward, colocando o seu peão com um sorriso triste –, se isto fosse tudo o que se espera de nós.

– O que quer dizer? – pergunto, franzindo a testa enquanto estudo os quadrados no tabuleiro.

– Se esta fosse a nossa vida – diz ele –, e nós não tivéssemos outras obrigações para com a família, ou os rendimentos.

– Sim, seria fácil – concordo, pegando na rainha e movendo-a para eliminar o peão de Edward.

– Não pode fazer isso – diz ele, colocando as peças no lugar. – A sua rainha não pode agir como um cavalo.

– Pensei que ela podia mover-se de qualquer forma – protesto.

– Isso é típico de si – sorri Edward. – Deve ter liberdade total.

Há algo nos seus olhos quando ele diz isto. E percebo o que está a insinuar. Embora não tenha sido dito em voz alta, ambos sabemos o que Edward provavelmente vai sugerir amanhã. Que eu me torne sua amante em Londres.

– Oh, Edward – digo –, ainda não aprendeu? Não é liberdade que as mulheres procuram.

– Então o que é?

– Controlo sobre os seus homens – respondo, tomando o cavaleiro dele com um movimento hábil.

## CAPÍTULO 41

**E**nquanto a noite cai, ficamos na cama, com os lençóis sobre nós, e Edward a acariciar o meu cabelo.

Preciso dele como se de uma droga, inebriada com um sentimento que não deveria existir. Dei-lhe algo que nunca poderá ser devolvido. Sei que deveria estar mais assustada do que estou. Mas sinto-me tão quente e segura. Como se nada pudesse magoarme.

– Fale-me de quando veio para Londres pela primeira vez – sussurra Edward.

Aninho-me um pouco mais nos seus braços.

– Quando cheguei a Londres – digo –, eu era uma tola do campo.

– Não consigo acreditar – responde ele.

– Bem, é verdade. Esperava encontrar trabalho e caí na armadilha do primeiro homem bonito que disse que me poderia ajudar.

Faço uma pausa, recordando como tudo aconteceu. As multidões repentinas e a sujidade de Londres. O momento em que me apercebi de que era muito mais difícil encontrar um lugar do que eu pensava.

– O meu sedutor viu como eu era uma presa fácil – digo. – E ele disse-me que iria arranjar um lugar para eu ficar. – Baixo o olhar. – Fui tão tola. Acreditei nele quando disse que se havia apaixonado por mim.

– E ele abandonou-a?

– Ele disse-me que nos casaríamos mais tarde. Os dias passaram e ele não me levou a Fleet Street, como me prometeu. Acho que foi então que eu soube – acrescento.

Edward não diz nada, continua apenas a acariciar-me o cabelo.

– Ao fim de uma semana, cansou-se de mim – continuo. – Disse que não se podia dar ao luxo de me ter como mulher, pois eu não tinha trabalho. Então levou-me para casa de Mrs. Wilkes. Disse que eu me sairia muito bem lá. A minha beleza tornar-me-ia rica.

Olho para Edward.

– Fez soar aquilo como se me tivesse ajudado, e não desgraçado – digo. – Quando vi Mrs. Wilkes, fiquei assustada. Mas ela obrigou o meu sedutor a pagar-me pela semana que passei com ele, e eu gostei um pouco mais dela.

Sorrio perante a memória.

– Mas não gastou a nota que ele lhe deu? – pergunta Edward.

– Não – digo, abanando a cabeça. – Trago-a comigo desde então. – Lanço-lhe um sorriso triste. – É a única coisa que me resta do meu orgulho do campo. Se não gastar a nota que ele me deu, então não vendi a minha virtude.

Fecho os olhos e engulo em seco.

– Ainda tinha esperança de um dia vir a ser a mulher de alguém. Então aconteceram coisas que me fizeram perceber que nunca seria aquela rapariga novamente – sussurro.

Edward aperta-me mais nos seus braços.

– Assim que fiquei em casa de Mrs. Wilkes... Eu era pobre e não tinha casa. Não podia de modo algum recusar o que me era pedido.

– Eles faziam-lhe mal? – murmura ele.

Aceno com a cabeça e as lágrimas caem.

– As raparigas novas são vendidas como virgens na sua primeira noite – explico. – E uma e outra vez até terem passado por todos. – As palavras jorram da minha boca agora. Não consigo pará-las.

Edward não diz nada, mas os seus braços cingem-se em volta do meu peito. De alguma forma, isto faz-me sentir melhor do que quaisquer palavras alguma vez fariam.

– Era pior no início – acrescento. – Tornou-se melhor.

– E agora? – pergunta ele suavemente.

– Os homens mentem – suspiro. – Isso endurece-nos o coração. Adivinhar as verdadeiras oportunidades das dissimulações é uma arte que me esforço por aprender.

– A sua ambição é encontrar um protetor rico, então?

– É um meio para um fim – respondo. – Eu trabalho para ganhar a minha própria independência.

– A sua própria independência?

– O que todas as cortesãs desejam – digo. – Dinheiro suficiente para uma casa e um salário ao longo da vida.

Edward olha-me profundamente nos olhos.

– Não acha que merece mais do que isso? – sussurra.

– Aprendi da pior maneira que a vida é difícil. Não voltarei a ser enganada por sonhos.

Ele acaricia a linha ao longo do meu queixo.

– A Elizabeth é verdadeiramente bela – diz. – Deveria ter mais fé nos seus sonhos.

Sorrio-lhe tristemente.

– A beleza exterior desaparece depressa – digo –, e a beleza interior não compra pão.

Ele beija-me suavemente nos lábios.

– Tem mais valor do que sabe, Elizabeth.

Sorrio, pensando em como as suas palavras são ocas. Ambos sabemos que não tenho valor suficiente para ser sua mulher.

## CAPÍTULO 42

**A**cordo com um grande alvoroço. A casa inteira parece num rebuliço e eu sento-me na cama, tentando compreender o que se está a passar.

Ainda é cedo. Tanto quanto sei, ainda mal amanheceu. Porquê todo este ruído?

Desde a visita das costureiras, tenho todo o tipo de peças de vestuário à minha disposição. Dormi com uma camisa de noite rendada, que pode ser facilmente completada com roupa própria para usar num quarto de vestir. Do tipo que uma senhora usaria para receber parentes do sexo feminino nos seus aposentos.

Por isso visto uma saia de seda solta e ponho uma musselina fina sobre os ombros, cobrindo a parte superior do meu busto.

Estou prestes a dirigir-me à porta, quando me lembro de que as senhoras cobrem o cabelo dentro de casa. Pego rapidamente numa touca com folhos e ato-a debaixo do queixo, escondendo os meus caracóis castanhos o melhor que posso.

Ao sair para o corredor, deparo com uma procissão de lacaios e criados que transportam malas e cestas para a frente e para trás ao longo do corredor.

Alguns acenam-me com a cabeça, quando me veem começar a descer a escada.

Vejo Edward entrar pela porta da frente, dando instruções numa voz baixa e rápida. Depois ele vê-me no alto da escada e para.

– Elizabeth. – Sorri para mim.

– Edward. – Indico a minha indumentária incompleta. – Está a ver?, vim em roupão só para ver o seu rosto.

Ele parece contente ao ouvir isto.

– A Elizabeth é como o sol nascente no topo da minha escada – diz.

Rio-me, descendo dois degraus de cada vez.

– Se tem de roubar Shakespeare – digo com um sorriso –, deve usar as palavras certas.

Chego um pouco sem fôlego diante dele e inesperadamente Edward toma-me nos braços. Faz-me rodopiar e eu rio-me em voz alta.

– Não há palavras certas para si – diz ele, beijando-me na cabeça e pousando-me no chão.

– Está a fazer as malas para se ir embora? – pergunto, apontando com o queixo em direção à fila de criados carregados.

Edward acena com a cabeça e uma pontada de dor apunhala-me o coração. Uma parte tola de mim pensou... Tenho vergonha de admitir o quê.

Ele deteta a expressão no meu rosto e puxa-me para os seus braços.

– Já tratei de todos os preparativos – diz. – Pode ficar aqui até ter encontrado uma casa de que goste. Dentro de um mês regresso a Londres e nessa altura poderemos contratar os seus próprios criados e uma carruagem.

Sorrio-lhe. O primeiro sorriso de cortesia que alguma vez esbocei para Edward. Ele ofereceu-me o sonho de qualquer mulher da rua. Aquilo que mais desejei desde que fui desgraçada. E quão frio e vão é agora que o tenho.

– Vai concluir os seus negócios hoje? – pergunto, estudando os meus dedos para não ter de o encarar.

– Sim.

– A que horas?

– Meio-dia – responde ele. – É a essa hora que são entregues os documentos do barco. Vou encontrar-me com o Vanderbilt uma última vez. Tomamos a refeição do meio-dia juntos? – sugere. – Quando eu terminar? Não sei quanto tempo estaremos sem nos ver,

depois de hoje.

– Gostaria muito – digo. – Vamos passear no parque antes de o Edward ir para a Bolsa? – acrescento, pensando que é uma forma agradável de passarmos as últimas horas juntos. – Mrs. Tomkinson pode preparar-nos um piquenique para o nosso pequeno-almoço.

– Há um parque aqui perto?

Desato a rir.

– Edward, há um parque apenas a algumas ruas daqui. Hyde Park. É muito conhecido.

– Nunca fui a Hyde Park – admite ele. – Talvez seja agradável visitá-lo antes de concluir os meus assuntos.

\*

Edward parece invulgarmente inseguro quando deambulamos por Hyde Park. Como se a função de um parque não fosse clara para ele.

– Vamos sentar-nos aqui – indico, apontando para uma parte coberta de relva verdejante. – Vou comprar uma caneca de leite.

Edward senta-se, dispondo o nosso pequeno-almoço enquanto eu me dirijo a uma leiteira e uma vaca presa por uma corda. Entrego-lhe um *penny* e ela munge a vaca, tirando leite fresco para a minha caneca.

Regresso para junto de Edward, que colocou o piquenique na relva.

– Experimente – digo-lhe, entregando-lhe a caneca. – É fresco.

Ele bebe um longo gole e as suas sobrancelhas arqueiam-se.

– É bom – diz. – Não sabia que era possível obter leite fresco em Londres.

Sento-me a seu lado, esticando as pernas e desfrutando do sol no rosto.



Edward fica como se não tivesse a certeza de que posição adotar e eu puxo-o para mim, fazendo com que a sua cabeça repouse sobre o meu colo.

– Pronto, agora pode olhar para o céu – digo.

– Nunca vi o céu deste ângulo antes – comenta ele.

– Nunca estive deitado na relva?

A sua cabeça vira-se no meu colo para indicar que não.

– Nem na sua propriedade? – Estou um pouco chocada.

– Eu trabalho na minha propriedade – diz ele. – Não a uso para o lazer.

– Talvez devesse – sugiro, alcançado a cesta de piquenique e tirando o livro que lá tinha metido. – Vá – acrescento –, vou ler-lhe um último poema antes de irmos.

Ele acena em assentimento e eu abro *Amoretti*, selecionando o poema com cuidado. Edward fecha os olhos quando começo a ler:

*Escrevi o nome dela na areia*

*Mas as ondas o apagaram logo:*

*«Homem vão», disse ela, «em vão tentando*

*Imortalizar o que é mortal.*

*Eu própria a isto chegarei quando*

*Meu nome se apagar por igual.»*

Fecho o livro e os olhos de Edward abrem-se.

– Não vai lê-lo todo? – protesta.

Abano a cabeça.

– O sol está a ficar alto. Deve pôr-se a caminho – indico.

Ele acena com a cabeça e soergue-se ligeiramente.

Viro-me, para que ele não possa ver a tristeza no meu rosto.

Edward não percebeu, mas com o poema, eu estava a dizer-lhe adeus.

## CAPÍTULO 43

É uma coisa estranha estar em casa de Edward e saber que me vou embora. Pedi a refeição do meio-dia a Mrs. Tomkinson, tendo o cuidado de escolher os alimentos favoritos de Edward. E Sophie ajudou-me a vestir algo que eu espero que o deixe muito agradado.

Passei a maior parte destas poucas horas distraíndo-me com a leitura. Mas os minutos parecem arrastar-se.

Pensei sobre a minha situação, considerando todos os ângulos. Mas ainda não consigo reconciliar-me com a ideia de Edward me tomar como amante. O mundo abre-se para mim de uma forma que não acontecia antes. Não é apenas uma questão de dinheiro. Sinto-me diferente.

Quando era mais jovem, permiti que me rebaixassem. Agora, é como se me tivesse sido dada uma segunda oportunidade de ser pura e livre.

Alguém bate à porta da sala e eu sobressalto-me, afastando os meus pensamentos. Não espero que Edward volte tão cedo. E quando a porta finalmente se abre, salto do meu assento.

Porém, para minha grande surpresa, não é Edward quem entra, mas Caroline.

Detenho-me e o meu coração começa a bater mais depressa. Ainda que a minha condição não seja elevada, até eu sei que as pessoas finas não entram nas casas das outras sem se fazerem anunciar.

– Elizabeth – diz ela, com um aceno de cabeça minúsculo.

O seu tom parece ter um laivo acusatório e eu sinto a respiração apertar-se. Que intenção tem ela ao vir aqui?

– Aconteceu alguma coisa ao Edward? – pergunto, temendo imediatamente por ele.

Caroline não responde. Em vez disso, entra na sala e descalça as luvas. Enverga um vestido verde sumptuosamente bordado que lhe assenta com perfeição na figura elegante. O cabelo está escondido debaixo de um chapéu vistoso, feito à mão. Ela olha ao redor da sala e os seus olhos pousam num decantador e nos copos.

– Não me vai oferecer vinho? – pergunta ela. A sua voz é tensa.

– Eu... Sim, claro. – Os nervos apoderam-se de mim e, sem pensar, avanço para o decantador e sirvo-lhe o vinho. Ela assente com satisfação quando lhe entrego o copo e o gesto faz-me sair do meu estado de confusão.

– O Edward. Aconteceu-lhe alguma coisa? – exijo saber.

Caroline bebe um gole de vinho mais generoso do que eu esperaria de uma senhora, e fita-me com os seus olhos pequenos e malévolos.

– Sim – diz finalmente. – Alguma coisa aconteceu ao Edward.

O meu coração acelera.

O dedo de Caroline traça o rebordo do copo.

– O Edward pôs um fim às nossas perspetivas de casamento – diz lentamente.

A sala parece girar à minha volta.

*Edward terminou o noivado?*

Uma pequena e esperançosa parte de mim sussurra-me que foi por minha causa.

Ondas de fúria abatem-se sobre Caroline. Mas apesar de toda a minha inquietação e choque com a sua presença, uma alegria tranquila dança sob a tempestade.

*Edward não irá desposá-la!*

Caroline examina o meu rosto. Há tanta raiva contida nela que o meu estômago começa a andar às voltas.

– O Edward também cortou os seus laços comerciais com o meu irmão – diz ela com desdém, pontuando as palavras com um gole de vinho furioso. – Ouvi uma conversa disparatada de que ele vai financiar a tola viagem de exploração do Vanderbilt. Para o Novo Mundo.

Caroline lança-me um sorriso sem humor e tão cheio de ódio que recuo um passo involuntariamente.

– E sabe o que eu acho? – pergunta ela, com a voz baixa e perigosa.

Abano a cabeça.

– Acho que você enganou o Edward. Enfeitiçou-o. Convenceu-o a descartar a minha família – diz ela.

Volto a abanar a cabeça.

– Nunca pedi ao Edward para não se casar com a Caroline – respondo em voz baixa.

Ela olha-me por um momento e bebe mais vinho. A fúria brilha nos seus olhos.

– Eu descobri a verdade sobre si – diz, articulando cuidadosamente cada palavra.

Sinto um rubor quente no rosto.

Caroline acena com a cabeça.

– Fiz umas perguntas – continua ela. – Ninguém na sociedade de Londres ouviu falar de si.

Olha-me, triunfante.

– Mas os criados falam sempre – continua. – Alguns xelins nas mãos do moço de estrebaria do Edward foram o suficiente para descobrir o seu segredo. Como apareceu com roupas espalhafatasas e o rosto com pintura barata.

Um sorriso de escárnio estampou-se no rosto de Caroline agora.

– Você nem sequer é uma cortesã – prossegue, abanando a cabeça como se mal pudesse acreditar. – Uma mera prostituta das sarjetas de Piccadilly.

Pela primeira vez em muito tempo, a palavra faz-me estremecer.

– O Edward vai voltar em breve – digo com a voz trémula. – Gostaria que se retirasse.

O ódio anima os traços de Caroline.

– Sua meretriz – sibila ela. – Como se atreve a usar o nome dele para me ameaçar? Eu trabalhei toda a minha vida para ganhar um lugar entre a aristocracia. – Dá dois passos rápidos para mim e agarra-me no braço. – Julga que pode fazer o mesmo? Apenas com o seu rosto e a sua figura?

O contacto é tão inesperado que eu fico paralisada e de olhos arregalados. A verdade atinge-me em cheio – Caroline assistiu amargamente enquanto mulheres como Harriet e eu utilizámos os nossos encantos para subir mais e com mais segurança do que ela. E odeia-nos por isso.

– Solte o meu braço – ordeno, esforçando-me para manter a voz calma.

Caroline olha para a sua mão como se esta pertencesse a outra pessoa. Afrouxa o aperto e baixa-a, recuando um passo. Voltou a sorrir agora. Um sorriso amargo e perigoso.

– Você fez uma inimiga perigosa em mim – ameaça. – Julga que os seus encantos a podem prender a um homem como o Edward? Que alguma vez seria aceite na sociedade de Londres?

– Não – respondo, recuperando a compostura num acesso de carácter. – Também não quero fazer parte de uma sociedade onde se encontram mulheres como a Caroline.

O rosto de Caroline turva-se.

– Nunca será aceite – diz com desdém. – Vou assegurar-me de que todas as pessoas saibam exatamente quem você é. Que veio

das ruas, que se prostitui...

Caroline está a gritar agora, a sua voz subindo a um tom agudo horrível. Está tão consumida pelo fel que não ouve nem vê Edward entrar na sala, atrás dela.

– Caroline. – Edward faz com que a palavra ecoe pela sala, com desagrado.

Ela vira-se para o encarar.

– Edward! – O sorriso de sociedade de Caroline é automático, mas é retorcido e o seu choque é visível. – Eu estava apenas a dizer à Elizabeth...

– Que ela é uma prostituta – completa Edward. – Eu ouvi-a.

Ele dá um passo para a frente e tira-lhe o copo de vinho da mão sem encontrar resistência. Caroline fica rígida, boquiaberta. Ocorre-me que talvez nunca tenha sido tocada tão intimamente por Edward antes. De repente, sinto muita pena dela.

– Creio que deve retirar-se – diz Edward. – Não voltará a ser recebida em minha casa.

– Edward – diz Caroline –, não pode banir-me da sua companhia. Depois de tudo o que o meu irmão fez por si.

Está indignada.

Edward esboça um sorriso triste em resposta.

– Eu estive cego em relação ao Fitzroy durante muito tempo – diz. – Tudo o que ele queria era usar o meu nome de família. – Abana a cabeça. – Ele estava a ajudar-se a si mesmo, não a mim.

Recua um pouco e Caroline humedece os lábios. Os seus olhos saltam de Edward para mim.

– As senhoras já falam dos modos baixos de... – começa Caroline. – Ela vai arrastar o nome da sua família para a sarjeta com ela.

Edward abana a cabeça. O seu rosto é sombrio.

– Basta – sussurra.

– Edward... – Caroline faz um último apelo débil.

– Saia imediatamente. – Edward é demasiado cavalheiro para gritar. Mas a força da sua voz é suficiente. Caroline vira-se e praticamente corre para fora da sala.

De repente, Edward está a meu lado.

– A Elizabeth está bem? Ela incomodou-a? – pergunta.

Eu nego com a cabeça.

– Esta é a segunda vez que me salva em dois dias – digo, rindo-me para disfarçar como estou abalada. – Não é um hábito que eu esteja a encorajar deliberadamente.

Ele sorri, mas julgo que sabe a verdade. Leva-me para a *chaise longue* e ambos nos sentamos por um longo momento.

– Eu lamento – diz ele depois de uma pausa. – Pela Caroline. O que ela disse não é verdade. As senhoras não falam mal de si.

– Eu não me importaria se o fizessem.

Deixamo-nos ficar sentados de mãos dadas durante mais uns momentos. Depois eu viro-me para ele.

– Não se vai casar com ela?

Ele sorri um pouco.

– Não.

Fico a olhar para os dedos dele, meditando nisto. Sou demasiado cobarde para perguntar o que realmente desejo saber. Por isso, pergunto outra coisa.

– Mudou os seus planos para comerciar em escravos? – digo, recordando as palavras de Caroline.

Edward acena com a cabeça, pensativo, de olhos postos em mim.



Aperto a mão dele com mais força.

– As suas palavras sobre a escravatura foram muito comoventes – diz. – E Mr. Vanderbilt é um bom homem. Ouvi-lo falar de exploração é inspirador. As viagens dele para a América soam cativantes. Talvez eu viaje para lá um dia, num dos seus barcos.

– E tome uma pele-vermelha como sua mulher, como Mr. Vanderbilt? – provoco, interrogando-me se ele tem alguma ideia dos meus próprios pensamentos sobre a viagem para a América.

Ele desvia o olhar.

– Tomou uma decisão muito boa – digo. – Mr. Vanderbilt vai ser um excelente parceiro para si. Vai ter sucesso nos seus negócios com ele.

Edward sorri e, em seguida, franze a testa.

– Elizabeth, já pensou na minha oferta? – pergunta. – De eu a manter na cidade? Na sua própria casa.

Baixo o olhar.

– Eu pensei nisso.

Há uma longa pausa e os olhos de Edward precipitam-se para o meu rosto.

– Mas pretende recusar? Por causa da Caroline? – Ele cerra os dentes de raiva.

– Talvez em parte – admito. – Com certeza que ela vai tratar de me difamar.

Edward levanta-me o queixo, fazendo com que olhe diretamente para ele.

– Em parte? – diz ele. – Qual é a outra razão?

Suavemente, retiro-lhe a mão do meu queixo e coloco-a entre os meus dedos.

– Lembra-se do que eu disse no primeiro dia em que nos

conhecemos? – pergunto. – Que, em criança, gostei de *The Faerie Queene* porque costumava acreditar em contos de fadas?

Edward acena com a cabeça.

– Talvez eu ainda acredite neles – digo.

– Como assim?

Suspiro e olho diretamente para ele.

– O Edward foi muito bom para mim – digo. – Muito, muito bom. E isso... mudou as coisas. Já não posso aceitar aquilo com que antes me teria contentado.

– Quer mais do que ser minha amante – diz ele, numa voz inexpressiva.

Concordo com a cabeça e tomo-lhe o rosto nas mãos.

– Eu sei, o Edward não mo pode dar. E eu não o censuro – digo suavemente.

Edward olha para longe.

– Não é só por mim – diz ele. – Se nascessem crianças...

Assinto com a cabeça, porque sou uma mulher da rua e não mais uma criança.

– Não estou amargurada – digo. – É assim que as coisas são. Estou verdadeiramente grata por tudo o que me deu. – Mordo o lábio. – A sua oferta para me manter é mais do que generosa. Mas não posso ser sua amante – concluo. – Talvez amante de outro homem. Mas nunca a sua.

Edward deixa escapar uma espécie de suspiro irritado e há mágoa nos seus olhos.

– Fique – diz ele, de repente feroz. – Fique comigo esta noite. Se não como minha amante, então como minha companheira.

– Lamento – sussurro. As minhas palavras soam mais corajosas do que eu própria me sinto. – Não posso.

## CAPÍTULO 44

– Não vai mesmo ficar?

Sophie arruma cuidadosamente as minhas belas roupas num baú. Sei que ela deseja fazer esta pergunta desde que começou, mas só agora teve coragem.

– Oh, Sophie, a sociedade de Londres é muito pequena para uma mulher como eu – digo, com um sorriso.

Ela cora um pouco e olha para baixo. Sei que não é tola o suficiente para acreditar realmente que sou uma senhora. Mas julgo que tinha começado a desfrutar da farsa quase tanto como eu.

Sophie franze a testa, como se lhe ocorresse algo. Remexe no bolso do avental.

– Sua senhoria mandou-me entregar-lhe isto – diz ela, passando-me um embrulho de veludo.

Eu pego nele com uma expressão interrogativa no rosto e desenrolo o tecido.

No interior estão os enfeites de cabelo. A ave-do-paraíso e as borboletas.

– Ele deve ter pedido ao joalheiro que os enviasse – murmuro, virando o pássaro deslumbrante de um lado e do outro, com as suas asas cravejadas de pedras preciosas.

Sophie olha para o ornamento na minha mão.

– Talvez não seja muito sensato sua senhoria desfazer-se de algo tão bonito – comenta.

Depois volta rapidamente a fazer a minha mala, como se temesse ter falado de mais.

Fico ali, sentindo-me ociosa enquanto Sophie trabalha.

– Venha aqui um momento – peço, convocando-a da sua tarefa para onde eu estou. Ela fecha o baú delicadamente e caminha até

mim.

– Isto é para si e para Mrs. Tomkinson – digo, fechando os dois enfeites em forma de borboleta na mão de Sophie.

Os olhos dela arregalam-se.

– Tem a certeza? – pergunta, sem fôlego, olhando para eles.

Eu aceno com a cabeça.

– Tenho o pássaro – digo. – É o meu favorito.

Encontro Mrs. Tomkinson na escada, quando me encaminho para a carruagem. Ela está ocupada a dar ordens a um lacaio, mas detém-se quando vê que eu estou vestida com roupa de passeio.

– Vai-se embora? – pergunta ela.

Eu assinto com a cabeça.

Um espectro de emoções passa-lhe pelo rosto.

– Vou acompanhá-la à carruagem – decide.

Saímos para a luz do sol e vemos a carruagem já à espera.

– Foi um prazer servi-la, Miss Lizzy – diz ela.

Estende a mão e, hesitante, dá-me uma palmadinha no braço.

– Eu tive uma filha – diz Mrs. Tomkinson. – Se ela tivesse vivido, acho que poderiam ser parecidas, pois também ela tinha muita dignidade.

– Obrigada – respondo.

– Pronto – acrescenta Mrs. Tomkinson, movendo-se para abrir a porta da carruagem –, permita-me.

Subo, com muito mais facilidade agora que domino as minhas saias elegantes.

Uma vez lá dentro, de súbito as paredes de veludo parecem sufocantes. Debruço-me da janela.

– Adeus, Bridget – despeço-me. – Deixei um presente para si

com a Sophie.

Ela sorri.

– Obrigada, filha. A presença da Elizabeth já foi um presente.

Então, afasta-se da carruagem, recompondo-se.

– Irá sair-se bem – continua, com uma voz um pouco mais tensa.

– E se alguma vez se vir em necessidades, venha procurar-me.

Até este ponto eu estava controlada. Mas os meus olhos enchem-se de lágrimas e sinto um nó apertar-me a garganta.

– Estou-lhe muito grata – digo, com dificuldade em falar. – Por tudo.

O cocheiro brande o chicote e o cavalo desperta com um solavanco.

E, enquanto a carruagem se afasta da mansão, de repente tudo o que perdi torna-se visível.

## CAPÍTULO 45

**K**itty mal me reconhece quando eu volto ao nosso antigo quarto.

Ao subir a velha escadaria, a familiaridade de tudo é tão estranha. Parece que estive ausente uma vida, e não uma semana. O cheiro das velas de sebo barato paira no ar, e eu percebo que nunca antes tinha reparado nisso.

Quando abro a nossa porta rangente, os olhos de Kitty arregalam-se como se estivessem prontos para me desafiar. A seguir, uma confusão cómica de expressões perpassa pelo rosto dela, quando finalmente reconhece a sua companheira de quarto.

– Pensei que uma senhora se tivesse perdido – diz, levantando-se com um sorriso largo. – Olha para ti! Até a tua figura está um pouco mais cheia! – acrescenta, apertando-me os braços em aprovação.

Rio-me, estendendo os braços para a enlaçar.

– Recebeste o dinheiro que eu te mandei? – pergunto.

Ela pega-me na mão e leva-me para me sentar ao lado dela na cama.

– Sim. Deus te abençoe – diz. – A situação complicou-se muito durante um dia ou dois. Credores e todos os tipos de homens maus saíram da toca.

Aperta-me a mão.

– Mas e tu? – quer saber. – Ouvi dizer que a Harriet tem andado por aí a falar. Agora és uma senhora.

Sorrio e olho para baixo.

– Lord Hays apaixonou-se por ti? – pergunta Kitty, procurando o meu rosto. – Foi isso que a Harriet pensou.

Abano a cabeça.

– A Harriet sempre viveu num mundo de sonhos – digo. – Foi um acordo de negócios. Nada mais. Mas ambos obtivemos o que queríamos.

– Para onde irás agora? – pergunta Kitty.

Mordo o lábio.

– Tinha pensado em instalar-me em Mayfair. Tenho dinheiro suficiente para arrendar uma casa durante alguns meses. E Lord Hays deu-me um belo guarda-roupa. Podia ter tentado estabelecer-me como cortesã.

– Mas agora mudaste de ideias?

Concordo lentamente com a cabeça.

– Lembras-te da Rose? – digo.

Kitty compreende imediatamente.

– Vais partir? – pergunta, alarmada. – Mas pode acontecer-te alguma coisa!

Tomo a mão dela nas minhas.

– Fiz um amigo entre os marinheiros – explico. – Ele prometeu-me uma passagem segura e falou-me sobre a América. As mulheres podem ter uma vida boa como viúvas ricas. Ninguém conhecerá a minha reputação.

Kitty encolhe os ombros.

– Nunca pertenceste a Piccadilly – comenta, apreciando o meu rosto e a minha figura com admiração. – Eu sempre soube que haveria um futuro bom para ti.

– E para ti também – insisto.

Mas Kitty limita-se a sorrir.

Pego-lhe na mão e deposito nelas algumas moedas e, a princípio, ela tenta afastar-se.

– Aceita-as – insisto. – Não é caridade o que te estou a dar. Sei

que vais usar o dinheiro com sensatez. Compra umas luvas. Arranja um bom pretendente.

Ela acena com a cabeça, de olhos postos nos meus, como se tentasse não chorar.

– Quando partes? – pergunta, depois de uma pausa.

– Assim que conseguir uma passagem.

Os olhos de Kitty arregalam-se.

– Porquê tão depressa?

Eu desvio o olhar.

– Oh, não – diz Kitty, abanando a cabeça.

Mordo o lábio e tento impedir que as lágrimas caiam.

– Apaixonaste-te pelo teu lorde? – sussurra ela.

Assinto com a cabeça e é tão bom confessar que as lágrimas caem livremente. Kitty aperta-me contra o peito e eu choro no seu ombro.

– Minha avezinha – diz ela baixinho. – O teu coração sempre foi demasiado tenro para esta vida. Vais fazer uma boa vida na América. Tenho a certeza disso. Encontra um marido e vive essa existência comum que sempre procuraste.

Eu fungo e solto um risinho.

– E tu terás a vida escandalosa com que outros sonham – respondo.

Kitty sorri.

– É esse o meu único propósito.

Suspira e ergue-se, puxando-me com ela.

– Anda, então, vamos reunir as tuas coisas.



## CAPÍTULO 46

Com todos os meus pertences embalados, caminho até à Bolsa de Londres para tratar de todos os preparativos. Tenho mais sorte do que sonhei. Quis o acaso que um barco com destino para a América parta esta tarde.

A providência disto quase me lança na dúvida. Mas acalmo-me, recordando que tenho feito coisas muito mais corajosas. Entrego os meus quarenta guinéus com os olhos fechados. E recebo em troca um maço de papéis para a minha passagem.

Assim que compro o bilhete, mando ir buscar as minhas malas para serem despachadas, e despeço-me de Kitty. Não há nada a fazer a não ser a viagem de cinco milhas até Canary Wharf. Ocorre-me que a maioria das senhoras tomaria uma liteira, mas eu não me importo com a caminhada e devo poupar o meu dinheiro.

Em vez de ir direta para lá, tomo o caminho do mercado das aves para fazer uma última compra.

A confusão familiar de gaiolas improvisadas e ocupantes barulhentos traz um sorriso nostálgico aos meus lábios. Passo lentamente por entre os pontos bem conhecidos, perguntando-me porque me parecem tão diferentes ao fim de apenas uma semana. Não consigo perceber o que mudou. Só que o mercado me parece mais pequeno e mais maçador do que recordo.

Sinto-me um pouco fora do meu elemento agora, uma senhora bem vestida sem um acompanhante a seu lado. Os vendedores olham abertamente, quando passo pelo caminho entre as gaiolas. Alguns gritam esperançosos, mas eu ignoro-os, caminhando em direção ao meu vendedor habitual.

Para meu alívio, o homem dos pássaros reconhece-me imediatamente, apesar das minhas roupas novas.

– Queenie! – Ele sorri alegremente. – Bem, estás muito elegante. Para condizer com o teu nome<sup>2</sup>.

Sorrio para ele.

– Queres o teu pássaro do costume? – pergunta, hesitante por me encontrar tão bem vestida. Eu aceno com a cabeça.

– Sim, por favor – digo. – Será o último, porque me vou embora.

O homem dos pássaros parece estar à esperar disto, pois não mostra qualquer surpresa.

– Para onde vais? – pergunta.

– Para a América. Vou começar uma nova vida.

Ele pensa nisto por um momento.

– Então vou dar-te o companheiro mais veloz daqui – promete, enfiando a mão numa gaiola que abana.

Prende o pequeno pássaro habilmente num cartucho de papel e entrega-mo. Dou-lhe várias moedas grandes e ele sorri luminosamente de gratidão.

– Deus te abençoe para onde quer que viajes – diz ele. – Que todos os santos te sorriam.

O pássaro é leve na sua gaiola de papel, enquanto faço a caminhada até Canary Wharf. Durante o trajeto, apercebo-me de que já não sou a mulher da rua que todos ignoram. As minhas roupas elegantes atraem a atenção. Decido que quando chegar à América é melhor deslocar-me de carruagem ou de liteira.

As docas, pelo menos, têm uma área onde as pessoas de classe alta se podem reunir. Há uma pequena área isolada perto da rampa, onde um punhado de passageiros observa os estivadores corpulentos a carregar barris e provisões intermináveis para a viagem.

A minha companhia consiste em vários exploradores jovens, uma família de missionários e um jovem lorde corajoso que se aventura para lá da Europa no seu *Grand Tour*.

Todos se mostram interessados na razão por que viajo sozinha.

Mas enquanto esperamos para embarcar, fiquei demasiado nervosa para poder conversar. O meu olhar segue um marinheiro forte e magro, subindo aos mastros para desamarrar as velas. E pergunto-me mais uma vez se tomei a decisão certa. De repente, a América parece-me muito distante.

No barco, decorrem os preparativos finais. A ampla prancha de carga é retirada e substituída por uma versão mais fina, com um corrimão de corda, para passageiros.

A ave ainda está envolvida com segurança pela minha mão. E quando fazem a chamada para embarcar, eu seguro-a com cuidado. O meu último pedaço de Inglaterra.

Uma vez a bordo, os outros passageiros vão imediatamente certificar-se de que os seus baús e malas são bem carregados. Os passageiros são a última carga e o barco está em plena azáfama agora. Barris e bens estão a ser carregados para o convés. Marinheiros correm para a frente e para trás a uma velocidade vertiginosa. Os últimos estivadores abandonam a embarcação.

Em vez de me juntar aos outros passageiros, vou para o convés, vendo as grandes velas e o movimento da água debaixo de nós. Sei que deveria ir verificar as minhas malas. Mas encontro-me numa espécie de torpor, agora que estamos tão perto de zarpar.

Abaixo de mim, vejo um grupo de estivadores a levantar e recolher a prancha.

Respiro o ar salgado. As docas de Londres estão ao nosso lado e o vasto oceano à nossa frente. Sinto-me livre.

Os meus nervos desapareceram. Ergo a pequena prisão de papel na minha mão.

– Vou separar-me de ti aqui – sussurro, através do papel. – Serás a minha última memória de casa.

Fecho os olhos, tentando afastar as memórias do rosto de Edward e substituí-las por pensamentos mais felizes. América. Liberdade. No meu íntimo decido que este será o último pássaro que

ponho em liberdade.

Algures do barco chega o grito para levantar âncora.

Cuidadosamente, começo a desembrulhar o papel. Posso sentir o passarinho lá dentro, estremeendo como um coração nervoso, ansioso para ser libertado.

Há um momento de pausa e, em seguida, um pequeno bico repica na extremidade do cartucho. Depois, a cabeça do pássaro aparece, observando-me numa sucessão de movimentos rápidos. Em seguida, todo o corpo se liberta, voando para fora e em direção ao céu.

Vejo-o voar, tentando que o meu coração voe com ele. No entanto, de alguma forma, este parece prender-se no meu peito.

Em vez de pousar numa árvore, a avezinha precipita-se para baixo, regressando à costa. Os meus olhos seguem-no, perguntando-se porque não aproveitou a oportunidade para desaparecer.

– Elizabeth! – Um grito chega de perto de onde a ave pousou.

Começo a ouvir o meu nome outra vez. E quando vejo um homem de pé no cais, o meu coração acelera no meu peito.

*Edward.*

O turbilhão repentino de sentimentos ameaça submergir-me.

*Como é que ele me encontrou aqui?*

– Tem de me ouvir – grita ele.

Encaro-o, estupefacta.

– Eu compreendi o que me leu no parque – diz ele. – E devo dar-lhe uma resposta em pessoa. Vou a bordo.

– É tarde de mais – protesto, sentindo-me subitamente impotente. – Vamos partir.

Os meus olhos recaem na prancha, que está a ser retirada.

Edward também olha para ela. E então, com uma corrida e um salto, ele pousa sobre a prancha, que balança fortemente.

Os estivadores gritam alarmados, pois não estavam à espera de um clandestino. Mas Edward ignora-os, equilibrando-se habilmente e dando passos cautelosos até estar nivelado com o barco.

– Cuidado! – grito, apavorada por ele. – Não está segura no topo!

Edward olha para mim e, em seguida, agarra-se à proa do barco. Ergue-se, com os estivadores ainda a gritar atrás dele.

Mal posso acreditar quando Edward caminha pelo convés até onde eu estou. O meu único pensamento é que o barco deve partir em breve e ele vai ficar preso a bordo.

– Elizabeth – diz ele, tomando as minhas mãos.

Faz uma pausa, olhando-me nos olhos. E, em seguida, fala novamente.

– *«Não», disse eu, «o que é vil, é natural desfazer-se em pó, tu serás eterna; Meus versos dar-te-ão um pedestal»* – diz ele.

*Está a completar o meu poema.*

Sinto um sorriso aflorar os meus lábios.

– *«Para que teu nome no céu se escreva»* – continua Edward.

Estou vagamente consciente de que as pessoas nas docas estão a olhar. Há lágrimas nos meus olhos.

Edward continua a recitar.

– *«Enquanto a morte vence toda a gente, nosso amor nova vida nos dará para sempre»* – finaliza.

– Eu... – Tenho um enorme nó na garganta. Não sei o que dizer, vê-lo é uma emoção esmagadora.

Ele toma-me as mãos.

– Como é que me encontrou aqui? – pergunto, deixando escapar

a primeira coisa que me vem à cabeça.

Edward sorri.

– A Elizabeth disse-me, em Vauxhall Gardens – diz ele –, que libertava um pássaro quando se sentia triste. Pensei, algo orgulhosamente, que pudesse sentir-se triste.

Aceno com a cabeça, incapaz de falar.

– Perguntei no mercado das aves – continua ele. – Por algumas moedas não é difícil descobrir onde uma jovem tão bonita como a Elizabeth pode ter ido.

– Então veio à minha procura – digo.

– Sim – diz ele. – E encontrei-a.

As mãos de Edward ainda seguram as minhas.

– Tem de abandonar o barco – protesto debilmente. – Estão a desamarrar as velas. Será levado para a América.

Ele faz uma pausa por um longo momento.

– Eu cometi um erro – diz por fim. – Nunca deveria tê-la deixado partir. E não quero que seja minha amante.

– Não? – pergunto, engolindo em seco.

– Não – diz Edward lentamente. – Quero que seja tudo para mim.

Agora, as lágrimas caem copiosamente.

– O barco... – sussurro. – Vamos largar em breve.

– Eu sei.

– Então deve sair, ou será levado para a América.

Edward abana a cabeça.

– Estive a pensar sobre este assunto – diz. – Gostaria de ir consigo.

– Não sabe o que está a dizer – murmuro, com os olhos turvos

de lágrimas. – Não pode desistir de tudo para estar comigo.

– Poderíamos ter uma nova vida juntos – diz ele. – Não haveria sociedade para nos incomodar. Podemos começar a nossa própria quinta, em boa terra.

– Mas o Edward não tem dinheiro na América. E o que acontecerá à sua família aqui?

– Tenho os contactos comerciais de Mr. Vanderbilt. A minha propriedade pode facilmente dispensar fundos para nos apoiar na nossa vida no estrangeiro. E minha mãe está bem entregue – acrescenta.

– O Edward está a decidir tudo muito depressa – protesto. – Tem toda uma vida aqui.

– No entanto, acho que não é grande vida, sem a Elizabeth – responde ele. – Eu meditei o suficiente neste assunto.

– Não pode...

– Posso. E vou – diz ele, estudando o meu rosto. – Mas a Elizabeth pode abdicar de um pouco da sua liberdade, para estar ao meu lado?

– Eu... – A minha garganta ainda está apertada.

Lentamente, retiro as minhas mãos das suas, mantendo os meus olhos nos dele. Apalpo a frente do meu espartilho. Os meus dedos fecham-se sobre a forma da minha nota.

Pego nela e entrego-a a Edward.

– Se empreender esta viagem, vai precisar de um bilhete – digo, fechando-lhe os dedos sobre a nota. – Isto vai ajudá-lo a comprar a sua passagem.

Edward olha para a nota na mão e depois para os meus olhos.

Então toma-me nos braços e beija-me. Por um longo momento, o mundo desaparece e só nós dois existimos.

O barco balança debaixo dos nossos pés, quando o vento enfuna

as velas.

Afasto-me suavemente. Os nossos rostos quase se tocam ainda.

– América – digo em voz baixa. – Pensei que não corria riscos?

Ele sorri.

– No entanto, julgo que mudei muito no que diz respeito a esse assunto, nesta semana que passou.

Abraçamo-nos enquanto o barco se vira majestosamente, pondo o grande canal diante dos nossos olhos.

À nossa frente está o oceano interminável, que se estende a perder de vista. O vento quente sopra nos nossos rostos e os braços de Edward envolvem-me, enquanto olhamos para a grande extensão azul.

– Além disso – sussurra ele, com o barco a transportar-nos para o mar e para longe, para o nosso futuro –, eu não corro riscos. Pois, para onde quer que eu vá com a Elizabeth, tudo é uma aventura.

---

2 «Queenie» é um diminutivo de «queen», «rainha». (N. do E.)



# Índice

[CAPA](#)

[Ficha Técnica](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[CAPÍTULO 35](#)

[CAPÍTULO 36](#)

[CAPÍTULO 37](#)

[CAPÍTULO 38](#)

[CAPÍTULO 39](#)

[CAPÍTULO 40](#)

[CAPÍTULO 41](#)

[CAPÍTULO 42](#)

[CAPÍTULO 43](#)

[CAPÍTULO 44](#)

[CAPÍTULO 45](#)

## CAPÍTULO 46